



*Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado*

Moral e Relações Sociais:

***Um estudo sobre a influência de uma instituição espírita numa
comunidade da periferia de Curitiba***

Andréa Fernanda Silveira

Orientador: Professor Doutor José Luiz Crivelatti de Abreu

Florianópolis

1999



*Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado*

Moral e Relações Sociais:

***Um estudo sobre a influência de uma instituição espírita numa
comunidade da periferia de Curitiba***

Andréa Fernanda Silveira

*Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
da Universidade Federal de Santa Catarina,
como requisito parcial para aprovação no
Curso de Mestrado.*

Orientador: Professor Doutor José Luiz Crivelatti de Abreu

Florianópolis

1999

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado

***“MORAL E RELAÇÕES SOCIAIS: UM ESTUDO DA INFLUÊNCIA DE
UMA INSTITUIÇÃO ESPÍRITA NUMA COMUNIDADE DA PERIFERIA
DE CURITIBA”***

Andréa Fernanda Silveira

Dissertação defendida como requisito básico para obtenção de Grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, Área de Concentração Psicologia e Sociedade e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:



Prof. Dr. José Carlos Zanelli
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:



Prof. Dr. José Luiz Crivelatti de Abreu (UFSC)
Orientador



Prof. Dr. Pedrinho Arcides Guareschi (PUC-RS)



Prof. Dr. Marcos Ribeiro Ferreira (UFSC)

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM, 18/06/99.

Aos freqüentadores da Casa de Apoio Abibe Isfer

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela oportunidade de vida e a Jesus Cristo pelos ensinamentos valiosos;

Ao meu filho Pablo por me ensinar a amar incondicionalmente e ao meu marido Marcos por me ensinar a perdoar;

Aos meus pais por absolutamente tudo;

Ao Professor Doutor José Luiz Crivelatti de Abreu agradeço a orientação deste trabalho e o estímulo permanente para que pudesse aprimorar meus conhecimentos;

À senhora Aidê Gonçalves, pelo exemplo de coragem e desprendimento e também por ter aberto o caminho para que todos nós, voluntários da Casa de Apoio, pudéssemos aprender a praticar os ensinamentos de Jesus;

Ao Hélio Marzalek agradeço pela paciência na revisão do texto sobre o Evangelho, o que possibilitou ampliar minha visão sobre a doutrina espírita. Ao seu mentor espiritual, Dr. Joaquim Almeida Prado e equipe, pela referência do que é SER;

À amiga Luciene X. de Siqueira, por todos os momentos;

À Edna Wilck, por ter me ajudado a acreditar que poderia vencer este desafio;

Aos amigos Alan Índio Serrano, Andréa V. Wronski, Jane Mara Brenner, Gilda Marzalek, João Zanon e Marilu Weldt, pelo incentivo, apoio e conforto nos momentos difíceis;

Aos voluntários da Casa de Apoio Abibe Isfer, pelas entrevistas que possibilitaram reconstituir a história desde a sua fundação;

Ao Eduardo Tavares Costa, pelo incentivo para abordar esse tema;

Aos professores José Luiz de Souza Maranhão (PUC-PR), Nelson Gonçalves (UNB) e José Gonçalves Medeiros (UFSC), pelas discussões iniciais sobre o tema desse trabalho e ao professor Silvio Seno Chibeni (UNICAMP) pelas indicações bibliográficas e pontuações sobre a doutrina espírita.

Índice

	<i>página</i>
<i>Resumo</i>	6
<i>Abstract</i>	7
<i>Apresentação</i>	8
<i>Introdução</i>	10
<i>Método</i>	17
<i>Local e população</i>	17
<i>Outros aspectos demográficos de interesse</i>	19
<i>A história da Casa de Apoio Abibe Isfer</i>	21
<i>Participantes da pesquisa</i>	25
<i>Coleta, registro e análise do conteúdo das informações</i>	28
<i>Categorias de análise</i>	28
<i>Apresentação e Discussão do Conteúdo</i>	30
<i>Princípios difundidos nas atividades de evangelização da Casa de Apoio Abibe Isfer</i>	30
<i>Princípios difundidos pela instituição presentes no discurso das entrevistadas</i>	37
<i>Conclusão</i>	54
<i>Referências Bibliográficas</i>	57
<i>Anexo 1 - Principais idéias sobre a Doutrina Espirita Kardecista</i>	59
<i>Anexo 2 - Valores difundidos pela obra "O Evangelho Segundo o Espiritismo"</i>	65
<i>Anexo 3 - Descrição das atividades de evangelização no Grupo Fabiano de Cristo</i>	70
<i>Anexo 4 - Descrição das atividades de evangelização no Grupo Dona Aidê</i>	86
<i>Anexo 5 - Roteiro para Entrevista</i>	94
<i>Anexo 6- Respostas dos participantes nas entrevistas</i>	96

Resumo

O presente estudo foi desenvolvido entre 1997 e 1999, com a finalidade de compreender a repercussão do discurso dos evangelizadores da Casa de Apoio Abibe Isfer – CAAI, instituição espírita kardecista localizada no Jardim Santos Andrade, periferia de Curitiba, sobre as relações sociais estabelecidas entre os moradores desta comunidade, freqüentadores da instituição. Para tanto, as atividades de evangelização oferecidas pela CAAI foram observadas, a fim de evidenciar os aspectos mais relevantes do discurso da instituição. Além disto, foram realizadas entrevistas com algumas das freqüentadoras, visando identificar a influência destes princípios na vida de cada uma delas, enfocando o conteúdo das respostas com o auxílio de categorias de análise. A partir disso, pode-se estabelecer uma conexão entre os valores difundidos pela instituição e o discurso das entrevistadas, verificando-se que o trabalho de evangelização produziu alterações significativas nas relações familiares e de vizinhança. Foi possível, ainda, corroborar a idéia de que o estabelecimento de normas comuns pode nortear o comportamento das pessoas, pautar suas relações interpessoais e estabelecer uma ordem coletiva capaz de assegurar a convivência na sociedade.

Abstract

This present work, searching for an understanding of the effects of a kardecist spiritist institution (Abibe Isfer Support House - AISH) discourse in the social relationships among residents of the Jardim Santos Andrade, a community in the outskirts of Curitiba where AISH is located, was completed between 1997 and 1999. The envagelization classes offered by AISH were observed, for evidence of the relevant aspects of the institution's discourse. Moreover, some members from the institution were interviewed in order to identify the influence of these principles in each one's life. Focus was directed upon the content of their answers with reference to the analysis categories. From these sources, a connection could be established between the values spread by the institution and the speech of the members. Significant changes were noticed in their relationships with their relatives and neighbors. It was also possible to corroborate the idea that the establishment of common rules guided the behavior of people, ruling their interpersonal relationships and creating a collective order that makes possible their co-existence in society.

Apresentação

Há três anos a pesquisadora vem desenvolvendo trabalho de integração comunitária junto à população do Jardim Santos Andrade, uma comunidade da periferia de Curitiba, na qual se observa a ocorrência de dificuldades nas relações familiares e de vizinhança, bem como problemas relacionados à drogadição, incesto, violência contra mulheres e crianças, além da baixa escolaridade de muitos dos adultos e problemas de aprendizagem em jovens e crianças. Durante este período, a pesquisadora realizou trabalho de caráter psicossocial e de psicoterapia, pelo qual procurou conhecer melhor os moradores e, ao mesmo tempo, propôs atividades para que as pessoas pudessem desenvolver suas potencialidades e buscar soluções para as dificuldades emergentes.

Além destas atividades, ela se interessou em verificar os determinantes menos explícitos das condições de vida da população e em identificar formas de promover melhor capacitação para os moradores do Jardim, de modo que eles pudessem enfrentar, com maiores possibilidades de êxito, as dificuldades do seu cotidiano.

Por desenvolver seu trabalho na Casa de Apoio Abibe Isfer (CAAI), uma instituição espírita local, e também por participar da Unidade de Saúde do bairro, a pesquisadora pode observar, por meio das suas atividades, que a presença da CAAI tem redundado em benefícios para a população.

De fato, na medida em que se estabeleceram vínculos profissionais entre a pesquisadora e a população, ela foi percebendo que a CAAI tem uma função importante na comunidade, principalmente para aqueles que moram em uma área de ocupação irregular existente no bairro. Muitos deles relatam, com frequência, o quanto modificaram sua maneira de pensar e de agir, diante das dificuldades do dia-a-dia, depois que começaram a participar das atividades propostas por essa instituição. E que tais modificações não se restringiram ao plano do discurso, mas se fizeram sentir no comportamento deles e de seus familiares.

Os interesses da pesquisadora consolidaram-se, principalmente com a constatação dessas mudanças de atitude da população e, procurando aprofundar-se no trabalho comunitário, ela passou a estudar Psicologia Social e Etnopsiquiatria.

Por acreditar nos princípios da doutrina espírita que são passados à comunidade do Jardim Santos Andrade pela CAAI, a pesquisadora receava estar supervalorizando o efeito dos valores morais doutrinários sobre as mudanças observadas na população, em detrimento

de uma compreensão nítida quanto aos aspectos psicológicos implicados. Desta forma, ela ansiou compreender melhor a influência da CAAI, enquanto instituição espírita, sobre os moradores e preocupou-se em dar um tratamento científico para aquilo que observava.

Frente às suas indagações e dado o crescente interesse das pessoas sobre assuntos relativos à espiritualidade, a autora desenvolveu o presente trabalho.

Esta iniciativa, abordada na interface da Psicologia com a Filosofia, busca compreender o modo como os valores promovidos pela CAAI são adotados pelas pessoas e como isto influencia sua capacidade para lidar com as dificuldades que marcam o seu cotidiano.

Introdução

Pode-se pensar que a sociedade seja, por assim dizer, um sistema em que seus participantes agem de forma interligada e interdependente, compondo uma ampla rede de relações sociais. Isto sugere que, quando a ação de um destes participantes se modifica, as ações dos demais também sofrem alterações.

Na sociedade humana, na medida em que a vida transcorre, as pessoas frequentemente se defrontam com fatos novos que carecem, por sua vez, de uma ordenação específica. Como explica Martín-Baró (1984, p. 2), a

“... condição essencial para que exista uma sociedade é que se dê uma coordenação mínima entre as ações das pessoas e dos grupos que a compõem. (...) Por outro lado, se existe uma sociedade é porque se dá alguma forma de ordem entre seus membros, uma regularidade que harmoniza suas ações de modo que o fazer de cada um não desestrutura nem bloqueia a atividade dos demais mas, ao contrário, a potencializa ou complementa”.

Numa comunidade, observam-se movimentos coletivos direcionados para a composição de espaços e desempenho de papéis que atribuem aos indivíduos formas específicas de agir. Por outro lado, também nota-se que as diferenças individuais têm um papel importante na elaboração de normas para a coletividade. Assim, ainda no dizer de Martín-Baró (1984), “os indivíduos se desenvolvem enquanto pessoas assimilando uma ordem social através dos processos de socialização que os colocam numa posição e os permite lograr uma identidade social ...” (p. 2).

Entende-se, além disto, que o caráter normativo das relações que se estabelecem, a partir da socialização dos indivíduos, revela qual e como é a sociedade em que estão inseridos. De fato, a sistematização das leis, das normas, reflete-se na apreensão do real, determinando as ações das pessoas em sociedade e revelando metas a serem atingidas, tanto no plano coletivo como no individual. Isto implica em dizer que, conforme Parsons (apud Martín-Baró, 1984), “... são quatro os elementos essenciais da ação, que se combinam na unidade básica de cada ato: o agente ou ator, os fins, a situação e as normas. A análise do comportamento humano deve começar com o agente da ação e o sentido subjetivo que

concede a seu ato, já que cada ator orienta o comportamento para a obtenção de fins ou estados futuros” (p.12).

Cada sistema social, portanto, tem uma estrutura normativa para o estabelecimento das relações entre os indivíduos que o compõem, definindo quem é quem, qual a sua posição, seus direitos e obrigações. É preciso haver um sistema de valores comum, que legitime tanto “as normas que regulam as relações entre seus membros como os papéis mediante os quais se executam as funções exigidas pelo sistema (...) precisamente os valores definem o que hão de buscar com a ação - os objetivos desejáveis - e como buscá-lo. Em outras palavras, os valores constituem a expressão do bom e do desejável em um sistema social.” (Martín-Baró, 1984, pp. 18 e 20)

Pode-se dizer, acompanhando este raciocínio, que toda sociedade tem sua interpretação própria do real, do mundo, do homem e da sua natureza. Toda comunidade tem seu sistema de valores e crenças, a respeito dos elementos mais diversos da existência humana, criando uma norma que, “... formada em interação com os outros (sujeitos da sociedade) se converte na perspectiva própria do indivíduo” (Sherif, 1975, in Martín-Baró, 1984, p. 54)

Quanto mais as normas são assumidas naturalmente pelos indivíduos, mais elas perdem seu caráter restritivo e consolidam-se ditando a conduta geral para a coletividade. Entretanto, há que se ponderar que uma norma não é e nem se apresenta necessariamente como uma lei. As normas podem ser apresentadas tanto explicitamente quanto implicitamente, porém, em ambos os casos, estão previstas sanções efetivas. Martín-Baró (1984) entende que “a direção fundamental de um sistema social depende de seus valores, (mas) a transmissão desses valores sociais se converte em um dos mecanismos mais importantes, uma das tarefas cruciais” (p.44).

As regras sociais, assim, não necessitam de estar vinculadas à norma. Ainda segundo Martín-Baró (1984), o comportamento humano pode estar ligado tanto a “formalismos culturais, a exigências da vida urbana quanto ao estilo de vida próprio de uma classe ou setor social ...” (p. 51). O comportamento do homem pode estar influenciado, inclusive, por crenças de naturezas diversas. Por isso, para melhor compreensão das relações humanas, torna-se interessante identificar o modo como as estruturas sociais, no que se refere ao macro e micro sistemas, são potencializadas e reguladas pela sistematização de normas, orientando a vida cotidiana das pessoas.

O que se observa, então, é a elaboração de verdades – normas, por assim dizer – que vão surgindo ao longo da história social e tornam-se norteadoras para a sociedade. Tratam-se não de verdades absolutas, mas da constituição de verdades em acordo com as características sociais e culturais.

Foucault (1996) levanta a hipótese de que existem duas histórias da verdade. Uma, que diz respeito à sua auto-regulação, construída com a mesma dinâmica com que se elabora a história das ciências. A outra, que surge de lugares variados da sociedade, “onde um certo número de regras de jogo são definidas - regras de jogo, a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios de objeto, certos tipos de saber - e por conseguinte podemos, a partir daí, fazer uma história externa, exterior, da verdade” (p. 11). Dessa forma, pode-se pensar que o conhecimento não tem uma origem absoluta. Ele é construído, inventado e produzido em sociedade, a partir das relações entre os homens. O conhecimento não é, portanto, parte inerente da natureza humana; nasce do confronto entre estas relações.

Se não existe um conhecimento “per se”, nem uma realidade “per se”, não existe, tampouco, uma essência do conhecimento. Foucault (1996) reafirma o pensamento de Nietzsche no qual se expõe que inexistente uma natureza do conhecimento, pois ele não possui uma estrutura universal. O conhecimento é apenas “o resultado histórico e pontual de condições universais” (p. 24), e se estabelece estrategicamente entre os homens, levando-nos a crer que estão implícitas, nesta trama, as relações de poder em torno da construção da verdade e da moral.

Ele ainda observa que as sociedades evoluíram em acordo com os interesses de grupos minoritários, desde os primórdios da civilização. Assim, a verdade se desloca no tempo e no espaço da história da humanidade, para atender a estabilidade dos grupos de controle social, que ora beneficiavam segmentos religiosos, ora ofereciam vantagens para a aristocracia e burguesia. Ao longo do tempo, o poder da verdade – embora de uma verdade relativizada – passou a ser utilizado para nortear o comportamento dos homens em sociedade.

O poder moral acaba sendo exercido de várias formas para regulamentar a vida cotidiana dos cidadãos, fazendo surgir instituições diversificadas com o objetivo único de assegurar a ordem social, por meio de códigos morais.

Esta ordem social entra, necessariamente, no campo da ética e da moral, pois pertence a elas a regulamentação das relações em sociedade. Valls (1996) define esta idéia afirmando que “a ética se preocupa, podemos dizê-lo agora, com as formas humanas de resolver as

contradições entre necessidade e possibilidade, entre tempo e eternidade, entre o individual e o social, entre o econômico e o moral, entre o corporal e o psíquico, entre o natural e o cultural e entre a inteligência e a vontade” (p. 56).

Assim pode-se dizer, concordando com Vázquez (1997, p. 6), que

“... os indivíduos se defrontam com a necessidade de pautar o seu comportamento por normas que se julgam mais apropriadas ou mais dignas de ser cumpridas. Estas normas são aceitas intimamente e reconhecidas como obrigatórias: de acordo com elas, os indivíduos compreendem que têm o dever de agir desta ou daquela maneira. Nestes casos, dizemos que o homem age moralmente e que neste seu comportamento se evidenciam vários traços característicos que o diferenciam de outras formas de conduta humana”.

Falar sobre ética implica, portanto, em falar sobre responsabilidades, sendo o indivíduo responsável por seus atos e goza de liberdade para agir. A moral, entretanto, não diz respeito apenas ao âmbito individual. Aliás, ela está intimamente relacionada à vida coletiva, pois regula as relações entre os homens, tornando-se indispensável para a sobrevivência da sociedade.

Nesse sentido, discutindo o conceito de ética, Vázquez (1997) considera que:

- *“Ética vem do grego *ethos*, que significa analogamente ‘modo de ser’ ou ‘caráter’ enquanto forma de vida também adquirida ou conquistada pelo homem.” (p. 14)*
- *“A ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral, considerado porém na sua totalidade, diversidade e variedade.” (p. 11)*
- *“A ética não cria a moral.” (p. 12)*
- *“A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade.” (p. 12)*
- *“A ética é a ciência da moral, isto é, de uma esfera do comportamento humano.” (p. 13)*
- *“... sua missão é explicar a moral efetiva e, neste sentido, pode influir na própria moral”. (p. 14)*

- *“A ética parte do fato da existência da história da moral, isto é, toma como ponto de partida a diversidade de morais no tempo, com seus respectivos valores, princípios e normas.” (p. 11)*

*Com relação à Moral, cujo termo origina-se das formas latinas **mos** ou **mores**, significando “costume” ou “costumes”, e expressa o sentido de aquisição através do hábito, Vázquez (1997, p. 10) ensina que “... a realidade moral varia historicamente e, com ela, variam seus princípios e suas normas. A pretensão de formular princípios e normas universais, deixando de lado a experiência moral histórica, afastaria da teoria precisamente a realidade que deveria explicar”. Assim, pode-se dizer que o comportamento moral do homem resulta de uma história da qual ele é autor, na mesma medida em que desenvolve o papel de ator. Isto significa, também, que o processo de transformação do homem interfere e determina o curso do seu comportamento moral na coletividade. E, neste sentido, em acordo com Vázquez (1997), Martín-Baró (1984) e Berger e Luckmann (1985) as relações sociais são amplamente permeáveis, podendo o homem transformar e ser transformado pelo conjunto de normas ao qual se rende em nome da convivência em sociedade.*

Conforme as sociedades se sucedem, no contínuo da existência humana, uma moral vai sendo substituída por outra moral, fazendo prevalecer seu caráter histórico. Em consonância com isto, Vázquez (1997) indica que “a moral é histórica precisamente porque é um modo de comportar-se de um ser - o homem - que por natureza é histórico, isto é, um ser cuja característica é a de estar-se fazendo ou se autoproduzindo constantemente, tanto no plano de sua existência material, prática, como no de sua vida espiritual, incluída nesta a moral”. (p. 24)

Isto enfatiza o fato de que a moral só pode emergir da vida na coletividade, sendo construída para assegurar as necessidades e interesses coletivos. Assim, como expõe Chauí (1995, p. 347), “a vida ética é o acordo e a harmonia entre a vontade subjetiva individual e a vontade objetiva cultural”.

Existem, contudo, duas dimensões da moral: uma normativa (Chauí, 1995; Vázquez, 1997), que se refere à construção de princípios norteadores do comportamento do homem e uma factual (Vázquez, 1997), em que os atos humanos são efetivados. Da convergência destas duas dimensões resulta o ato moral. Assim, para que seja possível afirmar que uma pessoa agiu moralmente é preciso conhecer as normas que vigoram em seu comportamento. Subentende-se daí que o indivíduo deve estar consciente daquilo que faz, ou seja, deve ter assumido as regras previamente. Esclarece Vázquez (1997, p. 109) que “responsabilidade moral, liberdade e necessidade estão (...) entrelaçadas indissolivelmente no ato moral” e

que “... o ato moral exige (do indivíduo) a sua decisão livre e consciente, assumida por uma convicção interior e não por uma atitude exterior e impessoal” (p. 2). Enfim, para se falar em ato moral, é fundamental que o indivíduo esteja em pleno exercício da sua autonomia (Martín-Baró, 1984; Chauí, 1995; Guareschi, 1995; Valls, 1996; Vázquez, 1997).

No domínio da ética, existem dois elementos de extrema importância: “o agente ou sujeito moral e os valores morais ou virtudes éticas” (Chauí, 1995, p. 338). Até o presente momento, falou-se sobre o conceito de ética, seu caráter histórico e sobre a inserção desse sujeito no mundo da moral. Resta, contudo, abordar o conceito de valor, que tem para este âmbito, fundamental relevância, pois todo ato moral implica em escolha. Esta escolha refere-se a um ou outro tipo de direção, sendo influenciada e muitas vezes determinada pelo conjunto de normas ao qual o sujeito está vinculado. Um valor está, por assim dizer, em total relação com a subjetividade humana e com esse caráter histórico da ética. “O valor não é propriedade dos objetos em si, mas propriedade adquirida graças à sua relação com o homem enquanto ser social. Eles passam a ter valor quando dotados de propriedades objetivas” (Vázquez, 1997, p. 116).

É a subjetividade do homem que atribui relevância para o objeto. Ele, porém, tem atributos peculiares. Chauí (1995, p. 336) define esta diferença de valores como sendo “juízo de valor” para referir-se a avaliação que se faz das “coisas, pessoas, ações, experiências, acontecimentos, sentimentos, estados de espírito, intenções e decisões como bons ou maus, desejáveis ou indesejáveis”. Por outro lado, o “juízo de fato” é denominado pela autora para referir-se às coisas como elas são. Vázquez (1997) também reconhece a “dupla relação de valor”, colocando que em um polo encontra-se a propriedade material do objeto e no outro, a relevância desse objeto para o homem social.

Mais amplamente, no contexto humano, podem ser observadas as contribuições das várias instituições sociais para a construção de uma ética normativa. A religião, por exemplo, serviu de referência para o comportamento moral, relativizando os princípios que julgava serem adequados para a sociedade em determinados momentos e épocas. Como sugere Valls (1996), “a religião trouxe, sem dúvida alguma, um grande progresso moral à humanidade. A meta da vida moral foi colocada mais alto, numa santidade, sinônimo de um amor perfeito, e que deveria ser buscada mesmo que inatingível.” (p. 37) Torna-se possível reconhecer, portanto, a religião como uma das instituições mediadoras dos valores morais da sociedade.

No presente trabalho, não se intenta atribuir um juízo de valor para uma ou outra religião; nem ao menos pretende-se analisar as transformações comportamentais de uma determinada comunidade sob o ponto de vista da sua religiosidade. Sabe-se, conforme já discutido, que um conjunto de normas pode sugerir às pessoas uma série de comportamentos morais, regulando as relações sociais e assegurando certo grau de autonomia e liberdade para os cidadãos.

A meta deste estudo é, portanto, compreender como se processam as relações sociais baseadas em princípios difundidos por uma dada instituição. Para isto, escolheu-se tomar como referência a Casa de Apoio Abibe Isfer (CAAI), que adota como conjunto de normas os valores da doutrina espírita kardecista. Procurou-se, assim, identificar os princípios por ela difundidos e sua repercussão no discurso dos moradores de uma dada localidade, frequentadores daquela instituição.

Método

Local e população

O Jardim Santos Andrade é um bairro da periferia de Curitiba, estado do Paraná, que fica a aproximadamente 20 quilômetros do centro da cidade. Faz fronteira com os bairros Campo Comprido, Mossunguê, Campina do Siqueira, Seminário e Santa Quitéria. Localiza-se numa região de relevo ondulado, com remanescentes esparsos da floresta nativa e é atravessado pelo riacho Mossunguê, afluente do rio Barigüi.

O bairro conta, atualmente, com uma população aproximada de 1080 famílias, perfazendo um total de 3450 habitantes, dos quais 1692 são do sexo feminino e 1758 do sexo masculino. O Quadro 1 apresenta a distribuição proporcional das faixas etárias.

Quadro 1

Distribuição proporcional das faixas etárias da população do bairro

Faixas etárias	proporção
até um ano de idade	2%
entre um e quatro anos	12%
entre cinco e quatorze anos	22%
quinze a quarenta e nove anos	50%
acima de cinquenta anos	14%

Cerca de 6,5 por cento dos moradores habitam um loteamento do Sistema Financeiro da Habitação, denominado Moradias Barbacena, 37,5 por cento ocupam loteamentos irregulares e terrenos invadidos, ao longo do riacho Mossunguê, e a maioria, aproximadamente 56 por cento, ocupa loteamentos devidamente regulamentados. Dados da Unidade Comunitária de Saúde do Jardim Santos Andrade (UCS) indicam que aproximadamente 42,6 por cento das habitações encontram-se em situação precária, 26,9 por cento em condições regulares e apenas 30,5 por cento em boas condições.

Grande parte das casas no bairro é de alvenaria, estando dispostas uma ao lado da outra obedecendo o alinhamento das ruas. Um número considerável delas, todavia, é de madeira e concentra-se à margem do riacho, num terreno invadido. Em geral, estas últimas

habitações não têm janelas adequadas e nelas observam-se frestas no piso e nas paredes, fato que, segundo a equipe do UCS, resulta em agravamento da insalubridade. Em parte destas casas observam-se pisos de terra batida ou de cimento bruto e a inexistência de forro no telhado.

Segundo os documentos pesquisados na UCS, a quantidade de casas vem aumentando e o número de lotes permaneceu o mesmo, significando que novas famílias são geradas pelas antigas e passam a ocupar a mesma habitação ou outras, no mesmo terreno.

Grande parte das habitações do terreno invadido sofre riscos de desabamento devido à freqüente erosão das margens do riacho e às dificuldades decorrentes do transbordamento deste curso de água em tempo de muita chuva. Os documentos pesquisados revelam que 69,2 por cento da população habitam em áreas de risco epidemiológico.

O Jardim conta com rede elétrica, mas muitos dos moradores não têm acesso a ela. Há rede de abastecimento de água, contudo aproximadamente 2 por cento das famílias ainda utilizam-se de água colhida em poços artesanais e sem tratamento

A infra-estrutura viária do bairro é razoável. As principais vias de acesso são asfaltadas, sendo a rua Frederico Müller a via mais importante. Entretanto, várias ruas são revestidas apenas com anti-pó¹ e muitas outras não contam com qualquer tipo de revestimento. De maneira geral, todavia, o revestimento existente é bastante precário.

Os moradores contam com duas linhas de ônibus que ligam o bairro ao centro da cidade. Uma delas passou a funcionar apenas em 1996.

Embora haja coleta semanal de lixo, observa-se que 9,3 por cento dos moradores jogam seus rejeitos no riacho ou os dispõem a céu aberto. Na pesquisa realizada pela UCS, foi constatado que 90,7 por cento dos entrevistados separam o lixo para reciclagem.

Há rede para coleta de esgoto, porém, como o riacho local encontra-se seriamente poluído, pode-se supor que um grande número de famílias despeja dejetos no rio.

O sistema de correio funciona adequadamente, da mesma forma que nos demais bairros de Curitiba.

No que se refere a serviços oferecidos no local, existem cinco mercearias, duas oficinas mecânicas, um salão de beleza, uma serralharia, três mini-mercados, dois depósitos de rejeitos domésticos recicláveis e onze bares. A 800 metros da rua principal do bairro, há

¹ Este revestimento é constituído de uma leve camada de asfalto, destinada a evitar a suspensão atmosférica de partículas de poeira.

uma indústria gráfica de grande porte e a 200 metros localiza-se uma olaria, atualmente desativada.

O bairro não possui área de lazer, nem quadra de esportes ou parques.

As entidades governamentais sociais são a Creche Municipal, a Escola Municipal Jardim Santos Andrade, a Unidade Comunitária de Saúde Jardim Santos Andrade (UCS), e o Projeto Piá Ambiental nas Artes (PA). As iniciativas destas entidades, todavia, não atendem a todas as necessidades da população e, por isso, muitos moradores são encaminhados para escolas das proximidades ou para Unidades Básicas de Saúde de outros bairros.

Os registros da UCS mostram que, em caso de doença, 32 por cento da população procura o centro espírita, benzedeiras e atendimento fitoterápico. Em torno de 44 por cento dos moradores recorrem à UCS e/ou à Unidade Básica de Saúde, que funciona durante as 24 horas do dia, na localidade denominada Campo Comprido. Os demais utilizam-se de outros recursos não mencionados. Questionados sobre os motivos destas escolhas, 12,5 por cento dos entrevistados responderam que era devido a crenças religiosas e 25 por cento escolhem as possibilidades de mais fácil acesso. Aproximadamente 18 por cento da população entrevistada afirma que procura atendimento de saúde na CAAI, enquanto que 29,5 por cento busca na UCS.

Há também, além da Casa de Apoio Abibe Isfer (CAAI), outras organizações não-governamentais como a associação de moradores e Amigos do Jardim Santos Andrade, Associação dos Moradores do Conjunto Barbacena, Grupo dos Alcoólicos Anônimos e as entidades religiosas Paróquia do Cristo Ressuscitado e Pastoral da Criança, Associação das Vicentinas - Barigüi, Assembléia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Deus é Amor e a Igreja Pentecostal Filadélfia.

Outros aspectos demográficos de interesse

A população do Jardim Santos Andrade é bastante heterogênea do ponto de vista das profissões que exerce. Cerca de 7 por cento dos trabalhadores são da construção civil, 4 por cento são operários de fábricas/auxiliares de produção e 7 por cento trabalham como vigias. Muitos são empregadas domésticas, jardineiros, carpinteiros, catadores de papel, empregados do comércio em geral e proprietários de estabelecimentos comerciais no local.

A maioria dos moradores dos terrenos invadidos não tem uma atividade profissional definida, fazendo "bicos" e obtendo apenas o necessário para prover o sustento temporário da família. Trata-se de uma população de baixa renda em que, quando da realização da pesquisa da UCS, apenas 35,2 por cento trabalhava com carteira assinada, 34,3 por cento realizava trabalhos informais, 21,3 por cento encontrava-se desempregado e 9,2 por cento dispunha da aposentadoria como meio de subsistência.

Observa-se que em cada habitação moram 4 a 5 pessoas, originárias principalmente do norte do estado do Paraná. O núcleo familiar mais comum é formado por pai, mãe e filhos morando numa mesma casa. É freqüente, entretanto, encontrar famílias desagregadas, em que um dos genitores está ausente, filhos que foram doados ou que passam o dia em casa, mas dormem na casa de vizinhos ou parentes secundários.

De maneira geral, a população enfrenta dificuldades tais como drogadição (7,3 por cento da população, sendo principalmente usadas maconha e cola), abuso sexual (geralmente do pai em relação à filha), gravidez precoce (das 1758 mulheres do bairro, 890 estão em idade fértil, sendo que na época da pesquisa realizada pela UCS havia 86 mulheres gestantes), violência contra a criança e contra a mulher, doenças mentais (acometendo 7,3 por cento da população), descaso com a conservação ambiental (sistema de esgoto que leva os dejetos ao riacho, lixo que é jogado nas ruas e no riacho). Ainda, as relações de vizinhança nem sempre são pacíficas, sendo relatadas inúmeras brigas, algumas delas terminando em morte.

Um número considerável (12,3 por cento) de alcoolistas é registrado pela UCS, mas não existe um programa oficial para tratar desta questão, além do trabalho realizado pela iniciativa denominada Alcoólicos Anônimos. O nível de escolaridade entre os adultos é muito baixo (em geral não passa da sexta série do primeiro grau), existindo queixa da escola quanto ao elevado índice de repetência e evasão escolar entre os jovens e crianças. Segundo informação da UCS, existem várias crianças em situação de risco social e muitas outras que enfrentam riscos biológicos. A estimativa da instituição é de que 9,7 por cento da população sofre de desnutrição enquanto que outros 9,7 por cento são acometidos de diarreia. Entre as doenças mais freqüentemente encontradas no bairro, constam verminoses, câncer, tuberculose, doenças do aparelho circulatório (principalmente hipertensão) e respiratório, doenças de pele, além de problemas de pediculose e loxocelismo.

A história da Casa de Apoio Abibe Isfer (CAAI)

A história da CAAI descrita a seguir foi reconstituída a partir de entrevistas realizadas com as pessoas que ajudaram a fundar a instituição e que continuam desenvolvendo atividades junto à população. Elas estão aqui representadas pelas iniciais do seu nome.

Em 1978 um grupo de senhoras espíritas começou a prestar assistência espiritual, material e social a pessoas de baixa renda que freqüentavam o Centro Espírita Capa dos Pobres, em Curitiba, Estado do Paraná. O trabalho consistia em palestras semanais de evangelização, passes individuais e coletivos, reuniões para a confecção de artesanato e, sempre que necessário, eram distribuídos roupas, leite e outros alimentos. Entretanto, em função da desativação temporária deste Centro em 1983, o grupo acabou buscando abrigo numa outra instituição, o Centro Espírita Irmão Mateus (CEIM), também na mesma cidade. Eram atendidas mulheres provenientes da Vila Pompéia, Jardim Santos Andrade, vila São Pedro, vila Izac Ferreira da Cruz, entre outras localidades.

Com o passar do tempo, já em 1985, o número de pessoas assistidas aumentou significativamente, tornando o espaço físico pequeno. Além disso, o grupo percebeu que muitas das mulheres tinham dificuldades para freqüentarem as reuniões, pois não dispunham do vale transporte para se locomoverem. Decidiram, então, ir até o Jardim Santos Andrade, uma vez que a maior parte das mulheres que freqüentavam os trabalhos no Centro Espírita Irmão Mateus se originava deste bairro, para tentar viabilizar as reuniões na própria comunidade, facilitando o acesso às participantes.

O primeiro local para a realização dos trabalhos foi obtido por meio de um acordo feito com a Igreja Católica do local. O padre encarregado permitiu que as reuniões fossem realizadas no salão paroquial. Entretanto, conforme informou a entrevistada AG, surgiram boatos no bairro de que se tratava de reuniões para a realização de "macumba" e, em função disto, as reuniões foram canceladas pela instituição. Na época, já em 1986, a senhora AG havia recebido a doação de uma importância considerável de dinheiro e a equipe resolveu utilizar este recurso para adquirir uma casa pré-fabricada e montá-la na comunidade. Mediante entendimentos com a presidente da associação de moradores, um terreno foi obtido para a construção da casa, que serviu para instalação do grupo durante alguns anos.

A CAAI logo tornou-se um ponto de referência para a comunidade local. As atividades continuaram sendo desenvolvidas tal como eram feitas no Centro Espírita Irmão Mateus,

mas a população foi aumentando cada vez mais e a equipe foi sentindo necessidade de ampliar seus trabalhos, buscando atingir todas as faixas - etárias da comunidade. Nesse meio tempo, a senhora AG recebeu a proposta de montar uma creche no local. Diante disto, a equipe entrou em entendimento com a associação de moradores, dando início à construção da casa onde funcionaria a creche, já em 1990. A creche recebeu o nome de "Irene R. de Camargo" e as atividades logo foram iniciadas, sendo registradas 11 funcionárias (moradoras da própria comunidade) que atendiam 100 crianças do bairro. A senhora AG dirigia a instituição paralelamente aos trabalhos que continuava desenvolvendo na CAAI com as mulheres do bairro.

Percebendo que as crianças tinham muita dificuldade na escola, a equipe convidou novos voluntários para realizar o que chamou de "reforço escolar". O senhor SF, sua esposa e alguns membros de sua família iniciaram as atividades, aos sábados à tarde, no ano de 1990. Aos poucos, este novo grupo foi deixando o reforço escolar e introduzindo atividades de evangelização pois, conforme relato do entrevistado, não se sentiam capacitados tecnicamente para a tarefa solicitada. Outro motivo que os levou a mudar o enfoque do seu trabalho foi o aumento gradual no número de crianças atendidas e a percepção de que a maioria delas não sabia rezar, nem tinha nenhum conhecimento sobre religião.

Segundo a senhora AG, com o governo Collor, a manutenção da creche ficou gravemente comprometida e precisou ser desativada em 1992. As 100 crianças beneficiadas por este projeto foram, então, incorporadas à Creche Municipal Jardim Santos Andrade, que acabara de ser fundada no bairro. Com isto, as instalações foram entregues à associação de moradores que repassou o direito de uso à Prefeitura Municipal para a implementação do Projeto Piá Ambiental nas Artes (PA), pois a equipe preocupava-se com a melhoria dos serviços prestados para a comunidade e entendia que este projeto da prefeitura traria benefícios importantes aos moradores.

Simultaneamente a estes acontecimentos, o trabalho liderado pelo senhor SF tomou uma proporção que o impedia de continuar suas atividades num espaço físico tão pequeno quanto era o da casa pré-fabricada. Com isto, outros voluntários foram incorporados às atividades e a senhora EB passou a dirigir o grupo. Como o número de participantes dos trabalhos da senhora AG, também cresceu, decidiu-se adquirir um novo terreno, desta vez mais próximo ainda dos terrenos irregulares, onde foi construída uma nova sede de alvenaria no ano de 1993. Durante o período em que se construía a nova CAAI, o trabalho do senhor SF foi realizado nas dependências do PA, sendo que sua equipe havia ganho outros colaboradores. As reuniões consistiam em atividades de evangelização informal,

através da utilização dos recursos de teatro, música, passeios ecológicos, desenvolvimento de redação, leitura, vídeos e outras técnicas plásticas tais como a pintura e a argila. Embora a equipe não seguisse um planejamento específico, a cada encontro abordavam um tema relacionado à experiência de vida do grupo, sempre segundo os princípios espíritas.

Tendo concluído a obra da nova sede, os trabalhos da senhora AG foram retomados e as atividades da CAAI foram ampliadas. O senhor HM passou a realizar trabalhos de evangelização formal aos domingos pela manhã. O trabalho consiste de orações, solicitando proteção para a atividade e para irradiação de fluidos às demais instituições necessitadas (tais como presídios, orfanatos, hospitais, asilos), preleção tendo em foco um tema que seja comum à realidade da comunidade, introduzindo a concepção espírita sobre o assunto, passe coletivo, passes individuais, consulta e receituário com entidade espiritual da área médica.

O vínculo com o PA estreitou-se ao longo dos meses, até que uma nova equipe de voluntários montou um trabalho de acompanhamento pedagógico e orientação para as instrutoras desta instituição. Tratava-se do grupo da senhora MB que, além do trabalho com as crianças no PA, também iniciou atividades de artesanato com as mulheres do bairro, na própria CAAI.

Foi então que a autora deste estudo deu início ao Projeto de Integração Comunitária, visando sistematizar as atividades da instituição para melhor atender à população, bem como preparar e desenvolver o quadro de voluntários. Implementou, paralelamente, um trabalho de orientação sexual para adolescentes, um grupo terapêutico com mulheres e um grupo de orientação para mães. Estas atividades vêm sendo desenvolvidas através de recursos como dinâmica de grupo, técnicas plásticas, aconselhamento individual e visitas domiciliares, contando com o apoio e colaboração de outros voluntários da instituição.

Também em 1995, alguns representantes da COHAB visitaram a Casa de Apoio e, percebendo a importância dos trabalhos lá realizados, ofereceram o terreno baldio ao lado, para a ampliação do espaço físico da instituição. Com a campanha de levantamento de fundos para a construção do novo salão, a obra foi concluída no primeiro semestre do ano de 1997. Durante esta fase, os trabalhos das diversas equipes continuaram sendo desenvolvidos no antigo salão.

Um novo grupo de pessoas passou, então, a realizar trabalho de evangelização formal às segundas-feiras à noite. Esta equipe é dirigida pelos senhores EI e MM e procura atingir principalmente a população adulta masculina, uma vez que os jovens e as mulheres já frequentavam os trabalhos da senhora AG e do senhor HM. Nesta reunião mediúnica são

realizadas orações, solicitando a proteção para o trabalho e a irradiação de fluidos para pessoas necessitadas, palestras sobre um tema específico do Evangelho Segundo o Espiritismo, passes individuais e receituário homeopático. Antes de as pessoas serem encaminhadas ao passe, um dos médiuns desenvolve uma técnica de relaxamento. No término da atividade, todos os participantes recebem uma rosa branca fluidificada para levar para casa e aqueles que haviam solicitado consulta recebem seus medicamentos gratuitamente.

Os laços entre a associação de moradores, a UCS e a CAAI se estreitaram, propiciando tanto a troca de informações, como também a inclusão da instituição no rol de entidades representativas no bairro, frente o Conselho Local de Saúde. Além disso, um terapeuta naturista da UCS começou a desenvolver atividade de ginástica naturista nas dependências da CAAI, visando atender a população local com mais um recurso de prevenção em saúde mental.

Uma vez que a Casa de Apoio ganhava cada vez mais autonomia, a diretoria do Centro Espírita Irmão Mateus decidiu desvincular a instituição do seu quadro administrativo. Sendo assim, foi eleita uma nova diretoria e criado seu estatuto, tornando-a, em março de 1998, uma instituição jurídica, sob o nome de “Casa de Apoio Abibe Isfer”. Segundo a nova diretoria, a organização da CAAI está sendo melhor estruturada e os voluntários que realizam algum trabalho no local estão sendo orientados para terem a divulgação do “Evangelho Segundo o Espiritismo” como meta principal nas suas ações e atividades.

O perfil assistencialista está sendo substituído, aos poucos, pela promoção da cidadania. Nesse período, foram abertos quatro cursos profissionalizantes (cestaria, tricô, costura básica e costura industrial) e um projeto para a criação de uma cooperativa para os moradores está sendo estudado.

A CAAI, hoje, assiste cerca de 150 famílias do bairro, através de atividades sociais, distribuição de alimentos, roupas, remédios e outros bens materiais. Oferece dois tipos de trabalhos mediúnicos de cura, contando com a participação de quase 240 pessoas por mês. Proporciona atividade exclusiva de evangelização formal, atingindo cerca de 80 pessoas por semana. Assiste, semanalmente, em torno de 230 crianças e adolescentes com diferentes atividades que incluem evangelização informal, artesanato e recreação. Atende cerca de 40 mães num grupo de orientação e aconselhamento toda semana, além de oferecer espaço para psicoterapia individual e familiar, através de visitas domiciliares, inclusive. O trabalho de psicoterapia com mulheres é realizado semanalmente e abrange um pequeno grupo de 8 pessoas. O acompanhamento pedagógico é feito uma vez por semana no PA e, também uma

vez por semana, a pedagoga atende individualmente algumas crianças na própria CAAI. A ginástica naturista acontece duas manhãs por semana e atinge um grupo de 15 pessoas. Os cursos profissionalizantes abrangem cerca de 23 adultos e 8 adolescentes.

Participantes da pesquisa

Foram entrevistadas nove moradoras do Jardim Santos Andrade, com mais de 20 anos de idade, que freqüentam a Casa de Apoio Abibe Isfer há mais de três anos, em pelo menos uma das atividades de evangelização formal (reuniões com palestras, passes ou trabalhos de cura) e de uma das atividades de evangelização informal (grupos de auto-ajuda, cursos profissionalizantes e ginástica naturista).

A escolha das participantes foi de acordo com a sua disponibilidade. As pessoas foram abordadas informalmente pela pesquisadora, para que fossem levantadas as informações referentes aos critérios já mencionados, além do interesse e receptividade quanto à participação delas no presente trabalho. Após, foi agendada e realizada a entrevista com a pessoa, na sua residência.

Das nove entrevistadas, apenas uma delas está no bairro há quatro anos. As demais moram no Jardim Santos Andrade há bastante tempo. Duas delas habitam em casas situadas na rua principal do bairro e as outras possuem suas casas à margem do rio.

A primeira entrevistada é casada e tem 4 filhos do sexo masculino, sendo que o caçula é adotivo. Parte do terreno onde mora é destinado à casa da sua mãe e outra parte à casa de uma das suas irmãs. Como sua casa é pequena, os dois filhos mais velhos dormem na casa da sua mãe. Seu marido trabalha como servente de pedreiro e seus filhos, além de estudar, prestam serviços temporários, conforme necessidade da família. Trabalhou como assistente durante o funcionamento da creche “Irene R. Camargo”. Hoje, trabalha como diarista em casas de famílias e nos tempos vagos faz tricô sob encomenda. Foi uma das primeiras moradoras do bairro. Considera-se católica, mas freqüenta os programas oferecidos pela CAAI, inclusive os de evangelização formal. Com exceção do marido, todos da sua família freqüentam alguma atividade na CAAI.

Já a segunda entrevistada mora na casa da sua filha mais velha, juntamente com mais seis pessoas: seu segundo marido, dois filhos, sua filha e duas netas. Aposentado por

invalidez, seu pai mora no mesmo terreno, numa pequena casa. O marido trabalha numa pizzeria, como pizzaiolo, seus dois filhos e netas freqüentam uma escola local e sua filha trabalha no comércio da cidade. Ela faz tricô sob encomenda e cuida das netas para sua filha. Também foi uma das primeiras moradoras do bairro e freqüenta a CAAI desde o início da sua fundação, tendo trabalhado na creche a convite da senhora AG. Ela chegou a freqüentar as atividades do grupo dessa senhora AG durante o período em que estavam locados no Centro Espirita Irmão Mateus.

Morando no bairro desde que nasceu, a terceira entrevistada trabalha como diarista em casa de família e confecciona artesanato nas horas vagas. Mora com suas duas filhas pequenas, que freqüentam a creche do bairro. Seu companheiro e pai das meninas, não fixou residência com ela, mas freqüenta sua casa sistematicamente. Considera-se espírita e participa das atividades oferecidas pela CAAI, desde o início da sua fundação. Também se lembra de ter participado, juntamente com sua mãe, de algumas palestras no Centro Espirita Irmão Mateus, quando ainda era criança.

A família da quarta entrevistada é composta por três filhos (um homem e duas mulheres) e seu marido. Sua filha mais velha, que trabalha no comércio da cidade, esteve casada durante quase dois anos e mora com seu filho pequeno numa casa vizinha à sua, no mesmo terreno. Os dois filhos solteiros freqüentam a escola de um bairro próximo. O filho trabalha com seu marido, como ajudante de carpinteiro. Ela lava roupa para fora e também costura. É considerada pela comunidade como líder e tem bastante influência sobre os vizinhos. Eles moram no bairro há 10 anos e, com exceção do seu marido, todos os demais membros da sua família freqüentam alguma atividade na CAAI.

Moradora no bairro há mais de 15 anos, a quinta entrevistada tem uma família grande: marido e sete filhos (duas mulheres e cinco homens). Seus quatro filhos mais velhos são casados e moram com suas respectivas famílias em casas vizinhas à sua. Além dos filhos, grande parte dos seus irmãos/irmãs também moram próximos a ela. Atualmente ela tem quatro netos e seu filho caçula tem apenas um ano de idade. Os filhos solteiros freqüentam a escola do bairro e os casados trabalham para o sustento próprio. Seu marido tem problemas de saúde, em função do alcoolismo, mas trabalha como catador de papel, sob orientação da prefeitura local. Ela é uma das moradoras do bairro que participava das atividades de evangelização do grupo da senhora AG, nos Centros anteriores à fundação da CAAI. Seus filhos e netos também freqüentam e/ou freqüentaram as atividades da Casa de Apoio.

A sexta entrevistada é casada e tem três filhos (dois homens e uma mulher), um deles adotivo. Seu marido trabalha como pedreiro e seus filhos mais velhos freqüentam a escola

local. Ela trabalha como lavadeira de roupas na sua própria casa. Tem grande influência sobre os vizinhos mais próximos, chegando a prestar serviço de babá para algumas famílias dali. Está morando no bairro pela segunda vez, pois depois que se casou havia se mudado com o marido para um bairro vizinho. Suas irmãs também moram no bairro e ela divide seu terreno com uma delas. Freqüenta a CAAI desde que era criança e, hoje, ela leva seus filhos para participarem dos programas oferecidos pela instituição.

Casada há 20 anos, a sétima entrevistada tem quatro filhos (todos homens) e mora no bairro há quase 15 anos. Ela tem vários irmãos/irmãs que moram vizinhos à sua casa. Seu marido é jardineiro e ela presta serviços de limpeza para a Casa de Apoio. Nas horas vagas, ela costura e faz cestaria e tricô sob encomenda. Seus filhos mais velhos não estudam, mas trabalham em serviços temporários, de acordo com a oportunidade que surge. Os filhos mais novos freqüentam a escola do bairro. Todos os membros da sua família já participaram e/ou ainda participam de alguma atividade na CAAI.

Considerada pelos vizinhos como alguém que tem um nível de conhecimento maior, a oitava entrevistada é casada há 17 anos e tem três filhos (duas mulheres e um homem). Seu marido trabalha como auxiliar de mecânico, mas atualmente está desempregado. Assim, ela é o arrimo da família, costurando roupas sob encomenda. Seus filhos freqüentam a escola local. Ela participa das atividades da CAAI desde o início da sua fundação, chegando a ser médium assistente em dois trabalhos espíritas, durante algum tempo. Está no bairro desde a sua infância, tendo se afastado apenas por alguns anos, logo depois de ter se casado.

A nona entrevistada tem cinco filhos, dois do primeiro casamento e três do segundo. Os filhos mais velhos moravam com sua mãe, no interior do estado. Hoje, um deles mudou-se para sua casa. Além do marido e dos filhos, também tem um cunhado dividindo o espaço da casa com eles. O marido trabalha como auxiliar de pedreiro, mas não consegue se fixar numa única firma, ficando sem serviço com freqüência. Ela não trabalha fora, cuidando dos filhos em casa (apenas o mais velho freqüenta a escola). Eles moram no local há 4 anos e, com exceção do marido e cunhado, os demais familiares participam sempre das atividades da CAAI.

Coleta, registro e análise do conteúdo das informações

O estudo foi realizado em três etapas interdependentes:

A primeira etapa foi destinada à identificação dos princípios difundidos pela instituição e do funcionamento das atividades desenvolvidas para a transmissão desses valores aos frequentadores. Envolveu, assim, a leitura do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (Kardec, 1996) para destacar os princípios morais fundamentais da doutrina (ver anexo 2), e a observação do trabalho de dois grupos de evangelização (ver anexo 3 e 4) para a identificação dos aspectos mais ressaltados nestas atividades desenvolvidas na CAAI.

Na segunda etapa, foi elaborado um roteiro de entrevista (ver anexo 5) e realizadas as entrevistas (ver anexo 6) com as frequentadoras da CAAI que moram no bairro, conforme os critérios citados anteriormente.

A terceira consistiu na transcrição das fitas de áudio com as falas das entrevistadas, sendo utilizada a “análise de conteúdo”² como técnica para a sistematização e estudo das informações coletadas. Para tanto, foi feita uma leitura completa de todas as entrevistas, visando maior familiaridade com o conteúdo e, posteriormente, procedeu-se com uma leitura flutuante, procurando identificar os conteúdos pertinentes. Na seqüência, as respostas de cada pergunta foram analisadas transversalmente, isto é, todas as respostas para a mesma pergunta foram estudadas separadamente. Finalmente, foram elaboradas as categorias de análise, apresentadas a seguir, e refeita a leitura das entrevistas, selecionando-se as falas de acordo com essas categorias.

Categorias de análise

Para a definição das categorias de análise, também procurou-se levar em consideração, além das falas das entrevistadas, os princípios básicos observados nas obras doutrinárias consultadas.

² Trata-se de método que visa “compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” (Chizzotti, 1998, p. 98)

Assim, os relatos referentes aos valores difundidos por essas obras, como solidariedade, perdão e tolerância, foram aferidos a partir das seguintes definições³:

- Manifestação de solidariedade – relatos sobre ações pautadas em bondade e benevolência, voltadas para o bem estar das demais pessoas, abrandando-lhes os seus sofrimentos e dificuldades cotidianas, oferecendo-lhes apoio em momentos marcados por privações de ordem material, cognitiva, afetiva ou motora.
- Manifestação de perdão – relatos sobre ações que visam o bem-estar das pessoas de forma incondicional, respeitando seus valores e direitos buscando reconciliação com pessoas que tenham causado algum dano material e/ou moral, deixando de atribuir a elas um valor depreciativo e desculpando-as pelos fatos ocorridos.
- Manifestação de tolerância – relatos sobre ações que expressam indulgência para com as pessoas, resignando-se diante das situações de dificuldades, fazendo com que o indivíduo responsável pela ação respeite e aceite o comportamento daqueles com quem convive e a situação em que está inserido, mesmo que sejam divergentes da sua opinião e expectativa.

³ É fundamental esclarecer que as categorias definidas no presente estudo, apesar de apresentadas separadamente, mantêm entre si uma estreita relação de interdependência.

Apresentação e Discussão do Conteúdo

Princípios difundidos nas atividades de evangelização da Casa de Apoio Abibe Isfer

Foram observadas e analisadas as reuniões de dois grupos de trabalho, de acordo com as categorias de análise já mencionadas. O primeiro é aqui chamado de “grupo Dona Aidê”; o segundo é nominado de “grupo Fabiano de Cristo”. Em ambos, percebe-se que os palestrantes, também considerados como evangelizadores, baseiam seus discursos em temas levantados do Evangelho Segundo o Espiritismo. Porém, fazem uma articulação das idéias apresentadas com alguns exemplos de situações da vida cotidiana.

O “grupo Dona Aidê” é dirigido por ela mesma, sendo formado por sete médiuns do sexo feminino. A senhora AG é altamente conceituada entre os moradores do bairro, em função das suas iniciativas de apoio e auxílio à comunidade local. As demais senhoras que compõem o grupo também são consideradas como pessoas caridosas e atenciosas com os frequentadores da CAAI, que as têm em alta estima.

As palestras acontecem nas sextas-feiras, à tarde, desde que a CAAI foi fundada e atinge um público essencialmente de mulheres, jovens e crianças. É o grupo de trabalho mais antigo da instituição. Cada trabalho tem a duração de aproximadamente duas horas.

O funcionamento das atividades começa com a chegada das pessoas na instituição, sendo encaminhadas para o salão onde são proferidas as palestras. É feita uma oração de abertura, pedindo a proteção do plano espiritual para o trabalho daquele dia e para as pessoas ali presentes. Após, a evangelizadora discorre sobre um tema, geralmente em torno de quarenta minutos. Ao final, todas as senhoras se colocam ao redor dos participantes para a aplicação de um passe coletivo⁴. Na seqüência, o grupo fluidifica⁵ a água das jarras que ficam sobre a mesa e dá início à aplicação dos passes individuais, numa outra sala exclusiva para isto. O encerramento é feito com uma oração de agradecimento, após todos os participantes terem recebido o passe. Muitos frequentadores ficam aguardando as integrantes do grupo saírem da sala de passes para uma conversa particular, sendo que, na maioria das vezes, estão em busca de alguma orientação e/ou auxílio material.

⁴ Os médiuns se posicionam em círculo, impostando as mãos sobre a platéia.

⁵ A fluidificação da água se dá através da imposição de mãos sobre as jarras, ocorrendo então, uma transmissão de fluidos energéticos.

Nas palestras deste grupo a evangelização enfoca, principalmente, situações de vida dos moradores do bairro, levando em consideração sua diversidade etária e cultural. Os temas abordados são mais contextuais, referindo-se a fatos ocorridos na própria comunidade ou relacionadas a questões levantadas pelos freqüentadores da CAAI. As palestras são proferidas, principalmente, pela senhora AG que sempre procura associar às mensagens o seu testemunho de vida cristã, citando exemplos pessoais, numa linguagem acessível para o grau de escolaridade dos freqüentadores.

Já as atividades do grupo Fabiano de Cristo acontecem às segundas-feiras à noite, sendo mais voltadas para o público adulto, embora existam algumas crianças acompanhando seus pais. A duração de cada trabalho gira em torno de uma hora e meia. Composto por doze médiuns, de ambos os sexos, o grupo é dirigido pelos senhores E I e M M. Neste trabalho, além da evangelização formal, também são realizadas consultas mediúnicas, com a utilização de recursos homeopáticos.

Um dos médiuns permanece na entrada do salão, recebendo as pessoas que para ali se dirigem, solicitando uma consulta mediúnica. É preenchida uma ficha, contendo dados pessoais do solicitante bem como dos sintomas de que se queixa. Antes da abertura do trabalho, a ficha é encaminhada para a mesa central, a fim de que o médium responsável prescreva, posteriormente, o receituário homeopático. É feita uma oração de abertura, pedindo a proteção do plano espiritual para o trabalho do dia e para os presentes. Após a oração, é aplicada uma técnica de relaxamento. Na seqüência, um dos médiuns faz a leitura de uma passagem do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e um outro médium tece os comentários acerca do que foi lido, adotando uma abordagem das problemáticas humanas de forma mais generalizada. Algumas vezes, o palestrante do dia também refere-se a questões pertinentes à comunidade local. A linguagem utilizada nos discursos varia, de acordo com os evangelizadores; alguns falam de forma mais acessível para a população local. Dando seqüência ao trabalho do grupo, um dos médiuns faz uma oração pelos necessitados, citando instituições que prestam atendimento à população, tais como hospitais, asilos, orfanatos e prisões, além de pedir auxílio para as pessoas que se encontram em aflições e desamparo social. Em seguida, uma médium vidente descreve o ambiente, trazendo alguma mensagem de conforto para os presentes. É então, que o grupo de médiuns dá início à aplicação dos passes individuais, na sala exclusiva para passes.

O encerramento das atividades do grupo acontece com uma mensagem proferida por um médium falante⁶, abordando um tema relacionado aos assuntos tratados naquele dia. É

⁶ São considerados “médiuns falantes” aqueles que falam sob a influência dos espíritos.

feita uma oração final, agradecendo pelo trabalho realizado e cada participante recebe uma flor para levar para casa. As pessoas que solicitaram consulta mediúnica também recebem seus medicamentos e orientação de como utilizá-los.

Em ambos os grupos, os evangelizadores utilizam principalmente o pronome “nós” fazendo colocações tais como “nós escolhemos”, “precisamos”, “devemos”. Algumas vezes constróem frases genéricas como por exemplo, “os homens”, “as pessoas”, “a humanidade”

Os principais temas abordados nas palestras são o relacionamento interpessoal a partir da prática do amor, do perdão, da solidariedade e da caridade. Ainda, enfocam os conceitos da reencarnação, da pluralidade dos mundos e do livre arbítrio para reforçar também a necessidade de tolerância entre os seres.

A seguir, são apresentadas sínteses dos temas explorados nos grupos de trabalho, de acordo com o assunto abordado e com o auxílio de algumas citações dos próprios evangelizadores.

Manifestação de solidariedade

O grupo de evangelizadores enfatiza que o simples fato de dar uma esmola ou um prato de comida, se não for feito com amor, doação e sacrifício, deixa de ser caridade para ser um ato social. Eles ensinam que a caridade deve ser compreendida como o ato que implica em atitude de amor ao próximo e doação de si mesmo, sendo que a recompensa por tais atos não é proveniente do reconhecimento social, mas das dádivas e oportunidades de vida que Deus permite que sejam apresentadas aos homens.

Conforme ensinamentos dos evangelizadores, a caridade é o ato que aproxima as pessoas e é considerada a maior de todas as virtudes do espírito. Ainda que o indivíduo “nada tenha de material para oferecer, basta o (seu) amor, a doação, a compreensão e carinho para que o ato de caridade seja reconhecido como tal”. Esclarecem que a caridade significa a comunhão com Deus, isto é, praticar o bem pelo amor ao Pai. Citando Paulo em uma das passagens do Evangelho sobre este tema, os evangelizadores lembram que “se falarmos a língua dos homens e dos anjos, mas não formos caridosos, nada seremos pois sem a caridade não há salvação”, e acrescentam que o apóstolo refere-se “à caridade das pequenas coisas do nosso dia-a-dia: desde o nosso despertar dentro das nossas famílias, a

paciência com os nossos empregados, com os nossos vizinhos, saber ouvir, saber reconhecer os defeitos das pessoas com quem convivemos”. Ser caridoso, reiteram, “nos faz despertar a consciência para o verdadeiro significado das nossas vidas aqui na Terra”. Alegam que “Jesus, em toda sua majestade e soberania de espírito puro, aceitou essa missão como um gesto de pura caridade” e portanto, que cabe a nós seguir esse exemplo “dentro de casa, dos lares, buscando ouvir sem retrucar com mais grito, sem perder a paciência com as crianças ou os idosos, (pois é assim) que começamos a praticar a verdadeira caridade”.

Manifestação de perdão

Sobre a prática do amor ao próximo e do perdão, os discursos dos evangelizadores reforçam a idéia de que quanto mais a pessoa perseverar no amor e auxiliar seus semelhantes, terá mais leveza de espírito. A doação de si é considerada como caridade pura e o auxílio ao próximo com a caridade do amor é incentivado nas palestras. Segundo os evangelizadores, “só o amor, o pensamento elevado, a auto-doação, as boas atitudes, é que podem liberar essa energia positiva que temos dentro do coração”. Portanto, “se nós muito amarmos, se nos doarmos e fizermos o bem, exercitando o amor, perdoando as pessoas, compreendendo, estaremos liberando nossa energia para o bem”. As mães são orientadas a educar os filhos dentro deste princípio de amor, sendo explicado que se quiserem ter uma família harmoniosa, devem amar, perdoar e compreender os defeitos dos outros. Afirmam que os pais devem amar e ter muita paciência com seus filhos porque, com agressividade, a tendência é piorar os relacionamentos e ensinar às crianças a serem adultos violentos. Ensinam que “se cuidarmos melhor dos nossos filhos eles serão pessoas melhores” e que somente “o amor conserta as coisas ... só o amor disciplina uma criança”. Os pais devem aceitar este desafio porque assim o escolheram antes de reencarnar.

De acordo com os palestrantes, Jesus resumiu todos os mandamentos cristãos em uma só frase: “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Dessa forma, o homem deve buscar libertar-se do egoísmo, da maldade, do apego à matéria, mesmo que isto signifique lutar contra si mesmo. Para livrar-se das pessoas maldosas e não mais sofrer, o homem deve, segundo os evangelizadores, “vibrar em amor, amar mais, compreender mais, servir mais, perdoar mais”. Justificam que, “quanto mais nós vibrarmos em amor, mais ajudaremos nosso marido, nossos filhos, nossos vizinhos” e que, “se formos nos educando a não reagir quando uma pessoa nos ofende, podemos, ao invés disso, ir conversar com essa

pessoa para compreender o que fizemos para ela ... pedir perdão pelas coisas que fizemos e que a magoaram também”. Relatam que Jesus veio ao mundo para ensinar os homens que a agressividade e o medo fazem parte da animalidade do homem em função do seu egoísmo. Quando o homem age com amor, ele nada precisa temer, porque tudo estará ao seu alcance. Os evangelizadores ensinam que é devido à imperfeição dos sentimentos de amor ao próximo que se faz a necessidade da reencarnação milhares de vezes, até que o espírito tenha se aperfeiçoado na caridade pura do amor.

Para os grupos de evangelizadores, “basta amar, perdoar, compreender, aceitar as pessoas como elas são, mas, dando a elas a nossa contribuição, a nossa amizade, respeito e paciência” porque esse tipo de atitude “ensina muito mais do que um revide, uma agressão”. O homem deve “agir com muito amor no coração” e estar certo de que “o nosso dever é agirmos com amor, sermos caridosos”.

Manifestação de tolerância

Os evangelizadores explicam que o sofrimento individual e coletivo pode ser compreendido pelo significado da vida atual do homem, pois “estamos impregnados de toda a nossa vivência anterior”. Ou seja, na medida em que a pessoa comete erros em sua existência terrena, ela compromete suas vidas futuras, podendo optar pelo resgate e expiação das suas faltas, planejando, com o auxílio de espíritos mais elevados, sua reencarnação no mundo material. Desta forma, o homem deve aceitar o sofrimento que escolhe e doar mais de si mesmo uma vez que, de acordo com o que é colocado nas palestras, na “fila da reencarnação nós programamos nossa vida terrena”. Os evangelizadores dizem que é “com o tempo e com o sofrimento que nós vamos adquirindo condições de compreender que, ou nós melhoramos a nossa maneira de ser com a família, com o marido, com os vizinhos, com o patrão, no trânsito, ou nós vamos continuar sofrendo”.

Nas suas afirmações, eles esclarecem que a vida é uma escola da qual todos os homens participam ativamente, podendo usufruir das oportunidades de aprendizagem a vida inteira. Os problemas que surgem, ao longo das suas existências, devem ser encarados pelo homem, como lições, como chamamentos pois, conforme explicam os evangelizadores, “muitas vezes nós estamos dormindo nas nossas ilusões, nos nossos sonhos, o que não leva a nada. Os problemas vêm para nos sacudir e despertar para a realidade da vida”. Na opinião deles,

todos têm problemas, mas não devem se fixar nas dificuldades, procurando apoiar os mais necessitados e agir de forma a elevar a auto-estima dos seus semelhantes.

Pensamentos e atitudes negativas geram energias negativas, ao passo que estudo e reflexão, amor e bondade, geram energias positivas. O espírito só cresce e seu corpo só se eleva se as energias positivas são canalizadas para a prática do bem comum. Os evangelizadores orientam que “para que nós não tenhamos dor e sofrimento, temos que limpar o nosso pensamento, a nossa maneira de agir”, pois acreditam que a maior parte dos problemas dos homens é proveniente do seu pensamento, da sua maneira de agir negativamente. Afirmam, ainda, que a transformação do espírito se dá pela reflexão sobre suas atitudes e, na medida em que reconhece seus erros as pessoas vão se educando e educando aqueles que estão mais próximos delas.

De acordo com o que ensinam, então, “o homem vai ajustando a sua lei, modificando as regras conforme as coisas vão acontecendo e aparecendo para ele. Já os ajustes das leis de Deus se dão por meio das reencarnações (...) Dizemos que as leis de Deus perpetuam-se e são perfeitas, mas as leis dos homens são imperfeitas e vão modificando-se com as sociedades”. Fica claro na evangelização da Casa de Apoio que “o que hoje nos falta, é justamente aquilo que tivemos e não valorizamos”. Sendo assim, para fazer juz àquilo que pede, o homem deve cumprir com os desígnios que ele mesmo escolhe. Ele precisa alargar seus horizontes e enxergar além da matéria, encarando com “serenidade, paciência e humildade os acontecimentos”. Deve, segundo os evangelizadores, “aprender a perdoar, amar e compreender as pessoas, pois as coisas que acontecem estão programadas pela espiritualidade, de acordo com as (suas) necessidades”. Para a humanidade evoluir, é importante compreender que Jesus é o caminho da salvação e que seu Evangelho é o meio da sua elevação.

Nos ensinamentos dos evangelizadores, a meditação sobre as palavras do Evangelho é a melhor maneira para começar um dia de trabalho. O homem deve reconhecer seus vícios e defeitos, pois só pode lutar contra aquilo que identifica e esse combate é a verdadeira luta do bem e do mal. Se sua atitude se restringir a lamentações, então, conforme afirmam os evangelizadores, “os tormentos continuarão e nós nada aprenderemos ou aprimoraremos apesar do sofrimento”. Eles ensinam que “Deus não quer e não faz o mal. Nós, espíritos involuídos, é que fazemos opção pelo mal (por isso) a finalidade do existir está restrita a esta palavra: o Bem”. As dificuldades do dia-a-dia decorrem da natureza evolutiva do espírito, sendo que, de acordo com a citação que os evangelizadores fazem da página 94 do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (Kardec, 1996), “o fardo é proporcional às forças, como

a recompensa será proporcional à resignação e à coragem. A recompensa será tanto mais esplendente, quanto mais penosa tiver sido a aflição”. Assim, se o homem souber sofrer, se não se posicionar com indignação, mas sim com perseverança para enfrentar suas dificuldades, terá sempre o apoio do seu anjo da guarda. É preciso tolerância e paciência. Mas se ao contrário, ficar desanimado e rancoroso não irá evoluir espiritualmente. Os evangelizadores esclarecem que o objetivo da reencarnação do espírito é a sua libertação para que ele possa viver “uma existência onde o amor é pleno, é a razão, a vida, o existir. Não há outra razão para se viver”. Na opinião deles, o homem só poderá vencer sua luta contra o mal na medida em que orar e vigiar, procurando se afastar da análise do outro e buscando reparar seus próprios defeitos. Por isso ele é dotado do livre arbítrio.

A libertação do homem, segundo os evangelizadores, segue planos distintos, ainda que entrelaçados, em função dos resgates coletivos. No dizer deles, podemos “decidir o que fazer de nossas vidas e sobre a nossa maneira de agir e pensar”. Dessa forma, o homem é totalmente responsável pelas suas atitudes e pelas situações em que se coloca, devendo tirar total proveito das suas experiências, a fim de crescer e aprender. Conforme ensinam os evangelizadores, “quando nós nos tornamos seres humanos, nós já temos inteligência para pensar, para discernir e escolher o que nós gostamos e não gostamos”. Sendo assim, o homem já tem uma consciência que dá a ele a diretriz, orientando como agir com seus semelhantes. Perseverando na fé, no amor, na prática do Evangelho de Cristo e na dedicação ao próximo, os evangelizadores afirmam que o homem conseguirá libertar-se dos maus pensamentos. De acordo com o que eles afirmam, “nós escolhemos nossa maneira de agir e pensar”, é quando então, através de reflexão, o homem pode chegar à conclusão de que a libertação dos seus vícios, tais como o egoísmo e a vaidade, o faz crescer moral e espiritualmente, ao mesmo tempo em que dá a ele a oportunidade de ajudar seus semelhantes, sendo tolerante. Nas palavras dos evangelizadores, “o que a gente aprende, tem que divulgar e espalhar, porque Deus nos deu de graça” portanto, através de suas próprias experiências e testemunho de vida, as pessoas podem “educar seus vizinhos, seus filhos e ajudar seus cônjuges”. A busca da felicidade consiste, para eles, na conquista da leveza de espírito e isso só é possível através das atitudes das pessoas. Assim, pode-se dizer que quanto mais uma pessoa tiver consciência das suas falhas, quanto maior for o seu entendimento, maior será o seu compromisso com a sua transformação, da mesma forma que será provida de melhores condições para aprimorar-se e superar as dificuldades do cotidiano.

Os evangelizadores ensinam que “devemos ouvir nossa consciência para nos aproximar da Lei de Cristo” e que “a oração é o alimento da alma”, sendo a Fé “a âncora que nos alicerça”. Eles propõem, então, que é pela associação da reflexão profunda, da oração e da Fé que o homem conseguirá dar o melhor de si, vencer todos os obstáculos, aprimorar-se e contribuir para o crescimento daqueles que o cercam. Na opinião deles, o homem deve agir com liberdade e responsabilidade, combater a ignorância e o fanatismo, respeitar o pensamento e a maneira de ser dos seus semelhantes, levando a eles a palavra do Evangelho, encorajando-os a perseverar nos compromissos cristãos, a praticar o bem e a cultivar as virtudes como sua opção de vida. De acordo com o grupo, a moral cívica nada mais é senão um corolário da moral cristã. É, portanto, necessário que “adotemos em todas as nossas atitudes, postura semelhante àquela que vem do Alto”. Por isso que, segundo os evangelizadores, “quando nos dispomos a nos encontrarmos espiritualmente, nós iniciamos esse encontro através da reciclagem dos nossos pensamentos”. Assim, como tudo depende das atitudes e pensamentos do próprio homem, ele deve fazer por merecer aquilo que recebe. Relatam os evangelizadores que “nós aspiramos por liberdade e queremos ser felizes, mas temos que entender que a liberdade requer responsabilidade. Cada um faz o que quer porque nós não temos uma ordem de Deus para viver dessa ou daquela maneira”. Para eles, Deus permite que o homem faça sua própria opção de vida e, portanto, deve estar sempre pronto para fazer um exame de consciência para avaliar o que é certo e o que é errado, tendo sempre como referência os valores do Evangelho de Cristo.

Princípios difundidos pela instituição presentes no discurso das entrevistadas

A seguir, respeitando a inter-relação das categorias já mencionadas, são apresentadas e discutidas as afirmações das frequentadoras da CAAI, buscando-se explicitar a coerência entre os valores difundidos e o modo como ocorre o convívio familiar e social na localidade.

No que se refere aos moradores do local, as entrevistadas informam que a convivência na comunidade é frequentemente conturbada. Este fenômeno decorre do fato de o bairro ser formado por famílias que possuem melhores condições de moradia e, outras, que construíram suas casas à margem do rio, em situação legalmente irregular. Ao se referirem às pessoas do primeiro grupo, geralmente a expressão utilizada é “as pessoas lá de baixo”. Já os incluídos no segundo grupo são chamados de “as pessoas da beira-rio”, ou ainda, “o pessoal da favela”. Um exemplo disto pode ser verificado nas opiniões expressas por algumas entrevistadas:

“As pessoas que moram na beira-rio estão com dificuldade, mas a gente vê que elas evoluíram, que elas cresceram, que algumas casas estão melhores. Tem gente que aprendeu a crescer junto com o bairro.” (entrevistada 1)

“Eu me dou muito com os meus parentes, agora também com os meus vizinhos; eu me dou com as pessoas lá de baixo. Elas dão conselhos para mim, sobre os meus piás e elas também vão na Casa de Apoio e a gente faz tricô juntas; sou bastante amiga delas.”(entrevistada 7)

Verifica-se, no discurso das entrevistadas, que essa cisão repercute nas relações de vizinhança, uma vez que as interações são influenciadas pela representação social que as pessoas do primeiro grupo têm em relação às do segundo. Porém, observa-se um movimento no sentido de superar as diferenças:

“Um dia as pessoas acham que o bairro é bom e está evoluindo. No outro, que a favela está estragando o bairro. Então, nada é do agrado. E a gente não pode viver sem essas pessoas (as do segundo grupo) que conhecemos e convivemos há tanto tempo.” (entrevistada 1)

Apesar de haver um tratamento diferenciado entre as pessoas, em função de suas condições de habitação, parece existir uma unanimidade de opiniões entre os dois grupos no que se refere à violência no bairro. Além dos problemas que envolvem o uso e comércio de drogas, as entrevistadas ainda apontam para a existência de intrigas e “fofocas” entre os moradores, como se verifica a seguir:

“Em vista do que era, o bairro hoje está ótimo ... As pessoas que não prestavam foram se matando⁷ e hoje não tem tanto marginal. Mas a gente ainda tem o problema das drogas. Tem pessoas que vendem droga aqui e daí o que acontece é que os filhos da gente, adolescentes como o meu filho, acabam ficando viciados também.” (entrevistada 4)

“Claro que hoje está bem melhor, a ajuda é melhor ... é um bairro bom, só que é muito violento. Tem muito marginal, maconheiro, por aqui e à noite fazem muita bagunça. A gente não consegue dormir direito.” (entrevistada 6)

⁷ Nos últimos 10 anos houve dois assassinatos entre os moradores do segundo grupo, decorrentes de disputas entre traficantes de drogas.

“Eu acho que as pessoas aqui têm muita desunião. Eu acho que as pessoas deveriam ser mais unidas. Tem muita fofoca, muita briga, rola muita droga, muita coisa, muito álcool.” (entrevistada 9)

Existem, entretanto, aqueles que consideram o bairro um ótimo lugar para morar e consideram estes problemas como uma parte superável das dificuldades a serem enfrentadas no dia-a-dia. O fato de conhecerem e cultivarem amizade com os vizinhos torna-se motivo de satisfação e confiança na segurança dos filhos:

“Aqui é um bairro tranqüilo porque todo mundo se conhece, então, não tem perigo de acontecer essas coisas. Eu tenho amizade aí de anos e gosto das pessoas aqui e gosto do bairro. Por isso que tantas vezes fui embora e voltei. Não tem perigo de você mandar teu filho ali na escola.” (entrevistada 8)

As relações de vizinhança, por um lado, parecem pautadas no sentimento de tolerância, embora existam alguns desentendimentos. Na opinião das entrevistadas, o principal fator desencadeador das brigas é o hábito da “fofoca”. Algumas pessoas, porém, conseguem superar isto aceitando e tolerando o comportamento dos outros. Apesar de serem vítimas de comentários de terceiros, elas agem de forma a ignorar a situação, justificando o fato:

“... mas as pessoas já falam, só que a gente escuta por um ouvido e solta por outro, nem dá mais atenção; deixe que fale o que tiver que falar.” (entrevistada 5)

“... Ela (a vizinha) acha que eu sou isso, mas eu nem ligo porque, como diz a Dona A., eles precisam muito mais de ajuda do que eu.” (entrevistada 3)

“Eu até me dou bem com meus vizinhos. Tem só uma pessoa aqui no bairro que eu não me dou, que a gente não conversa, mas eu não tenho mágoa, não tenho nada contra ela. Até, muitas vezes já me magoaram ... quantas vezes me disseram as coisas, mas eu não sou daquelas pessoas que guardam mágoa, rancor. Eu não posso me queixar por dentro de mim porque eu entendo que, quando a pessoa está nervosa, a pessoa diz as coisas sem sentir...” (entrevistada 9)

“São pessoas boas. Tem os ignorantes, mas isso todo lugar tem. A gente precisa passar por cima disso e não levar em conta.” (entrevistada 8)

A compreensão do outro, a partir da sua história de vida, parece possibilitar um encadeamento de idéias capaz de alterar as representações sobre a vida na comunidade. Na medida em que as pessoas compreendem melhor sua situação e a condição de vida de que dispõem, conseguem também criar uma consciência de si e de grupo, percebendo como as ações individuais interferem na coletividade. Uma das entrevistadas fala sobre isso:

“Tem moradores que são relaxados. Isso prejudica a gente também ... uma favela não é o bairro; é o povo que faz a favela, porque se o povo arrumar sua casinha direitinho, conservar limpo, as crianças limpas, fica tudo bonito ... tem pessoas que são ignorantes de pai e mãe; são analfabetos mesmo, não sabem ler nem escrever porque a mãe já não sabia então, ela cresce assim e passa para o filho. Hoje só não acontece muito isso porque com o Conselho Tutelar que está em cima das pessoas e, inclusive, com a Dona A., que está sempre vindo aqui para baixo exigindo que as mães mandem as crianças à aula, os pais estão pondo as crianças na escola direitinho.” (entrevistada 4)

No que diz respeito à solidariedade e caridade, o conteúdo das entrevistas permite dizer que as relações de vizinhança estão, em muitos momentos, permeadas de ações voltadas para o bem-estar do grupo. Parece existir uma preocupação direcionada para o atendimento das necessidades comuns, seja materialmente ou psicoafetivamente, além de constatar que este comportamento também é adotado por outras pessoas da comunidade:

“Eu vou na reunião (do Conselho Local de Saúde) e convido o pessoal, mas eles não vão, então, eu chamo todo mundo aqui na frente de casa, subo num banquinho e explico tudo o que aconteceu na reunião, porque se não, um fala uma coisa, o outro fala outra e fica aquela confusão ... Aqui do lado tem a M., que eu adoro; ela é uma pessoa que se a gente precisar de uma passada de café e ela tiver só uma, pois ela faz meio e dá meio para gente ... ela é uma pessoa que não merece que chegue falando grosso com ela ... Às vezes até ela bebe - não é sempre - e a nora e os filhos perdem a paciência com ela, querem socá-la na cama e a derrubam ... Daí ela me chama: ‘R., vem aqui que eles querem me

hater' e eu vou lá e não deixo ninguém encostar nela. Ponho ela na cama e tudo. Eu adoro a M.; ela é gente boa.” (entrevistada 4)

“Um dia eu disse para ela (a vizinha) que na próxima vez que a Dona A. começar a distribuir cesta básica eu vou dizer para ela dar uma para essa mulher.” (entrevistada 2)

“Mas vizinhos, eu tenho vários. Se precisarem de mim eu ajudo, vou na casa deles, procuro conversar e eles também me procuram.” (entrevistada 1)

“... de vizinha tem a C., que eu gosto muito dela. Ela me ouve e tem coisas que eu sei que também sou errada e ela até conversa comigo ... Então, nós trocamos idéias; é até bom para nós.” (entrevistada 6)

Apesar dos relatos de violência e “fofocas”, pode-se extrair das falas de algumas entrevistadas, trechos que fazem referências à prática do perdão e da humildade, em que procuram relevar as atitudes de terceiros, buscando a reconciliação com o próximo:

“Às vezes estão brigando (os vizinhos) lá e vem me chamar para ir separar, para conversar com a pessoa. Eu sempre vou e ajudo no que puder, mas nem todas gostam de mim. Tem algumas pessoas que não me suportam, mas eu tenho amizade com elas.” (entrevistada 4)

“Se eu for falar para você da A., eu mesma vou e falo para ela antes. Eu sou assim e não vou mudar. Mas também, se eu falo alguma coisa que a pessoa até mereceu ouvir, ela mesma vem depois e me diz: ‘olha C., você estava certa, você falou para o meu bem’ ... Às vezes, as coisas que a pessoa fala machucam, mas a gente tem que ouvir porque é isso que faz a gente aprender. Se a gente cai, tem que levantar e aprender. Não pode só querer chamar a atenção, também tem que saber ouvir... ”. (entrevistada 6)

As entrevistadas fizeram uma retrospectiva das relações familiares e apontaram que, embora ainda existam desavenças dentro do lar, na maioria deles o ambiente deixou de ser hostil e as pessoas adotaram uma atitude de maior tolerância, procurando respeitar o jeito de ser das pessoas com quem convivem, mesmo sendo contrário às suas expectativas. As situações de dificuldade, segundo algumas entrevistadas, são enfrentadas em conjunto com os demais familiares, aproximando as pessoas na busca do bem estar comum. Elas sugerem maior compreensão do comportamento dos outros e reconhecem que alguns membros da

família melhoraram de atitude. Ao longo de cinco anos, indicam mudanças comportamentais significativas, embora, em alguns casos, as condições materiais e sociais continuem as mesmas. Os relatos seguintes ilustram a opinião delas acerca deste assunto e indicam como as entrevistadas assumiram uma nova forma de encarar suas dificuldades, dando inclusive, sugestões sobre como as pessoas deveriam agir para uma melhor convivência familiar.

“Hoje eu acho que (a relação familiar) é melhor que a cinco anos atrás. Eu não preciso ter medo, posso falar o que eu quero. Já sei que, quando ele (o marido) chega bêbado não posso responder, que tenho que deixar ele ficar falando o que quiser e sem ficar discutindo. Eu aprendi a conviver com isso. Hoje não faz mais diferença se ele vai dizer uma palavra que me ofenda; deixo para o outro dia. No outro dia ele vai estar melhor e aí a gente vai conversar. A gente é unido, mas não totalmente.” (entrevistada 1)

“Meu marido também vive brigando com as crianças; ele é alcoólatra, é nervoso demais e ele implica com tudo o que está se passando. Mas melhorou um pouco; antes tinha muito mais brigas em casa. Ele parou de invocar com os piás, com a menina, melhorou um pouco mais.” (entrevistada 5)

“Meu marido ficava na farra ... era aqueles homens respondão, bruto. Meus filhos também eram ... Era difícil, nossa, difícil mesmo ... mas, graças a Deus, de cinco anos para cá foi mudando, devagar foi mudando. Eu fui conversando com eles e, graças a Deus, hoje mudou ... Eu penso que ela (a irmã) teria que mudar o jeito de ser ... Eu acho que ela teria que mudar, procurar uma religião, procurar ouvir as pessoas, porque ouvir também é bom ... Eu também não tenho religião, mas eu sei que Deus existe e eu tenho mais calma, eu sei ouvir as pessoas mesmo que me machuque. Eu queria que ela fosse mais calma, principalmente com as crianças. É em casa que começa, depois lá fora. Se eu tenho consciência em casa, lá fora não vou ficar fazendo errado.” (entrevistada 6)

“Ele (o marido) dá muito conselho para os guris e eu também aceito os conselhos que ele dá ... sempre é bom o conselho do pai ... E agora os piás estão respeitando ele. Em vista do que os piás eram, estão bem melhor.” (entrevistada 7)

“Problemas existem todos os dias; sempre surge um diferente do outro, mas isso a gente tem que saber como enfrentar. Tem que ter calma, paciência, que é uma coisa que eu venho há uns 3 anos tentando. Aprendi bastante a desenvolver a paciência porque antes eu não tinha. Se faltava alguma coisa dentro de casa eu explodia, eu xingava, eu cobrava ... agora não ... Eu falei para ele (o marido) esses dias que tudo passa, menos a gente. Por isso, tem que ter paz dentro de casa. Acho que isso é o mais importante. Se você enfrenta um problema e não tem paz, começa a ficar nervoso, a discutir, e a gente acaba brigando e faz burrada. Então, a gente procura se agüentar, se segura o máximo que pode, não briga e não discute.” (entrevistada 8)

“Minha vida era um inferno puro, eu não gosto nem de lembrar. Era um horror porque o Z. bebia e chegava em casa, me batia, maltratava as crianças ... mas, a convivência está melhorando muito hoje, está melhorando bastante...” (entrevistada 9)

Na opinião das entrevistadas, seus familiares têm, em geral, uma percepção positiva em relação a elas. Algumas, porém, são criticadas por suas decisões e atitudes de benevolência e preocupação com os membros da família, mas compreendem as colocações dirigidas a elas sem atribuir um valor depreciativo às pessoas. Uma das entrevistadas, por exemplo, explicou que seu marido sempre foi mal quisto por seus irmãos e mãe, por ser viciado em drogas, mas que, sendo um ótimo pai para seus filhos, ela consegue superar este problema sem se voltar contra ele, nem contra a família. Apesar de admitir que sua família tinha razão em muitas coisas, ela procura ressaltar as virtudes do marido e entender suas dificuldades em relação à drogadição, buscando ainda atribuir um sentido positivo para o casamento. Outra entrevistada relatou que a família, inicialmente, mostrava-se indignada diante do fato de ela ter tido duas filhas com o namorado, deixando-se levar pela expectativa de que ele iria acabar morando com ela. Hoje, ela cuida das filhas sozinha mas, conseguiu conquistar o respeito da família novamente. Reconhece, agora, que os conselhos dados a ela eram procedentes e busca, a pedido da mãe, orientar suas filhas para que estejam mais preparadas para o futuro. Estes exemplos indicam que as pessoas procuram adotar uma postura conciliatória diante das dificuldades, a fim de solucionar as desavenças dentro da família, assumindo suas escolhas – mesmo que erradas do ponto de vista dos familiares – e pautando suas ações com resignação. Nos relatos seguintes, é possível observar atitudes de compreensão sobre as relações com as pessoas e algumas manifestações de tolerância.

“Meu pai, por exemplo, é muito difícil e não deixa a gente limpar a casa dele ... Se é mania dele, eu tenho que aceitar do jeito que ele é. E as minhas irmãs não aceitam.” (entrevistada 2)

“Eu sei que eu tenho alguma coisa para mudar e ela (a irmã) sempre me diz. Se vê alguma coisa errada ela me diz e eu digo para ela e nós não brigamos.” (entrevistada 6)

“De uns anos para cá é que a gente amadureceu bastante. Antes ele (o marido) não pensava assim, mas acho que agora ele dá mais valor para mim, dá mais atenção, compreende mais. A gente conversa mais, dialoga mais. Antigamente a gente não se conversava tanto e não se entendia tanto assim.” (entrevistada 8)

“Eu acho que ele (o marido) não deve pensar coisa ruim não, deve pensar só coisa boa porque eu sempre fiz de tudo para não ter aquilo de estar discutindo, estar brigando.” (entrevistada 9)

As entrevistadas também manifestaram suas opiniões a respeito delas mesmas. É interessante observar que a percepção de si é, para muitas, convergente com a representação que as outras pessoas (familiares e vizinhos) têm delas. Foi possível constatar, ainda, que as entrevistadas notam mudanças significativas na sua maneira de ser, trazendo como foco principal o sentimento de que hoje se encontram muito mais tolerantes e pacientes, diante das dificuldades do dia-a-dia e das ações de outras pessoas em relação a elas. Na opinião delas, isto ocorre em função das reflexões que fazem sobre o conteúdo transmitido pelos evangelizadores na CAAI. Algumas contaram que eram bastante nervosas com os filhos, com o marido, chegando a tratá-los de forma agressiva. Eram pessoas dispostas a brigar por qualquer coisa, fazendo “fofoca” sobre a vida dos vizinhos e sem parar para refletir sobre a situação. Uma das entrevistadas relatou que era muito revoltada com a família e que, aos poucos, foi compreendendo e aceitando os defeitos dos seus familiares, admitindo seus próprios erros e procurando corrigir-se.

Constata-se que várias entrevistadas reconhecem ter aprendido a lidar com as pessoas com mais respeito e aceitação e a enfrentar os problemas com moderação, buscando praticar os ensinamentos oriundos das palestras de evangelização. Elas contaram, ainda, que as relações familiares foram positivamente influenciadas com isto, uma vez que as informações

dadas pelos evangelizadores são absorvidas por elas, acabam sendo retransmitidas no lar, orientando o comportamento dos filhos e do marido:

“Eu era terrível. Agora eu sou uma pessoa super calma. Sei lidar com os problemas ... sempre dou meu jeitinho para não ter encrenca. Mas antigamente não; qualquer coisinha já era briga ... Não era calma como sou hoje ... Tudo que eu escuto eu passo para eles, passo para o meu marido também ... Tem muitas coisas importantes que eu sempre falo para eles, como por exemplo ‘nunca faça para os outros o que vocês não querem que os outros façam para você’. Eu acho importante eles já saberem isso desde já. Então, são coisas assim que eu passo para eles e vou conversando, explicando, passando para eles, então, eu acho que eles também mudaram bastante. As crianças já se acostumaram a isso. Eu sempre levo eles na Casa de Apoio e eles gostam de tomar passe, gostam de rezar. Antes já não era assim; nem rezar, não rezavam ... Agora eles fazem orações e quando a coisa está meio preta, eles mesmo fazem as orações deles, de noite.”
(entrevistada 8)

É possível dizer, a partir do relato seguinte, que as mensagens dos evangelizadores passaram a ser parte integrante da vida das pessoas, servindo como estímulo para questionamentos sobre seu comportamento. As entrevistadas falam a respeito de como ocorre o processo de reflexão sobre o que é falado nas palestras de evangelização e sua repercussão no dia-a-dia delas.

“Antes eu também era mais ruinzinha; não me acertava com ninguém. Eu era mais nervosinha ... Eu sou mais nervosa do que antes, mas não sou mais agressiva, não brigo nem xingo os outros; agora eu guardo só para mim ... Eu fui ficando melhor para os meus vizinhos; já não era aquela fofoqueira de sempre, que aumenta as coisas ... Quando a gente escuta essas palestras e faz qualquer coisinha, a gente já fica pensando: ‘ah, mas eu fiz isso errado, fiz aquilo’. Às vezes, de noite, minha cabeça fica pensando naquilo.
Penso em mudar.” (entrevistada 5)

“Tem também o Evangelho que a gente escuta bem o que se fala, as mensagens. Eu não consigo colocar tudo na cabeça ... quando eu vou fazer algum ato, vem aquela coisa que foi falada e que leram e eu digo: ‘é errado isso que estou

fazendo. Se eu escutei uma palavra é porque eu tenho que responder àquilo, seja de uma forma ou de outra, com uma atividade diferente. Eu tenho que pôr em prática, não é só ir levando, levando. Se alguém me falou alguma coisa séria, eu tenho que fazer alguma coisa séria” (entrevistada 1)

Considerada pela comunidade local como uma pessoa que luta pelos direitos dos moradores e procura proteger os vizinhos indefesos nas situações de briga e de fragilidade, uma das entrevistadas comentou que para ela era bastante difícil não retrucar as ofensas causadas pelos outros. Há alguns anos atrás ela morava num outro bairro, em melhores condições materiais, mas acabou tendo que se desfazer dos seus bens e mudar-se com a família para aquela área de ocupação. Na sua opinião, ela era uma pessoa de difícil relacionamento e acredita estar morando ali como consequência disto. Porém, reitera que vem melhorando seu jeito de ser a partir das reflexões sobre as coisas que ouve na CAAI:

“Eu aprendi muito e acho que eu estou morando na favela, estou nessa situação, porque eu mereço, porque eu sempre fui assim, meio ruim ... Quando eu comecei participar da Dona A. ali, eu comecei a ficar melhor. De 10 palavras que falam ali, pelo menos uma entra porque é falado anos e anos ... pelo menos uma, duas coisas entra na cabeça da gente. A gente pára para pensar ... Então, eu fui ficando mais melhor, mais tolerante com as pessoas.

Tem casos

em que eu chego até a pensar antes de falar e aí, acabo ficando quieta.” (entrevistada 4)

De acordo com o que foi relatado pelas entrevistadas, as pessoas encontram na Casa de Apoio, um referencial que norteia seu comportamento. Muitas vezes elas vão buscar ajuda material e outras tantas, procuram uma palavra de conforto, uma orientação psicoafetiva e espiritual e acabam mudando de atitude. Para uma das entrevistadas, a CAAI, como o próprio nome diz, significa uma casa de apoio que ajuda as pessoas seja com as palestras, seja com os cursos profissionalizantes, ou ainda por meio de distribuição de alimentos. Porém, notou que a Casa de Apoio era muito procurada por pessoas interessadas principalmente na ajuda material, sendo este um ponto de comentário entre os próprios moradores da comunidade. Esta mesma participante explicou que:

“Tem muita gente que criticou a Casa dizendo que teve uma época que só davam as coisas e não ajudavam as pessoas a ir para frente ... Agora está mudando. Ela (Dona A.) continua sendo aquela pessoa caridosa de sempre, mas já não se faz mais aquela coisa de dar sem investigar se a pessoa está precisando mesmo ... Hoje está diferente e as pessoas estão aprendendo.” (entrevistada 1)

Apesar das entrevistadas terem observado a relevância da ajuda material para alguns frequentadores, nenhuma delas deixou de apontar a importância das palestras de evangelização e das orientações oferecidas pelos evangelizadores para as pessoas que procuram a instituição em condições de privação afetiva. Elas consideram a Casa de Apoio essencial para o contexto em que estão inseridas e acreditam que as pessoas deveriam aproveitar melhor o que é falado pelos evangelizadores. Isto é possível ser identificado nos relatos abaixo:

“Você já deve ter percebido que eu vivo mais lá do que na minha casa. Eu não sei o que iria ser da minha vida se não existisse aquela Casa de Apoio ali. Tudo o que a gente precisa para desabafar é ali. Eu cansei de sair da minha casa arrasada e ir para lá buscar apoio.” (entrevistada 4)

“... eu acho que, quem não vai ali é porque não quer aprender, porque lá tem tantas oportunidades. Eu acho que tanto as pessoas que moram na beira-rio como as que moram aqui embaixo precisam da Casa de Apoio porque tudo o que eles fazem é uma ajuda para a gente ...” (entrevistada 2)

“É muito bom. Tem os cursos que são importantes para a gente aprender e tem as palestras também. Para mim a Casa de Apoio serve para nunca esquecer o que a gente faz hoje ... A Dona A. sempre fala que temos que ser bons e a gente esquece disso aí ... a gente vai ali, escuta o que ela fala e já vem mais calma para a nossa casa.” (entrevistada 5)

“Eu adoro as palestras dali, eu fico muito à vontade quando eu vou nos cursos e nas palestras. Eu gosto quando a Dona A. dá conselho para as mães sobre os filhos. Aquilo ali vai aliviando a gente. Às vezes, a gente está com o corpo pesado, e quando ouve o que ela fala, vai aliviando muito; é muito bom. Às vezes, quando eu estou muito revoltada, nervosa, eu tomo um passe e isso já me acalma.” (entrevistada 7)

Nas entrevistas, as participantes também falaram sobre seus sentimentos em relação aos frequentadores da CAAI, sugerindo que as pessoas deveriam se envolver mais com o desenvolvimento do bairro, assumindo efetivamente a responsabilidade deste processo e o compromisso com o progresso da comunidade. Elas concluem que as palestras são uma oportunidade de crescimento, mas torna-se necessário que as pessoas tenham interesse em aprender, caso contrário, não se conscientizam das ações essenciais para ajudar o próximo e melhorar o próprio bairro. Observa-se nas respostas delas uma certa crítica em relação às pessoas que frequentam a CAAI interessadas apenas em receber algum bem material ou que depositam na instituição toda a responsabilidade pela melhoria da sua condição de vida. As entrevistadas chamaram atenção para o fato de que é fundamental que cada indivíduo apoie suas ações nos sentimentos de bondade e benevolência, visando o bem estar daqueles com quem convivem de forma mais solidária. Os trechos a seguir confirmam estas colocações.

“A religião também é muito importante para muita gente ali (refere-se aos moradores da margem do rio). Com as palestras que a gente ouve a gente aprende bastante. Se a gente for com intenção de aprender, a gente aprende, mas se for com outra intenção, você acaba passando.” (entrevistada 8)

“Eu acho bom (as atividades da CAAI). Tudo o que é oferecido ali é bom porque a gente aproveita bastante; a gente aprende e pode usar o que aprendeu ali para nós mesmos. Só não entra ali, só não aprende as coisas quem não quer ... Os objetivos são sempre de melhorar a Casa e melhorar o bairro também ... gente mesmo que vai ali é que tem que fazer alguma coisa para melhorar o bairro ... Porque não pode ser só a Casa de Apoio fazer tudo e a gente não ter consciência para ajudar o nosso bairro ... Assim não vai para frente mesmo.” (entrevistada 3)

“... a gente aprende muito, muito mesmo. Desde que eu conheci a Dona A., que eu comecei a frequentar a Casa de Apoio, só tenho melhorado. Só o que estraga são as pessoas que se aproveitam da bondade dos outros ... Eu quero dizer o seguinte: a ajuda não tem que estar lá dentro da Casa de Apoio; quem ajuda é a gente mesmo que frequenta, então, não pode ficar querendo aproveitar da situação.” (entrevistada 6)

Na opinião das entrevistadas, a CAAI vem prestando grande ajuda aos seus frequentadores. Ao longo dos anos, muitas pessoas foram melhorando sua condição

psicoafetiva com a ajuda das palestras de evangelização e das orientações dadas, individualmente, pelos voluntários. Nos relatos obtidos, elas contaram várias situações, dando exemplos de vizinhas ou de pessoas conhecidas que tinham um determinado tipo de dificuldade e que, após terem começado a frequentar a instituição, passaram a apresentar um temperamento mais calmo. Elas observaram, inclusive, que ao conquistarem maior equilíbrio emocional, os frequentadores que tinham problemas de ordem orgânica também foram recuperando o bem-estar físico.

Mesmo não seguindo a religião espírita, muitas pessoas participam das palestras de evangelização na CAAI. As entrevistadas revelaram que existem vários frequentadores provenientes de outras religiões, mas que todos dizem beneficiar-se dos ensinamentos transmitidos pelos evangelizadores dali. O ponto que mais chama a atenção das entrevistadas é o fato de muitas pessoas terem deixado de ser egoístas, adotando uma postura mais solidária no trato com os vizinhos e familiares. Elas citaram diversos casos, exemplificando as mudanças por elas observadas.

Uma das entrevistadas informou que mora no bairro desde que nasceu. Sua mãe, embora católica, costumava frequentar a CAAI e a levava junto às palestras da Dona A.. Ela contou que também chegou a participar das atividades da escolinha de evangelização infante-juvenil e que aprendeu muitas coisas ali. Tendo gostado da experiência, ela incentiva as filhas a participarem desta escolinha, percebendo, inclusive, que elas substituíram o comportamento agressivo e “birrento” por atitudes de maior questionamento sobre as situações experimentadas no lar, melhorando o relacionamento entre elas.

Alguns exemplos de pessoas que tinham problemas “dos nervos” foram citados pelas entrevistadas. Elas contaram que estas frequentadoras tinham muitas dificuldades de relacionamento interpessoal (relação com os vizinhos e familiares), mas que, a partir dos ensinamentos promovidos pelas palestras, estas pessoas foram se modificando e melhorando suas atitudes com os outros. Umhas estão mais calmas, outras não brigam tanto quanto antes. Segundo informaram as entrevistadas, algumas pessoas melhoraram tanto que hoje já servem de conselheiras para aquelas vizinhas que ainda estão com dificuldades. Sempre que alguém precisa de ajuda, elas mesmas procuram visitar essa vizinha, levando uma palavra de conforto e dando alguma orientação. Casais que antes brigavam de forma violenta, hoje estão, de acordo com os relatos, vivendo com mais harmonia. Na sequência estão apresentados alguns dos relatos que enfocam todas estas questões.

“Tem vizinho que era egoísta e que começaram ir na Casa de Apoio e ali eles mudaram bastante. Tem muita gente que mudou depois que foi na Casa de

Apoio e que agora estão melhorando; não estão sendo mais egoísta ... Tem muita gente que precisa de ajuda mais mesmo é de ajuda espiritual. Tem uma vizinha que entende mais do assunto espiritual vai lá e conversa com a outra e ela já melhora bastante. Melhora a vida, melhora o jeito da gente viver dentro de casa, melhora bastante coisas. Antes de existir a Casa de Apoio, o bairro era cheio de gente egoísta, cheio de gente mal-intencionada, depois que surgiu a Casa está melhor; não tem mais tanta gente egoísta, não tem mais tanta gente que pensa negativo.” (entrevistada 3)

“Conheço bastante gente que melhorou depois que começou a ir lá. A J., por exemplo, mudou um pouco o comportamento também. Ela era muito encrenqueira. A gente sempre ouve alguma falando que era assim e não é mais;

falam da palestra, se gabam da palestra, que gostam e que acham falta.” (entrevistada 5)

“Essa Casa de Apoio ajudou bastante. Ajudou não, ajuda muito ... É lógico que também você não pode dizer que é dando as coisas que se ajuda. Não. Ajudar é conversar com as pessoas também e aqui tem ajuda em tudo ... Tem pessoas ali que era tão difícil até para conversar, que eu não entendia mesmo, que parecia que não tinha mais conserto e, hoje, ainda é rebelde mas já mudou bastante.” (entrevistada 6)

“Eu acho que tem influência da religião, das palestras. Eu acho que é isso que mais chama a atenção do povo e também, a ajuda que a Casa dá para as pessoas porque que isso, você sabe que é importante para eles aqui ... Mas as palestras são mais importante porque tinha pessoas que antigamente eram pessoas grossas, pessoas totalmente ignorantes. Hoje em dia se você vê, elas melhoraram bastante, por influência dessas palestras. Eu acho que a pessoa vai lá e é impossível ela não guardar nenhuma daquelas palavras, nenhuma daquelas coisas. É impossível que não marcam a pessoa; eu acho que guarda, então, aquilo mexe com a tua consciência. Aquilo faz parte.” (entrevistada 8)

Conforme os depoimentos registrados, o conteúdo das palestras contribui para que as pessoas sejam mais pacientes, mais tolerantes e caridosas, melhorando o relacionamento

interpessoal. Uma das entrevistadas comentou que as palestras tocam as pessoas profundamente e, por isto, as pessoas acabam voltando para participar das evangelizações. Elas percebem, entretanto, que algumas pessoas não conseguem absorver os ensinamentos das palestras, pois têm atitudes contrárias ao que é incentivado pelos evangelizadores. Ao observarem isto, várias entrevistadas disseram que procuram refletir sobre seus erros e tentam corrigir-se. Embora admitam não terem conseguido resolver cem por cento das suas dificuldades, nem corrigir cem por cento dos seus defeitos, elas afirmaram que já superaram muitas situações, adotando valores e atitudes, em consonância com o que aprenderam nas palestras oferecidas pela CAAI.

Reforçaram, ainda, que este processo de transformação, embora lento, não é de exclusividade das pessoas que participam diretamente das palestras, uma vez que estas compartilham os ensinamentos com os demais familiares e vizinhos, contribuindo para o crescimento da comunidade como um todo, conforme relatado a seguir.

“... se a minha vida mudou, foi graças à Casa de Apoio, porque eu aprendi, eu passei para o meu marido, passei para os meus filhos e passo para os meus vizinhos e assim nós vamos. Um vai passando para o outro e vai modificando e vai melhorando o bairro e as pessoas. E a gente precisa, nossa, eu precisava tanto ... Minha mãe freqüentava ali, mas não era direto; ela era mais devagar. Então, ela indo, levou nós e, nós fomos e estamos levando nossos filhos e assim por diante.” (entrevistada 6)

A participação nas palestras de evangelização, permite que os frequentadores questionem sua realidade, levando-os a uma consciência de si e da comunidade em que vivem. Como consequência disto, estas pessoas passam a compreender sua condição de vida de uma forma diferente, aceitando os fatos como eles se apresentam, mas buscando evoluir através de atitudes que impliquem em solidariedade, caridade, respeito e tolerância nas relações interpessoais. Isto pode ser observado nas falas das entrevistadas que contaram como as palestras influenciaram suas vidas:

“Influenciou para ser mais humilde, para aceitar as coisas como elas são ... Tem gente aí que está desbarrancando as casas, não tem nem onde morar. Outros que estão embaixo da ponte, outros que o barraco está caindo no rio. Então, eu agradeço a Deus e peço que ilumine essas pessoas. Eu faço isso agora. Antes eu queria mais é para o meu lado. Agora eu penso mais

nos outros.” (entrevistada 4)

“... depois que eu escutei as palestras da Dona A. eu sou mais diferente em casa. Eu soube me conter nas coisas, relevar as coisas negativas. Eu estou sempre relevando. Eu não sou aquela pessoa que exige; eu quero ... Agora eu estou sabendo dividir porque, de primeiro, não era assim. Então, eu acho que estou subindo um degrauzinho, lá embaixo, mas devagarinho acho que, até na hora da minha partida, eu chego lá. Também acho que eu sou mais independente, mais decidida, confiante. Se eu preciso de uma coisa eu batalho, sou persistente, rezo bastante e peço por aquilo. Eu penso: ‘Se eu fiz alguma coisa de errado no passado, eu vou ter que melhorar nisso, naquilo’ ... Agora eu penso nas coisas que vou fazer, se dá para fazer, se tenho condições ou não tenho.” (entrevistada 2)

“Nas palestras, o que a Dona A. fala, às vezes, pega ali fundo porque tem muitas coisas na gente que fica escondido, então, aquilo liberta a gente dos pensamentos ruins, das coisas ruins da cabeça ... Então, eu acho bom. Às vezes, a gente é muito ganancioso, só quer ter as coisas e já vê que não pode ser assim.” (entrevistada 5)

As participantes do presente estudo consideraram as palestras como ponto de fundamental importância para o processo de amadurecimento psicoafetivo, mas também reforçaram que, no que diz respeito às questões materiais, também se sentem melhor preparadas para atender suas necessidades, uma vez que a CAAI também oferece diversos cursos profissionalizantes.

Em geral, todas elas já tiveram algum tipo de vínculo empregatício mas, hoje, fazem apenas serviços temporários, tais como lavar e passar roupa para fora, consertar e confeccionar roupas sob encomenda, bem como trabalhar de diarista em casas de família. Todas elas já frequentaram ou ainda frequentam algum curso profissionalizante oferecido pela Casa de Apoio, tendo esta atividade como sendo de fundamental importância para suas vidas. Muitas passaram a produzir artesanato sob encomenda (tricô, bordado, pintura, tapete, cestaria) a partir destes cursos.

Algumas delas comentaram que permanecem bastante tempo na instituição e que estar na CAAI é uma oportunidade de aprender não apenas um ofício, mas também de poderem distrair-se e cultivar novas relações. Além disso, muito do conteúdo que é aprendido em

algumas atividades, tais como a “reunião do leite” (grupo de orientação para as mães), permite que elas possam ajudar outras pessoas, transmitindo o conhecimento adquirido para outras mães do bairro. Observa-se, também, que a aquisição do conhecimento, na CAAI, seja este relativo às atividades profissionais, ou não, repercutem positivamente na auto-estima das entrevistadas, que manifestaram entusiasmo e satisfação por poderem produzir e realizar coisas para elas e para os outros. Os relatos a seguir exemplificam esta questão.

“A minha lida é aqui em casa e na Casa de Apoio mesmo. Passo a semana inteira lá ... Fiz todos os cursos de costura na Casa de Apoio ... se agora eu não soubesse fazer nada, não sei o que é que eu ia fazer. Com a minha costura eu já faço bastante coisa.” (entrevistada 8)

“Faço os cursos de costura, pintura e bordado na Casa de Apoio, mas eu quero trabalhar também ... Estou aprendendo bem, estou indo bem, estou até me sentindo melhor. Parece um tipo de consulta que eu faço ... eu estou me distraindo lá e estou melhor do que estar dentro de casa.” (entrevistada 9)

“Faço curso de tricô e de crochê e gosto muito ... Participo da reunião do leite, aprendo alguma coisa e faço uso do leite que recebo. Trabalho na Pastoral da Criança, não mais como líder; hoje sou apenas auxiliar e ajudo na pesagem e a servir a sopa nos sábados. Também era líder comunitária, mas deixei há algum tempo; agora vou voltar a ser de novo ... eu gosto do que eu faço. Eu me sinto bem de ensinar o remédio, ensinar uma coisa que as pessoas não sabem, nunca fizeram. Ou só conversar um pouco com elas ... o que eu entendo e sei, o que eu aprendi, eu posso passar para alguém.” (entrevistada 1)

“Uma coisa que eu nunca peguei na minha vida, que eu pensava que nunca ia saber é costurar. Depois que eu aprendi no curso que a Dona A. fez (na CAAI), eu fiquei muito alegre ... Depois de velha, agora eu estou aprendendo alguma coisa.” (entrevistada 5)

Este entusiasmo é, para algumas delas, desencadeador de planos para a vida futura. Várias pessoas comentaram que pretendem utilizar seus novos conhecimentos para melhorar também materialmente. De forma geral, as entrevistadas estão satisfeitas com suas vidas, mas gostariam de morar em condições menos precárias. Elas acreditam que, através do trabalho que desenvolvem, poderão prosperar.

Conclusão

Ao longo deste estudo foi possível verificar que as instituições são fundamentais para a mediação dos valores que regem a conduta humana, dado o caráter relativo da verdade. Isto é, a construção de uma ética normativa pode basear-se em crenças de naturezas diversas, como propõe Martín-Baró (1984), orientando as relações sociais dentro de um contexto histórico-cultural. No presente estudo, a instituição em questão apoiou-se em princípios espíritas kardecistas, visando o aprimoramento moral dos seus frequentadores.

Pode-se observar que a definição de normas comuns pode direcionar o comportamento das pessoas para o mesmo objetivo, tal como afirma Martín-Baró (1984), quando fala sobre a necessidade de uma organização mínima nas relações interpessoais. Neste sentido, os depoimentos das participantes apresentaram pontos convergentes com os afirmados pelos evangelizadores da Casa de Apoio. Foi possível constatar que os ensinamentos referentes aos princípios da solidariedade, do perdão e da tolerância, ministrados nas palestras, passaram a ser, conforme relatado pelas entrevistadas, aplicados no seu dia-a-dia. Como explicou este mesmo autor, a aceitação e o reconhecimento de normas são condições fundamentais para que haja uma mudança de atitude. A ampliação da consciência é, para a doutrina espírita, um incentivo para que os seres sintam necessidade de mudar. No caso das participantes, observou-se que, embora algumas relatem não terem conseguido mudar totalmente o comportamento considerado pela instituição como inadequado, elas afirmaram ter adquirido consciência sobre algumas das suas falhas e procurando corrigi-las.

De acordo com o que propõem a doutrina espírita e a evangelização na Casa de Apoio, todos os seres são dotados de livre arbítrio. Tendo isto em vista, pode-se dizer que as palestras estimularam as participantes a exercerem o direito de livre escolha e a assumirem a responsabilidade sobre os seus atos, o que vai ao encontro do que dizem outros autores, como Chauí (1995), Guareschi (1995), Valls (1996), e Vázquez (1997), a respeito do exercício da autonomia para se falar em ato moral.

Ao adotarem os princípios morais difundidos nas palestras, as frequentadoras consolidaram estas normas não apenas no âmbito individual, mas também no coletivo. Percebe-se, isto, através dos relatos das participantes referentes à transmissão dos ensinamentos para outras pessoas, influenciando as relações sociais (familiares e de vizinhança). Vázquez (1997), Martín-Baró (1984), Berger e Luckmann (1985) já chamavam

a atenção para o fato de que as relações sociais não são hermeticamente fechadas, tendo o homem a capacidade de transformar e ser transformado por um conjunto de normas, a fim de estabelecer uma ordem coletiva e assegurar a convivência na sociedade.

De fato, Chauí (1995, p. 347) explica que é necessária uma convergência entre a “vontade subjetiva individual” e a “vontade objetiva cultural”, o que pode ser demonstrado nos relatos das participantes, quando elas falaram sobre suas expectativas e interesse pela melhoria do bairro, das relações interpessoais e de suas próprias vidas, seja no plano material ou espiritual.

Isto pode ser interpretado como uma necessidade de evolução individual e, conseqüentemente, coletiva. E, a doutrina espírita ensina que as situações vividas pelos seres são oportunidades concedidas para o seu desenvolvimento moral. Porém, afirma que isto só é possível a partir do momento em que as pessoas adotarem valores cristãos, a fim de que possam vencer as dificuldades através das suas virtudes. As participantes afirmaram ter maior compreensão desta condição para sua evolução, uma vez que, conforme contaram, passaram a aceitar as dificuldades do dia-a-dia, com resignação e tolerância. De fato, Martín-Baró (1984) esclarece que a assimilação de normas interfere na apreensão do real, o que pode explicar o conteúdo dos depoimentos registrados. Muitas criticaram seu próprio comportamento e afirmaram ter conseguido maior controle sobre suas atitudes agressivas, depois que começaram a frequentar as palestras da Casa de Apoio.

As entrevistadas relataram várias manifestações de solidariedade, caridade, amor e perdão e deram exemplos de como as palestras repercutiram nas suas vidas pessoais, tornando-as mais tolerantes e pacientes. A obra “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (Kardec, 1996) reforça que o sentimento de tolerância é essencial para que os seres evoluam. Ensina, também, que pelo amor as pessoas conseguem estabelecer relações fraternas, permitindo uma ordem social mais equilibrada. Os depoimentos indicam que estas relações, entretanto, não são pautadas apenas na caridade material. Ao contrário, as entrevistadas relataram várias situações, apontando ações voltadas para o bem estar psicoafetivo das pessoas com quem convivem.

Os frequentadores da CAAI, em geral, enfrentam muitas privações de ordem material, social e afetiva, sendo que os valores difundidos pela instituição foram considerados pelas entrevistadas como sendo fundamentais para a sua conscientização, uma vez que estimulam reflexões acerca das suas relações interpessoais e da condição em que se encontram, levando-as a um posicionamento crítico frente a realidade da vida. Percebeu-se que, segundo elas, as palestras foram importantes para a elaboração de um código moral

individual, capaz de orientar sua conduta e fortalecer suas potencialidades enquanto protagonistas do seu processo evolutivo.

Diante do exposto, pode-se dizer que as relações sociais baseadas em princípios cristãos, tais como solidariedade, perdão e tolerância, podem promover o bem-estar do indivíduo pois, conseqüentemente, favorecem o seu desenvolvimento, despertando-o para a necessidade de rever seus próprios valores. O estudo permitiu verificar que, de acordo com as entrevistadas, a partir do momento em que elas adotaram estes princípios, de forma pessoal, livre e espontânea, conseguiram crescer e melhorar sua condição de vida material, psicológica e espiritual.

Os depoimentos registrados indicam alterações importantes na convivência entre os moradores do bairro, apontando para as transformações ocorridas nas relações de vizinhança, nos últimos cinco anos, coincidindo com a presença da CAAI no local. Segundo as entrevistadas, hoje existe mais tolerância e solidariedade entre as pessoas. Elas também percebem que, no âmbito familiar, as relações ocorrem com mais harmonia porque os familiares procuram adotar estes mesmos valores morais.

Nas entrevistas, as frequentadoras reconhecem a importância das palestras para sua própria evolução e reforçam o quanto o conteúdo ensinado pelos evangelizadores contribuiu para que elas pudessem aprimorar-se e construir novas perspectivas de vida futura.

Finalmente, percebeu-se que a CAAI, enquanto instituição, dissemina entre os seus frequentadores o apoio necessário para enfrentarem as dificuldades, tornando-se agentes de transformação da sua realidade e do contexto social. Vários relatos indicam ações coletivas que visam o melhoramento da comunidade como um todo. Este movimento parece alinhar-se às afirmações relativas à ética dos grupos, com repercussões morais também no plano individual. Pode-se concluir que o processo de mudança nas relações grupais vem, necessariamente, acompanhado de uma luta íntima e constante a favor da renovação pessoal. Ou, como propõem os autores pesquisados, os valores – socialmente mediados pelas instituições – adquirem eficácia na medida em que são assimilados pelo humano-particular, num movimento permanente de construção da história do ser.

Referências Bibliográficas

- BERGER, P.; LUCKMANN, T. (1985) *A construção social da realidade*. Petrópolis, Ed. Vozes. 8ª edição.
- CHAUÍ, M. (1995) *Convite à filosofia*. 3ª edição. São Paulo, Ed. Ática.
- *CHIBENI, S. S. (1986) *Por que Allan Kardec?* Reformador, abril de 1986, pp. 102-3.
- CHIZZOTTI, A. (1998) *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 3ª edição. SP: Cortez.
- FOUCAULT, M. (1996) *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, Nau Ed.
- GUARESCHI, P. A. (org.) (1995) *Relações sociais e ética*. Porto Alegre: ABRAPSO - Regional Sul.
- KARDEC, Allan (1987) *O que é Espiritismo*. 31ª edição. RJ: Federação Espirita Brasileira.
- _____ (1995-a) **Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 27ª edição. RJ: Federação Espirita Brasileira.
- _____ (1995-b) *O livro dos espíritos*. Tradução de Herculano Pires. 8ª edição. SP: FEESP.
- _____ (1996) *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Herculano Pires. 15ª edição. Sobradinho (DF): EDICEL.
- _____ (s/d) *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 61ª edição. RJ: Federação Espirita Brasileira.
- MARTÍN-BARÓ, I. (1984) *Psicologia social*. San Salvador: Universidad Centro-Americana José Simeon Cañas.
- REVISTA ISTO É (1997) *A ciranda das almas*. GULLO, C. São Paulo: Grupo de Comunicação Três S.A., nº 1435, pp.113-117.
- VALLS, A.L.M. (1996) *O que é ética*. São Paulo, Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 9ª reimpressão.
- VÁZQUEZ, A. S. (1997). *Ética*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 17ª edição.
- WANTUIL, Z.; THIESEN, F. (1979) *Allan Kardec – Meticulosa pesquisa bibliográfica*. Vol. I. 1ª edição. RJ: Ed. Federação Espirita Brasileira.
- _____ (1980) *Allan Kardec – Meticulosa pesquisa bibliográfica*. Vol. II. 1ª edição. RJ: Ed. Federação Espirita Brasileira.
- _____ (1998) *Allan Kardec – Meticulosa pesquisa bibliográfica*. Vol. III. 4ª edição. RJ: Ed. Federação Espirita Brasileira.

Anexo 1

Principais idéias sobre a Doutrina Espirita Kardecista

Anexo 1 - Allan Kardec e a Doutrina Espírita

O codificador do Espiritismo, Hippolyte-Léon-Denizard Rivail (Allan Kardec), nasceu em outubro de 1804, na França. Segundo sua biografia, retratada pelos autores Zêus Wantuil e Francisco Thiesen (1979, 1980, 1998), ele era descendente de família de magistrados, juristas e teólogos e teve sua adolescência marcada pela escola de Pestalozzi, onde fez seus estudos básicos, tornando-se um eminente discípulo e propagador desse sistema de educação. Seu ingresso no Instituto de Pestalozzi data de 1815, portanto quando ele tinha onze anos de idade, tendo adquirido rica bagagem de conhecimentos morais e intelectuais, ao longo do seu contato com essa escola.

O método de ensino pestalozziano estabelece, conforme explicam Wantuil e Thiesen (1979) “uma espécie de permuta, de comunicação, de relação entre as crianças, dispondo-as à moral prática, às relações sociais e às virtudes que elas deverão praticar, quando se tornarem adultas” (p. 61). A objetividade e a preocupação com as questões sociais e filosóficas eram pontos marcantes desse método. A formação religiosa no Instituto contemplava “a moral ativa e intuitiva e não a moral de cartilha” (p.69), ou seja, os alunos eram orientados para a busca dos valores cristãos nas suas atividades diárias.

De acordo com esses autores, Pestalozzi acreditava que “a verdadeira religião não é outra coisa senão a moralidade (...) os exemplos, a vivência dos princípios cristãos é que teriam a força de conduzir, de modo frutificativo, a infância e a juventude ao fiel cumprimento de seus deveres individuais e coletivos” (p.73). Ele ensinava aos seus alunos o conteúdo moral do Evangelho e tinha por princípio o amor, afirmando que o caminho da consciência é o coração.

O convívio com mestres ilustres e a filosofia de trabalho da escola pestalozziana foram fatores importantes para a educação e formação moral do jovem Rivail (Kardec). Desde cedo ele “prezava a liberdade de consciência como um direito natural imprescritível, do qual decorre o direito de livre exame em matéria de fé” (Wantuil e Thiesen, 1979, p. 74). As divergências religiosas presenciadas por ele durante seus anos de estudo no Instituto também podem ter sido, de acordo com esses autores, variáveis intervenientes para o seu futuro trabalho como Codificador do Espiritismo. O jovem aluno “não só aspirava à união das religiões, como já dava tratos ao cérebro na busca de uma fórmula conciliatória” (p. 77).

Wantuil e Thiesen (1980) afirmam que Kardec “tinha igualmente suas opiniões pessoais, seus pontos de vista, que, todavia, jamais confundia com os princípios doutrinários” (p. 27). Admitem, porém, que a passagem do Codificador pelo Instituto de Pestalozzi pode ter servido como preparo para a tarefa que assumiu, posteriormente. Os autores colocam que “o pensamento de Kardec deve ser observado e seguido dentro do contexto de sua brilhante trajetória de missionário-chefe da Doutrina dos Espíritos, levando-se em conta não só a época em que foi emitido e propagado, mas, ainda, as circunstâncias e o exato momento na faixa de tempo em que o mestre se dedicou às tarefas do Espiritismo – 1855-1869” (p. 31). Isto é, sua história de vida também deve ser considerada.

“À imitação de Pestalozzi, e assimilando talvez o pensamento deste, (Kardec) colocaria seu espírito acima das doutrinas dogmáticas e das querelas religiosas, para cingir-se à moral do Cristo. E

mais tarde, na posição de Codificador da Doutrina Espírita, salientaria a magnitude da parte moral na mensagem cristã” (Wantuil e Thiesen, 1979, p. 74). Com esta passagem, os autores lembram que Pestalozzi foi considerado por biógrafos tais como Jean Vartier, “como o pai espiritual de Rivail, da mesma forma que Jean-Jacques Rousseau foi o pai espiritual de Pestalozzi” (p. 189).

Sua formação intelectual sofreu grande influência do humanismo e humanitarismo (Wantuil e Thiesen, 1980, p. 19), levando Kardec a acreditar que a questão do desenvolvimento da humanidade “está toda no melhoramento moral dos indivíduos e das massas” (Wantuil e Thiesen, 1979, p. 139). No decorrer de sua missão como Codificador da Doutrina Espírita, ele trabalhou intensamente para transmitir seus conhecimentos e a crença de que a humanidade só se transforma através do seu aprimoramento moral.

Iniciou-se na carreira de professor aos 24 anos de idade, lecionando, entre outras disciplinas, Matemática, Astronomia, Química, Retórica e Anatomia. Fundou em 1825 sua primeira escola, tendo se dedicado à educação por muitos anos. Autor de várias obras sobre aritmética, gramática francesa e educação, ainda apresentou propostas de melhoramento da educação pública, contribuindo de forma significativa para as atividades educacionais na França que “sobretudo pelo seu valor prático, beneficiaram a estudantes e mestres” (Wantuil e Thiesen, 1979, p. 187). Interessado pelo magnetismo e o hipnotismo, também chegou a estudar profundamente o tema. Considerado de notável inteligência por seus contemporâneos, falava cinco idiomas e era grande conhecedor do grego e do latim.

Em 1854, Kardec fez sua primeira incursão no mundo do Espiritismo. Mais precisamente, ficou conhecendo o fenômeno das mesas girantes/falantes⁸ o que, já naquela época, atraía a atenção de muitas pessoas de prestígio no meio intelectual e social. Foi então que começou a participar de reuniões, nas quais ocorria o que era conhecido como manifestação dos espíritos, com o objetivo de investigar os fenômenos do ponto de vista filosófico. Entretanto, logo atribuiu caráter científico aos fatos que observava e pode compreender o alcance que estas manifestações tinham no campo religioso. A biografia de Kardec, inserida no livro “Obras Póstumas” (Kardec, 1995 - a, p. 15) revela ter sido ele “o primeiro a apresentar a teoria relativa a tais fatos e a formar com eles um corpo de doutrina, metódico e regular.” Durante longos anos, ele trabalhou com o “intuito de alcançar a unificação das crenças” (Kardec, 1995 - a, p. 13), buscando concretizar uma verdadeira reforma religiosa.

No período entre 1857 e 1869, ano em que faleceu, Kardec organizou várias obras literárias sobre o mundo dos espíritos e seus ensinamentos, além de fundar a primeira sociedade espírita e um jornal de grande circulação sobre estudos psicológicos, sob o nome de “Revista Espírita”⁹ (ambos em 1858). Sendo bastante criterioso, Kardec não publicava nenhuma informação sobre o espiritismo antes de refletir muito sobre o que os espíritos lhe revelavam. Mesmo no período em que as manifestações materiais eram o foco da atenção das pessoas em geral, ele participava de várias

⁸ Segundo Kardec (1995, pp. 21-22), trata-se de fenômeno em que espíritos se comunicam com pessoas do plano terreno por meio de pancadas que sinalizam palavras e frases. Este fenômeno ocorria em vários continentes, mas foi notado primeiramente nos Estados Unidos, pelas irmãs Fox, em 1848.

⁹ Suas principais publicações são: “O Livro dos Espíritos” (que trata da parte filosófica e marca a fundação do Espiritismo), “O Livro dos Médiuns” (que trata da parte experimental e científica do Espiritismo), “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (que aborda os aspectos morais e doutrinários) e a Gênese (que fala sobre a origem da criação).

reuniões, como observador, a fim de estudar rigorosamente os fenômenos espíritas. Assim, de acordo com Chibeni (1986, pp. 102-3), “Allan Kardec revelou, em tudo o que fez, uma prudência, um equilíbrio, uma sobriedade, um espírito positivo e despreconcebido, um bom senso, enfim, que singularizam sua figura entre todos os expoentes da cultura humana”.

Observando-se o surgimento do Espiritismo na sociedade, é possível constatar que ele desponta na França, no mesmo período da criação da “Filosofia Positiva” de Auguste Comte, cuja obra exclui a religião dos princípios gerais da ciência. “A falta de síntese nos conhecimentos científicos deixava as classes mais altas em caótico estado mental, não sendo difícil encontrar grandes figuras positivistas em ciência, materialistas em política e católicas e protestantes em religião” (Kardec, 1992-3, p. 20). O Espiritismo surge neste contexto, despertando a curiosidade de muitas pessoas que, a princípio, aproximavam-se das reuniões espíritas com certa incredulidade.

Naquela época, a humanidade parecia marcada pela falta de respostas aos seus anseios e nem a ciência nem as religiões vigentes ofereciam-lhe respostas. Em uma das publicações da “Revista Espírita”, Kardec apresenta o contexto da humanidade da seguinte forma:

“O materialismo é consequência da época de transição em que estamos; não é verdade que seja um progresso, mas um instrumento do progresso. Desaparecerá, provando sua insuficiência na manutenção da ordem social e na satisfação dos espíritos sérios que buscam o porquê de cada coisa. Para isto, basta uma vista d’olhos em sua obra. A humanidade, que necessita crer no futuro, jamais se contentará com o vazio que ele deixa após si, e procurará alguma coisa melhor para preenchê-lo” (In: Wantuil e Thiesen, 1980, p. 165).

Surgindo motivado pelos fenômenos de movimentação de objetos, o Espiritismo logo teve alcance significativo no campo das relações entre os homens, sendo estudado sob o ponto de vista da Filosofia, Metafísica, Psicologia e da Moral. E é neste sentido que ele vem sendo propagado desde então, alicerçado pelo tripé ciência - filosofia – religião. “O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações” (Kardec, 1987, p. 50).

A meta final do Espiritismo, portanto, não é a difusão dos fenômenos mediúnicos, mas sim a mediação do conhecimento e da prática dos valores cristãos como caminho pelo qual o homem pode atingir sua transformação moral. Kardec (1995 - b) explica, entretanto, que “o espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios de filosofia e moral que delas decorrem e o da aplicação desses princípios” (p. 389). Sendo assim, a doutrina pode ser entendida pelo seu aspecto experimental (parte fenomênica), considerando-se as manifestações materiais através de fenômenos mediúnicos e no seu aspecto filosófico, considerando-se o conteúdo revelado nas manifestações inteligentes (Wantuil e Thiesen, 1980, p. 115). O primeiro aspecto foi mais estudado e difundido nos Estados Unidos e o segundo obteve maior atenção na Europa.

O Espiritismo ensina que a vida é uma oportunidade de evoluir e, por isto, a doutrina se propõe realmente à transformação moral dos seres. Ela não oferece a salvação das almas¹⁰, mas apresenta uma visão ampla sobre a existência, tentando fazer com que as pessoas se preocupem em vencer as dificuldades através das suas virtudes. A doutrina aflui ao campo moral para questionar o comportamento do homem e propor novas formas de relação entre os seres e destes com a natureza que os cerca.

Ainda, sob a perspectiva da doutrina espírita, tendo como base a teoria da reencarnação¹¹, a comunicabilidade entre os planos físico e espiritual e a pluralidade dos mundos e da existência, formulam-se princípios morais fundamentais para a vida na coletividade. Entre eles pode-se sublinhar a “lei do amor”, que prevê o comportamento solidário entre as pessoas, o perdão e a caridade de uns para com os outros e, o conhecimento de si, que serve como estímulo para que o ser busque alcançar sua evolução, pois na medida em que o ser vai ampliando sua consciência, acredita-se que ele sente necessidade de se transformar (Kardec, 1996).

Tema já abordado por Sócrates e Platão, a imortalidade da alma e a reencarnação não são teorias criadas pelo Espiritismo. Até mesmo o mais antigo código de moral que se tem conhecimento, o Livro dos Vedas, já difundiam estes conceitos. Dentro da história da humanidade, pode-se reconhecer em várias culturas¹² o pensamento reencarnacionista, enfatizando a necessidade da transformação moral do ser, através da pluralidade das existências. De fato, em passagens do Evangelho, Jesus Cristo abordou esta questão, constituindo-a em um pressuposto para o entendimento de algumas de suas parábolas e orientações. De acordo com as instruções recebidas por Kardec (1995 – b), “a doutrina da reencarnação, que consiste em admitir para o homem muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à idéia da justiça de Deus com respeito aos homens” (p. 110). Admitindo esta teoria, a Doutrina Espírita propõe que os espíritos podem melhorar sua condição, pois recebem oportunidades de resgatar suas faltas e combater os defeitos morais. Tal fato se reflete, conseqüentemente, nas relações entre os seres em todos os segmentos da vida social.

Quanto à comunicabilidade entre os planos, pode-se dizer que os médiuns¹³ sempre existiram, embora com outros nomes como Pitons, Pitonisas, Cibilas e Profetas. Segundo o Espiritismo, a figura do sensitivo sempre foi uma constante nas civilizações humanas e é através dela que o mundo espiritual se liga para trazer suas mensagens ao plano terreno, com o intuito de que o

¹⁰ A doutrina espírita acredita que o homem recebe o fruto de suas ações e, sendo assim, cada um é responsável pelo caminho que percorre, seja para o mal, seja para o bem. Não existe o milagre da salvação; cada um recebe de acordo com o seu merecimento e com as escolhas que faz, pois pode gozar do livre arbítrio.

¹¹ Kardec (1995-b, pp. 125-132), explica que a teoria da reencarnação não é uma descoberta, nem uma elaboração da doutrina Espírita, pois remonta a antiguidade com Pitágoras. O autor relaciona esse termo à pluralidade das existências corpóreas, atribuindo ao espírito a oportunidade de retornar à matéria, tantas vezes sejam necessárias, a fim de resgatar suas faltas e desenvolver-se moralmente. Sendo assim, o espírito é eterno e pode alternar sua existência entre períodos em que se encontra desencarnado e períodos em que se encontra encarnado no mundo material.

¹² O Bramanismo, o Budismo, o Druísmo e o Islamismo tem como base a crença na pluralidade da existência; Sócrates e Platão são considerados por Kardec (1996, p. 35) os principais precursores deste pensamento na antiguidade, sendo que este último descreve a sucessividade das vidas com riqueza em Fédon; até mesmo Descartes, Leibnitz e Kant chegaram a cogitar essa idéia.

¹³ Segundo Kardec (s/d, capítulos XIV a XVI) a mediunidade diz respeito a uma faculdade natural das pessoas, podendo ser entendida como uma sensibilidade e percepção extrasensorial bastante aguçada. Pode ser categorizada por suas diferentes formas, de acordo com a organização sensitiva da pessoa e suas características individuais. Existem, por exemplo, médiuns auditivos, falantes, videntes, curadores, entre outros tantos.

homem possa avançar mais rapidamente. Sobre a pluralidade dos mundos e da existência, o Espiritismo revela que existem outros mundos (planetas) habitados por espíritos em condições diferentes de evolução e desenvolvimento moral. A Terra, por exemplo, é considerada essencialmente como um mundo de provas e expiações. A progressão entre os mundos está, necessariamente, vinculada ao desenvolvimento do espírito.

Muitos são os temas abordados nas obras espíritas, sendo que o foco de atenção da doutrina está nos ensinamentos de Jesus Cristo. Conforme enfatiza Chibeni (1986, pp.102-3), “a obra de Allan Kardec não é uma estrutura estática e fechada, mas sim dinâmica e aberta a complementações futuras, incorporando a característica da progressividade, essencial a todo sistema científico ou filosófico que não pretenda ser sepultado pelas constantes e inevitáveis descobertas de fatos novos e pela ampliação geral do conhecimento humano”. Pela história do espiritismo, observa-se que a sua difusão no mundo se deu de forma significativa, chegando a muitos países, inclusive no Brasil, onde as primeiras publicações de livros de Kardec datam de 1875. Inúmeros médiuns e cientistas têm se dedicado ao estudo dessas obras. Hoje, um dos nomes mais expressivos relacionados ao espiritismo no país é o de Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier), que tem editado centenas de obras psicografadas. Além dos livros publicados, o espiritismo no Brasil conta com uma revista de grande circulação na área: “Reformador” (fundada em 1883).

A Federação Espírita Brasileira, fundada em 1884 por Augusto Elias da Silva, vem se ampliando por todo o território. Também foram criadas algumas associações de classe diretamente vinculadas à doutrina espírita, tais como a Associação dos Médicos Espíritas e a Associação dos Psicólogos Espíritas, que se encarregam de compreender seu objeto de estudo sob a ótica do espiritismo. Chegando ao ambiente acadêmico, a doutrina espírita tem sido estudada por diferentes grupos vinculados às universidades¹⁴.

Atualmente, observa-se grande interesse popular sobre espiritualidade, envolvendo discussões sobre as teorias reencarnacionistas e a pluralidade das existências e dos mundos. Recentemente, em reportagem da Revista Isto É (1997), Gullo afirma que, “no mercado editorial, os livros sobre vidas passadas e métodos alternativos de enfrentamento de dificuldades, que levam em consideração a teoria da reencarnação como referência para o comportamento moral, figuram como os mais vendidos”. E que “os livros sobre terapia de vidas passadas de Brian Weiss, por exemplo, constam como os de maior vendagem de sua editora, durante os últimos oito anos. Em 1994 uma das redes brasileiras de televisão apresentou novela baseada na doutrina espírita, atingindo a maior média de audiência para o período das dezenove horas ao longo do tempo em que foi veiculada” (p. 113).

¹⁴ Na Universidade de Campinas - UNICAMP, por exemplo, existe um Grupo de Estudos Espíritas.

Grupo de Pesquisa em Psicologia Social Ambiental e do Trabalho – Andréa Fernanda Silveira – e-mail: andreafernandasilveira@hotmail.com

Anexo 2

Valores difundidos pela obra "O Evangelho segundo o Espiritismo"

Anexo 2 - Valores difundidos pela obra "O Evangelho Segundo o Espiritismo"

Na identificação dos princípios morais básicos relativos à Doutrina Espírita kardecista, toma-se como fonte o livro "O Evangelho Segundo o Espiritismo". Elaborado por Allan Kardec em 1864, esta obra foi traduzida e publicada muitas vezes em diversas línguas desde então¹⁵.

Considerado pelas Organizações Espíritas Mundiais como uma das principais referências da Doutrina Espírita, o livro traz a interpretação das palavras de Jesus Cristo, contidas no seu Evangelho, conforme orientações feitas a Kardec por vários Espíritos e em especial através do Espírito da Verdade¹⁶.

Esta obra, entre outras apresentadas na Doutrina Espírita, serve como base para reflexões sobre a moral cristã, enfatizando em primeiro plano os valores que dão sustentação para a conduta dos seres e suas relações. Dentre eles, destaca-se o tripé amor, caridade e perdão. Além disso, o Evangelho também explica a evolução do Espírito; a pluralidade dos mundos e da existência, como pontos de referência para a compreensão da vida atual, contemplando, ainda, o compromisso e liberdade que os Espíritos têm para evoluir.

Estes tópicos são considerados de grande importância para o presente estudo e serão detalhados na seqüência. Antes, porém, é fundamental esclarecer que, conforme explica o Evangelho, "o Espiritismo nada ensina contrário ao ensinamento do Cristo, mas desenvolve, completa e explica, em termos claros para todos o que foi dito sob forma alegórica" (p. 48). A proposta da Doutrina Espírita não é "criar uma moral nova, mas facilitar ao homem a compreensão e a prática da moral Cristã" (p. 244), sendo seu objetivo principal o melhoramento dos Espíritos, independentemente do plano em que se encontram, procurando mostrar que isso só é possível a partir do momento em que eles vivenciam os valores difundidos por Jesus.

Neste sentido, o "Evangelho Segundo o Espiritismo" chama a atenção para o fato de que a verdadeira caridade não implica, necessariamente, apenas em suprir os nossos semelhantes com bens materiais. Embora isto também seja importante, é preciso que esta exterioridade seja acompanhada do sentimento íntimo de benevolência. A caridade deve ser entendida como a comunhão com Deus e, para que se possa praticá-la, é necessário lançar mão das virtudes e dos bons pensamentos inerentes em cada ser. Isto também significa que a caridade só é verdadeira se o Espírito estiver imbuído de amor. Segundo Kardec, "o amor é o sentimento por excelência, ele resume toda a doutrina de Jesus" (p. 161). Entretanto, amar também implica em perdoar. O "amor recíproco que harmoniza e dirige os Espíritos adiantados" (p. 163) é o cerne que leva ao sublime ato do perdão.

Conforme as concepções expressas na obra de Kardec, o Espírito também avança na escala da expiação e do aperfeiçoamento, na medida em que perdoa as faltas dos seus semelhantes para consigo. O autor afirma que pelo amor "o homem não procura elevar-se sobre seu semelhante, mas sobre si mesmo, aperfeiçoando-se" (p. 65). Assim sendo, "quando a lei de amor e caridade for a lei

¹⁵ Neste estudo, a tradução utilizada foi feita por J. Herculano Pires, na sua 15ª edição, publicada pela editora EDICEL, em 1996.

da humanidade, não haverá mais egoísmo” (p. 142). Ele coloca que, “sem a caridade, não há tranquilidade na vida social, e (...), não há segurança (...) a caridade sem a fé não seria suficiente para manter entre os homens uma ordem social capaz de fazê-los felizes” (p. 167).

A brandura do Espírito pode ser, portanto, traduzida pelos próprios atos em relação a ele mesmo e aos seus semelhantes. Na medida em que se resigna, o Espírito passa a viver com humildade, melhorando suas relações. De acordo com as colocações de Kardec, não há um só Espírito que “no livre gozo das suas faculdades, não possa prestar um serviço, dar uma consolação, amenizar um sofrimento ou tomar uma providência útil” (p. 190). Este é o sentido da caridade Cristã que, na sua expressão mais simples e também mais completa, determina que devemos “amar ao próximo como a nós mesmos, fazer aos outros como queríamos que nos fizessem” (p. 160).

O Evangelho esclarece, ainda, que “toda palavra ofensiva exprime um sentimento contrário à lei de amor e caridade, que deve regular as relações entre os homens, mantendo a união e a concórdia” (p. 141). Há portanto, “na prática do perdão e na prática do bem em geral, além de um efeito moral, um efeito também material” (p. 148), pois, “ao mesmo tempo que os seres vivos progridem moralmente, os mundos em que eles habitam progridem materialmente” (p. 70).

Tendo isto em vista, há que considerar-se o tema da pluralidade dos mundos. De acordo com Jesus Cristo, no reino de Deus existem muitas moradas. Kardec explica em sua obra que “as diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito, oferecendo aos Espíritos desencarnados estações apropriadas ao seu adiantamento” (p. 61). Estes mundos implicam em diversos níveis de evolução, podendo variar entre mundos primitivos, mundos de expiação e provas, mundos regeneradores, mundos felizes, mundos celestes ou divinos. Para cada um destes níveis, existe uma realidade espiritual, social e material, em consonância com o grau de desenvolvimento dos seres que ali habitam. Deve-se compreender, assim, que a progressão dos mundos se dá paralelamente ao aperfeiçoamento moral/espiritual dos seres dentro de uma ética pautada nos valores já mencionados.

Segundo a obra de Kardec, nenhum Espírito fica eternamente ligado a um só mundo. Usando sua liberdade para adquirir conhecimento e desenvolver-se, o Espírito também estará avançando dentro da escala da evolução espiritual. O autor acrescenta que “aquele que trabalha ativamente para o seu progresso moral, pode não somente abreviar a duração da sua encarnação material, mas franquear de uma vez os degraus intermediários, que o distanciam dos mundos superiores” (p. 81). Esta idéia reforça a máxima de que o Espírito encarnado não deve esperar sua recompensa no mundo material, mas buscar resignar-se diante das dificuldades, procurando cumprir o seu papel cristão e social da melhor maneira possível, por meio de relações fraternas e combatendo seus defeitos morais.

Embora a matéria seja considerada de importância relevante para a evolução dos Espíritos quando encarnados, uma vez que proporciona condições significativas para a aquisição do conhecimento e melhoramento do ser, a ênfase do processo de desenvolvimento deve estar no aperfeiçoamento espiritual. Segundo relatado nessa obra, “os interesses da vida futura estão acima de todos os interesses e de todas as considerações de ordem humana” (p. 301).

De acordo com Kardec, este aprimoramento também pode dar-se por meio das relações estabelecidas entre os seres, seja no mundo material, ou no plano espiritual. Para ele, a tolerância é fundamental, no processo de evolução do Espírito. Por isso, “pouco lhe importa (ao Espírito) saber o que foi: se está sendo punido, é porque fez o mal, e suas más tendências atuais indicam o que lhe resta corrigir em si mesmo. É sobre isso que ele deve concentrar toda a sua atenção” (p. 90). Explica o autor que, se um Espírito causou danos para outro, ele pode vir a sanar e reparar este mal, independente da gravidade dos seus erros, muitas vezes até, de forma dolorosa ou sofrida, em um dado momento da sua existência.

Com isso, o autor aborda a idéia da reencarnação, colocando que, de forma sucessiva, os Espíritos vão se reencontrando, ao longo da sua existência, segundo as suas necessidades de aprimoramento. Kardec coloca que, “a idéia de morrer uma vez e reviver, implica a de morrer e reviver muitas vezes” (p. 75), o que significa que a reencarnação também pode ser uma oportunidade de resgate visando ao aperfeiçoamento do Espírito e, conseqüentemente, do grupo no qual estiver inserido. Nesta concepção, o mesmo membro de uma família pode ter desenvolvido, em vidas anteriores, papéis inversos ao que lhe foi designado na encarnação atual, mantendo, com os demais familiares ou afins, relações diferenciadas segundo o grau de comprometimento evolutivo com cada ser.

Todos os Espíritos são, entretanto, dotados de liberdade para pensar, agir e fazer escolhas, traçando os caminhos que poderão percorrer durante sua existência, através das suas atitudes. Essa liberdade individual, considerada na obra do autor como “livre arbítrio”, precisa ser constantemente aperfeiçoada e preservada pelo Espírito.

Neste contexto, o autor mostra em sua obra que cabe a cada ser a responsabilidade pelos seus atos. Explica que “ao dar ao homem o livre arbítrio, quis (Deus) que ele chegasse, pela sua própria experiência, a discernir o bem e o mal, de maneira que a prática do bem fosse o resultado dos seus esforços, da sua própria vontade” (p. 230). O aperfeiçoamento moral através do “livre arbítrio” é fator primordial que determinará a elevação do Espírito, da mesma forma que influenciará suas relações com os demais seres.

Com base nas colocações de Kardec, pode-se dizer que a frouxidão moral é que leva os seres aos conflitos. Para ele, o Espírito é “o autor dos seus próprios infortúnios (e dessa forma) os evitará quando trabalhar para o seu adiantamento moral e intelectual” (p. 85). Da mesma maneira, ele é também o autor dos seus sucessos. Soberanamente justo e bom, Deus oferece ao Espírito todas as oportunidades para o seu aperfeiçoamento, sendo que “o fardo é proporcional às forças, como a recompensa será proporcional à resignação e à coragem (do ser)” (p. 94). O Espírito pode, então, se elevar individualmente, tomando-se agente transformador e benfeitor do meio onde vive.

O kardecismo considera o Espírito como o protagonista da história que ele mesmo escreve ao longo da sua existência, através dos seus atos, sendo que a vida atual de um Espírito deve ser encarada como “um simples elo do conjunto harmonioso e grandioso da obra do Criador, (revelando) a solidariedade que liga todas as existências de um mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo, e todos os seres de todos os mundos” (p. 59).

Podendo evoluir também através da sua inserção no mundo material, a Doutrina Espírita explica que a Terra, por exemplo, pode ser considerada um lugar de provas e expiações. Desta forma, “todo sofrimento trata-se, freqüentemente, de simples provas escolhidas pelo Espírito para acabar sua purificação e acelerar seu adiantamento” (p. 88), não devendo a resignação frente aos seus infortúnios ser interpretada como ato de covardia ou de acomodação, mas deve ser vista como ato de humildade e aceitação da condição de vida recebida. O autor esclarece, ainda, que muitos Espíritos voltam a este estágio com o objetivo de reviver os ensinamentos de Jesus e transmiti-los, “in loco”, aos seus semelhantes.

Em conformidade com Kardec, “a vida futura não é mais simples artigo de fé, ou simples hipótese. É uma realidade material, provada pelos fatos” (p.56). Segundo ele, “a idéia clara e precisa que se faz da vida futura dá uma fé inabalável no porvir, e essa fé tem conseqüências enormes sobre a moralização dos homens, porque muda completamente o ponto de vista pelo qual eles encaram a vida terrena” (pp. 56/57). Em se tratando desta questão, o autor remete os leitores para a parábola da figueira seca em que Jesus apela para o poder da Fé, colocando que através dela os seres podem superar suas dificuldades e conquistar graus elevados de aprimoramento espiritual. Ou seja, a Fé, aliada á prática dos valores cristãos tem poder de transformação e aprimoramento dos seres.

Anexo 3
Descrição das atividades de
evangelização no Grupo Fabiano de Cristo

Anexo 3 - Descrição das atividades de evangelização no Grupo Fabiano de Cristo

Segundas-feiras, à noite

Data da atividade: 3/11/97

RECEPÇÃO: Um dos médiuns permanece na entrada do salão, onde algumas pessoas se dirigem para solicitar uma consulta mediúnica. É preenchida uma ficha, contendo dados pessoais do solicitante e os sintomas de que se queixa. Antes da abertura do trabalho, a ficha é encaminhada para a mesa central, onde o médium responsável irá, posteriormente, prescrever o receituário homeopático.

ABERTURA (Edson): Vamos nos concentrar em Jesus, nesse lugar maravilhoso, com as nossas almas, nossos pensamentos afastados das dificuldades; com os nossos corações, nossas mentes, nossos fluídos ligados ao alto. Vamos aliviando as nossas tensões e vamos lembrando que Cristo nos ensinou que onde duas ou mais pessoas estiverem orando em seu nome, ali ele estará. Vamos fixar a nossa mente na imagem de Cristo (pode ser a imagem que está nesse quadro, aqui na parede) e vamos silenciando porque o silêncio também é uma forma de oração e cada vez mais fazendo com que os nossos pensamentos se voltem para o alto.

ORAÇÃO DE ABERTURA (Edson): Pai, de amor e bondade, faz descer sobre nós as suas luzes, para que nós possamos cada dia mais entendermos o seu caminho. Que nós possamos percorrê-lo, Mestre Amado, sem medo, sem olharmos para trás com altivez, com indignidade, mas com humildade, buscando sempre praticar a caridade, que é a mola mestre que nos impulsionará para atingirmos o alto e chegarmos mais perto de você, querido amigo. Ajuda-nos a mantermos o nosso pensamento ligado em ti não só hoje, não só nesse momento, mas em todos os momentos de nossas vidas de forma a que possamos estar sempre ??? e auxiliados por seus mensageiros, Mestre. Nós sabemos que a única forma de estarmos perto de ti ??? buscando apropriar nosso espírito para que os amigos espirituais possam nos influenciar, cada vez mais, para buscarmos os caminhos corretos de nossas vidas. Iluminai-nos, Senhor, para que possamos cumprir com as obrigações assumidas ao encarnarmos, assim como cumprir as obrigações assumidas aqui na Terra. E assim, que estejamos no dia-a-dia ???, Pai Amado. Que Deus nos ilumine a todos e que nos proteja. Que assim seja.

RELAXAMENTO (Miguel): Vamos nos sentar o mais confortavelmente possível em nossas cadeiras, colocando os braços para baixo, deixando de lado os gestos, os nossos pensamentos, para que posamos receber as orientações dos nossos bons amigos espirituais. Vamos nos concentrar em nossa respiração, que deve ser profunda, regular, baixando e subindo. Vamos sentir o ar entrando pelas narinas, insuflando-se em nossos pulmões e saindo prazerosamente através da boca, nos trazendo cada vez mais uma sensação de bem estar. A cada expiração, vamos colocar para fora todas as nossas tensões vividas nos últimos dias. A cada inspiração, vamos deixar que uma profunda paz se instale em nosso interior. Relaxe. Cada vez mais, nesse processo de relaxamento, de respiração, relaxe. Agora, imagine que todos os seus músculos estão relaxando. Vamos deixar os nossos braços mais leves, os nossos ombros mais soltos, nossas pernas mais leves. Vamos permitir que até mesmo os músculos do estômago se relaxem, para que esta respiração continue harmônica, regular, balanceada. A cada inspiração, vamos ficar cada vez mais em tranqüilidade, em paz. Agora todos nós vamos visualizar, imaginar, uma luz bem forte no alto das nossas cabeças. A cor dessa luz não importa muito. Você pode tingir a sua luz com a cor que você queira. O importante é que essa luz no alto de nossas cabeças seja forte, curativa, seja energética. Tudo o que essa linda luz tocar ao se espalhar pelo seu corpo, cada tecido, órgão, músculo, todas as fibras e células do corpo relaxarão por completo. Livrando-nos das nossas dores, dos males, das doenças. Essa luz forte no alto de nossas cabeças vai cada vez mais ampliar o nível do nosso relaxamento. Você e eu, estamos sentindo nesse momento uma profunda sensação de paz, muita paz. Agora imagine esta luz se espalhando para baixo, a partir do topo da nossa cabeça, descendo por trás da nossa testa, atrás dos nossos olhos, relaxando-os ainda mais. Todos os músculos da face estão se relaxando. Nossa capacidade de sorrir à distancia e a sensação de amor, aos poucos, invade nosso interior. Imaginemos essa luz passando pelo nosso maxilar, mandíbula, descendo de cima do couro cabeludo e aprofundando ainda mais nosso relaxamento. Essa luz curativa e energética está fluindo em nosso pescoço, soltando-o, aliviando as vértebras enterradas pelas tensões do dia-a-dia, trazendo a sensação de leveza, de tranqüilidade. Em conjunto com o relaxamento do pescoço, vamos imaginar essa luz fluindo em nossa garganta, desintoxicando-a, trazendo a sensação de frescor, como se estivéssemos respirando o ar puro da manhã, em meio a uma floresta verde, maravilhosa. Sensação de frescor e paz nos envolve nesse instante e nós relaxamos ainda mais. E essa luz que nos relaxa e cura se encaminha para os nossos ombros e braços, descendo até os dedos, nos trazendo a sensação de paz. Imagine essa luz fluindo em nossas costas, em nosso peito, dentro de nosso peito. Imagine essa luz forte fluindo dentro do nosso coração, fazendo com que seus raios luminosos penetrem em cada vaso, desobstruindo, harmonizando, curando. Imagine essa luz curativa irradiada pelos nossos amigos espirituais entrando dentro dos nossos pulmões, harmonizando o nosso processo respiratório e nossos chacras energéticos, trazendo a sensação de equilíbrio e muita paz. Parece que nesse instante somos envolvidos pela capa do amor. Os músculos do alto das nossas costas já estão relaxados, suavizados. Imaginem, então, essa luz curativa se espalhando por toda a nossa espinha, pela nossa coluna, partindo da base no cérebro, na nuca, descendo até a base oposta, harmonizando todo o nosso sistema nervoso e fazendo com que todos os ramos nervosos fiquem desintoxicados. Fazendo com que as nossas sinapses nervosas estejam harmonizadas, desintoxicadas. E cada vez mais sentimos a sensação de calma, de paz, de tranqüilidade. Imagine essa luz

curativa vibrando intensamente no interior do nosso abdome. Imagine essa luz caminhando para as nossas costas, na região lombar, na região dos rins, purificando esses filtros, esses órgãos tão importantes. Imagine a vossa luz fluindo nos quadris, harmonizando. Imagine essa luz descendo, fluindo em vossas pernas, indo até os dedos, trazendo a sensação de paz, de calma, de tranquilidade. Agora imagine essa luz envolvendo todo nosso corpo, como se fosse um árdilos. esse envolvimento vai nos proteger, vai fortalecer a nossa energia vital, proteger a nossa pele e todos os outros músculos. Vamos fazer uma contagem regressiva, de 5 para 1. A cada número vamos fortalecer essa sensação de amor, de cura que está sendo produzida intensamente em nós. Vamos conter a nossa respiração para iniciarmos. Cinco, paz. Quatro, curar. Três, amor. Dois, paz. Um, Jesus. Vamos procurar, durante todo o nosso encontro, manter essa respiração silenciosa. Procure nutrir os pensamentos mais elevados, para que até o final desse trabalho você possa encontrar todas as bênçãos que veio procurar.

COMENTÁRIO DO EVANGELHO (Aidê): Vamos aproveitar esse momento de harmonia para podermos acumular todas as bênçãos que, sabemos, estão sendo derramadas sobre nós. Vamos preencher nosso coração com essa energia que nos é tão benéfica. Nós vamos comentar alguma coisa sobre o dever. Lendo sobre a vida em outros planos, ???? dessa verdade pregada por Jesus. O nosso castelo da evolução está sendo construído sobre areia. Nós não temos segurança. Nós vivemos tão distanciados da verdade pregada por Jesus e por isso nos sentimos inseguros; sofremos, nos sentimos tristes, deprimidos. Não temos aquela força de que Jesus falou. Esta força que é suficiente para nós transpormos todas as barreiras das nossas vidas. No estágio que ainda nos encontramos, são muitas as barreiras que nós viemos transpor. Mas nós vivemos muito apegados à matéria, distantes da beleza, da perfeição e da harmonia do universo. Nós aspiramos por liberdade e queremos ser felizes, mas nós temos que entender que a liberdade requer responsabilidade. Essa responsabilidade nós temos que nos impor. Não podemos viver buscando ser feliz, buscando ajuda nos centros, nas igrejas, nos lugares onde estão as palavras de Jesus, se nós não fizermos alguma coisa por merecer essa ajuda. Não estamos longe de merecer ajuda, pois desde os primórdios da evolução nós recebemos de Deus os ensinamentos necessários para chegarmos lá. Ensinamentos que nos são passados de diferentes formas, desde os pagés nas culturas mais primitivas ... sempre temos a noção do cordeiro que veio para nos salvar e está sempre junto conosco nos ensinando ???? . Mas nós temos que nos impor um dever, um compromisso, que nós assumimos antes de reencarnar. Sabemos que estamos numa escola e para freqüenta-la temos que cumprir os nossos deveres, senão reprovaremos e não conseguiremos passar de ano. Estaremos sempre recapitulando as novas lições e os anos de estudos, marcando passo enquanto nossos companheiros vão passando de ano e nós sempre repetindo, porque ficamos distantes daquele compromisso e de assumir aquele dever. Portanto, é isso que nós devemos nos impor. Ou seja, a liberdade com responsabilidade, com o cumprimento do dever. Não aquele dever egoísta que nós temos que cumprir porque está sendo visto, mas o dever cumprido com o coração. Respeitar os nossos irmãos, agir com liberdade desde que não prendemos o nosso irmão na sua liberdade. Temos que agir como filhos do mesmo pai e temos a obrigação de darmos a mão aos nossos irmãos. E quanto mais nós nos impusermos esse dever, mais felizes nós seremos, mais leves nos tornaremos. Temos que agir com muito amor no coração. Temos que achar que o nosso dever é agir com amor, sermos caridosos. Mesmo que não tenhamos nada de material para dar, nós temos o dever de amar, de ajudar, de estender a mão para o nosso irmão. A respeito do dever, são muito bonitas as estorinhas que nossos irmãos nos contam. Tem uma em particular que me encantou: havia um frade num mosteiro que aspirava com muita vontade e muito amor ver Jesus. Ele passou anos de sua vida orando, auxiliando as pessoas e pedia que um dia pudesse ver o Mestre. Um dia, ele encontrava-se em oração e sentiu uma paz muito grande, vendo uma luz muito bonita se aproximar. Nesse momento ele ouviu a campainha do mosteiro tocar chamando para atender um grupo de pessoas necessitadas. Então, ele sentiu uma dor profunda no coração porque tinha certeza de que iria ver o Mestre naquela hora. Relutando se deveria atender a campanha, acabou abaixando a cabeça e foi atender ao seu dever. Trabalhou horas a fio, atendendo um, consolando outro. Cansado de tanto trabalhar e triste porque tinha perdido a oportunidade tão desejada de ver o Mestre, ele voltou ao seu quarto e tal não foi a sua surpresa ao ver novamente aquela luz brilhante e o Mestre a sua espera. Com muita alegria e emoção ele disse: "Mestre, ainda estais aqui?" Jesus então lhe respondeu: "se você tivesse ficado, eu teria ido embora, mas como você foi cumprir o seu dever, aqui estou". Isso serve para nós de exemplo para entendermos que, se nós aspiramos a evolução e a liberdade de conquistarmos um lugar ao sol, para quando partirmos daqui termos a nossa alma um pouquinho mais iluminada, nós devemos perseverar com os nossos compromissos, cumprindo os nossos deveres de Cristãos.

IRRADIAÇÃO PARA DEMAIS LOCAIS NECESSITADOS (Sérgio): Vamos, através do nosso pensamento, doar um pouco da nossa energia para todas aquelas pessoas necessitadas que aqui não puderam estar fisicamente presentes. No momento, pensemos nos hospitais, nas casas de saúde, nos pacientes terminais, para que eles possam receber essa energia positiva, em forma de medicamento, diminuindo assim o seu sofrimento. Pensemos nos asilos, onde existem muitos irmãos abandonados e nos seus familiares, para que possam receber essa energia em forma de muito amor e muito carinho. Pensemos nas crianças abandonadas, crianças de rua, para que elas possam receber esse amor, essa paz, essa energia, desta casa de oração. Que elas possam ter muita fé, muita esperança para que cada dia melhor elas possam ter. Pensemos nos viciados em drogas, para que eles possam ter força suficiente para se livrar desse vício. Por último, pensemos em nossos lares, nossos familiares, filhos, para que possamos ter uma semana com muito amor, muita compreensão e muito carinho em nosso lar. Que assim seja.

DESCRIÇÃO DO AMBIENTE (Eliane, médium vidente): Todos nós ao entrarmos fomos recebidos pela mesma equipe de irmãos espirituais da semana passada. Quando nos sentamos, recebemos na frente uma

condensação de energia de cor branca azulada, como se fosse uma compressa. Todos os irmãos espirituais se puseram de mãos dadas à nossa volta, formando uma grande corrente de energia. Nossos irmãos nos pedem que não nos envolvamos com pensamentos negativos porque cada um que pensa com rancor, com ódio, enquanto está aqui dentro, libera esses fluídos e permite que irmãos menos esclarecidos se aproveitem dessa situação com más intenções. Vamos deixar nossos pensamentos negativos lá fora e abrir o coração para receber a energia positiva que nossos irmãos emanam para nós. Vamos pensar com amor, pois esse é o nosso dever. Também está sendo mobilizada muita energia daqui para ser levada a uma criança que se encontra hospitalizada com uma doença muito grave.

APLICAÇÃO DE PASSES: Alguns médiuns se dirigem para a sala, enquanto o médium Miguel permanece sentado à mesa central, onde prescreve o receituário homeopático. As pessoas da platéia são orientadas para formar uma fila à porta da câmara de passes e são, na seqüência, encaminhadas para dentro da sala. Após saírem, recebem um copinho com água fluidificada e retornam aos seus assentos anteriores. Somente depois de todos os presentes terem recebido o passe, o grupo de médiuns retorna aos seu lugar no salão, dando continuidade ao trabalho.

MENSAGEM DE ENCERRAMENTO (Entidade Espiritual se comunica pela psicofonia, através do médium Miguel): Que Deus nos abençoe a todos. Um ancião chamou seus 3 filhos e um a um os colocou sentados à sua frente. Falando de uma maneira pausada e suave, explicou que os seus campos passariam, de agora em diante, a pertencer a esses 3 jovens. Olhou para cada um e disse: “um terço desse campo maravilhoso pertencerá a cada um de vocês. Façam por essas terras o que quiserem, trazendo o resultado daqui a um certo tempo”. O filho mais jovem saiu a correr pelo campo maravilhoso, dirigindo-se, a seguir, rumo a cidade. Lá chegando, vendeu o seu terço àquele que tinha mais dinheiro e sumiu pelos caminhos do mundo. O filho do meio, correu pelo seu campo e, imediatamente, comprou escravos para fazer da sua propriedade a mais produtiva de todas. O primogênito sentou e meditou junto às terras daquele campo e, neste exato momento, iniciou o trabalho com as suas próprias mãos. Os anos passaram, voaram longe das asas do vento e, certo dia, o ancião voltou. O filho mais jovem lá não estava; tinha sido levado e consumido pelos prazeres materiais da vida e hoje, provavelmente, estava consumido pelos vícios da carne e do corpo. O filho do meio estava ali, com aspecto vitorioso pois, mostrou ao ancião que seu campo era o mais rico. O trigo abundava, as frutas e as flores estavam enfeitando todos os cantos. Com um sorriso nos lábios ele disse: “este é o meu campo, o mais produtivo de todos”. O ancião, com os olhos da experiência, olhou ao longe e chamou os escravos daquele jovem para falarem do seu senhor e perguntou a estes que tinham trabalhado por tanto tempo, como era o coração do rapaz. Estes, afastando a vergonha e o medo, disseram que ele era muito ruim e, ao mesmo tempo, o ancião disse: “você me demonstrou a fortuna da matéria, mas não me trouxe o tesouro da moral, do coração; apenas trouxe-me frutos do esforço de outros homens. Portanto, vá; vá embora. Vá sem esses campos. Procura produzir moralmente o que você fez aqui materialmente”. O ancião, por fim, olhou o primogênito que, através das suas próprias forças, havia conseguido um bom resultado. O trigo não era muito, as frutas não eram muitas, mas ali estavam aos pés do ancião. Meus bons confrades, este ancião representa a nossa consciência, nossas vidas. As experiências nesse plano são os verdadeiros campos que o Criador nos fornece. Não podemos, simplesmente, aproveitarmos do esforço alheio para progredirmos. As nossas vitórias são individuais; elas estão dentro dos nossos âmagos. São feitas através dos nossos próprios braços. Não podemos nos iludir, nem vender os nossos campos e sair por aí a procura dos vícios. Não podemos progredir através de mãos alheias. Devemos progredir pelos nossos próprios passos. Portanto, meus bons amigos, não importa o campo que tenhamos nas mãos. Se é vasto ou pequeno, foi o que o bom Criador nos deu naquele instante. Devemos fazer o melhor, não importando as dimensões das nossas tarefas para que, lá na frente, possamos mostrar a nós mesmos o que conseguimos nessa existência. Que o bom Deus os abraçe fundo e os beije fazendo dessa noite, a noite mais tranqüila de todas as noites. Que assim seja.

ORAÇÃO DE ENCERRAMENTO (Edson): E assim, nós rogamos ao alto, permissão para darmos por encerrado os trabalhos da noite de hoje, pedindo que a cada dia mais possamos receber esses ensinamentos que aqui viemos buscar e, principalmente, que sejamos campo apropriado para que esses ensinamentos sejam semeados em nossos corações. Que assim seja.

DISTRIBUIÇÃO DE FLORES: Na saída, um médium distribui um ramo verde e/ou uma flor, para que as pessoas levem para suas casas. Essas flores são fluidificadas.

DISTRIBUIÇÃO DOS REMÉDIOS HOMEOPÁTICOS: As pessoas que solicitaram consulta dirigem-se ao médium responsável pela distribuição dos frascos de remédio. Esse médium explica como a pessoa deve tomar o medicamento. Todos os medicamentos receitados são homeopáticos e são fornecidos gratuitamente.

Data da atividade: 12/01/98

RECEPÇÃO: Não houve receituário homeopático, portanto, as pessoas que chegavam dirigiam-se para o salão e aguardavam o início dos trabalhos sentadas.

ABERTURA (Edson): O grupo retoma as atividades depois de ter ficado 3 semanas sem desenvolver esse trabalho. O dirigente explica que, em função das férias, os trabalhos da noite em questão e da semana seguinte serão diferentes, pois não contarão com o médium responsável pelo receituário homeopático, nem pela médium que faz a descrição do ambiente. Também saúda a todos pelo ano novo e agradece pela participação nos trabalhos desse grupo. Após inicia: Pedindo ao alto licença para iniciarmos os trabalhos dessa noite, convidamos a Dona Aidé para fazer a prece de abertura.

ORAÇÃO DE ABERTURA (Aidé): Vamos agradecer pela oportunidade que Deus nos dá, de novamente estarmos aqui. Com o pensamento bem elevado, vamos sintonizar o alto e pedir, como sempre eterno pedintes que somos, que o Senhor da vida nos dê as energias necessárias para que nós comecemos o ano com ânimo, com mais fé, com mais esperança. Porque sabemos, que tudo depende de nós; nada é de graça. Nós temos que fazer por merecer. Se nós quisermos um bom ano, nós temos que nos tornar melhores, mais serenos, mais receptíveis, mais calmos, com mais esperança, com mais alegria no coração pela oportunidade que temos de trabalhar. Trabalhar, servir, perdoar e compreender. Então vamos, com esse espírito de alegria, esperança e vontade de vencer, fazer uma oração: Pai nosso, que estais nos céus. Santificado, Senhor, seja o vosso nome. Vem a nós, o vosso reino de amor. Seja feita a sua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia, nos dai hoje, senhor. Perdoa as nossas dívidas assim como perdoarmos aqueles que nos devem. E não nos deixeis cair na tentação dos erros, mas livra-nos, Senhor, de todo o mal. Que assim seja.

RELAXAMENTO: O médium responsável pela condução do relaxamento não estava presente, sendo que o mesmo não foi realizado neste dia.

COMENTÁRIO DO EVANGELHO (Edson): Nós vamos fazer primeiro uma leitura de uma pequena passagem do Evangelho e depois o comentário. Trata-se do capítulo três, “Na Casa de meu Pai há Muitas Moradas”. “Há quem se admire de ver na Terra tantas perversidades e paixões malévolas. Tantas e tão variáveis desditas e enfermidades. ???? essa apreciação é muito distante. É preciso considerar que na Terra ???? a humanidade inteira, mas uma pequena fração. De fato, a espécie humana compreende todos os seres dotados de raciocínio que povoam inumeráveis planetas do universo. Ora, o que é a população da Terra ao lado da população de todos os mundos? Menos que ???? em relação a um grande país. A situação moral e material da humanidade terrestre nada tem de surpreendente se levado em conta o destino da Terra e a natureza daqueles que a habitam”. Então, quando nós olhamos ao nosso redor e pensamos na vida que temos levado, nas dificuldades que temos de enfrentar e, principalmente, quando nós começamos a analisar as coisas que acontecem no mundo, por exemplo, assassinatos, assaltos, roubos e maldades, muitas vezes nós nos questionamos e pensamos se o que está acontecendo é correto. Principalmente, nós nos questionamos quando estas coisa que, para nós são irracionais, acontecem conosco ou no nosso meio de convívio, no nosso microcosmo, no nosso mundo pequeno. Quando um filho nosso sofre um assalto, um amigo leva um tiro, alguém muito próximo sofre um abalo, nós assim questionamos: por quê isso está acontecendo? Por que isso vem até mim? Muitas vezes até, alguns de nós sente vontade de tirar a própria vida para ver se o suicídio o levaria para uma situação melhor, ou seja, sem dor, e o afastaria desse mundo dito de sofrimento. Estes pensamentos, traduzem uma inverdade porque, como disse o texto, na casa de Deus existem várias moradas e numa das passagens Ele coloca: “se assim não o fosse, eu vo-lo teria dito; pois vou preparar-vos o lugar. E depois que eu me for, e vos aparelhar o lugar, virei outra vez e tomar-vos-ei para mim, para que lá onde estiver, estejais também”. O que isso quer significar? Isso quer significar que nós, enquanto seres humanos, temos vidas que não serão vividas tão somente aqui na Terra. E nós sempre temos falado aqui, onde temos a crença do espirtismo, que nós nunca morremos; nós simplesmente desencarnamos para nascer novamente em outro corpo, ou seja, nós vamos nos adaptando, nos melhorando. Mas isso não significa que nós sempre o fazemos no mesmo lugar. Nós vamos vivendo em mundos diferentes, de acordo com a nossa evolução, ou de acordo com as funções que nós tenhamos ou ainda, de acordo com a razões que nos levam renascer. Enquanto seres involuídos, nós já vivemos em mundos menos evoluídos que a Terra. No nosso processo evolutivo, nós fomos passando mundos e mundos até chegarmos aqui. Certamente, ao continuarmos evoluindo, nós vamos reencarnar e reencarnar, seguindo para outros mundos diferentes desse que nós vivemos. Quando nós, então, olhamos para o lado e sentimos essas dificuldades que vemos nos jornais, nas revistas e televisão, ou que nós mesmos passamos, nós temos que entender que estas dificuldades decorrem da natureza evolutiva do nosso espírito. Nós temos o espírito muito agarrado à matéria, mas não somos só matéria, embora o espírito esteja muito perto da matéria. Quando estudamos história, vemos que, ainda hoje, existem tribos em lugares no mundo onde as pessoas são canibais, ou seja, matam para comer os seus irmãos. Vemos então, outros mundos, outras povoações, civilizações em que isso já não se faz. Vemos lugares e situações onde o índice de criminalidade é intenso. Por exemplo, se formos para São Paulo, Rio de Janeiro, o índice de criminalidade é muito intenso. Outros lugares, ao contrário. Outro dia eu li numa revista que em algumas cidades do interior de Santa Catarina não existem crimes há anos. Dentro do nosso universo atual, nós temos pólos de situações que explicam bem a evolução no mundo. E nós vamos passar por essa evolução. Já vivemos em mundos em que o nosso materialismo era muito intenso. Nós éramos involuídos. Crescemos um pouco e estamos nesse mundo que é conhecido dentro do espirtismo como um mundo de provas e expiações. Isso significa dizer que nós viemos aqui porque nós ainda temos que expiar, que resgatar algumas maldades que nós tenhamos praticado. Nós precisamos viver nesse mundo porque nosso espírito ainda não tem evolução suficiente para estar vivendo num mundo superior. E aqui nós vamos encontrar gente de diversas graduações espirituais. Nós vamos ter aqueles que vieram a pouco tempo de mundos não evoluídos, de mundos primitivos, que estão pondo a cabecinha para fora e chegando nesse mundo. Nós vamos ter aqueles que já passaram por esse mundo e não conseguiram ainda a sua regeneração. Vamos ter pessoas que estiveram em mundos mais evoluídos, mas por patinarem e não conseguirem um grau evolutivo melhor

voltaram para esse mundo, assim como temos pessoas que são de mundos mais evoluídos e que vieram aqui para nos auxiliar, nos ajudar nos nossos problemas para que nós encontremos a solução e possamos galgar os nossos passos para chegar aos mundos mais evoluídos. Com isso, é importante dizer que nós não podemos fechar os nossos olhos e achar que esse mundo em que nós estamos passando é ruim e que aquilo que nós estamos fazendo vai ser encerrado aqui nesse mundo. Existe um ditado que diz que “aqui se faz, aqui se paga”. Pode ser, mas não é exclusivamente assim. Tem muitas coisas que nós fazemos aqui e vamos ter que resgatar em outras vidas. Muitas vezes nós estamos passando aqui por sofrimento, por dores que nos são imensas, porque nós provocamos esse sofrimento em outras vidas e porque não dizer também, nessa própria vida. Quantas vezes a gente faz coisas e sabe lá no fundo que está errado, mas continua fazendo. Quantas vezes nós vamos nos suicidando aos poucos, com a bebida, com o fumo, com o excesso de trabalho, porque às vezes coisas tão importante como trabalhar também podem nos fazer mal quando feito em excesso ou quando não faz nada. E com isso, a gente vai levando a vida, dizendo: “não, não está muito certo, mas vou levando assim mesmo, porque daqui a pouco eu morro e isso é esquecido. Mas as coisas não são assim. Nós não temos uma visão completa das coisas; não conseguimos abrir nossos horizontes visuais para sabermos o porque do nosso sofrimento hoje e para saber quais as conseqüências das nossas atitudes hoje para o amanhã. Mas uma coisa é certa: o mundo não é só aquilo que nós estamos vivendo. Ele é muito maior do que isso e as nossas existências também. Por isso, vamos nos lembrar que nós estamos aqui porque assim foi o nosso desejo; porque assim decorreu das nossas atitudes. Nós estaríamos num mundo melhor do que esse materialista, que nós já ouvimos falar nos jornais, na televisão, quando nós quisermos. mas para isso, precisamos plantar uma flor a cada dia, para termos um jardim daqui a alguns anos. Se formos plantando espinhos, teremos um jardim de espinhos. Mas se forem flores bonitas e cheirosas, teremos flores bonitas e cheirosas nessa existência e nas próximas. Que Deus nos ajude a todos, em 98, para que possamos plantar somente flores bonitas e cheirosas para que o nosso jardim possa estar cada vez melhor.

IRRADIAÇÃO PARA DEMAIS LOCAIS NECESSITADOS (Dalton): Irmãos! Chegou o momento de reunirmos nosso pensamento para que, com muita energia, muita paz, muito amor, possamos ajudar os nossos irmãos. No momento, pensemos nos hospitais, nas casas de saúde, nos pacientes terminais, para que eles possam receber essa energia positiva, em forma de medicamento, diminuindo assim o seu sofrimento. Pensemos nos asilos, onde existem muitos irmãos abandonados e nos seus familiares, para que possam receber essa energia em forma de muito amor e muito carinho. Pensemos nas crianças abandonadas, crianças de rua, para que elas possam receber esse amor, essa paz, essa energia, desta casa de oração. Que elas possam ter muita fé, muita esperança para que cada dia melhor elas possam ter. Pensemos nos viciados em drogas, para que eles possam ter força suficiente para se livrar desse vício. Por último, pensemos em nossos lares, nossos familiares, filhos, para que possamos ter uma semana com muito amor, muita compreensão e muito carinho em nosso lar. Que assim seja.

DESCRIÇÃO DO AMBIENTE: A médium vidente que realiza esta parte do trabalho não estava presente, não sendo feita a descrição do ambiente.

APLICAÇÃO DE PASSES: Alguns médiuns se dirigem para a sala, enquanto um deles permanece sentado à mesa central, em orações. As pessoas da platéia são orientadas para formar uma fila à porta da câmara de passes e são, na seqüência, encaminhadas para dentro da sala. Após saírem, recebem um copinho com água fluidificada e retomam aos seus assentos anteriores. Somente depois de todos os presentes terem recebido o passe, o grupo de médiuns retorna aos seu lugar no salão, dando continuidade ao trabalho.

MENSAGEM DE ENCERRAMENTO: A entidade espiritual que se comunica pela psicofonia, através do médium Miguel não pode fazê-lo, pois o médium não encontrava-se presente.

ORAÇÃO DE ENCERRAMENTO (Aidé): Hoje nós não temos aquela mensagem maravilhosa que costumamos receber do Tio Toninho (entidade espiritual), mas temos a certeza de que toda a espiritualidade está presente, porque eles não tiram férias, nós é que tiramos. Eles estão sempre a postos, sempre nos orientando e nos dando forças, com aquela vontade que nós acreditamos. É muito importante acreditar, ter certeza de que a parte espiritual é muito mais importante do que a parte material. Se perseverarmos no trabalho espiritual, com fé, nós vamos nos distanciando da matéria que é tão pegajosa e tão atraente para nós. Nós vamos tendo outro tipo de aspiração. Vamos ficando mais sensíveis e o próprio medicamento, a água fluidificada, homeopatia, vai sendo muito mais eficaz do que qualquer remédio alopático. Mas tudo depende do pensamento. Por isso nós temos que nos educar para pensar mais alto, para não ficarmos tão envolvidos com os nossos problemas. Muitas vezes uma doença que nos acomete, colocando o corpo doente, se ficarmos mentalizando aquela doença e ficarmos tristes, ela vai se agravando. Ao passo que se não dermos muitos crédito, se pensarmos mais positivo, ficarmos mais alegre, trabalhando mais, a doença vai embora. Nós temos tantos testemunhos de pessoas que conseguiram a cura com a fé, pela dedicação ao trabalho, ao amor, à doação. Então, é muito importante que todos nós acreditemos nisso e perseveremos nesse lugar. Tendo uma corrente cada vez maior, convidando nossos amigos para que se sintam melhores e eles irão sentir essa verdade. Por isso, temos que convidar e tudo o que nós escutamos aqui, nós temos que levar para frente. Conversar, falar, passar para frente essas verdades que são tão benéficas para as nossas vidas. Muitas vezes as pessoas sofrem por ignorância, por não saber que tudo depende de nós conhecermos mais de perto o evangelho de Jesus. Pois toda verdade da vida está contida nesse evangelho. E nós, às vezes passamos a vida dentro da religião, seja católica, espírita, mas não vivemos essas verdades de Jesus. Tudo que é falado no evangelho foi vivido por Jesus e só tem eficácia se as vivermos. Se nós formos ao médico que nos receita um medicamento e não o tomamos, não tem efeito. Assim é o

evangelho: se escutarmos os ensinamentos mas ao sairmos daqui os esquecermos e voltarmos aos nossos afazeres e aos nossos compromissos apegados a coisas que não levam a nada, também não terá efeito. Então, vamos sair daqui com esses ensinamentos em nossas mentes e vamos procurar dominar os nossos impulsos que, como o Edson falou, vem vindo de longa data porque nós começamos como pó, em mundos inferiores, como plantas, animais, como homem aqui na Terra. Mas sempre, com esforço próprio, com vontade de crescer nós vamos subir os degraus infinitos e evoluir. mas precisamos perseverar porque senão, nós recapitularemos milhares de reencarnações sempre sofridas, com fracassos. No entanto, o conhecimento está aqui, basta praticá-los. Não precisamos ter grande cultura para seguir esses ensinamentos tão sábios e tão simples. Basta amar, perdoar, compreender, aceitar as pessoas como elas são mas, dando a nossa contribuição, a nossa amizade, respeito e paciência. Isso ensina muito mais do que um revide, uma agressão. Assim, aplicando esses ensinamentos suaves, nós estamos evoluindo. Vamos orar, agradecendo a Deus por termos essa casa, pela nossa amizade, por esse trabalho tão querido que, temos certeza, um grande número de amigos com conhecimento e bondade infinita está aqui para nos dar força, para nos orientar, para nos dar essa energia que servirá para passarmos a semana com mais força, mais alegria. Pai nosso, que estais nos céus. Santificado, Senhor, seja o vosso nome. Vem a nós, o vosso reino de amor. Seja feita a sua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia, nos dai hoje, senhor. Perdoa as nossas dívidas assim como perdoarmos aqueles que nos devem. E não nos deixeis cair na tentação dos erros, mas livra-nos, Senhor, de todo o mal. Que assim seja. E assim, com a permissão de Jesus, de Deus, nosso pai e dos amigos tão queridos, agradecidos, nós damos por encerrado essa reunião.

DISTRIBUIÇÃO DE FLORES: Não houve.

DISTRIBUIÇÃO DOS REMÉDIOS HOMEOPÁTICOS: Não houve.

Data da atividade: 19/01/98

RECEPÇÃO: Não houve receituário homeopático, portanto, as pessoas que chegavam dirigiam-se para o salão e aguardavam o início dos trabalhos sentadas.

ABERTURA (Edson): Como na semana passada, nosso trabalho de hoje será menos completo, pois não temos ainda a volta do nosso irmão Miguel, encarregado do trabalho de relaxamento e consulta mediúnica, do receituário homeopático. Mas na semana que vem já voltaremos a ter o trabalho completo. Hoje nós vamos rogar ao alto, pedindo licença para iniciarmos esse trabalho e com a permissão do irmão Fabiano de Cristo, mentor desse trabalho, do Mestre e dos demais mensageiros que vêm do alto, nós damos por aberto esse trabalho e pedimos que nosso irmão Sérgio faça a oração de abertura do mesmo.

ORAÇÃO DE ABERTURA (Sérgio): Vamos falar com Jesus e agradecer o senhor por esta oportunidade, de aqui estarmos reunidos em seu nome, de aqui estarmos recebendo essa paz e todas essas bênçãos divinas tão necessárias aos nossos espíritos. Te pedimos senhor que abençoe esta casa, amparando todos os espíritos que aqui trabalham, propiciando o alimento fortalecido pelo seu amor e proteção espiritual. Que os vossos fluidos possam beneficiar a todos aqui presentes, dando-nos condições de desenvolver os passes, o evangelho e a irradiação. Pai nosso, que estais nos céus. Santificado, Senhor, seja o vosso nome. Vem a nós, o vosso reino de amor. Seja feita a sua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia, nos dai hoje, senhor. Perdoa as nossas dívidas assim como perdoarmos aqueles que nos devem. E não nos deixeis cair na tentação dos erros, mas livra-nos, Senhor, de todo o mal. Que assim seja.

RELAXAMENTO: O médium responsável pela condução do relaxamento não estava presente, sendo o mesmo não realizado neste dia.

COMENTÁRIO DO EVANGELHO (Edson): Nós vamos agora fazer uma breve leitura e comentário do evangelho. O capítulo de hoje é o quinze, que fala que "fora da caridade não há salvação". "Mas quando vier o Filho do Homem na sua majestade, e todos os anjos com ele, então se assentará sobre o trono de sua majestade; e serão todas as gentes congregadas diante dele, e separará uns dos outros, como o pastor que aparta dos bodes as ovelhas; e assim porá as ovelhas à direita e os bodes à esquerda; então dirá aos que hão de estar à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo; porque tive fome e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era hóspede, e recolhestes-me; estava nu e cobristes-me; estava enfermo, e visitastes-me; estava no cárcere e viestes ver-me. Então lhes responderão os justos, dizendo: Senhor, quando é que nós te vimos faminto e te demos de comer; ou sequioso e te demos de beber? E quando te vimos hóspede e te recolhemos; ou nu e te vestimos? Ou quando te vimos enfermo, ou no cárcere, e te fomos ver? E respondendo o rei, lhes dirá: Na verdade vos digo, que quantas vezes vós fizestes isso a um desses meus irmãos pequeninos, a mim é que o fizestes. Então dirá também aos que hão de estar à esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, ide para o fogo eterno que está aparelhado para o diabo e para os seus anjos; porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; era hóspede e não me recolhestes; estava nu e não me cobristes; estava enfermo e no cárcere, e não me visitastes. Então eles também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando é que nós te vimos faminto ou sequioso, ou hospede, ou nu, ou enfermo, ou no cárcere, e deixamos de te assistir? Então lhes responderá Ele, dizendo: Na

verdade vos digo, que quantas vezes o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. Irão estes para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna” (Mateus, XXV: 31-46). Quando nós lemos passagens do evangelho ou olhamos as passagens bíblicas, muitas vezes nos afloram dúvidas decorrentes da interpretação da leitura, do que se quer dizer com as palavras que foram escritas no evangelho. E nós temos que lembrar que o evangelho não foi escrito hoje, nem escrito há pouquíssimo tempo. Que a bíblia ou as palavras que contém nesse capítulo escrito por São Mateus e todos os outros, não são de agora e, conseqüentemente, as pessoas que estão lendo essas verdades tem um outro tipo de interpretação diverso daqueles que tinham antigamente. Como nós falamos na semana passada, o mundo vive em constante evolução e as pessoas que aqui vivem também estão em constante evolução. Essa evolução é que faz com que nós interpretemos o que está escrito no evangelho de uma maneira diferente do que se fazia antigamente. Porque a aspereza, a rudeza das palavras que se usavam pode nos levar a interpretações complicadas. Se nós lermos aqui “aos que hão de estar à esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, ide para o fogo eterno que está aparelhado para o diabo e para os seus anjos”, nós começamos a cometer um equívoco; começamos a ter medo de Deus e do Cristo e começamos a achar que existe um Deus punidor, um Deus que nos quer o mal; um Cristo que veio para separar e que não temos opção pois, conforme diz aqui, vão para o fogo eterno os que estão do lado esquerdo. Ou seja, não há condições de melhora. Mas isso não é verdade. As palavras que contém o evangelho são palavras que tem que ser analisadas de acordo com o momento. Eu vou dar um exemplo muito simples: se eu estou em casa à noite, conversando com o meu filho que acabou de chegar da rua onde estava brincando, todo sujo, e digo para ele “vai tomar banho”, isso significa que ele deve ir para debaixo do chuveiro e se limpar com água e sabonete. Se, ao contrário, eu estou na rua e encontro-me com alguém com quem eu não me dou. Discuto e digo para essa pessoa “vai tomar banho”, o significado aí é diferente; o significado aí é agressão; eu estou agredindo a pessoa. Por quê? Porque os momentos são completamente diferentes e o significado do termo usado é completamente diferente. Quando eu leio esta página que foi escrita há centena de anos atrás, eu não posso querer dar uma interpretação exatamente igual para o termo. Porque quando esta passagem foi escrita no evangelho de São Mateus, as pessoas que escutavam essas verdades eram pessoas que tinham muito menos conhecimento do que nós temos hoje em dia. naquela época era necessária a utilização de palavras rudes, de termos pesados para que a população pudesse entender as leis que vinham de Deus. Naquele tempo era necessário que se fizesse essa figuração para interpretar. Hoje, a nossa interpretação é diferente. Com os conhecimentos que nós temos a respeito da variedade de mundos, da nossa evolução, do que significa Cristo, do que significa espírito e das provas que nós temos da reencarnação, essas verdades devem ser objeto de uma interpretação diferente daquela que nós tínhamos antigamente. Nós não podemos nos conformar, hoje, com um Deus malvado, com um Cristo que vai punir, porque Eles não nos fazem mal. Deus não existe para nos fazer o mal e sim para fazer o bem. Quem faz o mal somos nós, espíritos involuídos. Deus não; Deus só faz o bem. O que está se falando nessa lição é que nós só poderemos evoluir e nos salvar desse mundo, que ainda é um mundo onde há muita dificuldade, a partir do momento que nós crescemos. E a base do nosso crescimento é, antes de qualquer outra coisa, a caridade. A caridade é que sustenta o nosso crescimento e ela não é algo pequeno. A caridade é muito maior do que uma migalha de pão. Quantas vezes nós estamos passando em determinado lugar e tem alguém que nos pede uma moeda. Quantas vezes, quem dá essa moeda acha que já cumpriu sua obrigação de caridade. mas isso é uma mentira porque a caridade não está simbolizada em dar uma moeda. Quantas vezes a caridade está, simplesmente, num sorriso. Quantas vezes a caridade se contém numa palavra. Quantas vezes a caridade está em se acalmar uma situação difícil. Porque a caridade é ajudar o próximo, mas quando se diz “ajudar um desses pequeninos” não é só ajudar as crianças. É ajudar qualquer pessoa que seja pequenina no sentido de não ter a sua evolução plena naquele momento e está numa determinada dificuldade. Isto é caridade. Quantas vezes nós vemos uma pessoa brincando com uma criança; isto é caridade. Quantas vezes nós vemos alguém dando um conselho bom para uma determinada pessoa; isto é caridade. Mas muitas vezes nós vemos alguém dando dinheiro para alguém e isto não é caridade; isto pode ser caridade, mas muitas vezes não é, porque nós vemos a pessoa dando dinheiro já imaginando o que pode tirar daquela pessoa que está recebendo. A caridade num sentido muito mais profundo está dentro da nossa mente, do nosso coração e todas as vezes que nós pudermos fazer o bem para alguém, nós estaremos fazendo caridade. Mas aquele que faz caridade não deve pensar em receber o benefício dessa caridade imediatamente, porque quando recebe o benefício do que fez aqui na Terra, já está pago a caridade que fez. O que é difícil e que nós devemos buscar quando praticamos a caridade, é a nossa evolução, porque o reconhecimento de Cristo e dos anjos evoluídos e de Deus, é muito maior do que o reconhecimento dos homens. Vamos praticar, então, não por medo de Deus, porque Deus não é malvado; não por medo de Cristo, porque Cristo não faz mal. Nós ouvimos, muitas vezes, em certos tempos, as pessoas dizerem: “você tem que fazer tal ato porque senão, Cristo vai te penalizar, te impor sanções; hoje você é permeta, hoje você é cego porque Cristo está te penalizando; você precisa fazer tal coisa para Cristo deixar de te penalizar”. Isso não existe porque Cristo não nos penaliza. Quem nos penaliza somos nós mesmos, com as nossas consciências. O que nós temos que buscar para estar do lado direito, para usar essa figura de linguagem utilizada no evangelho, e ser acolhidos no alto, é praticar o bem. E praticar o bem é fazer caridade. Os outros que não fizeram caridade, muito provavelmente vão estar patinando nas suas dificuldades diárias. E provavelmente terão que, aqui nessa terra, renascer várias vezes para poderem aprender que, sem a caridade não há salvação. Renascer nessa terra importa em nós continuarmos tendo momentos de dificuldades, materialidade, maldade, permeados de vez em quando, por uma felicidade. mas nós estamos aqui porque nós precisamos e porque nós assim decidimos em outras vidas. Mas se nós praticarmos a caridade quotidianamente, sem esperarmos uma gratidão aqui na Terra por esta caridade, muito provavelmente nós não necessitemos mais de encarnarmos aqui nessa terra. Muito provavelmente nós poderemos passar para mundos mais felizes, com os nossos, com aqueles que fizeram o bem conosco e que estiveram numa sintonia próxima de nós e que vão crescer conosco. Vamos, então, não por medo, mas por consciência, por convicção,

buscar praticar a caridade para estarmos do lado direito de Cristo e de Deus, para podermos crescer e evoluir. Que Deus nos ilumine a todos. Que assim seja.

IRRADIAÇÃO PARA DEMAIS LOCAIS NECESSITADOS (Dalton): Vamos preparar nosso pensamento com muita paz, amor e sinceridade para orar por aqueles que aqui não puderam estar conosco fisicamente. No momento, pensemos nos hospitais, nas casas de saúde, nos pacientes terminais, para que eles possam receber essa energia positiva, em forma de medicamento, diminuindo assim o seu sofrimento. Pensemos nos asilos, onde existem muitos irmãos abandonados e nos seus familiares, para que possam receber essa energia em forma de muito amor e muito carinho. Pensemos nas crianças abandonadas, crianças de rua, para que elas possam receber esse amor, essa paz, essa energia, desta casa de oração. Que elas possam ter muita fé, muita esperança para que cada dia melhor elas possam ter. Pensemos nos viciados em drogas, para que eles possam ter força suficiente para se livrar desse vício. Por último, pensemos em nossos lares, nossos familiares, filhos, para que possamos ter uma semana com muito amor, muita compreensão e muito carinho em nosso lar. Que assim seja.

DESCRIÇÃO DO AMBIENTE: A médium vidente que realiza esta parte do trabalho não estava presente, não sendo feita a descrição do ambiente.

APLICAÇÃO DE PASSES: Alguns médiuns se dirigem para a sala, enquanto um deles permanece sentado à mesa central, em orações. As pessoas da platéia são orientadas para formar uma fila à porta da câmara de passes e são, na seqüência, encaminhadas para dentro da sala. Após saírem, recebem um copinho com água fluidificada e retornam aos seus assentos anteriores. Somente depois de todos os presentes terem recebido o passe, o grupo de médiuns retorna aos seu lugar no salão, dando continuidade ao trabalho.

MENSAGEM DE ENCERRAMENTO: A entidade espiritual que se comunica pela psicofonia, através do médium Miguel não pode fazê-lo, pois o médium não encontrava-se presente.

ORAÇÃO DE ENCERRAMENTO (Edson): Esperando que nós possamos estar, em todos os momentos da nossa vida, ligados em Deus, em Cristo, com os nossos pensamentos voltados para o amor, ao próximo, para o amor a Deus, e para a prática do bem, nós vamos pedir licença ao Mestre e ao nosso mentor espiritual, para darmos por encerrado os trabalhos dessa noite, sem antes, não deixar de agradecer por todo benefício que aqui recebemos, que só foi possível em função do pensamento ligado ao alto. Porque só assim, só criando um campo mental apropriado é que nós vamos receber os benefícios advindos do Cristo. Vamos todos nós em paz para os nossos lares e que possamos ter um sono reconfortador. Que assim seja.

DISTRIBUIÇÃO DE FLORES: Não houve.

DISTRIBUIÇÃO DOS REMÉDIOS HOMEOPÁTICOS: Não houve.

Data da Atividade: 26/01/98

RECEPÇÃO: Um dos médiuns permanece na entrada do salão, onde algumas pessoas se dirigem para solicitar uma consulta mediúnica. É preenchida uma ficha, contendo dados pessoais do solicitante e os sintomas de que se queixa. Antes da abertura do trabalho, a ficha é encaminhada para a mesa central, onde o médium responsável irá, posteriormente, prescrever o receituário homeopático.

ABERTURA (Miguel): Vamos elevar nossos pensamentos para o belo, para o bem, porque toda a finalidade do existir está restrita e direcionada para esta única palavra: o bem. Portanto, quando nos dispomos a nos encontramos espiritualmente, nós iniciamos esse encontro através da reciclagem dos nossos pensamentos. E é basicamente elevarmos o pensamento em direção aos grandes pensamentos. Para nós, o maior de todos os pensadores que passou na Terra foi Jesus. Que todos os nosso pensamentos, agora, se direcionem ao Mestre de Nazaré. Que assim seja.

ORAÇÃO DE ABERTURA: Não houve uma oração específica para a abertura. A fala anterior serviu também como oração para abrir os trabalhos dessa noite.

RELAXAMENTO (Miguel): realizado da mesma forma como foi descrito na atividade do dia 03/11/97.

COMENTÁRIO DO EVANGELHO (Edson): Hoje vamos comentar sobre o capítulo 1, "Não vim para destruir a lei". "Um dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu ao homem ver a verdade através das trevas. Esse dia foi o advento do Cristo. Depois do vivo clarão, porém, as trevas se fecharam de novo. O mundo, após alternativas de verdade e obscuridade, novamente se perdia. Então, semelhantes aos profetas do Antigo Testamento, os Espíritos começaram a falar e vos advertir. O mundo foi abalado nas suas bases: o trovão ribombará; sedes firmes! O Espiritismo é de ordem divina, pois repousa sobre as próprias leis da natureza. E crede que tudo o que é de ordem divina tem um objetivo elevado e útil. Vosso mundo se perdia. A Ciência, desenvolvida com o sacrifício dos interesses morais, vos conduzia unicamente ao bem-estar material, revertendo-se em proveito do espírito das trevas. Vós o sabeis, cristãos: o coração e o amor devem marchar

unidos à Ciência. O Reino do Cristo, ai de nós! após dezoito séculos, e apesar do sangue de tantos mártires, ainda não chegou. Cristãos, voltaí para o mestre que vos quer salvar. Tudo é fácil para aquele que crê e que ama: o amor o enche de gozo inefável. Sim, meus filhos, o mundo está abalado. Os bons Espíritos vo-lo dizem sempre. Curvai-vos sobre o sopro precursor da tempestade, para não serdes derrubados. Quero dizer: preparai-vos, e não vos assemelheis às virgens loucas, que foram apanhadas desprevenidas à chegada do esposo". Existe uma lei de Deus e que pouco nós temos seguido, que diz: "orai e vigiai". Isto significa que nós devemos, em todos os momentos de nossas vidas, em todas as passagens, adotarmos uma postura de semelhança ao alto. Porque a cada momento que nós vivemos, nós temos a nos exemplificar, temos a nos auxiliar e a nos falar as facilidades materiais. Quantos daqueles que vivem a mais tempo e tem mais idade, não se lembram da época em que não tinham eletricidade em suas casas, ou ainda, aqueles que não tem água em seus domicílios. Aqueles que para percorrer uma certa distância precisavam caminhar muito, não tinham os ônibus, enfim, não tinham os proveitos que os avanços da ciência nos trouxeram. em contra partida, aqueles que viveram nessa época, e isso a história nos diz, muitas vezes conseguiam viver com dignidade, sem perder a sua luz, os seus ensinamentos baseados da lei do Cristo. e essas facilidades, principalmente as televisões e rádios, as notícias de maneira geral, nos puseram à disposição uma vida com bases diferentes. Uma vida onde a rapidez de informação faz com que nós deixemos de observar aqueles mandamentos de Deus, os mandamentos mais puros que estão todos baseados no amor, na fraternidade, na igualdade. Outro dia, assistindo a um filme no cinema, nós nos pusemos a pensar. O nome do filme é o "Advogado do Diabo" e a estória basicamente ocorria com alguém que, vendo-se vencedor inúmeras vezes na sua atividade profissional foi enchendo-se de vaidade, até o momento em que ele se põe à prova entre o mal e o bem para ver se permanecia inflando a sua vaidade, mas caminhando ao lado do mal e atingindo as facilidades que a vida lhe trazia, como o dinheiro, a riqueza, a fama, ou ter que mudar a sua vida para ficar ao lado do bem. Como todos nós temos o nosso livre arbítrio, e esse é um termo até bastante utilizado no filme, cada um faz o que quer porque nós não temos uma ordem de Deus para viver dessa ou daquela maneira; Deus nos permite que optemos na nossa vida, como vamos levar, como vamos viver. No filme, essa pessoa faz a opção de voltar ao seu ponto inicial para tentar viver de acordo com as leis divinas, mas no momento seguinte, por uma questão de vaidade, volta a penetrar no mundo do mal. E assim tem sido, meus irmãos, a vida de muitos de nós, porque esquecemos de orar e vigiar; porque quando nós oramos momentos antes de sair de casa, tão logo nós colocamos nossos pés para fora de casa, na rua, nós esquecemos de vigiar e de lembrar das palavras que dissemos na oração matinal e passamos a nos conduzir de forma muito diversa daquela que havíamos pretendido num momento anterior. Essa tem sido a dificuldade que enfrentamos quotidianamente. Temos nos afastado da nossa consciência e das verdades que nós encontramos no Evangelho do Senhor. Pelo nosso livre arbítrio, temos lutado por agirmos em desconformidade com as leis do Cristo. Essa busca entre o bem e o mal, só poderemos vencer orando e vigiando. A cada dia que passa, vamos buscar nos afastar da análise do outro, pois os defeitos dos outros nós vemos todos os dias, sempre os sabemos. Porém, os nossos defeitos, sempre esquecemos deles. É natural e lógico que gente das nossas capacidades de audição, de visão e de fala, consigam enxergar e ouvir as dificuldades ou os males que os outros causam. Mas essas mesmas faculdades, principalmente a nossa consciência nos permite detectar os males que nós mesmos nos causamos ou causamos a terceiros. Vamos então, dar maior e melhor ouvidos à nossa consciência, para que possamos, cada vez mais, ficarmos próximos da lei que Cristo nos veio trazer. Que assim seja.

IRRADIAÇÃO PARA DEMAIS LOCAIS NECESSITADOS (Dalton): Vamos preparar nosso pensamento com muita paz, amor e sinceridade para orar por aqueles que aqui não puderam estar conosco fisicamente. No momento, pensemos nos hospitais, nas casas de saúde, nos pacientes terminais, para que eles possam receber essa energia positiva, em forma de medicamento, diminuindo assim o seu sofrimento. Pensemos nos asilos, onde existem muitos irmãos abandonados e nos seus familiares, para que possam receber essa energia em forma de muito amor e muito carinho. Pensemos nas crianças abandonadas, crianças de rua, para que elas possam receber esse amor, essa paz, essa energia, desta casa de oração. Que elas possam ter muita fé, muita esperança para que cada dia melhor elas possam ter. Pensemos nos viciados em drogas, para que eles possam ter força suficiente para se livrar desse vício. Por último, pensemos em nossos lares, nossos familiares, filhos, para que possamos ter uma semana com muito amor, muita compreensão e muito carinho em nosso lar. Que assim seja.

DESCRIÇÃO DO AMBIENTE: A médium vidente que realiza esta parte do trabalho não estava presente, não sendo feita a descrição do ambiente.

APLICAÇÃO DE PASSES: Alguns médiuns se dirigem para a sala, enquanto o médium Miguel permanece sentado à mesa central, onde prescreve o receituário homeopático. As pessoas da platéia são orientadas para formar uma fila à porta da câmara de passes e são, na sequência, encaminhadas para dentro da sala. Após saírem, recebem um copinho com água fluidificada e retornam aos seus assentos anteriores. Somente depois de todos os presentes terem recebido o passe, o grupo de médiuns retorna aos seu lugar no salão, dando continuidade ao trabalho.

MENSAGEM DE ENCERRAMENTO (Entidade Espiritual se comunica pela psicofonia, através do médium Miguel): Que Deus nos abençoe a todos. Se quer se reerguer, não fica a esperar as mãos exteriores que venham lhe buscar. Sempre o primeiro passo do florescer, do florir, está dentro da rosa, não está lá fora. Se quer uma modificação interior e íntima, não espere apenas que as coisas venham lá de longe e façam esta transformação. Inicie através do gesto, através do pensamento, através da boa intenção. Sim, sim, nós somos frutos dos nosso próprio pensamento; cabe a nós darmos estes primeiros grandes passos. Muitas vezes, ficamos

a noite a rodopiar em nosso leitos, sendo agredidos por um sem número de pensamentos e lá vem novamente aquele a nossa concepção de que as coisas vem de fora e nunca estão dentro de nós mesmos. Evidentemente que também os ventos sacodem as rosas; evidentemente que as brisas jogam essas rosas para um lado e para outro. Mas o que é mais importante nessas rosas é o seu perfume; é a maneira com que exalam a sua essência interior. Somos nós indivíduos e portanto a pedra maior que deve ser lapidada está dentro de nós mesmos. Não está no vizinho que nos ofende, não está no patrão que, muitas vezes, nos humilha, está em nós mesmos. Cada passo nessa ascensão interior que nós dermos, é conquista interior eterna. Nunca mais vamos regredir aonde estávamos; estaremos um pouco mais próximos dessa perfeição relativa que nos espera em determinado ponto. Portanto, antes de criticarmos aquelas outras rosas que estão próximas a nós, vamos nos lapidar cada vez mais em nossas entranhas emocionais, em nossas entranhas sentimentais, em nossas entranhas de mágoas, de ciúme, de inveja, de pena de nós mesmos. Ai! Coitado de mim, porque jogaram-me nesse lugar? Eu não pedi isto! Mas na verdade eu pedi. Porque a minha essência necessitava daquele solo, por mais miserável que fosse, para que as minhas raízes capitassem e transladassem o perfume interior purificado. Meus bons amigos, meus confrades, tornemo-nos esta lapidação vegetal, tornemo-nos o perfume que está eternizado dentro do nosso interior. Em cada momento, em cada segundo, em cada gesto, amar é preciso. Que o bom Deus os beije neste instante e os faça dormir em paz. Que assim seja.

ORAÇÃO DE ENCERRAMENTO (Edson): o médium apenas agradeceu a presença de todos, encarnados e desencarnados, mentores do trabalho, e pediu permissão para encerrar a reunião do dia.

DISTRIBUIÇÃO DE FLORES: Na saída, um médium distribui um ramo verde e/ou uma flor, para que as pessoas levem para suas casas. Essas flores são fluidificadas.

DISTRIBUIÇÃO DOS REMÉDIOS HOMEOPÁTICOS: As pessoas que solicitaram consulta dirigem-se ao médium responsável pela distribuição dos frascos de remédio. Esse médium explica como a pessoa deve tomar o medicamento. Todos os medicamentos receitados são homeopáticos e são fornecidos gratuitamente.

Data da Atividade: 02/02/98

RECEPÇÃO: Um dos médiuns permanece na entrada do salão, onde algumas pessoas se dirigem para solicitar uma consulta mediúnica. É preenchida uma ficha, contendo dados pessoais do solicitante e os sintomas de que se queixa. Antes da abertura do trabalho, a ficha é encaminhada para a mesa central, onde o médium responsável irá, posteriormente, prescrever o receituário homeopático.

ABERTURA (Edson): o médium agradece pela oportunidade renovada desse encontro e pede permissão para abrir os trabalhos dessa noite. Agradece aos mentores do grupo e pede proteção a todos.

ORAÇÃO DE ABERTURA (Edson): Continuando sua fala anterior, o médium faz o "Pai Nosso".

RELAXAMENTO (Miguel): realizado da mesma forma como foi descrito na atividade do dia 03/11/97.

COMENTÁRIO DO EVANGELHO (Eliane): "Quando Jesus disse: 'Bem aventurados os aflitos, porque deles é o Reino dos Céus', não se referia aos sofrendores em geral, porque todos os que estão neste mundo sofrem, quer estejam num trono ou na miséria extrema, mas, ah! poucos sofrem bem, poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzir ao Reino de Deus. O desânimo é uma falta; Deus vos nega consolações, se não tiverdes coragem. A prece é um sustentáculo da alma, mas não é suficiente por si só: é necessário que se apoie numa fé ardente na bondade de Deus. Tendes ouvido freqüentemente que Ele não põe um fardo pesado em ombros frágeis. O fardo é proporcional às forças, como a recompensa será proporcional à resignação e à coragem. A recompensa será tanto mais esplendente, quanto mais penosa tiver sido a aflição. Mas essa recompensa deve ser merecida, e é por isso que a vidas está cheia de atribulações". Esse capítulo do Evangelho fala do bem e do mal sofrer é tudo aquilo que estamos cansados de escutar toda vez que adentrarmos essa casa de orações. O que não sabemos é que o que nos acontece no dia-a-dia, são atribulações que nós precisamos passar para aprendermos, para aprimorarmos a nossa alma. Tem coisas na nossa vida que nós pegamos e entendemos como erradas e não sabemos porque certas pessoas não as compreendem. É comum nós apontarmos os erros nas outras pessoas, porque em nós, aquele erro já foi vencido. Aquela falta nós já entendemos e tivemos o alcance; o nosso espírito para aquilo já está evoluído. Nós, os nossos erros, as nossas aflições, as nossas atribulações, é que nós não temos o alcance ainda para entendê-los. É por isso que aqui estamos, nesse mundo de provas e expiações, porque todos aqui, que fazemos parte desse mundo físico sofreremos de uma maneira ou de outra. Depende daquilo que nós precisamos ainda aprender e evoluir. Às vezes, então, uma coisa que é tão simples de ser compreendida por um, é tão complicada e tão difícil de ser mantida e de ser passada por outro. Por isso, essa lição nos diz "o bem e o mal sofrer". Se nós soubermos sofrer, se tivermos não indignação, mas perseverança para enfrentarmos essas dificuldades, com certeza, teremos o nosso anjo da guarda, enviado por Deus, para nos ajudar a passar por essa pedra no caminho. Mas, se desanimados, se ficarmos rancorosos, se ficarmos tripudiando, reclamando contra tudo, a atribulação, o sofrimento, o tormento, continuará, mas nós não estaremos aprendendo nada com isso. Quando um soldado vai para a guerra, ele quer mais ir ao campo de batalha, porque, se voltar, ele voltará vitorioso e terá honrarias ao voltar. Ocorre a mesma coisa com o nosso espírito. Nós estamos aqui, no campo, enfrentando uma guerra. Não

uma guerra sangrenta, em que nos gladiamos uns contra os outros, mas uma guerra em que nós nos enfrentamos a nós mesmos, o nosso espírito, a nossa consciência, indo de frente com a quilo que nós estamos fazendo de errado, tentando aprender um pouco. Este sofrimento é o nosso combate. Vamos nos alegrar por esse sofrimento; vamos agradecer a Jesus porque, com certeza, nós é que sairemos vitoriosos daqui. Já há muito tempo atrás, 9 séculos antes da vinda de Cristo, quando viveu o profeta Elias, ele conta em passagens sobre a sua vida, os sofrimentos por que teve que passar. Naquela época ele já acreditava num Deus único e era um dos únicos que convivia com essa crença, porque tinha a certeza disso; anjos conversavam com ele e contavam as experiências que ele tinha que passar. Ele, num povoado no Egito, onde ele vivia, eu acho, tinha muitas dores e sofria muitas perseguições por acreditar, em vez de Deus múltiplos como era naquele povoado, em um Deus único. Por isso ele foi muito atormentado a vida toda e passou por provações muito grandes. Inclusive, ele perdeu tudo que tinha, a mulher a quem ele amava e um filho que ela tinha. Tudo isso aconteceu porque ele precisava passar por tudo isso, com coragem e resignação. Às vezes, teve momentos na vida de Elias em que ele pensou em desistir e passar a acreditar, como todo mundo, na existência de vários deuses. Mas, cada vez que o anjo se apresentava e ele escutava a voz do seu anjo da guarda, ele retornava ao campo de batalha, que era a sua vida física, e ia em frente. Ele, então, saiu vitorioso, pois no final, quando aquela aldeia toda foi destruída, ele conseguiu recuperá-la com a sua força, com o seu amor a Deus, demonstrando a todos que, com perseverança ele conseguia ajudar a todos aqueles espíritos aflitos que estavam ali, no desânimo total. Então, desde a vida de Elias, há muitos anos atrás, e esse exemplo de Elias foi só porque eu me lembrei agora da vida dele, nós sabemos que todas as aflições que nós temos, todas os tormentos que passam pela nossa vida, tem um por que. É muito difícil, às vezes, nós termos esse entendimento porque, pela bondade de Deus, nós esquecemos as nossas vidas passadas e só lembramos dessa que estamos vivendo agora. Mas se for necessário, se a atribulação for muito grande, a dor maior que nós achamos que não podemos suportar, mas sabemos que não, pois todo fardo é compatível com a nossa força, nós vamos pedir, então, na ora da prece, da oração, que o nosso anjo de guarda nos auxilie, nos mostrando na hora do sono físico, quando nosso espírito está liberto, o por que daquele sofrimento e, com certeza, no dia seguinte, encontraremos forças para suportarmos a jornada daquele dia. Cada vez que adentramos essa casa, vamos trazer dentro de nós essa confiança, essa vontade de vencermos a nossas dificuldades. Vamos nos por a disposição para a cura dessa doença que é nossos erros, nossos débitos passados. Para isso, nós temos o passe. Vamos entrar na sala de passes prontos para receber essa cura. Jesus, cada vez que curava, ele perguntava para aquela pessoa: “você quer mesmo ser curada?” Ele podia curar naquele instante os órgãos deles, mas dependia de cada um manter o seu organismo curado e em condição de saúde. É o que nós fazemos aqui com os passes, dentro da cabina de passe. Cada um que adentre ali, pode em mente, pedir que a suas aflições, a suas dores, os seus problemas sejam resolvidos, mas que queiram, que tenham fé de que isso irá acontecer. Que ao sair daqui leve essa certeza, essa iluminação interior para os seus lares e assim, com certeza, vão manter essa energia positiva, essa cura, essa vontade de viver e ultrapassar todas as pedras do caminho. Que Deus esteja conosco e nos auxilie na caminhada terrena.

IRRADIAÇÃO PARA DEMAIS LOCAIS NECESSITADOS (Dalton): Vamos preparar nosso pensamento com muita paz, amor e sinceridade para orar por aqueles que aqui não puderam estar conosco fisicamente. No momento, pensemos nos hospitais, nas casas de saúde, nos pacientes terminais, para que eles possam receber essa energia positiva, em forma de medicamento, diminuindo assim o seu sofrimento. Pensemos nos asilos, onde existem muitos irmãos abandonados e nos seus familiares, para que possam receber essa energia em forma de muito amor e muito carinho. Pensemos nas crianças abandonadas, crianças de rua, para que elas possam receber esse amor, essa paz, essa energia, desta casa de oração. Que elas possam ter muita fé, muita esperança para que cada dia melhor elas possam ter. Pensemos nos viciados em drogas, para que eles possam ter força suficiente para se livrar desse vício. Por último, pensemos em nossos lares, nossos familiares, filhos, para que possamos ter uma semana com muito amor, muita compreensão e muito carinho em nosso lar. Que assim seja.

DESCRIÇÃO DO AMBIENTE (Ellane, médium vidente): A médium colocou que o ambiente estava permeado de espíritos do grupo dos “pretos velhos”, que derramavam sobre todos soluções curativas e passavam unguentos nas feridas daqueles que necessitavam. Disse ainda, que uma corrente forte se formava em torno da platéia e que os espíritos presentes transmitiam muita força e energia para todos, pedindo que fosse mantido o pensamento elevado, longe dos sentimentos negativos.

APLICAÇÃO DE PASSES: Alguns médiuns se dirigem para a sala, enquanto o médium Miguel permanece sentado à mesa central, onde prescreve o receituário homeopático. As pessoas da platéia são orientadas para formar uma fila à porta da câmara de passes e são, na seqüência, encaminhadas para dentro da sala. Após saírem, recebem um copinho com água fluidificada e retornam aos seus assentos anteriores. Somente depois de todos os presentes terem recebido o passe, o grupo de médiuns retorna aos seu lugar no salão, dando continuidade ao trabalho.

MENSAGEM DE ENCERRAMENTO (Entidade Espiritual se comunica pela psicofonia, através do médium Miguel): Que Deus nos abençoe a todos. Eu sei Pai! Eu sei que nós fomos criados pelo seu pensamento para exercermos o bem. Eu sei que o seu poder maior, Pai de todos os universos, nos lançou nessa estrada das evoluções para que nós alcançássemos o bem. Mas, às vezes, Pai, eu enfraqueço. Às vezes à minha mente de aprendiz, de ignorante, vem pensamentos tão ruins, tão cruéis. Eu luto muito para afastar esses pensamentos, Pai. Passo horas tentando meditar, buscando afastar esses pensamentos e, o pouco que consigo, é pronunciar o teu nome, Pai. Estas horas de luta trazem-me um aperto no peito quando concluo que sou tão ruim, Pai. Mas lá,

bem no fundo, olhando as estrelas neste céu tão bonito, Pai, eu sinto uma coisa tão boa que passo a crer que existe algo de bom em mim. Ainda hoje, à tarde, quando aquela criança veio juntinho a mim, chorando, faminta, e eu lhe dei de comer, Pai, senti Você pertinho de mim, Pai. Neste momento, os maus pensamentos não invadiram a minha cabeça. Ainda esses dias, lá no trabalho, quando aquele colega se aproximou chorando, falando das suas dificuldades em casa e eu pude tirar do bolso um pouco a mais que eu tinha, para dar para ele, e suas lágrimas escorreram nas minhas mãos, seu senti Você perto, Pai. Aos poucos, Pai, eu sinto que ... que eu posso senti-Lo. Ainda distante eu sei, dentro dessa minha ignorância, mas, o bem às vezes brilha dentro do meu peito, igual essas estrelinhas, que estão brilhando hoje, nesse dia, nessa noite tão bonita, Pai. Só peço a Você. que me dê forças para continuar Te amando e amando aqueles que estão próximos a mim, Pai. Que assim seja.

ORAÇÃO DE ENCERRAMENTO (Edson): *E assim, com a permissão do alto, nós vamos dando por encerrado os trabalhos dessa noite, do grupo Fabiano de Cristo, desejando a todos um feliz retorno aos seus lares e que Deus nos proteja a todos. Que assim seja.*

DISTRIBUIÇÃO DE FLORES: *Na saída, um médium distribui um ramo verde e/ou uma flor, para que as pessoas levem para suas casas. Essas flores são fluidificadas.*

DISTRIBUIÇÃO DOS REMÉDIOS HOMEOPÁTICOS: *As pessoas que solicitaram consulta dirigem ao médium responsável pela distribuição dos frascos de remédio. Esse médium explica como a pessoa deve tomar o medicamento. Todos os medicamentos receitados são homeopáticos e são fornecidos gratuitamente.*

Data da Atividade: 09/02/98

RECEPÇÃO: *Um dos médiuns permanece na entrada do salão, onde algumas pessoas se dirigem para solicitar uma consulta mediúnica. É preenchida uma ficha, contendo dados pessoais do solicitante e os sintomas de que se queixa. Antes da abertura do trabalho, a ficha é encaminhada para a mesa central, onde o médium responsável irá, posteriormente, prescrever o receituário homeopático.*

ABERTURA (Edson): *Nós vamos iniciar os trabalhos dessa noite e essa alegria, que enche nossos corações e que vai nos ajudando a melhorarmos as nossas afeições e afastarmos os pensamentos da materialidade, aqueles pensamentos lá de fora. Também vai nos ajudando a lembrarmos de Deus e aqueles que ainda tem um pouco de dificuldade de amenizar seus sentimentos, olhem para o Cristo que está aqui em cima de nossas cabeças e percebam a perfeição da sua imagem, a tranquilidade que provém desse olhar, que só nos ajuda, só nos auxilia. Vamos aos poucos nos harmonizando, sintonizando nossos pensamentos com o alto, ouvindo essa música, para que estejamos cada vez mais afeitos com este ambiente que foi preparado para que pudéssemos vir até aqui e receber. É imperativo para que possamos receber, que nós façamos com que os nossos pensamentos e sentimentos estejam ligados ao alto. E é dentro dessa harmonia que nós convidamos nossa querida dona Aidé para fazer a prece de abertura dos trabalhos dessa noite.*

ORAÇÃO DE ABERTURA (Aidé): *Vamos, então, esquecermos todos os nossos problemas lá de fora e imaginar que somos espíritos eternos, carentes de oração. Vamos todos lembrar de elevarmos os nossos pensamentos para que possamos absorver essa energia, essa força que foi preparada para todos nós. Vamos procurar ser pacientes e orar com muito amor e muito agradecimento pela oportunidade que o Pai nos dá de estarmos aqui, nesse trabalho, recebendo tanta força, tanto amor desses amigos, que preparam com tanto carinho essa casa. Deus, nosso Pai, que tendes poder e bondade, dai a força àquele que passa pela provação, dai luz àquele que procura a verdade, ponde no coração do homem a compaixão e a caridade. Deus! dai ao viajor a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso. Pai! dai ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, à criança o guia, ao órfão o pai. Senhor! que a vossa bondade se estenda sobre tudo o que criastes. piedade, Senhor, para aquele que não Vos conhece, esperança para aquele que sofre. Que Vossa bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda parte a paz, a esperança e a fé. Deus! um raio, uma fálscia do Vosso amor pode abrasar a Terra; deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita e todas as lágrimas secarão, todas as dores acalmar-se-ão, um só coração, um só pensamento subirá até Vós, como um grito de reconhecimento e de amor. Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos com os braços abertos, oh! poder, oh! bondade, oh! beleza, oh! perfeição e queremos de algum modo alcançar a Vossa misericórdia. Deus! dai-nos a força de ajudar o progresso a fim de subirmos até Vós; dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão, dai-nos a simplicidade que fará das nossas almas o espelho onde se refletirá a Vossa imagem. Que assim seja.*

RELAXAMENTO (Miguel): *realizado da mesma forma como foi descrito na atividade do dia 03/11/97.*

COMENTÁRIO DO EVANGELHO (Sérgio): *Capítulo 15, carta de Paulo, que fala que sem a caridade não há salvação. "Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, sou como o metal que soa, ou como o sino que tine. E se eu tiver o dom de profecia, e conhecer todos os mistérios, e quanto se pode saber, e se tiver toda a fé, até o ponto de transportar montanhas, e não tiver caridade, não sou nada. E se eu distribuir todos os meus bens para o sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se, todavia, não tiver caridade, nada disto me aproveita. A caridade não é invejosa, não obra ternerária nem precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. A caridade*

nunca, jamais há de acabar, ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as línguas, ou seja abolida a ciência. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três virtudes: porém a maior delas é a caridade". Essa página de Paulo, nos dá um recado, uma mensagem de uma seriedade que nos toca fundo no coração. É uma página que, quando lida, parece que estamos levando uma chacoalhada, como quem está a perguntar: "o que vocês tem feito das vossas vidas?" O que nós temos feito das nossas vidas? Aqui na Terra, em meio a tanta correria, tanto trabalho e tanto estudo, muitas vezes ??? Essa página, essa mensagem de Paulo, nos faz despertar a consciência para o verdadeiro significado das nossas vidas aqui na Terra, para a verdadeira razão de aqui estarmos. Muitas vezes nós acabamos confundindo, esquecendo, deixando de lado, ou até mesmo, supondo que estamos levando uma vida como Jesus gostaria que levássemos. Mas muitas vezes, não passa de uma mera ilusão. Muitas vezes, estamos cultivando muito imagem. Muitas vezes, falamos coisas bonitas. Mas a caridade a que Paulo se refere não é a de palavras bonitas, nem daquelas orações ditas com a boca, decoradas. Mas sim, a caridade das pequenas coisas do nosso dia-a-dia; a caridade, desde o nosso despertar dentro das nossas famílias, a caridade da paciência, com os nossos empregados, com os nossos vizinhos, de saber ouvir, saber reconhecer os defeitos das pessoas com quem convivemos. Muitas vezes, as pessoas confundem caridade com doação de bens materiais e deixam de praticá-la, com a desculpa para si mesmo, dizendo: "eu nada tenho, ou o que tenho é tão pouco que não me resta nada para praticar a caridade". Na realidade, o bem material que muitas vezes é doado, não tem muito a ver com a caridade a que se refere Paulo nessa mensagem. mais adiante, ele mesmo cita "se tivesse distribuído todos os meus bens para sustentar os pobres, se não tivesse caridade, tudo isso de nada me serviria". Nesta frase ele chama muito a atenção de todos nós, para o que significa realmente sermos caridosos. Não significa darmos uma esmola, um bem material, ou ajudarmos alguém materialmente. Mas sim, significa vivermos intensamente o exemplo dado por nosso Mestre, a quem Paulo foi discípulo. O Mestre de todos nós, Jesus, que viveu a caridade durante toda a sua passagem aqui pela Terra e, se assim não fosse, ele não seria lembrado há quase 2 mil anos depois da sua existência, numa época em que não haviam meios de comunicação como existem hoje e os povos não se falavam da maneira como acontece hoje. As notícias não corriam tão rápidas e Jesus viveu há quase 2 mil anos atrás e sua vida nunca foi esquecida. Sua vida é cada vez mais estudada, cada vez mais lembrada pelo simples exemplo, pelo simples fato de que foi baseada toda ela na caridade. Talvez o maior ato de caridade de Jesus já tenha acontecido com a sua chegada à Terra. Como espírito puro e soberano, pelo simples fato de ter aceitado essa missão, de descer ao mundo tão cheio de ódio e maldades, muito mais ainda naquela época, onde a justiça praticamente não existia. Jesus, em toda a sua majestade e soberania de espírito puro aceitou essa missão como um gesto de pura caridade, sabendo Ele por tudo que iria passar: que seria humilhado, que iriam lhe cuspir na cara, que iriam zombar de suas pregações, que seria ridicularizado em público e que teria poder para calar a todos os homens, ele simplesmente, neste gesto de caridade, aceita sua missão e passa pela Terra falando de amor. E, muito mais do que isso, visitando pobres, curando feridas, levantando moralmente os caídos, fazendo curas, pregando a caridade, não só com palavras, mas com os seus atos. Jesus não media esforços; não queria nem saber se estava conversando com prostitutas ou com ladrões, assassinos. Não queria nem saber se estava conversando com diferentes raças. Muitas vezes, por isso, Ele era criticado. Porque, as pessoas, mesmo aqueles que O seguiam, tinham ele como Mestre, como o Messias enviado de Deus e era inacreditável que aquele homem, com todo o seu poder espiritual se ajoelhasse diante de um moribundo ou diante de um miserável e viesse lhe tratar as feridas e repartir o pão. Até hoje, o nosso orgulho não consegue entender isso, porque muitas vezes nós pecamos muito pela nossa posição social, intelectual, financeira. E como disse Paulo, nesta mensagem, de nada vale termos posição social, estudo, de nada vale falarmos todas as línguas dos homens e todas as línguas dos anjos, porque se não tivermos caridade nada somos. Essa mensagem é uma mensagem muito séria, que nos leva ao exame de consciência sobre o que estamos fazendo das nossas vidas aqui na Terra, da verdadeira razão de aqui estarmos, independente de classe social e meio cultural. A razão é uma só e quem está fora dela sofre por achar que a vida é um vazio sem sentido. Muitas vezes as pessoas de nível financeiro elevado, como encontramos hoje, sofrem de depressão, que é a doença da moda, do século; uma depressão inexplicável pois, aparentemente a pessoa tudo tem: dinheiro, cultura, lazer, mas também tem a depressão fazendo parte de suas vidas. Com certeza isso é o maior sinal de que suas vidas, nossas vidas, às vezes tomam rumos totalmente errados, totalmente fora do que Jesus veio nos ensinar. Muitas vezes, envolvidos no orgulho, no nosso trabalho e posição, nós não nos apercebemos disso e deixamos as coisas simples de lado, como um simples sorriso, que é a verdadeira caridade. Esquecemos que nos nossos lares temos filhos que não tem nada a ver com nossos problemas de trabalho, nem são culpados pelas nossas dificuldades. É aí que começa a verdadeira caridade. É dentro de casa, nos nossos lares, buscando entender, buscando ouvir, acariciando uma criança chorando e não retrucando com mais um grito, ou perdendo a paciência. É dentro de nós mesmos, nos nossos pequenos atos que começa a caridade. Não precisamos, necessariamente, de grandes atitudes para sermos caridosos. Essa caridade se resume simplesmente ao nosso convívio com as pessoas. Muitas vezes há pessoas que nós estão distantes, necessitadas de auxílio e que um simples pensamento, uma simples oração, a emissão de bons pensamentos é caridade. Um simples olhar de compreensão, é caridade. Hoje nós temos essa bênção, de receber em nossas vidas as mensagens que o espiritismo nos traz; mensagens de alerta, que nos dizem que ainda há tempo. Mensagens que nos abrem os olhos e nos fazem enxergar a vida de uma maneira diferente e nos chamam a atenção. Mensagens que, muitas vezes, ao passarmos para o mundo espiritual, ao deixarmos essa vida aqui na Terra, nós vamos ouvi-las do lado de lá. Muitas vezes, os espíritos se desesperam e sofrem porque acabam enxergando que a matéria não os acompanhou; enxergam que sua vida foi um grande vazio, embora seus cofres estivessem cheios. É nesse momento que bate um desespero. Jesus, em toda sua sabedoria, nos permite que à Terra nós voltemos para resgatar, talvez, esse tempo perdido, essas vidas em vão. Como nós hoje temos esta bênção de sermos alertados ainda durante a nossa vida aqui na Terra, Jesus nos diz, todos os dias ao amanhecer: "ainda há tempo; você tem mais um dia pela frente. Eu lhe dou mais uma vez o sol, lhe dou mais uma vez saúde, lhe dou mais uma vez os seus familiares e você tem mais um dia

pela frente”. Como um aluno numa escola, ele nos diz: “você tem mais um dia de aula”. Ainda há tempo de arregaçar as mangas e de mostrar que a razão de nossas vidas aqui na Terra é de seguir os exemplos que Ele nos deu. Que assim seja.

IRRADIAÇÃO PARA DEMAIS LOCAIS NECESSITADOS (Silmara): Vamos, através do nosso pensamento, doar um pouco da nossa energia para todas aquelas pessoas necessitadas que aqui não puderam estar fisicamente presentes. No momento, pensemos nos hospitais, nas casas de saúde, nos pacientes terminais, para que eles possam receber essa energia positiva, em forma de medicamento, diminuindo assim o seu sofrimento. Pensemos nos asilos, onde existem muitos irmãos abandonados e nos seus familiares, para que possam receber essa energia em forma de muito amor e muito carinho. Pensemos nas crianças abandonadas, crianças de rua, para que elas possam receber esse amor, essa paz, essa energia, desta casa de oração. Que elas possam ter muita fé, muita esperança para que cada dia melhor elas possam ter. Pensemos nos viciados em drogas, para que eles possam ter força suficiente para se livrar desse vício. Por último, pensemos em nossos lares, nossos familiares, filhos, para que possamos ter uma semana com muito amor, muita compreensão e muito carinho em nosso lar. Que assim seja.

DESCRIÇÃO DO AMBIENTE (Ellane, médium vidente): No início dos nossos trabalhos, um senhor com uma corcunda bem grande, vestindo um hábito como se fosse um monge e nos ajudava a mantermos o equilíbrio de pensamento e de sentimentos dentro dessa casa. Como ele nos diz, nós sabemos, existe um grupo de espíritos que partiram ignorantes e que por medo, ou simplesmente porque não tem entendimento, querem perturbar as nossas mentes e nossos sentimentos. E eles foram mantendo distantes dessa casa por esse nosso irmão, que ainda se apresenta, apesar de ser um espírito muito luminoso, com uma corcunda nas costas, mostrando assim, o que ele teve que passar nas outras vidas e sendo nessa, agora, um espírito luminoso, auxiliando a todos nós nesta casa. Nós tivemos também a presença de uma irmã de cabelos grisalhos que, com uma feição muito forte, segurava com uma das mãos a testa e com a outra dirigia a todos os cantos da sala, uma energia de equilíbrio, de recuperação, nos envolvendo a todos para que pudéssemos dar passagem para esses espíritos que fazem trabalho aqui conosco. Durante os trabalhos de irradiação, tivemos a presença de uma médica que eu conheci quando era ainda muito nova, mas que lembro bem de suas afeições, a Dra. Gilda G. foi quem canalizou e nos auxiliou na irradiação. Existe, ainda, no ambiente, uma equipe de jovens e um deles diz que essa equipe veio hoje aqui, enviada pelo mundo espiritual, para que comecem, nesta vila, um trabalho de auxílio aos adolescentes. E ele nos diz que, muitas vezes, o caminho reto não é o melhor. Às vezes o caminho sinuoso, mais longo, mais árduo é o que nos leva a uma elevação espiritual e nos conduz a um futuro melhor e é por isso que eles, hoje, iniciam um trabalho com os jovens, para ajudá-los na escolha do caminho certo. As mães que, por acaso, tiverem algum desespero e quiserem pedir auxílio, que peçam a esta equipe de jovens que eles vem trazer aqui, para ajudar seus filhos a tomar um rumo certo e melhor nas suas vidas. Como esse rapaz diz, estes são os soldados da boa vontade que vem em auxílio dos jovens e dos adolescentes e estarão presentes aqui, enquanto tiver necessidade e o alto assim o permitir. Que assim seja.

APLICAÇÃO DE PASSES: Alguns médiuns se dirigem para a sala, enquanto o médium Miguel permanece sentado à mesa central, onde prescreve o receituário homeopático. As pessoas da platéia são orientadas para formar uma fila à porta da câmara de passes e são, na seqüência, encaminhadas para dentro da sala. Após saírem, recebem um copinho com água fluidificada e retornam aos seus assentos anteriores. Somente depois de todos os presentes terem recebido o passe, o grupo de médiuns retorna aos seu lugar no salão, dando continuidade ao trabalho.

MENSAGEM DE ENCERRAMENTO (feita por entidade espiritual que se comunica por psicofonia, através do médium Miguel): Que Deus nos abençoe a todos. É bom ver as borboletas voando; transmitem uma sensação de liberdade. É bom ver os pássaros penetrando no horizonte, se afastando da praia, nos deixando a sensação do levitar, do flutuar, do ser livre. Nos entristece observarmos que a humanidade, embora caminhe de um lado para o outro, passa a tráfegar nas inúmeras distâncias que este planeta oferece. Se analisarmos profundamente os seus pés e as suas mãos, notaremos correntes. Veremos correntes em suas cabeças e em seus corpos. Os menos desavisados dirão: “Mas nós não vemos nada. Estes homens parecem livres.” E são livres. Porém, acorrentam-se diante das suas mais variadas paixões, dos seus mais variados desejos. Estas são as correntes da humanidade. Às vezes, quando estamos odiando, achamos que estamos expulsando algo dentro de nós. Porém, na verdade, estamos nos acorrentando àqueles que odiamos. E passam-se séculos e mais séculos demonstrando as pessoas acorrentadas aos seus ódios, às mágoas, ao passado, sempre o passado. O evangelista bem lembrou: todos os dias renascemos e temos uma nova chance. Todos os dias podemos abrir nossos olhos e destruir as correntes que impedem a nossa evolução. Ore, medite, reflita interiormente; estes são instrumentos que vão desgastando as nossas corrente, soltando as nossas amarras. É bom estar próximo à pessoas que amo. Fazer o bem faz-nos muito bem. Isto desgasta as nossas correntes. Estar junto a um grupo cujo pensamento se eleva a Jesus, à Deus, isto desfaz as nossa correntes. Perceber aquele que está deitado ao nosso lado e ter a piedade, a fraternidade, o amor, o bom senso de abaixar sobre esta criatura e ajudá-lo, isto desfaz as nossas corrente. Afinal, a nossa existência tem por objetivo não para nos acorrenta, mas para nos libertar dessas correntes e vivermos uma existência onde o amor é pleno, é a razão, a vida, o existir. Não há outra razão para se viver. Embora algumas correntes nos inclinem para a ilusão, para a materialidade, aos poucos, aos pouquinhos, esta vontade de liberdade vai nos invadindo e o amor toma-se soberano. Que o bom Deus os abrace com muito amor e que as correntes se rompam. Que assim seja.

ORAÇÃO DE ENCERRAMENTO (Edson): *E assim, nós damos por encerrado os trabalhos dessa noite, desejando a todos que vão para seus lares em paz. Que assim seja.*

DISTRIBUIÇÃO DE FLORES: *Na saída, um médium distribui um ramo verde e/ou uma flor, para que as pessoas levem para suas casas. Essas flores são fluidificadas.*

DISTRIBUIÇÃO DOS REMÉDIOS HOMEOPÁTICOS: *As pessoas que solicitaram consulta dirigem ao médium responsável pela distribuição dos frascos de remédio. Esse médium explica como a pessoa deve tomar o medicamento. Todos os medicamentos receitados são homeopáticos e são fornecidos gratuitamente.*

Anexo 4
Descrição das atividades de
evangelização no Grupo Dona Aidê

Anexo 4 - Descrição das atividades de evangelização no Grupo Dona Aidê**Sextas-feiras, à tarde****Data da atividade: 06/03/98**

RECEPÇÃO: Os participantes vão chegando aos poucos e dirigindo-se ao salão, onde permanecem sentados até o início da palestra. Praticamente 100% das pessoas é do sexo feminino e, em geral, são mulheres acompanhadas de seus filhos. As crianças permanecem no salão junto das mães, mas com alguma movimentação. Algumas pessoas conversam com a Sra. Aidê antes da palestra.

PALESTRA (Aidê): Tudo é energia; a cadeira é energia condensada. O espírito é energia, embora mais sutil, mais leve e rarefeita, mas é energia. Nossos pensamentos são energia. Tudo do universo é energia; nós estamos dentro de um universo cheio de energia. Nosso físico é energia condensada, enquanto nosso espírito é energia sutil. Assim o pensamento negativo, gera uma energia negativa que vai se fixando em nós como forma de sujeira. Por exemplo, quando eu penso que estou com raiva de alguma coisa e ao invés de deixar isso para lá, eu concentro isso e fica em mim. Essa energia negativa forma uma massa, como se fosse uma nuvem preta, que vai se condensando e fica no meu perispírito, na minha alma. O perispírito é aquela matriz que envolve o nosso espírito. Todos nós ao nascermos temos o nosso perispírito impregnado de toda a nossa vivência anterior. A gente veio do pó; foi animal e veio evoluindo até chegar ao homem. Quando chegou ao homem, foi tendo responsabilidade dos atos e continuou crescendo e aprendendo. Quando nós nos tornamos seres humanos, nós já temos inteligência para pensar, para discernir e escolher o que nós gostamos e não gostamos. Temos uma consciência que nos dá a diretriz dos nossos atos. Assim, se pensarmos negativamente como eu falei, nós temos uma massa de energia que vai condensar e ficar no nosso perispírito. E a cada pensamento negativo, esse pontinho marcado no nosso perispírito vai aumentando. Sucessivamente, com a nossa maneira negativa de pensar, de agir e reagir, estamos exalando energia negativa. Por exemplo, quando o marido fala “você é uma relaxada, uma cretina e não sei o que, não sei o que”. A gente vai sujando nosso perispírito. Quando esse pontinho vai se abrindo, porque está crescendo, essa energia escapa para o corpo físico. E aí que eu sinto dor de cabeça, um câncer, uma úlcera no estômago. Isso não acontece por acaso. Eu também tive distúrbios da maneira de agir e de comer, que é energia negativa. Porém, a maior parte vem do pensamento, da maneira de agir negativamente. Aquela parte do nosso perispírito que deve ser luminosa fica tremulante, à luz baixa, doente, e o corpo, que é a vestimenta, fica sujo e doente. Para que nós não tenhamos dor e sofrimento, nós temos que limpar o nosso pensamento, a nossa maneira de agir. Nós temos dentro de nós, do nosso espírito imortal, uma energia imensa, que está pressionada. Nós somos como uma barragem: se fizermos um furinho, vai escapar um pouco de água e acaba esvaziando a barragem. Assim somos nós, uma energia muito condensada que, se não for movimentada, nos torna doentes. Mas como liberar essa energia? Através do amor. Só o amor, o pensamento elevado, a auto doação, as boas atitudes, é que podem liberar essa energia. Se ela não sai pelo corpo físico através da dor, nós podemos liberá-la pelo amor. É como Cristo disse: “o amor cobre uma multidão de pecados”. Se nós muito amarmos, se nos doarmos e fizermos o bem, exercitando o amor, perdoadando as pessoas, compreendendo, estaremos liberando nossa energia para o bem. Ainda somos muito primitivos, pois temos reações quase como animais, mas se formos nos educando a não reagir quando uma pessoa nos ofende, podemos, ao invés disso, ir conversar com essa pessoa para compreender o que fizemos para ela agir assim com a gente e pedir perdão pelas coisas que fizemos que a magoaram também. Podemos refletir sobre o que fizemos, reconhecer o nosso erro e pensar duas vezes antes de fazer isso de novo. Assim que a gente vai se educando e educando aqueles que nos ? . Se formos reagir da mesma maneira agressiva que as pessoas chegam a nós, vamos continuar eternamente com a aquela energia condensada que manchando o nosso perispírito. O nosso corpo físico vai sempre sentir dores, vai sofrer, nossa vida vai ser triste e angustiada e os problemas vão surgindo, para que nós possamos pensar e pedir ajuda para chegarmos a Deus. Quando a gente está triste e angustiada, a gente deve orar, pedir ajuda para Deus e assim, entramos naquela sintonia de Jesus, do Alto. As bênçãos de Deus não são mesquinhas; elas jorram incessantemente. Olhem a maravilha que é a vida, o mundo, as flores, as árvores, o sol, o céu. Mas nós não lembramos de agradecer essas coisas; quantas vezes as desprezamos e não damos nem importância, preferindo um anel de ouro ao invés de nos deslumbrar com uma flor e com as maravilhas da natureza. Com isso, nossa vista vai enfraquecendo até não enxergarmos mais. Aí, perguntamos a Deus porque aconteceu isso. Não foi porque Deus castigou e sim porque estamos dentro de uma lei. Se eu não exercito a minha vista para o bem, para as belezas da vida, para enxergar as coisas boas que as pessoas tem; se eu só enxergo as coisas negativas, as coisas ruins, os defeitos que as pessoas tem e só enxergo maldade no mundo, eu vou tirando a capacidade da ? . Eu mesma faço isso; não existe castigo de Deus. Se eu quiser ter uma vista perfeita, uma saúde perfeita, se eu quiser ser feliz, eu tenho que buscar essa felicidade pelos meus atos, pela minha maneira de viver. Não posso pedir que Deus me ajude, ir ao oculista e resolver tudo por mim. Posso até voltar enxergar, mas não será suficiente, porque o mal está em mim. O mal está na minha maneira de pensar, na minha maneira de agir; eu estou com energia negativa condensada dentro de mim. Como é que eu vou liberar energia? Através do amor. Ou se ama ou a pessoa vai sofrer até que cansa e começa a pensar diferente. Mas se eu posso melhorar pelo amor, porque eu vou querer sofrer? Eu então começo a melhorar a minha maneira de pensar, de agir, de tratar as pessoas, deixando de ser mesquinha, orgulhosa e vaidosa, deixando de ser egoísta e não pensar só em mim. O egoísmo é uma barreira e a pessoa pensa só no material, concentra e bloqueia a energia dentro dela, impedindo que ela flua. Já o altruísmo não; a pessoa altruísta é aquela que libera, que não pensa só em si e ajuda os outros, com alegria e doação. Em alguns estudos, observaram que a tuberculose, por exemplo, é uma doença que dá em pessoas

muitos egoístas. De tanto pensar só nela, só na sua família, não querer dividir nada e se fechar dentro da sua casca, ela vai gerando uma energia tão negativa que dá vazão para que os bacilos da tuberculose se instalem e desenvolva a doença. E com tuberculose, ninguém mais vai querer saber dela, com medo de pegar a doença, o que obriga a pessoa a se fechar nos sanatórios, a ficar em casa. Ninguém conversa com ela, ninguém chega perto dela, porque ela está contaminada pela doença do egoísmo. Então, eu tenho que pensar: eu não posso fazer isso, não posso bloquear a saída da energia. Quando morremos, o nosso corpo fica na terra e o perispírito sai, porque é energia sutil. Agora, quanto mais grosseira for a pessoa, quanto mais maldosa ela for, maior é a concentração de energia negativa dentro dela, de energia grosseira, pesada. Se o nosso perispírito é pesado, não adianta nem confessarmos com o padre, achando que vamos para o céu direto, porque não adianta nada. Nós vamos ou para o céu, ou para o inferno, conforme a consciência que tivermos. Se tivermos uma consciência de maldade, de ódio, de rancor, de inconformação, nosso perispírito vai estar pesado e não sobe. É como uma bexiga; se estiver cheia de gás ela sobe, mas se estiver cheia de areia, ela fica pesada e não sobe. Então, para onde nós vamos? Vamos para aquela camada grosseira que fica em volta da Terra, numa região grosseira, de sofrimento, pois não temos leveza para subir. Mas se nós, durante a nossa vida, formos fazendo furinhos dentro do nosso perispírito com amor e doação, nós vamos dando vazão para a nossa energia e ficando leves. Quanto mais nós perseverarmos no amor, na auto doação, na caridade pura, auxiliando o próximo com a caridade do amor, mais teremos leveza. Podemos cuidar de um doente no hospital, cuidar e amamentar uma criança quando a mãe está doente, isto é caridade. Dar um prato de comida, um quilo de feijão, isto não é caridade, pois se eu tenho dinheiro, isso não representa nada. A maior caridade é dar de si, dar amor, é doar-se. Se eu der de mim com carinho, mas a pessoa retribui com maldade, eu não vou me ressentir. Agora, se eu penso em receber em troca daquilo que eu dou, isso é o egoísmo. Se eu recebo em troca por aquilo que eu dei, a minha ação fica anulada; eu nem ganhei, nem perdi. A recompensa vem de Deus, não podemos ficar esperando por ela. Eu tenho que doar-me porque sou grata a Deus pela vida, pela natureza então, e é isso que me faz feliz. Isso me deixa alegre e leve. A pessoa faz porque aprende que esta é a verdadeira felicidade; poder dar é muito melhor do que pedir. Durante esses atos de auto doação, a pessoa vai liberando energia e tirando toda a sujeira que ela tem dentro de si, tornando-se luminosa e alegre, feliz. No estágio em que estamos aqui na Terra, nós temos que sofrer ainda porque fizemos muita coisa errada. Estamos num estágio um pouco acima que os animais, que não tem a mesma responsabilidade que nós. Nós já temos a inteligência e os ensinamentos de Jesus desde a 2 mil anos. Porém, temos que sofrer ainda porque estamos muito impregnados de sujeira: já abandonamos filho, fizemos abortos em outras vidas, fomos devassas, enfim, tantas coisas que devemos ter feito. Mas, retornamos, nessa encarnação, talvez um pouquinho melhor: temos uma consciência e uma doutrina que considera Jesus como o nosso mestre. Ainda somos pesados, mas podemos ficar cada vez mais leves, tal como São Francisco de Assis que, como outros tantos, dou-se para os outros. Quando ele orava, chegava a levitar tamanha a leveza do seu espírito. Ele tornava-se tão elevado, tão compenetrado que seu corpo acabava subindo. Nós ainda temos nossa energia muito pesada, sentimos dores de cabeça e outros males físicos, mas temos que entender que devemos suportar essas dores sem revolta. Não podemos ficar perguntando: "por que só eu?" Provavelmente é porque eu errei mais e prejudiquei mais pessoas. Portanto, eu tenho que reparar meus erros com o amor. Pedimos para Deus nos dar o sofrimento, para que possamos resgatar os nossos erros. Na fila da reencarnação, nós mesmos programamos a nossa vida e, muitas vezes, pedimos um sofrimento ainda maior para nos vermos livres dos erros cometidos anteriormente. Mas Deus, nos conhecendo, sabe que a gente se engana muito e que a gente se apega, querendo nos tornar santos de uma hora para outra, nos prepara para uma vida mais confortável, para que aprendamos a enfrentar as dificuldades mesmo tendo recebido mais. Quando então estamos aqui, acabamos tomando algumas atitudes contrárias ao que deveríamos e acabamos gerando muita energia negativa e muitas doenças, até o dia em que resolvemos nos modificar, fazendo as nossas orações, seguindo os ensinamentos de Jesus. Resolvemos, de uma vez por todas, a pensar diferente, a agir diferente, não necessitando mais dos medicamentos que tanto procuramos tomar para as nossas doenças, porque estaremos mais leves, mais purificados com a pílula da paciência, da humildade. Isso é o que nós precisamos exercitar no nosso dia-a-dia com aqueles que estão ao nosso redor. Se cuidarmos melhor dos nossos filhos eles serão pessoas melhores. Se batermos nos nossos filhos, eles podem até abaixar a cabeça, mas com revolta, com ódio. Por isso, devemos falar sempre com amor e não podermos ter pressa, porque os resultados são para Deus. É o amor que conserta as coisas, o ódio só destrói. Se os filhos agem errado, devemos saber compreender e falar com eles com paciência. Vamos pensar: tudo é energia. Eu falando, gero energia; eu pensando, gero energia. Primeiro para mim, depois para as outras pessoas. Por isso, devemos só falar amor, ser alegre, sorrir, ser serenos. A cada ato bom, eu vou fazendo um burquinho lá no íntimo do meu corpo astral e deixando a energia fluir, tornando-me leve, não dando mais importância para as coisas grosseiras do dia-a-dia, não nos deixando atingir pelas coisas negativas. Foi assim que os santos fizeram; eles não nasceram santos e sim, foram conquistando a leveza através de seus atos. Essas coisas negativas não os atingem mais, porque eles estão lá em cima. E de lá, eles vão irradiando amor para nós, exalando aquele perfume gostoso. Se nós levantarmos os olhos para o céu, nós canalizaremos essa energia gostosa para nós, através da oração, dos bons pensamentos, de alegria e da vontade de ajudar, porque é amando que somos amados e é dando que recebemos. Então vamos todos orar, em profundo agradecimento à Deus, pela nossa reunião, pela nossa amizade, por essa casa e pelas oportunidades que temos (a oração é feita junto com o passe coletivo).

APLICAÇÃO DE PASSE COLETIVO: Os médiuns presentes fazem um círculo envolvendo as pessoas sentadas no salão, impondo suas mãos, enquanto um deles faz uma prece. Todas as pessoas acompanham a oração em voz alta.

FLUIDIFICAÇÃO DA ÁGUA: Os médiuns presentes impõem suas mãos sobre as jarras de água que ficam sobre a mesa e um deles faz uma menção ao plano espiritual, pedindo que sejam derramados os fluidos necessários para o fortalecimento da espiritualidade de cada um que beber daquela água.

APLICAÇÃO DE PASSE INDIVIDUAL: As pessoas da platéia são orientadas para formar uma fila à porta da câmara de passes e são, na sequência, encaminhadas para dentro da sala. Após saírem, recebem um copinho com água fluidificada e conforme a vontade de cada um, retiram-se do salão.

ENCERRAMENTO: O grupo de médiuns faz uma oração dentro da câmara de passes agradecendo a oportunidade do trabalho e pedindo permissão para dá-lo por encerrado.

Data da atividade: 13/03/98

RECEPÇÃO: Os participantes vão chegando aos poucos e dirigindo-se ao salão, onde permanecem sentados até o início da palestra. Praticamente 100% das pessoas é do sexo feminino e, em geral, são mulheres acompanhadas de seus filhos. As crianças permanecem no salão junto das mães, mas com alguma movimentação. Neste dia a Sra. Aidé não compareceu à reunião, sendo a palestra desenvolvida pela Sra. Silvia.

PALESTRA (Silvia): Podemos ter certeza da morte; ela chega para todos nós no momento certo. Por exemplo, não podemos dizer que uma pessoa que sofre um infarto tenha morrido de repente, pois o indivíduo vai acumulando as coisas ao longo da sua existência. A pessoa descuida-se ao longo do tempo, até que tem uma doença grave e morre. Isso nos faz pensar sobre a morte. Mas como me preparo para a morte? Vivendo dentro das leis de Deus e obedecendo seus mandamentos. Moisés foi aquele que serviu de instrumento para que Deus fizesse a sua grande primeira revelação: os dez mandamentos. Esses mandamentos são: não ter outros deuses; não falar o nome de Deus em vão; santificar o sábado; honrar pai e mãe; não matar; não roubar; não cometer adultério; não prestar falso testemunho; não desejar a mulher do próximo; não desejar aquilo que pertence ao próximo. A segunda revelação de Deus foi a vinda de Jesus para a Terra, a fim de que seu filho pudesse mostrar aos homens a prática das suas leis. Jesus então resumiu todos os mandamentos em uma só frase: “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. O espiritismo veio como uma terceira revelação, para nos colocar ao par do por quê da vida; para explicar as diferenças das classes sociais e porque alguns são tão sadios enquanto outros são tão enfermos. Assim, dizemos que as leis de Deus perpetuam-se e são perfeitas, mas as leis dos homens são imperfeitas e vão modificando-se com as sociedades. O homem vai ajustando a sua lei, modificando as regras conforme as coisas vão acontecendo e aparecendo para ele. Já os ajustes das leis de Deus se dão por meio das reencarnações. Esta é a lei da ação e reação. Somos escravos do nosso passado e senhores do nosso futuro. Temos o que merecemos e não adianta lamentações, pois colhemos o que plantamos. Se faço o bem, recebo o bem, mas se é o mal que eu faço, é o mal que receberei. Tudo o que temos necessidade hoje, provavelmente é porque em vidas anteriores nós tivemos em abundância e não soubemos valorizar. Por isso, devemos refletir sobre o que desejamos para nós e para aqueles que estão ao nosso redor e, principalmente, devemos trabalhar para consegui-lo. No seu devido tempo e de acordo com o nosso merecimento, receberemos aquilo a que fizermos juz. “Quando o servidor está pronto, o serviço aparece”. Deus nos dá, assim, o livre arbítrio para que possamos decidir o que fazer de nossas vidas e sobre a nossa maneira de agir e pensar. O que nós precisamos fazer, é pensar sobre as coisas do espírito e não ficarmos presos às coisas da matéria. Vamos todos orar, então, agradecendo a Jesus pela oportunidade que estamos recebendo nesse momento (a oração é feita na sequência, junto com o passe coletivo).

APLICAÇÃO DE PASSE COLETIVO: Os médiuns presentes fazem um círculo envolvendo as pessoas sentadas no salão, impondo suas mãos, enquanto um deles faz uma prece. Todas as pessoas acompanham a oração em voz alta.

FLUIDIFICAÇÃO DA ÁGUA: Os médiuns presentes impõem suas mãos sobre as jarras de água que ficam sobre a mesa e um deles faz uma menção ao plano espiritual, pedindo que sejam derramados os fluidos necessários para o fortalecimento da espiritualidade de cada um que beber daquela água.

APLICAÇÃO DE PASSE INDIVIDUAL: Não houve aplicação do passe de forma individual, pois o número de médiuns presentes não era suficiente.

ENCERRAMENTO: O grupo de médiuns despediu-se das pessoas presentes. Foi ofertado água fluidificada para todos e depois as pessoas retiraram-se do salão.

Data da atividade: 20/03/98

RECEPÇÃO: Os participantes vão chegando aos poucos e dirigindo-se ao salão, onde permanecem sentados até o início da palestra. Praticamente 100% das pessoas é do sexo feminino e, em geral, são mulheres acompanhadas de seus filhos. As crianças permanecem no salão junto das mães, mas com alguma movimentação. Algumas pessoas conversam com a Sra. Aidé antes da palestra.

PALESTRA (Aidé): Nós estamos aqui mais uma vez para estudar o evangelho porque, por mais que a gente leia e escute as lições, sempre precisamos revê-las, como se o hábito da repetição as tornasse automáticas. Nunca é demais repetirmos as lições do evangelho e conversar sobre elas porque além de concentrarmos a energia - ao estarmos reunidos em nome de Jesus, nós concentramos energia - nós nos desligamos dos problemas lá de fora. Problemas todos nós temos, mas não podemos nos fixar neles. Os problemas vem para nos acordar, pois muitas vezes nós estamos dormindo nas nossas ilusões, nos nossos sonhos, o que não leva a nada. Os problemas vem para nos sacudir e despertar para a realidade da vida. Somos muito egoístas; só pensamos em nós. Queremos resolver o nosso problema; queremos que o nosso marido tenha um bom emprego, que eu tenha uma boa casa, que eu possa descansar, que minha filha esteja bem. É lógico que tudo isso tem um fundamento, mas não podemos só pensar sobre isso. Temos que pensar que a Terra é a nossa casa e que Deus é o nosso pai. Então, se ficarmos só num cantinho da nossa casa, protegendo apenas alguns dos nossos filhos e deixando os outros de lado, isso não é bom, não está certo. Só proteger os filhos que nós gostamos e não dar importância aos outros, não está certo. Se não está certo fazer isso com os nossos filhos, por quê vamos fazer isso com o nosso pai, com Deus que nos ama tanto? Somos todos irmãos, temos um pai que nos ama, a Terra que é a nossa casa, no entanto, não respeitamos nem a Terra. Como eu já falei uma vez, os macacos na floresta passam por um cacho de banana e quando eles tem fome eles pegam apenas aquilo que vão comer e vão embora; as outras bananas ficam lá. Eles não cortam o cacho inteiro e colocam nas costas que nem o homem faz por ganância e egoísmo. Nós fazemos isso; nós os homens inteligentes é que fazemos isso. Se escutamos que o açúcar vai subir, corremos no supermercado e compramos uma grande quantidade para estocar, contando que sairá mais barato para nós. Com isso, nós esquecemos que outros que não podem comprar tanto vão ficar sem açúcar, ou comprar mais caro. Se analisarmos tudo isso e pusermos em prática de uma forma diferente, a nossa vida vai melhorando, pois estaremos abrindo o nosso coração à fraternidade. Fraternidade é irmandade aos nossos irmãos; não podemos querer tudo para nós. Se aprendemos e ensinamos só aos nossos filhos, não dando importância para os outros, estaremos sendo egoístas. Tudo o que a gente aprende a gente tem que divulgar e espalhar para os outros, porque Deus nos dá tudo de graça. Através dos mensageiros do amor Ele manda livros com mensagens maravilhosas para todos e os livros espíritas não são tão caros. Jesus, quando esteve na Terra, deu tanto exemplo de humildade e de amor ... numa passagem Ele seus discípulos chegaram para Ele e disseram: "Mestre sua mãe e seus irmão estão aí e querem lhe falar" e Ele respondeu: "mas quem são a minha mãe e meus irmãos? Minha mãe e meus irmão são aqueles que fazem a vontade do Pai que está nos céus". Muitos acharam estranho que o mestre não estava dando atenção para seus familiares, mas é que Jesus, na sua sabedoria infinita, no seu amor sem limites, não fazia nunca distinção entre irmãos, mães, parentes. Nós, como somos egoístas, achamos por amar como a convenção nos diz, apenas aqueles familiares próximos. Mas nós, há 2 mil anos temos as lições do Cristo e não podemos ficar parados nesse aprendizado ainda acanhado e egoísta de família do sangue. Os animais protegem seus filhos, sua ninhada, mas isto faz parte do instinto. Conforme a pessoa vai melhorando, ela vai aprendendo. Somos seres inteligentes, não podemos agir como os animais, mas muitas vezes, agimos pior do que eles, abandonando nossos filhos; tem mulheres que abortam os filhos porque não querem estragar o corpo e isso os animais não fazem. Imaginem, então, como estamos atrasados. Por isso não devemos nos queixar de sofrer. Sofremos porque somos ignorantes, somos egoístas. Perseveramos naquela idéia primitiva do egoísmo, não querendo alargar os horizontes. No momento em que começarmos a abrir o nosso olhar, saindo do olhar restrito à nossa família, nós iremos progredir, senão, iremos continuar sofrendo. Deus não castiga; Ele dá corrigenda, através das leis. Nós mesmos, que estamos incursos nessa lei moral, nos castigamos. Nossa consciência é atraída por aquilo que mentalizamos de ruim. O nosso pensamento se liga nas energias, por isso, se pensarmos coisas ruins, vamos atrair coisas negativas também. Se, ao contrário, vibrarmos positivamente, atraímos coisas boas e dissolvemos aquela nuvem negra que paira sobre nós. Nós somos o que pensamos; isso é a realidade. Se pensarmos em coisas boas, atrairemos coisa boas primeiro para nós. Se orarmos por alguma pessoa, nós seremos primeiro iluminados e a nossa luz iluminará a outra pessoa. Toda aquela pessoa mesquinha, negativa, briguenta, está sempre em situação de sofrimento e doença. Nós devemos sentir pena daquela pessoa e devemos ajudá-la, pois ela não sabe que os seus pensamentos negativos primeiro atingem a ela mesma, depois as outras pessoas. Aqueles que nós queremos atingir será atingido com menor intensidade do que nós mesmos nos atingimos. Vejamos como é importante conhecer essa verdade e começar a amar, perdoar, a não guardar mágoa, a ajudar, como Jesus fazia. Por exemplo num casal, o marido e a mulher aprenderam cada qual com suas mães, da maneira delas de educar, mas se quiser que o outro faça exatamente como deseja, claro que vai dar atrito. Mas a mulher inteligente, a mulher tem mais coração e mais capacidade de suportar a dor; ela é mais maleável, mais sensível. Enquanto ela é o coração, o homem é a mente. Deus reúne os dois para que hajam resgates, para que as famílias se formem e que através das famílias comece a harmonia e a fraternidade. No futuro, em outros planetas, não seremos divididos em famílias porque estaremos evoluídos e seremos uma só família. Para isso, temos que lutar conosco mesmo, para nos liberarmos do egoísmo, da maldade, do apego, da matéria. Quanto mais nós vibrarmos em amor, mais ajudaremos nosso marido, nossos filhos, nossos vizinhos e iremos nos reparar. Quando nós morreremos, já estaremos livres e talvez, nem precisaremos mais voltar para esse mundo de sofrimento. Talvez voltemos para a própria Terra, que irá se transformar em um mundo de paz e de amor, onde só existe alegria e fraternidade e um se desdobra para ensinar o outro. Onde um quer ajudar o outro e perdoar. Quando vê que alguém está triste vai perto da pessoa, dá um abraço, pergunta por que ela está assim, procura consolar e ensinar que alguma coisa a pessoa deve ter feito para estar daquele jeito. Porque o corpo capta toda a negatividade do espírito e se torna escuro ou transparente, conforme o pensamento. Se quisermos ter saúde, ser felizes, ter uma família harmoniosa, vamos amar, vamos perdoar, vamos compreender e aceitar o defeito do outro, porque ele veio assim, ele foi criado assim. A agressividade vai piorar; só o amor vai melhorar. Se o marido vai sair sem que a mulher queira e ela começar a brigar com ele por causa disso, só vai piorar as coisas,

só vai ter mais desavenças. Se ele quiser sair, tem que dizer para ele que se é da vontade dele fazer isso, que ele faça, enquanto você faz suas outras atividades. O que não pode é se humilhar com ódio, temos é que compreender, ter o coração aberto ao entendimento. Aquele marido que é prisioneiro da mulher não dá certo. Se quisermos ter um marido que nos ajude a educar os filhos, que nos ajude a manter a família, temos que agir com inteligência, com amor, como pessoas esclarecidas, que não prende. Não conseguimos prender ninguém. Não vamos agir com negatividade, para que a negatividade não pegue primeiro em nós. De nada adianta nós falarmos se não colocarmos em prática. Vamos perdoar a nossa vizinha que bate na nossa janela, que xinga as crianças; ela não entende, mas eu já entendo e sei que ela é ignorante porque está reclamando. Então, eu não vou brigar, vou conversar com ela, tratá-la bem. Com o tempo ela vai reconhecer o seu erro e vai acabar agindo diferente. É pelo exemplo que nós vamos educar a nossa vizinha, o nosso marido, os nossos filhos rebeldes. Nosso filho, por exemplo, se batermos nele, ele vai aprender a ser agressivo como nós e enquanto não tiver forças pode até nos obedecer, mas no momento em que crescer e tiver força, pode até revidando a nossa agressividade com mais agressividade e fugirá de casa. Para conservarmos os nossos filhos sempre e dar a educação que Deus nos confiou para fazer, nós temos que amá-los e ter paciência. Temos de compreender que só o amor disciplina uma criança. Não necessidade de espancar; a mãe que faz isso, está com ódio, ela quer extravasar sua agressividade. Mais tarde, ela terá filhos revoltados e rebeldes. Nós mães viemos com uma missão muito árdua, mas foi o que pedimos a Deus, porque só crescemos com sacrifício, com esforço. Não é dormindo até o meio-dia, não é passeando porque temos dinheiro e entregamos o filho para a empregada que iremos crescer. Nós crescemos com dedicação, com amor, com perseverança, com luta. Se quisermos galgar uma montanha de espinhos, teremos que ralar as mãos, as pernas, os pés. Do contrário, ao chegarmos no meio do caminho, se não nos esforçarmos, nos sentiremos cansados e logo iremos cair montanha abaixo de novo. Se não perseverarmos na fé, no amor, no sofrimento, na dedicação, jamais atingiremos o topo da montanha. Estaremos sempre lá em baixo, no lodo, lutando com todo o tipo de pessoas que pensam como a gente, porque os semelhantes se atraem. Nunca nos livraremos daqueles que nos agridem, porque estaremos vibrando na mesma faixa que eles. Se quisermos nos livrar de pessoas maldosas, temos de vibrar em amor. Então vamos meditar muito sobre isso. Se nós não quisermos sofrer mais, vamos amar mais, compreender mais, servir mais, perdoar mais. Pensemos nisso porque eu não estou falando da boca para fora. Eu estou falando para mim mesma e porque eu li, achei lógico e vi outras pessoas fazendo assim e funcionou. Hoje elas tem uma vida de paz, uma vida feliz. Os problemas vêm para elas e elas resolvem facilmente. As pessoas mais leves transpõem a montanha com mais facilidade, mas nós, com um saco de pedras nas costas, como é que vamos transpor os obstáculos? Não vai ser possível; a gente sucumbe e fica lá no chão. Quanto mais leve, os problemas podem até vir para nós, mas nós resolvemos com tranquilidade e Deus está conosco e nos ajuda, por estarmos mais sintonizados com Ele. Então vamos orar e agradecer a Deus por tudo que recebemos, pelo combustível que recebemos nesta semana e que vai permitir que o nosso carro ande por mais uma semana; pelo passe que nos dá essa energia toda, por esta casa que nos abriga. Pai nosso, que estais nos céus. Santificado, Senhor, seja o vosso nome. Vem a nós, o vosso reino de amor. Seja feita a sua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia, nos dai hoje, senhor. Perdoa as nossas dívidas assim como perdoarmos aqueles que nos devem. E não nos deixeis cair na tentação dos erros, mas livra-nos, Senhor, de todo o mal. Que assim seja.

APLICAÇÃO DE PASSE COLETIVO: Os médiuns presentes fazem um círculo envolvendo as pessoas sentadas no salão, impondo suas mãos, enquanto um deles faz uma prece. Todas as pessoas acompanham a oração em voz alta.

FLUIDIFICAÇÃO DA ÁGUA: Os médiuns presentes impõem suas mãos sobre as jarras de água que ficam sobre a mesa e um deles faz uma menção ao plano espiritual, pedindo que sejam derramados os fluidos necessários para o fortalecimento da espiritualidade de cada um que beber daquela água.

APLICAÇÃO DE PASSE INDIVIDUAL: As pessoas da platéia são orientadas para formar uma fila à porta da câmara de passes e são, na seqüência, encaminhadas para dentro da sala. Após saírem, recebem um copinho com água fluidificada e conforme a vontade de cada um, retiram-se do salão.

ENCERRAMENTO: O grupo de médiuns faz uma oração dentro da câmara de passes agradecendo a oportunidade do trabalho e pedindo permissão para dá-lo por encerrado.

Data da atividade: 27/03/98

RECEPÇÃO: Os participantes vão chegando aos poucos e dirigindo-se ao salão, onde permanecem sentados até o início da palestra. Praticamente 100% das pessoas é do sexo feminino e, em geral, são mulheres acompanhadas de seus filhos. As crianças permanecem no salão junto das mães, mas com alguma movimentação. Algumas pessoas conversam com a Sra. Aidé antes da palestra.

PALESTRA (Aidê): Nós somos todos irmãos e estamos na casa de Deus tentando estudar as coisas da vida. A vida é uma escola de iluminação, mas também é um cárcere disciplinar. Estamos num presídio-escola, para aprender disciplina. Sem disciplina o homem não cresce. Tudo na vida cresce de forma disciplinar. Numa firma, por exemplo, tudo é bem organizado e disciplinado. Se aqui na Terra, precariamente, já que estamos num

mundo ainda tão involuído, nós precisamos de disciplina, imaginem então como espíritos eternos que somos. Como é que vamos evoluir sem disciplina? Nós precisamos nos sujeitar a todo tipo de disciplina para crescer. Se um preso se rebelar, ele vai para uma cela bem isolada, mas se ele é disciplinado, obediente, ele pode até ganhar a liberdade provisória depois de algum tempo. Nesse presídio abençoado que é a Terra, nós também precisamos de disciplina para termos paz. Não é uma disciplina para que os outros possam ver que eu sou boazinha exteriormente. Temos que ter conduta; conduta disciplinada em todos os sentidos. Que eu levante de manhã e faça minha oração a Deus, pedindo que meu dia seja bom. Que eu posa vencer-me, principalmente a mim mesma, porque vencer os outros às vezes é difícil, mas com a força bruta conseguimos. Agora vencer a nós mesmos é mais difícil, porque temos hábitos que vem desde quando nascemos do pó. Fomos homens muito primitivos, com aquela animalidade impregnada em nós. Mas Jesus veio nos dar um curso de como bem viver, já há 2 mil anos atrás. Quando ele veio, todas as lições, todas as leis morais já existiam desde o princípio. Deus nunca deixou ninguém abandonado; sempre existiram os pajés, os índios, que auxiliavam. Jesus veio ensinar que com o amor nós podemos tudo, não precisamos ter medo de nada; esse medo faz parte da nossa animalidade, do nosso egoísmo. Pensamos em nós, na nossa família e, quando muito, nos parentes próximos, o resto que se dane. É para mim primeiro, para minha família e para os mais próximos, para os outros nada. Isso é errado. Por isso que nós estamos sempre indo e vindo milhares de vezes, morrendo e reencarnando. Do outro lado, quando morremos, nós temos uma noção mais aberta, porque não temos o corpo que esconde o nosso eu, o nosso ego grosseiro; tudo o que pensamos os nossos mentores e os outros espíritos conhecem. Assim, cientes dos nossos defeitos, imploramos a Deus uma nova oportunidade de renascer, em condições difíceis, para que a gente vença os nossos defeitos mais enraizados. Por exemplo, se eu fui um médico egoísta e tinha um consultório de luxo só para atender os ricos e esquecia dos pobres, vou implorar a Deus que eu renasça doente, com necessidade de médicos, de um posto de saúde que me faz ficar na fila desde a madrugada até ao meio-dia, para que eu aprenda a humildade, para que eu aprenda a respeitar, a ter paciência, não ter raiva, não ter ódio e fique ali, submisso, porque eu não soube respeitar a oportunidade que Deus me deu de inteligência, de ser um bom médico para atender e ajudar meus irmãos. Como eu não aproveitei essa oportunidade, volto num ambiente mais hostil, para sofrer e aprender a valorizar o que um dia eu já tive. Na hora de reencarnar, eu imploro para Deus uma nova oportunidade, mas lá no departamento da reencarnação eles me dizem: “olha, você ainda está muito orgulhoso e vai ter que reparar muito; esse ambiente será mais propício para você desenvolver a sua humildade. Tudo o que te acontecerá vai te cutucar para que você reaja com amor, serenamente, com muita paciência e humildade. Embora você esteja destinado a um ambiente mais hostil, você vai ter que preparar a sua mente para fazer os seus resgates e quando um médico chegar lá e te atender mal, você não reaja com ódio, achando que está sendo injusto”. Ao invés de condenar o médico, nós temos que pensar que ele está servindo de lição para a nossa evolução e temos que agradecer a Deus por isso, além de pedir que ajude este médico a aprender o que eu já aprendi. Temos que pedir que ele tenha a oportunidade de escutar o que eu já escutei, de poder começar a compreender o evangelho de Jesus e que é dado a cada um segundo a sua prova. Assim, eu vou orar e pedir a Deus que eu melhore; vou aceitar a minha dor porque se ela existe, não é porque Deus tenha me castigado e sim para que eu medite, para que eu aprenda a amar, a perdoar, a compreender as pessoas e para saber que as coisas acontecem assim e estão programadas pela espiritualidade de acordo com a nossa necessidade. Se nós já estamos começando a entender, já estamos nos perdoadando, imagine quanta bondade, quanta sabedoria existe no Pai para organizar este mundo. Nós não estamos aqui por acaso. Estamos no exato lugar programado, na família programada, na escola programada, no local, familiares e vizinhos, tudo mais ou menos delineado para que nós fôssemos disciplinados. Para que nós despertássemos e fôssemos saindo aos poucos da animalidade. Para que a semente divina que fica dentro de nós, no eu profundo, fosse vindo a tona. Mas até então, nós ainda estamos com muitas camadas no nosso ser e é preciso até martelo e bigorna para podermos mudar. E a custa do quê? A custa de dor, de sofrimento, de luta, de entendimento e de amor, para que nós possamos viver aquela semente. Como disse Jesus, o amor cobre uma multidão de pecados, então, para quê sofrer, se pelo amor nós podemos despertar, nós podemos tirar essas camadas lentamente, suavemente, sem precisar de martelo, de luta, nem sofrimento? Pelo amor nós podemos despertar sem precisar de cadeia, drogas, sangue. Por isso é tão importante que, em todas as reuniões nos templos católicos, crentes, protestantes, em todos os lugares que falam de Jesus, se ensine o evangelho de Jesus. Numa casa dessa, as reuniões como esta, que falam e que comungam o evangelho, são as mais importantes. Dar um quilo de arroz e de feijão não custa tanto. A pessoa tem, recebe e come, mas o que é mais importante é agradecermos a Deus por trocarmos essas idéias; é passarmos para frente o que nós aprendemos e que foi tão bom para a gente, que nos acalmou, nos fez abaixar a cabeça. Não adianta darmos murro na ponta da faca, isso só nos faz sofrer. Temos que entender que fora do evangelho não há salvação e nem caminho que nos leve a Jesus, à paz, à felicidade, à credibilidade. Muitas vezes escutamos pessoas que começam a freqüentar as casas espíritas em busca de cura, ou para melhorar a situação da família, mas vão uma ou duas vezes e não melhoram e já começam a falar que não adiantou nada, que não melhorou nada. Isso acontece porque a pessoa busca o imediatismo, as coisas de imediato: a cura do corpo, a solução de emprego para o marido, que os filhos rebeldes melhorem. Isso custa a se resolver até que a pessoa tenha o entendimento e comece a agir diferente. Não é de uma hora para outra que a pessoa vindo no centro para tomar passe ou se consultar que a vida vai melhorar. Nós temos séculos de sujeira em nós; séculos e séculos de maldade, de crimes. Quanta besteira nós já fizemos ao longo das nossas existências. Já devemos ter sido criminosas, prostitutas, abortamos inúmeros filhos ... por isso, quanto mais entendimento, mais os problemas surgem, porque nós temos condições para enfrentá-los. Jesus já falou que não se deve dar pérolas aos porcos, então, eu não vou falar de amor, de perdão, para uma pessoa cheia de ódio, que não aceita doutrina nenhuma, que não acredita em Deus. Não adianta falar para ele vir aqui, porque ele não vai dar valor nenhum. Com o tempo e com o sofrimento é que nós vamos adquirindo condições de compreender que, ou nós melhoramos a nossa maneira de ser com a família, com o marido, com os vizinhos, com o patrão, no trânsito, ou nós vamos continuar sofrendo. Nós estamos numa escola e temos a

vida inteira para aprender. Quanto mais nós escutarmos as lições e aplicarmos, mais depressa nós nos libertaremos de nós, em primeiro lugar, porque nosso maior carrasco somos nós mesmos, com o nosso egoísmo, impaciência, nossa maldade. Vamos trabalhar, porque isso é a maior benção que podemos receber. Não podemos nos entregar; temos que exercitar o nosso corpo no trabalho, porque assim a gente vai se libertando. Nós temos muita capacidade para desenvolver nossa mente, pois só usamos 5% do que nos é dado. Imaginem se desenvolvéssemos os outros 95%; quanta coisa poderíamos aprender. Assim, vamos pensar que nós não estamos no lugar errado. Nós estamos no exato lugar que nós merecemos, com o marido, os filhos, os vizinhos que nós merecemos. Nós é que temos que nos educar para podermos conviver com eles. Um dia eu li um pensamento assim: "o homem sonha no mineral, sente no vegetal, se desenvolve no animal, pensa como homem e se sublima como anjo" ... ou seja, a gente começa lá no mineral para chegarmos a nos desenvolver até sermos anjos ... "por isso a gente deve tratar a pedra como planta, a planta como animais, os animais como homens e os homens como anjos". Se nós temos de passar por todas essas etapas para evoluirmos, todas as etapas merecem o nosso respeito. Se agirmos dessa maneira, teríamos o carinho todo especial por todo ser humano e não haveria agressão, nem ódio. Então vamos orar todos juntos e pedir que Deus nos dê o discernimento necessário para mudarmos nosso pensamento (a oração é feita na seqüência, no passe coletivo).

APLICAÇÃO DE PASSE COLETIVO: Os médiuns presentes fazem um círculo envolvendo as pessoas sentadas no salão, impondo suas mãos, enquanto um deles faz uma prece. Todas as pessoas acompanham a oração em voz alta.

FLUIDIFICAÇÃO DA ÁGUA: Os médiuns presentes impõem suas mãos sobre as jarras de água que ficam sobre a mesa e um deles faz uma menção ao plano espiritual, pedindo que sejam derramados os fluidos necessários para o fortalecimento da espiritualidade de cada um que beber daquela água.

APLICAÇÃO DE PASSE INDIVIDUAL: As pessoas da platéia são orientadas para formar uma fila à porta da câmara de passes e são, na seqüência, encaminhadas para dentro da sala. Após saírem, recebem um copinho com água fluidificada e conforme a vontade de cada um, retiram-se do salão.

ENCERRAMENTO: O grupo de médiuns faz uma oração dentro da câmara de passes agradecendo a oportunidade do trabalho e pedindo permissão para dá-lo por encerrado.

Anexo 5
Roteiro das entrevistas com os
freqüentadores da CAAI

Anexo 5 - Roteiro das entrevistas com os frequentadores da CAAI**Roteiro para Entrevista****Introdução**

“Agradecemos muito sua colaboração para esta entrevista. Suas informações ajudarão muito a realizar uma pesquisa que vai ajudar a vida de todos aqui. Não haverá divulgação sobre quem prestou as declarações. O valor desta pesquisa depende da franqueza e da sinceridade de quem está sendo entrevistado. Obrigado.”

A – Questões de caracterização

1. Por favor, informe seu nome, idade e estado civil.
2. Você segue alguma religião? Em caso afirmativo, qual ?
3. Há quanto tempo você mora nesse bairro?
4. Qual o tamanho da sua família? Quantos e quais familiares moram com você?
5. O que eles fazem? Trabalham? Estudam? (habilidades)

B – Questões de conteúdo

1. Como era esse bairro há cinco anos atrás?
2. Fale, por favor, como está o bairro hoje? Qual a sua opinião sobre o bairro?
3. Fale, por favor, sobre os moradores desse bairro, de todo o bairro. O que você comentaria sobre eles?
4. O que você acha que eles pensam do bairro?
5. Fale, por favor, sobre seus vizinhos e as pessoas com quem você se dá.
6. O que você acha que essas pessoas pensam sobre você?
7. Por favor, fale um pouco sobre sua família. Como você acha que ela está hoje?
8. O que você acha que seus familiares pensam de você?
9. Fale, por favor, sobre como era a sua família há cinco anos atrás.
10. Comente, por favor, sobre o que você faz? (habilidades)
11. Comente, por favor, sobre qual a sua opinião sobre você mesmo(a).
12. Comente, por favor, sobre como era sua vida há cinco anos atrás.
13. Fale, por favor, sobre como está sua vida hoje. Por quê?
14. Você tem planos para sua vida futura? Em caso afirmativo, fale sobre eles.
15. Você frequenta a Casa de Apoio? Há quanto tempo?
16. Comente, por favor, sobre a CAAI? Fale sobre o que ela oferece e seus objetivos.
17. Comente, por favor, sobre o que você faz quando vai à CAAI?
18. Você acha que o trabalho das pessoas da CAAI tem algum efeito no bairro ? Qual (is) ?
19. E para a sua vida, o trabalho das pessoas da CAAI influencia em alguma coisa? Qual (is)?
20. Você gostaria de falar mais alguma coisa? Gostaria de deixar uma mensagem?

Anexo 6
Respostas dos participantes nas entrevistas

Anexo 6 - Respostas dos participantes nas entrevistas**1. Como era esse bairro há cinco anos atrás? E como ele está hoje?***Entrevistada 1*

Eu não sei dizer bem como era a cinco anos atrás ... acho que era pequeno, não conhecíamos muita gente. Mas eu sei dizer como ele era há muitos anos: não tinha rua, era tudo banhado, não tinha posto de saúde – nem há cinco anos atrás – não tinha mercado, panificadora ... era um buraco. As casinhas eram distantes umas das outras. O bairro era pequeno, havia poucas famílias. E foi crescendo, hoje já está evoluído, hoje já está tendo tudo o que eu disse que não tinha. Para ir para a escola, a gente tinha que atravessar lago, rio, atravessar pequenas pontes, levar a roupa da escola em cima da cabeça para atravessar o rio e depois trocar para ir limpinha para o colégio. As coisas eram bem difíceis. Hoje está melhor. Não tinha onde a gente consultar, tinha que ser muito longe. Hoje a gente tem uma coisa perto da gente. Se você precisasse de uma condução para ir para o centro da cidade, tinha que andar daqui do bairro até a igreja Nossa Senhora Aparecida, não sei bem qual é a distância, mas tinha que andar bastante (aproximadamente 3 km). O Barigüi que a agente pegava, o Vila Sandra também era bem mais longe (nomes dos ônibus). Hoje a condução está na porta de nossa casa. Algumas ruas já estão com anti-pó. Já tem mais vizinhança, tem o Conjunto Barbacena. As pessoas que moram na beira-rio¹⁷ estão com dificuldade, mas a gente vê que elas evoluíram, que elas cresceram, que algumas casas estão melhores. Tem gente que aprendeu a crescer junto com o bairro. Tem outras coisas melhores como, por exemplo, a escola. Tem escola para o aluno que vai fazer primeiro ou segundo grau à noite nas proximidades.

Entrevistada 2

Eu fui uma das primeiras moradoras aqui. Quando vim morar aqui era só um brejo; acho que tinha só uma ou duas casas: uma lá no alto e uma lá no comecinho. Era apenas um carreirão que passava por ali, feito pelo trator. Tinha a olaria também. Esse bairro aqui era feio. Agora podemos dizer que nós temos um paraíso, porque antes era banhado, não tinha ponte, era difícil demais. Depois que eles abriram esse rio é que foi melhorado. Melhorou num ponto, mas por outro lado, houveram muitas invasões. Isso tanto é perigoso para eles como para gente, porque moramos aqui, vimos eles ali ... é um perigo aquilo ali. Eu acho que tinha que ser manilhado, porque ficou muito perigoso e com essas chuvas acontece muita coisa ... O bairro também não tinha ruas, nem muitas casas. Não tinha mercados, nem posto de saúde; não tinha nada mesmo, nem escola. Para comprar as coisas tínhamos que atravessar o rio por uma pinguela e ir até Santa Quitéria. Eu sofria muito mesmo. Aos poucos foi se modificando e hoje, em vista do que era, está muito bom mesmo. Acho que eu não acostumo em outro lugar se tiver que sair daqui. Não me acostumo porque, bem dizer, me criei aqui; vim para cá ainda criança. É, o bairro foi se modificando: veio ônibus na vila, a creche, o posto, as mercearias ... tudo isso não tinha antes.

Entrevistada 3

Não tinha asfalto em algumas ruas; eram apenas valetas abertas. Isso era um perigo porque caía criança dentro. Agora já estão todas fechadas. Agora está uma beleza porque as ruas estão asfaltadas também. Só uma rua que ainda não tem asfalto, mas vai ter. Antes eram poucas casas, agora está cheio. Do outro lado de onde eu moro não tinha nenhuma casa. A gente passava por esse caminho. Nossa ponte ficava aqui. Depois o dono da olaria começou a vender os terrenos ali e fechou tudo. Agora a gente tem que passar por esse beco para sair daqui. Se chegarem a fechar o beco não teremos por onde sair. Antigamente esse rio não era aqui e sim, mais para frente. A máquina desviou o rio para esse lado. Era apenas uma valeta pequena mas, a máquina começou a limpar e isso acabou virando um rio. Agora é perigoso até para as crianças. Hoje tem também o Projeto Piá Ambiental e a piazzada em vez de ficar na rua, fica o dia inteiro lá. Também temos o ponto do ônibus. Antigamente tínhamos que pegar o ônibus muito longe. Tem bastante coisa que antes não tinha; está quase bom. Tomara que melhore cada vez mais.

Entrevistada 4

Ah, Quando eu cheguei era horrível, não tinha nada, só tinha mato em volta, um monte de marginais, que a gente não podia nem dormir. Nesses 10 anos já teve três assassinatos entre pessoas que moravam aqui mesmo; um matou o outro. Não tinha água, nem luz; era horrível. Tinha barro por todo o lado. Não existia creche, só mesmo a escola lá em cima. Éramos meio isolados e para a gente sair daqui para ir em algum lugar, dava medo porque era tudo mato para passar. Em vista do que era, o bairro hoje está ótimo, porque agora tem a rua ali perto dos predinhos, tem as casas da COHAB, tem telefone público, tem a creche. Tem um posto de saúde que é pequeno - falta espaço para trazer mais médico - mas quebra um bom galho do pessoal. Nós temos água, temos luz. As pessoas que não prestavam foram se matando e hoje não tem tanto marginal. Mas a gente ainda tem o problema das drogas. Tem pessoas que vendem droga aqui e daí o que acontece é que os filhos da gente, adolescentes como o meu filho, acabam ficando viciados também. Em casa meu filho não vem usar droga, mas a gente conhece o filho que tem. Ele já está usando maconha e está bebendo. Aqui o lugar tem muita influência, ruim e as pessoas que viram os nossos filhos crescerem desde pequenos, ainda tem a cara-de-pau de vender droga para eles. Então, ainda tem isso de ruim no bairro, mas com os marginais que moravam antes, não dava nem para a gente dormir porque dava medo de amanhecer morta. No fim um matou o outro, se mataram, e graças a Deus não tem mais esses marginais.

¹⁷ Termo usado pela maioria da população local para referir-se ao aglomerado de casas que fica à margem do rio, onde moram pessoas em condições insalubres.

Entrevistada 5

Era horrível. Era barranco, mato. Agora que saiu esses predinhos do conjunto Barbacena e o centrinho, que a gente fala sempre. Hoje melhorou bastante porque tem asfalto ali na frente.

Antes não tinha creche, nem escola. Agora já tem até o Projeto Piá. Lá para cima está bem melhor. Mas, para nós aqui embaixo, não está muito bom ainda porque o rio está desbarrancando e nós moramos bem na beirada então, estamos com problema.

Entrevistada 6

Mudou bastante. Já tem o conjunto da COHAB que antes não tinha. Era quase tudo campo e mato. Mas era gostoso; às vezes dá saudade daquele tempo. Claro que hoje está bem melhor, a ajuda é melhor, aumentou mais a população por aqui. Está melhor, mudou bastante. Ele é um bairro bom, só que é muito violento. Tem muito marginal, maconheiro, por aqui e à noite fazem muita bagunça. A gente não consegue dormir direito. Eles jogam pedra e a polícia vem aqui direto de arma em punho. O que é uma boa, porque está fazendo uma limpeza mesmo; você só vê nego correndo. Então, tem coisas aqui que está difícil. É um bairro bom, temos vizinhos bons, mas o que estraga são esses bandidos. Você está dentro da sua casa, mas sente o cheiro de maconha porque eles ficam fumando aí fora. Você vai fazer o que? Daqui a pouco estão gritando, falando palavrão. Tem vizinho, às vezes que perturba com o volume do rádio. Eles ligam no último e não querem nem saber, não respeitam o próximo, então, isso é que estraga muito.

Entrevistada 7

Quando eu vim morar aqui, quase não conhecia ninguém. Eu morava ali do lado da minha irmã. Eram bem poucas as amizades. Naquela época, já tinha bastante casa, mas ainda tinha um morro aqui e não tinha rua; era só o morro e bastante mato. Não tinha posto de saúde e agente tinha que ir lá na Santa Quitéria. Quando eu cheguei, já tinha a escola e a creche. Agora está melhor porque tem o posto de saúde e outras coisas. E tem a Casa de Apoio, também, para ajudar o pessoal.

Entrevistada 8

Estavam começando a construir o Conjunto Barbacena, não tinha o posto de saúde, nem a creche. O ônibus Barigüi não vinha até ali; nem o Cotelengo entrava pelo bairro, então, muita coisa mudou nesses últimos 5 anos. Hoje ele está mais ou menos. Não é aquilo que a gente esperava que tivesse, mas o bairro é antigo, é próximo do centro; ele deveria ter mais coisas. Eu acho que está meio bagunçado ainda e que deveria ter, por exemplo, um posto policial, uma escola que tivesse pelo menos até o ginásio, o 1º grau. Isso seria bom para a gente, porque para mandar nossos filhos para o Colégio Nilson é mais de 40 minutos andando e esse pedacinho daqui até lá é meio perigoso. Se tivesse uma escola no bairro seria uma mão-na-rodinha. Não é um bairro que você possa dizer que tem bastante índice de bandido, de assassinato ... essas coisas igual tem em outros bairros grandes como a Vila Conquista. Aqui você pode deixar a tua casa tranquila de dia, sair, que não acontece nada. Tem outros bairros aí que você não pode deixar a casa sozinha porque quando chegar não tem nada dentro da casa. Aqui é um bairro tranquilo porque todo mundo se conhece, então, não tem perigo de acontecer essas coisas. Eu tenho amizade aí de anos e gosto das pessoas aqui e gosto do bairro. Por isso que tantas vezes fui embora e voltei. Não tem perigo de você mandar teu filho ali na escola. Eu gosto daqui e pretendo ficar ainda muito tempo.

Entrevistada 9

Para mim ele mudou muito pouco. Ele até está estragando um pouco para o pessoal que mora na beira do rio porque antes não estava desbarrancando. Depois que veio a máquina dizendo que ia limpar o rio ele está desbarrancando mais para as pessoas que moram na beirada. Muitos construíram outras casas, muitos ficaram na mesma. A única coisa que mudou para melhor foi a Casa de Apoio, que ficou maior, com mais espaço, tem mais pessoas para orientar a gente. Acho que, o que mudou bastante foi a Casa de Apoio que conseguiram aumentar ela, fazer outra. O posto eu não tenho muito o que dizer sobre ele porque eu pouco vou ali. Quando tenho que levar as crianças, vou direto no Hospital Evangélico porque uma vez eu levei o nenê para o Dr. M. atender e ele quase matou o nenê; tive que levar no Evangélico. Foi a vez que o nenê ficou internado lá, então, eu quase não procuro o posto de saúde e quando as crianças estão doente vou direto no Evangélico porque eu me sinto mais segura lá. Também não tem mercearia boa aqui perto; só tem o Carlos. Acho que deveria ter um mercado aqui, mas é muito difícil porque tem muitas pessoas que começam a beber e que fumam droga. Teve gente que quis colocar comércio aqui, mas não conseguiu por causa das pessoas daqui; os rapazes que moram aí quebram tudo. Então, não tem como porque rola muita droga aqui nesse lugar e fica difícil.

2. Por favor, fale sobre os moradores e sobre o que você acha que as pessoas pensam do bairro.**Entrevistada 1**

Eu acho que tem diferença entre os moradores. Por exemplo, alguns são bons, sabem o que você faz, te ajudam, comunicam-se bem com você, não te diferenciam de nada. Com outros, a gente percebe que é

diferenciada ... eu sou católica e o padre diz que a gente é uma comunidade mas dá para sentir diferença nessa comunidade. O fato de você viver na igreja, desde que você se conheceu quando menor e entendeu que o teu lugar era ali, devendo participar dessa comunidade, deveria fazer com que a gente não se sentisse diferenciada entre os nossos, mas isso não acontece. Mesmo estando frequentando lá há muitos anos, cria diferença. As pessoas te dizem assim: "você hoje não ajudou muito, não é uma dizimista porque você não fez isso". Se eu posso pagar por uma coisa da igreja que preciso usar então eu sou dizimista, caso contrário, tenho que procurar outro lugar. As pessoas são diferentes umas das outras: uma te compreende, outras não. Eu participo da igreja e também venho participar de grupos na CAAI e vejo a diferença. Tanto faz lá no meu meio quanto aqui. Aqui eu já estou sentindo que estou participando. Lá a gente sente a diferença nas pessoas. Quer dizer, nenhum dedo da mão é igual ao outro. Muitos acham que o que estraga o bairro são as pessoas que moram na beira do rio. Acham que elas não deveriam existir, que deveriam ser retiradas de lá e ponto final. Mas tem outras, por exemplo as professoras na escola, que acham que a escola funciona através da maioria das pessoas que moram na beira - rio, porque se as crianças daqui forem morar em outro lugar, a escola ficaria praticamente vazia. Um dia as pessoas acham que o bairro é bom e está evoluindo. No outro, que a favela está estragando o bairro. Então, nada é do agrado. Deus não consegue agradar todo mundo. E a gente não pode viver sem essas pessoas que conhecemos e convivemos há tanto tempo. Mas eles acham que o bairro está estragado ... porque o bairro cresceu e tem muita coisa nova, mas acham que esse lugar aqui para baixo, ou mesmo aquela lá de cima (refere-se às "favelas"), atrapalham o bairro; fica um visual feio, que se não existisse ... se tivesse uma área de lazer, um campo de futebol onde é a favela ficaria melhor. Mas eu, na minha opinião, acho que o bairro está bom. Não tenho muito o que dizer; pode melhorar mais.

Entrevistada 2

Fui uma das primeiras moradoras daqui, mas conheço todo mundo assim: bom dia, boa tarde. Conheço poucas pessoas. A única família que eu conheço bem mesmo é a turma da M.P. e da M.T.. Antes de vir para cá, nós morávamos no mesmo beco, no bairro do Capão Raso. Compramos nosso lote aqui na mesma época e nos mudamos juntos. Não sou de ir na casa dos outros, nem de sair porisso, não conheço muitas outras famílias. Conheço todo mundo aqui, mas apenas de cumprimentar "bom dia, boa tarde"; não sei o nome das pessoas e não tenho intimidade para ir na casa delas conversar. Não posso falar muito deles por causa disso, mas é assim: tem pessoas que são boas e tem pessoas más. Tem pessoas que fazem alguma coisa em benefício de outras e tem pessoas que não parecem gostar de ver o bem dos outros. Por exemplo, se você está fazendo uma calçada na frente da sua casa, sempre tem aquela pessoa "olhuda" que fica pondo o olho para você não conseguir fazer. Se puder te denunciar, vai e denuncia. Eu tenho uma vizinha que é assim: se você está fazendo uma coisa, ela já vem perguntar se tem alvará; se você ainda não tem, ela te denuncia. Isso aconteceu conosco. Tem vizinho muito maldoso que não pode ver ninguém bem; em vez de ajudar quer atrapalhar. Acho que não deveria ser assim. Eu acho que num bairro pequeno deveria ser todo mundo unido, um ajudando o outro. Mas tem gente que só quer para si e não quer ajudar, não sei ... é inveja. Eu não sei o que é, então, eu já não me meto muito. Já o pessoal que mora na beira-rio, eu acho que precisa de bastante ajuda mas, eles mesmos não se ajudam. Eles só querem que vocês da Casa de Apoio ajudem mas não querem fazer as coisas. A gente batalha para conseguir as coisas, mas também precisa de vez em quando. Agora, se a Dona A.G. dá uma sacola para um e não dá para outro eles ficam bravos. Tem uma mulher ali que vive criticando. Se a gente vai na Casa de Apoio e ganha alguma coisa, ela fica tirando sarro, embora a mulher não tenha nem o que comer dentro de casa. Um dia eu disse para ela que na próxima vez que a Dona A.G. começar a distribuir cesta básica eu vou dizer para ela dar uma para essa mulher. Se eu ganho comida da Dona A.G. eu como; se compro alguma roupa usada no bazar da Casa eu uso. Não estou matando, nem roubando, porisso não tenho que ter vergonha. O problema é não ter nada, passar sufoco e querer dar uma de orgulhosa.

Entrevistada 3

Têm pessoas boas, que sabem conversar com a gente e tem outras que são muito egoístas; viram a cara quando encontram a gente na rua e não cumprimentam, mesmo que nos conheça há anos. Se eu passo perto de alguém e cumprimento mas, a pessoa não me responde, eu também não falo mais com ela. Tem muitas pessoas que são encrenqueiras com a gente, que gostam de procurar confusão. Tem gente que não ... eu, por exemplo, é muito difícil, porque eu só saio daqui para ir ali na CAAI. Fora dali eu não saio para lugar nenhum porque as pessoas já ficam maliciando e começam a inventar um monte de coisas, pessoas. Elas não tem o que fazer e ficam falando da vida da gente. É fogo! Tem uns vizinhos que são bons tem uns que não são. É assim.

Entrevistada 4

Tem pessoas muito boas e tem pessoas ruins. Por exemplo, vizinhos meus são muito simples, muito humilde ... tem pessoas que são ignorantes de pai e mãe; são analfabetos mesmo, não sabem ler nem escrever porque a mãe já não sabia então, ela cresce assim e passa para o filho. Hoje só não acontece muito isso porque as mães são obrigadas a pôr os filhos na aula. Com o Conselho Tutelar que está em cima das pessoas e, inclusive, com a Dona A.G., que está sempre vindo aqui para baixo, mandando as crianças irem à aula, exigindo que as mães mandem as crianças à aula, agora não tem tanta criança analfabeta, os pais estão pondo as crianças na escola direitinho. Quando eu cheguei aqui, não entendia as pessoas porque eu passei a ser favelada depois que eu vim morar aqui. Eu nunca tinha nem passado por favela porque eu tinha medo, então, no começo, eu não entendia porque que as mães mandavam os filhos sair e pedir esmola. Porque eu trabalhava e podia trabalhar, porisso não deixava meus filhos saírem para a rua. Até tive problema com o meu filho porque eu saía e como ele era pequeno, os piás puxavam ele para a rua. Uma vez briguei com ele e com a mãe dos guris. Falei que não era para levar meu filho junto porque eu já trabalhava para ele não precisar disso. Com o tempo eu fui entendendo que para eles isso já é uma coisa normal porque a mãe já fazia isso; a mãe criou eles assim

pedindo. Deus o livre se a criança não saísse pedir; quando volta sem nada apanha porque são os filhos que sustentam os pais, pedindo na rua. A K. era uma das crianças que sustentava a família dela pedindo na rua. Agora parou um pouco porque está proibido se aproveitar dos filhos. Então, eu não entendia, e só aos poucos eu fui vendo que a mãe da criança era a viva ainda, mas andava bêbada e fazia os filhos sair pedir. Eles crescem assim porque é a educação que eles tiveram, e isso vai passando de pai para filho. Aqui no bairro tem muito do pedir; as pessoas são muito acomodadas. Já notei que as pessoas são tão acostumadas a ganhar, que acabam não trabalhando. Tem pessoa que não trabalha, vive só do ganhar. A Regional daqui dá uma cesta básica, mas tem gente que vai não sei aonde para ganhar outra e sair pedir com aquele mundarel de criança. Ganham roupa, mas não cuidam; jogam fora como se fosse descartável para não precisar lavar. Usa e joga fora porque ganha mais, vem fácil. Isso aí eu não entendia, mas já é costume deles. As pessoas gostam de onde moram. Eu acho que, na opinião deles, o bairro melhorou bastante. Eles não vão às reuniões do Conselho Local de Saúde, mas como eu vou às vezes, quando me dá vontade, eu faço o pessoal ir também, principalmente quando tem reunião para decidir se vão tirar o pessoal da área de invasão. Nós não temos documento de posse e daí, começa aquele falatório. Eu vou na reunião e convido o pessoal, mas eles não vão, então, eu chamo todo mundo aqui na frente de casa, subo num banquinho e explico tudo o que aconteceu na reunião, porque se não, um fala uma coisa, o outro fala outra e fica aquela confusão. Só que eles não são de participar, de jeito nenhum. Eu já tentei bastante e não consegui fazer eles participarem das reuniões. Apesar do jeito deles viverem, são umas pessoas ... a C.I., por exemplo, eu acho ela uma coitada. Está cheia de filhos e brigava com o marido de se estapiar, de se cortar um ao outro, mesmo estando grávida, bem barriguda. Mas eu sempre comento até com a minha família, que ela é uma pessoa feliz, mesmo na desgraça dela. Ela é feliz, ela vive, dá risada, sempre está conversando e sempre está feliz da vida, até mais do que outras pessoas. Eles são ... sei lá, acham normal a vida deles, pois é a única que eles conhecem.

Entrevistada 5

Para mim, cada um vive a sua vida como pode. Quase nem converso com as pessoas. Às vezes que eu vou na costura, converso um pouco com as gurias. Então, eu não tenho o que falar deles. Tem uns moradores que reclamam do bairro, mas tem outros que gostam daqui. Eu já gosto daqui porque nosso trabalho é aqui, então conhecemos muita gente. Convivemos aqui no bairro há anos; já somos mais chegados às pessoas. Tem gente que conhecemos desde pequenininho. Tem umas pessoas que falam mal do bairro, tem outras que falam bem e que gostam de morar aqui. O P. da prefeitura, esteve pegando os nomes das pessoas daqui esses tempos atrás para tirar o pessoal, mas muitos não querem sair daqui; querem ir morar ali no Barbacena, onde tem um monte de lote vago, mas não querem sair do bairro. As pessoas que falam mal do lugar dizem que aqui tem um monte de gente fofoqueira, que se mete na vida da gente. Tem um vizinho aqui na frente, que ele até xinga. Quando ele vai subir aquele pedacinho da escada ele começa xingar os carros, a xingar o bairro. Mas ele não sai daqui também porque, esses tempos a filha dele falou para ele trocar o lote e que ia arrumar um lugar para mudarem para o Vila Sandra, mas ele não quis sair.

Entrevistada 6

Tem muitos moradores bons, como tem ruins. Tem moradores que são relaxados. Eu não sei como podem ser tão relaxados. Isso prejudica a gente também. Claro que a gente não vai querer dizer: "ah, eu sou caprichosa". Não é questão disso, mas é que é uma favela não é o bairro; é o povo que faz a favela, porque se o povo arrumar sua casinha direitinho, conservar limpo, as crianças limpas, fica tudo bonito. Eu já conheci lugares que também são de invasão como aqui, mas tem casas bonitas. Aqui não; parece que o povo pensa que se arrumar a casa direitinho, os outros não vão querer ajudar, ainda mais tendo a Casa de Apoio aí, com a Dona A.G.. As pessoas pensam que, arrumando a casa, vai mostrar que está mudando, e ela vai deixar de ajudar para ajudar os outros, então, eles nunca vão mudar, nunca. A Dona A.G. sempre vai estar ajudando e eles sempre vão estar sossegados, eles não têm outro assunto. A maioria dos moradores do bairro gosta daqui. É como eu te falei: a maioria que mora aqui, gosta porque tem muita ajuda na Casa de Apoio e da Dona A.G., então, eles não querem sair daqui; adoram porque beneficia eles. Aqui tem bastante catadores de papel e tem pessoas que poderiam ter outra profissão e até viver melhor. Tem pessoas aqui que têm até carro. Tem pessoas que não saem daqui porque estando aqui, se trabalharem ou não, elas comem do mesmo jeito porque tem alguém que ajuda. Então, eles se aproveitam muito disso.

Entrevistada 7

Eles comentam bastante coisas sobre o bairro. Comentam que não querem sair daqui. Sempre que dizem que vão tirar o pessoal daqui, eles comentam que não querem sair porque já estão acostumados.

Entrevistada 8

Eu gosto daqui e dos moradores. Tenho muita amizade aqui. São todos ... bem dizer a gente se criou quase juntos; se conhece desde pequeno mesmo. São pessoas boas. Tem os ignorantes, mas isso todo lugar tem. A gente precisa passar por cima disso e não levar em conta. A maioria é de pessoas boas. Mas, tem algumas que enchem o saco, mas deixe para lá. Dizem que, quem bebe água do Santos Andrade, volta. Todo mundo que vai embora, volta. A maioria vai embora e volta porque aqui é legal de morar. É um bairro pequeno, todo mundo se conhece, é difícil de acontecer coisas ruins, como por exemplo seqüestro de crianças. Aqui todo mundo conhece as crianças, então, não tem perigo. Eu acho que as pessoas gostam de morar aqui também, senão, não voltavam tantas vezes. Eu conheço bastante pessoas que foram embora e voltaram 2, 3 vezes.

Entrevistada 9

Eu acho que as pessoas aqui têm muita desunião. Eu acho que as pessoas deveriam ser mais unidas. Tem muita fofoca, muita briga, rola muita droga, muita coisa, muito álcool. Acho que o povo não é unido. Mas deveriam ser mais unidos para poderem viver em paz. Muitos pensam que se fossem para outro lugar, principalmente os que não trabalham, eles não poderiam vender a droga que eles vendem aqui. Então, eu acho que eles pensam que aqui é o melhor lugar deles se esconderem.

3. Por favor, comente sobre como é a sua relação com seus vizinhos e amigos”.

Entrevistada 1

Amigos, amigos eu não tenho. Amiga de todo dia que vive te auxiliando uma hora ou outra eu já tive uma muito querida e eu ainda gosto dela. Mas não sei porque, de repente, perdeu-se a confiança. Mas vizinhos, eu tenho vários. Se precisarem de mim eu ajudo, vou na casa deles, procuro conversar e eles também me procuram. Mas são pessoas que a gente não é muito chegada. Eu não estou muito dentro da casa deles, nem eles na minha. E amigos ... eu quero repetir de novo ... acho que são apenas os amigos dos meus filhos e sobrinha. Tem bastante jovens e adolescentes que vão na minha casa e na casa da minha irmã. Acho que dá para dizer que são eles os meus amigos, porque da minha idade mesmo eu não tenho. A gente conversa, brinca mesmo ... pintou uma brincadeira eu já estou dentro. A gente sai juntos e eu converso muito com eles; eles pedem muito a minha opinião: “o que a senhora acha, será que dá para fazer isso, será que não vai dar...” Eles me chamam de senhora. Às vezes é uma coisa que eles estão com medo e se eu vejo que dá para eles fazerem, que não é arriscado eles saírem eu deixo. Às vezes, eu estou no portão de casa conversando com eles, ou eles vão na minha casa assistir televisão. O relacionamento nosso é esse: conversar.

Entrevistada 2

Eu só me dou mesmo com a turma da M.T. e da M.P.. Com elas é amizade mesmo e eu me sinto bem porque nós conversamos. Mas de resto não tenho amizades assim, é apenas “bom dia, boa tarde”. No curso eu converso com as pessoas, mas não é a mesma coisa que amizade. Não sou de chegar e bater papo, contar as coisas. Sou uma pessoa muito ... só para mim e para minha família. Porque a gente já sabe como é o bairro e eu não gosto muito de me misturar porque se você fala uma coisa aqui, já estarão comentando lá do outro lado desse tamanho. Isso já aconteceu comigo: a pessoa veio aqui na minha casa comer, beber e saiu falando mal, jogando meu genro contra mim. Foi aquele alarde e depois disso a minha vida virou um inferno. Então, eu evito de me dar com aquelas pessoas para não ter problema ainda mais problemas na minha casa. Para quê ter problema com os vizinhos também?

Entrevistada 3

A única vizinha que eu converso mesmo e, de vez em quando, a gente discute um pouco ainda é a S.S.. É a única vizinha porque não converso com a V.. Quer dizer, ela não conversa com ninguém. De certo ela pensa que é até melhor não ter papo com ninguém daqui porque se não vai acontecer o que acontece sempre: fofoca daqui, fofoca dali. Mas eu e a S.S. sempre discutimos porque, pôxa, eu não posso receber uma amiga ou um amigo aqui em casa que ela já fica falando e fazendo fofoca para o pai das meninas. Uma vizinha assim é ruim que Deus o livre.

Entrevistada 4

Aqui do lado tem a M.R., que eu adoro; ela é uma pessoa que se a gente precisar de uma passada de café e ela tiver só uma, pois ela faz meio e dá meio para gente. E olha que ela é uma pessoa bem pobre, mas não sabe dizer não para ninguém, não tem boca para xingar ninguém. É uma coitada. Às vezes, eu até sou meio grossa para falar com as pessoas e já cansei de chegar para falar com ela meio gritando, mas depois eu vou e peço desculpas porque ela é uma pessoa que não merece que chegue falando grosso com ela, porque é muito..., humilde, boazinha, não tem boca para nada. Às vezes até ela bebe - não é sempre - e a nora e os filhos perdem a paciência com ela, querem socá-la na cama e a derrubam. Já machucaram ela. Daí ela me chama: “R., vem aqui que eles querem me bater” e eu vou lá e não deixo ninguém encostar nela. Ponho ela na cama e tudo. Ela perdeu o filho com 10 anos num atropelamento de carro ali na ponte e até hoje ela não se conforma; isso faz uns 5 anos. Porisso que ela bebe e daí fica falando: “Meu filho!”. Eu adoro a M.R.; ela é gente boa. Do outro lado de casa mora a C.L. que trabalha num colégio e também é boa pessoa. Amiga minha, que eu gosto, é da S.A., da T.I. ... eu gosto da T.I., não confio nela. Com a S.A. eu sei que quando eu saio de perto, ninguém vai falar por trás de mim, mas com a T.I. não. Daqui mesmo eu só confio na M.N. e na S.A., porque eu acho que ela não tem motivo para falar de mim por causa do problema que eu tenho com o meu marido que é viciado.

Entrevistada 5

Tem alguns vizinhos que falam muito. Até eu entrei nessa de falar dos outros. Depois eu me arrependi porque houve uma confusão do leite e desta vez foi porque eu falei lá. Eu me meti muito nas fofocas que os outros falaram e também falei. Daí, mas aqui tem bastante gente que gosta de aumentar as coisas e falar o que não é. E até eu me segurei aqui em casa para não estar falando dos outros lá. Eu me dou super bem com as pessoas. Às vezes que vou conversar, mais lá na frente, nós ficamos sempre no cantinho do muro, olhando lá para cima porque daqui não tem como olhar, então a gente enjoa um pouco de ficar só preso aqui e sai um pouco para refrescar. Mas as pessoas já falam, só que a gente escuta por um ouvido, solta por outro, nem dá mais atenção; deixe que fale o que tiver que falar. Não aumentando, não levando para frente o que falaram é que é o mais importante para a gente.

Entrevistada 6

Eu gosto dos meus vizinhos ... deixa eu ver ... de vizinha tem a C. D., que eu gosto muito dela. Ela me ouve e tem coisas que eu sei que também sou errada e ela até conversa comigo. Eu tenho minha vizinha A., que eu me dou também e que gosto muito. Tem a Z.I., tem a L. ... ah, eu me dou com todos aqui. Só tem uns 2 ou 3 que eu não me dou e que eu não converso, mas também eu não tenho raiva. Só que eu não converso porque eu acho que não vale a pena; se eu conversar a pessoa vai pisar de volta. Então, melhor cada um para o seu lado, só que raiva eu não tenho. Eu me dou com todos, eles são bacanas. Erro todo mundo tem, como eu tenho também. Temos que procurar mudar mais; um conversando com o outro, quem sabe muda. Assim como eles, muitas coisas falam para mim e eu reconheço que é verdade e começo a mudar. E assim são eles também. Então, nós trocamos idéias; é até bom para nós. Não tenho queixa grave dos meus vizinhos.

Entrevistada 7

Eu não sei ... eu gosto de todas as vizinhas. Apesar de não ir na casa de ninguém, eu tenho bastante amizade, mas tem uns que, às vezes, não vão com a minha cara ... eu não sei porque. Eu não faço mal para ninguém; eu me dou com todo mundo, tenho amizade. Não vou dizer que tenho amiga mesmo porque isso eu não sei se tenho ou não ... é que esse lugar aqui ... Eu me dou com a M.T., com as pessoas lá de baixo, mas daqui acho que a maioria conversa comigo só que falam por de trás de mim ... sei lá. Eu me dou muito com os meus parentes, também, agora com os meus vizinhos, eu me dou com as pessoas lá debaixo. Elas dão conselho para mim, sobre os meus piás e elas também vem na Casa de Apoio e a gente faz tricô juntas; sou bastante amiga delas.

Entrevistada 8

Os vizinhos são todos bons, na maioria. Nenhum incomoda o outro, cada um vive a sua vida. A única que incomoda um pouco é essa mulher aí do lado. Porisso, até virem arrumar esse terreno ao lado do meu, eu fiz esse portãozinho para nós sairmos mais por aqui do que por ali, só para não criar confusão com ela. Eu dei totalmente o desprezo, já que não dá para a gente ter amizade, então, ela para lá, eu para cá e pronto. Não mexendo comigo, tudo certo. É que ela se importa muito com a vida da gente. Falando assim as pessoas podem não acreditar, mas só morando aqui para saber. Com os outros vizinhos, tudo bem. Me dou com a T.T., com a A.I., com todo mundo. Não tenho queixa de ninguém, só dela mesmo.

Entrevistada 9

Eu até me dou bem com meus vizinhos. Tem só uma pessoa aqui no bairro que eu não me dou, que a gente não conversa, mas eu não tenho mágoa, não tenho nada contra ela. Até, muitas vezes já me magoaram ... quantas vezes me disseram as coisas, mas eu não sou daquelas pessoas que guardam mágoa, rancor. Eu não posso me queixar por dentro de mim porque eu entendo que, quando a pessoa está nervosa, a pessoa diz as coisas sem sentir, acho que me dou super bem com meus vizinhos. Tem umas que tratam a gente diferente, outras tratam normalmente. Eu acho que gosto de todo mundo e que umas gostam de mim outras não. Por isso, acho que conversam comigo só na hora que eles querem, senão, me fazem desaforo. Mas acho que não posso me queixar.

4. O que você acha que as pessoas pensam a seu respeito?**Entrevistada 1**

Algumas pessoas lá da minha igreja que são minhas vizinhas acham que, por eu estar vindo na CAAI, não sou tão religiosa como era antes. Eu sei que ficam de falinha atrás de mim, mas eu não dou confiança. Eu sempre digo assim: não é o padre que me sustenta, não são os ministros que me dão apoio quando eu preciso. Sempre sou eu que estou me virando. Quanto às pessoas que eu convivo aqui, na parte debaixo, eu acredito que elas me querem bem, do mesmo jeito que eu quero elas ... claro, todo mundo tem defeito, mas eu acho que como eu gosto delas, elas devem me querer bem também. Já os amigos dos meus filhos eles não só pensam como às vezes, até eles falam. Uma hora eles estão de bem com a gente, e querem conversar mais, outra hora eles dizem "você está um pouco chata". É que as idades são diferentes então, quando eu solto, dando liberdade para eles fazerem uma porção de coisas - conversarem, darem risada, fazerem bagunça - eles me vêm um pouco como amiga. Quando vejo tenho que corrigir, que precisa fazer silêncio, porque não é mais hora de gritaria e tem que ter respeito porque as pessoas estão dormindo, eles me acham chata demais. Sou amiga quando eu estou na deles. Alguns me chamam de tia e dizem "hoje a tia está boa, legal", mas quando eu chamo atenção deles, que vejo que estão passando do limite eles dizem que estou chata.

Entrevistada 2

Eu sou orgulhosa, eu sou metida, é assim que eles me acham. Então, eu falo que o meu jeito é esse. Eu sou assim e pronto. Eu tenho até medo porque já sofri muito com má fama dos vizinhos quando eu fiquei sem minha mãe. Eles falavam mal de mim porque fiquei sozinha com meu pai. Falavam até que eu era mulher do meu pai. Então, desde aquele tempo eu me afastei, fiquei no meu canto. Eu não sou de me misturar, até mesmo com os meus parentes; não sou de ir na casa deles. Tenho uma irmã que mora aqui perto, mas eu não vou na casa dela. Você vai na casa dos seus parentes e vai conversar uma coisa séria eles já levam tudo por mal. Sabe, nós não somos amigos então, eu evito de ir até a casa deles. Eles vêm de vez em quando ver o pai mas, é assim: eles lá e eu aqui.

Entrevistada 3

Acho que eles pensam coisa errada porque eu sou mãe solteira. Eu não posso ter amizade. Se eu tenho amizade é porque eu sou isso, sou aquilo, porque eu não presto. Tenho que pensar nas meninas porque senão, mais tarde, as meninas vão seguir o mesmo caminho que eu. Mesmo que eu não esteja fazendo nada de errado, os vizinhos sempre acham alguma coisa errada para pensar. Não precisa nem a gente aprontar, só de falar, eles já acham que tem alguma coisa errada. Eles acham que podem falar mal mesmo sem a gente fazer nada. Gente preconceituosa, porque tem marido e tem filho, mas com o marido em casa. Eu, só porque tenho as meninas e não tenho marido em casa eles ficam falando um monte de coisa errada. Bom, a S.S. eu sei o que ela pensa de mim no jeito dela agir, no jeito dela olhar para a gente. Ela não fala na boca mas fala no olho; olhando nela já se vê o que ela pensa da gente. Ela pensa que eu sou uma vagabunda e, se estou em casa de shorts e mini blusa, no calor, ela fica cochichando com a filha dela assim: “ela parece uma piranha com aquela roupa, sendo mãe de duas filhas, parece uma piranha”. Então, quer dizer, eu não vou mais poder usar shorts nem mini blusa. Ela acha que eu sou isso, mas eu nem ligo porque, como diz a dona A.G., eles precisam muito mais de ajuda do que eu. Na cabeça deles, qualquer coisinha, eles já pensam besteira. Ela precisa ver que não é porque eu não tenho marido, que não posso ficar na minha casa à vontade, do jeito que eu gosto. Lógico que não vou sair para a rua do jeito que fico aqui em casa, se bem que eu fico de shorts e mini blusa, eu não vejo nada de mais nisso.

Entrevistada 4

Várias coisas ... porque é assim: o que eu tenho que falar, eu falo mesmo; eu tenho isso de mal; chego e falo, doa a quem doer. E, não pode ser assim; tem que falar as coisas com as pessoas direito, mas não consigo me controlar. Tem pessoas que gostam de mim, até me admiram, me acham inteligente. E tem pessoas que não gostam de mim, mas só que não falam para mim; tem amizade comigo, mas acham que eu sou metida, que falo as coisas, então, eles me toleram, mas falam pôr trás de mim. Mas eles sempre estão precisando de mim - não materialmente. Às vezes estão brigando lá e vem me chamar para ir separar, para conversar com a pessoa. Eu sempre vou e ajudo no que puder, mas nem todas gostam de mim. Tem algumas pessoas que não me suportam, mas eu tenho amizade com elas.

Entrevistada 5

Isso eu não sei. Eu nem imagino. Às vezes, podem pensar mal, sei lá. Só se falam escondidinho, daí a gente não sabe mas ... mas que falam, falam porque eu me meto muito sabe. Esses tempos chamaram a polícia para a M.N., daí eu peguei e defendi ela. Eu chamo, às vezes, a polícia ... como fizeram para a A.. Chamaram o juizado de menor. Então, eu falo, às vezes: “não sei para que se meterem com a vida dos outros; cada uma tem que cuidar de si”. Então eles ficam meio assim comigo e nem falam muito.

Entrevistada 6

Sei lá, o que pensam. Eu acho que, para eles, eu tinha que mudar. Parar com isso de que se vejo uma coisa errada eu não penso, vou lá e falo mesmo. Eu sou desse jeito, não adianta, tem coisas que eu falo mesmo e é lógico que isso chateia eles porque tem coisas que a pessoa, não gosta de ouvir. Eu não gosto que chamem a atenção com algumas coisas. Só que eu sou assim. Fico pensando se eu estava certa ... acho que é por aí mesmo. Eles devem me acham uma mulher chata. Dos vizinhos que freqüentam minha casa e que a gente conversa, até acho que sou chata porque, às vezes, eu pego muito no pé deles. Eu não penso para falar. Mas o que eu tenho para falar eu falo mesmo. Se falar para você de, vamos supor, da A., eu mesma vou e falo para ela antes. Eu sou assim e não vou mudar. Mas também, se eu falo alguma coisa que a pessoa até mereceu ouvir, ela mesma vem depois e me diz: “olha Célia, você estava certa, você falou para o meu bem”.

Entrevistada 7

Como eu sou caseira da Casa de Apoio, acho que a maioria não gosta de mim. Só que eu já nem ligo porque nem vou na casa de ninguém. Mas as pessoas com quem eu me dou nem falam nada. Tem outras pessoas que falam mal dos meus filhos e de mim, porque os piás ficam na rua, às vezes. Mas eu também faço tricô e a costura; não tenho tempo de ficar com os piás, cuidando deles. Então, elas falam mal muito mal e ficam comentando o que os piás fazem.

Entrevistada 8

Eu não vou saber a opinião deles ... eu acho que eles gostam de mim porque se não gostasse também não tinham amizade comigo. Talvez gostem do meu jeito, não sei, não tenho assim uma opinião formada do que eles pensam de mim.

Entrevistada 9

Eu acho que muitos devem pensar que eu sou uma pessoa boa e muitos que eu sou uma pessoa má. As pessoas têm muitos pensamentos diferentes, não dá para dizer. Mas eu sou assim: se eu puder ajudar, eu ajudo; se eu não puder ... então, acho que muitos devem pensar coisas boas e outros pensam mal; deve ser por aí.

5. Qual o tamanho da sua família? O que fazem o seus familiares?

Entrevistada 1

Minha família é grande. Nós somos em 4 filhos, eu e meu marido. Eu achei que quando casasse teria poucos filhos. Eu tenho três filhos que são meus mesmos e o outro que é adotivo, mas é como se fosse filho. Acho que é uma família grande. Um dia a gente se entende, outro a gente se desentende. Todos moram e convivem comigo, mas tem uns que dormem na casa da minha mãe, que é minha vizinha no terreno. O F.P. não está trabalhando agora. Até o ano passado ele trabalhava, mas saiu porque ia servir o exército. Hoje ele não está trabalhando fora, mas me ajuda em casa: se precisar ele cozinha, lava, limpa a casa, faz tudo o que estiver ao alcance dele. Quando ele trabalhava fora também estudava e não deixava de fazer as coisas que a gente pedia para ele. Cada um tinha sua responsabilidade dentro de casa. O R.P. nunca trabalhou fora; ele tem 16 anos. É que eu ainda não achei nada para ele trabalhar, mas todos vão trabalhar porque não temos condições de ficar com eles em casa, dando estudo até se formar. Vão ter que trabalhar. Ele estuda e vai na CAAI fazer o curso de vime. Ele participa de poucas coisas; joga futebol com os amigos, não é muito de sair. Tem o L.P. que só estuda, não tem outra atividade. Tem o E.P. que vai para a creche. O meu marido trabalha de servente de pedreiro, de segunda à sexta. Ele não estudou muito, só fez até a quarta série e ainda assim incompleto. Gosta de jogar futebol no final de semana. É difícil pegar ele em casa no final de semana, ele está sempre jogando.

Entrevistada 2

Aqui mora eu, meu marido, meu filho, a minha filha com as duas netinhas e o pai. Somos em 7. O meu pai é aposentado por invalidez; o meu marido trabalha; a minha filha trabalha e as minhas duas netinhas, uma estuda e outra está na creche. O meu piá também estuda. Meu marido trabalha numa Pizzaria, ele é pizzaiolo.

Entrevistada 3

Aqui só eu e as minhas duas filhas. Somos em 3. Elas estão indo para a creche até dar a idade de ir para a escola.

Entrevistada 4

Nós somos em 5: 3 filhos, eu e o meu marido. E agora a minha filha mora nessa outra casa com o filho dela, então, nós estamos morando em 4. A B.S. agora está estudando de noite, o S.S. trabalha de dia com o meu marido e, de noite, sai com os colegas. Meu marido trabalha e eu paro mais lá na Casa de Apoio. Estou fazendo cursos lá. A L.S., a minha filha mais velha, está desempregada por enquanto, então ela fica em casa e cuida do filho dela.

Entrevistada 5

Na minha casa agora tem 6, mas tenho 3 filhos casados que não moram comigo. O meu marido trabalha como catador de papel. A C.C.I. estuda e eu, mais cuido da casa. Tem o T.T.I. que vai para a escola e o L.I. que é nenezinho ainda. O A.A.I., que é meu neto, mora comigo também e vai para a escola também. Os meus filhos casados trabalham.

Entrevistada 6

Nós somos em 5, sendo 3 filhos, eu e meu marido. O mais velho é o R.R.S. com 14, o A.S.S. com 10 e a B.B. com 4. Os meus filhos mais velhos estudam, e a menina fica comigo em casa. Meu marido trabalha.

Entrevistada 7

Tenho 4 filhos, mais eu e o meu marido; somos em 6. Os meus piás agora estão desempregados. Estou precisando que eles arrumem um servicinho. Eles estão parados agora. Meu marido faz jardim. Ele é jardineiro.

Entrevistada 8

Sou eu, meu marido, minha filha de 16 anos, um menino de 13 anos e a menina de 8. Meus filhos só estudam, por enquanto. E o meu marido, no momento está desempregado. Ele não tem muito estudo, mas é uma pessoa super inteligente e faz de tudo um pouco: é pintor, é auxiliar de mecânico, desde menino que trabalha em oficina, com lubrificação. Mas esse negócio de caminhão que ele trabalhou não deu certo porque a firma mandou embora por causa da verba que o Requião segurou e não soltou para as empreiteiras, para a Sanepar. Já ia fazer 6 meses que a firma estava pagando do próprio bolso, então, não estava segurando mais e começaram a mandar embora os que tinha menos tempo de firma. Foi com o dinheirinho de lá que a gente conseguiu fazer a casa, que já estava caindo tudo.

Entrevistada 9

Somos em 6 mais o meu cunhado que pára comigo. São 4 filhos. Meu marido e ele estão trabalhando de carpinteiro no momento mas, a profissão do Z. é pedreiro e do meu cunhado é servente. As crianças ficam comigo em casa; só o R.C. que estuda.

6. Como era sua família há cinco anos atrás?

Entrevistada 1

Muito ruim. Não com os meus filhos, porque sempre me dei bem com eles. Era ruim porque meu marido bebe. Ele não bebe todos os dias, mas no final de semana é sempre um pilequinho. Era ruim porque eu não tinha as coisas dentro de casa, fazia falta, tinha que ficar pedindo, pegando as coisas com minha mãe ou com minhas irmãs. Eu nunca via para onde ia o dinheiro quando ele trabalhava. Ele chegava de madrugada, sempre 3 ou 4 horas da manhã. Estava sempre me corrigindo. Eu não podia sair sem dizer onde eu ia, com quem, que

horas eu voltaria. Se ele chegasse bêbado eu ia dormir e, se eu já estivesse dormindo, ele ia dormir no sofá. Antes eu procurava nem conversar com ele. Há cinco anos atrás, a gente vivia assim: brigava, ficava 3 meses sem se falar, dormia em camas separadas. Eu cheguei a levá-lo para o advogado, para a assistente social dar uma definição na nossa vida, para separar. Mas como ele não me batia, não deixava faltar nada, ela achou que não tinha razão da gente se separar. Era mais conversar. Então, a gente decidiu ficar juntos e assim estamos até hoje.

Entrevistada 2

Há 5 anos atrás minha família era muito unida, apesar de ter ficado viúva. Eu tinha um casal de filhos pequenos. Depois de um tempo, eu me juntei com esse homem que vivo hoje. Não queria, mas quando eu o conheci as crianças ficaram loucas por ele. Ele as tratava bem. Minha filha tinha 5 anos e disse para mim: “mãe, a senhora está sozinha, por que não casa com ele?” Então eu disse que já tinha me casado uma vez e não queria casar de novo. Ela disse assim: mãe, mas a senhora se dá tão bem com ele, ele é tão bacana, nos trata bem, por que a senhora não vive com ele? Foi indo até que eu me acertei com ele. Naquele intervalo o meu piá ficou doente e ele correu muito com ele ... nem meus parentes fizeram o que ele fez pelo meu filho. Então, a gente tem uma grande afeição, porque ele foi tão bom para mim, como é até hoje. Minha filha foi ficando moça, ele dizia que não era para trabalhar sem estudar, mas ela começou estudar e namorar. Meu marido falou para orientá-la, mas não adiantou. Eu trabalhava fora e não tive controle. Até que um dia ela apareceu grávida da A.M.M. e o cara não se interessou em assumir as crianças, nem ela. Agora estão nessa folia de voltar. Eu disse: “está certo, você é maior de idade, quem manda na tua vida é você, mas eu não tenho condições de criar mais filho. Ela já teve duas meninas com ele. Por causa desse problema com a minha filha, meu marido foi embora e disse que não ia voltar mais. Ele ficou 1 mês sem dar uma notícia. Foi através de um colega dele que veio aqui em casa que eu soube que ele estava trabalhando na outra pizzeria. Eu fui atrás dele e ele explicou que sentia ser um empecilho dentro de casa, porque minha filha parecia que não aceitava mais ele. Ela faz muito desaforo para nós e eu ainda cuido de tudo na casa e das filhas dela. Era muito difícil e ainda é assim.

Entrevistada 3

Antigamente, éramos todos unidos. Não sei se é porque morávamos na mesma casa. Tinha umas irmãs casadas mas moravam pertinho da gente. Antigamente, era bacana, a gente fazia festinha em casa, todo mundo estava junto no Natal, no Ano Novo. Agora não, época de festa as que moram em Almirante Tamandaré não podem vir para cá, a gente também não pode ir lá. Tem final de ano que eu fico sozinha com as meninas aqui porque não vem ninguém e eu também não posso ir lá, por causa da casa. Hoje em dia a minha família fica toda mexida, metade para lá ... se a gente quiser saber um do outro tem que mandar alguém lá para ver. De vez em quando vem um sobrinho e a gente pergunta como estão todos. O meu pai também está lá em Almirante, mas minha mãe mora por aqui. Eles estão separados. Antigamente, era todo mundo numa casa só e agora, está tudo dividido. Hoje em dia não tem mais graça, não é mais como antes. Antes, era legal, agora parece que perdeu a graça. Fica chato passar o final do ano sozinha, só com as meninas.

Entrevistada 4

Eu estava trabalhando há 5 anos, né. Era bem melhor. A L.S. era solteira, não tinha feito esse péssimo casamento dela. As crianças eram pequenas, eu tinha mais saúde, trabalhava. Trabalhava, no Hospital do Cotelengo, então, era melhor. Eu trabalhava, eu tinha meu dinheirinho e, pelo menos, não faltava nada em casa, nem para os meus filhos. Era melhor.

Entrevistada 5

Meu marido trabalhava, parava em serviço e não bebia o tanto que ele bebe agora. Agora, nessa parte não melhorou porque ele está desempregado, então, ele faz esses bicos de catador de papel. Não tem como a gente sair para trabalhar porque tem criança pequena. Meu marido não pára em serviço nenhum agora. Já pegou vários serviços, começou trabalhar e no primeiro mês sempre ia bem. Mas quando entrava no segundo mês já começava a beber no serviço. A primeira vez que ele pegou um serviço bom, registrado, logo no primeiro dia de serviço, ele caiu; deu ataque nele por causa da bebida e ele já saiu do serviço. O M.M.I. trabalha com uma família de japonês desde 14 anos, que adora ele como se fosse filho deles. Quando ele começou a trabalhar lá, lavava os tachos e foi ficando até que eles levaram para a lanchonete e ensinaram a fazer pastel, coxinha. Ele parou de trabalhar quando foi para o quartel, mas depois voltou de novo para o mesmo serviço e ainda está com eles até hoje. Agora, o C.C.I. já não pára muito em serviço. Ele começou agora, depois do quartel, tem o E.I. também que ficou um bom tempo trabalhando ... eu só não sei falar o nome ... exiboy ... sei lá como é que é. Ele ficou bastante tempo nesse lugar, até completar a idade que eles deixavam. agora que ele está desempregado, está sem serviço e está meio difícil.

Entrevistada 6

Antes o meu marido ficava na farra. Não sei se era de estar traindo mas, ele gostava de ficar bebendo. Ia para os bares beber e não tinha hora de chegar. Ele era aqueles homens respondão, bruto. Meus filhos também eram. O R.R.S. parava mais com a minha mãe, mas o A.S.S. estava me dando muito trabalho, tanto na escola como em casa. Era difícil, nossa, difícil mesmo.

Entrevistada 7

Antes era muito bom. Os piás me obedeciam, iam para a escola, iam para a creche. Eles eram pequenos. Depois que eu vim morar para cá que os piás começaram a se juntar com os amiguinhos e já sair

para a rua. Começaram a aprontar, cheirar cola, essas coisas. Graças a Deus, agora pararam com isso, mas ainda ficam soltos na rua.

Entrevistada 8

A mesma coisa, eu acho. Por incrível que pareça, esse mês faz 17 anos que a gente está junto. Nós não somos casados, falei casados, mas nós não somos casados; faz 17 anos que estamos juntos. Eu acho que 17 anos é uma vida inteira e se a gente não se gostasse, não se amasse, a gente não estaria juntos. Problemas existem todos os dias; sempre surge um diferente do outro, mas isso a gente tem que saber como enfrentar. Tem que ter calma, paciência, que é uma coisa que eu venho há uns 3 anos tentando. Aprendi bastante a desenvolver a paciência porque antes eu não tinha. Se faltava alguma coisa dentro de casa eu explodia, eu xingava, eu cobrava ... agora não. Se não tem, não vai matar, não vai roubar ... não pode. Então, tem que enfrentar, só isso. No momento a gente está bem. Nós sempre fomos assim: a nossa família somos nós aqui dentro de casa. A família lá de fora são outros quinhentos. Mas a gente sempre enfrenta juntos mesmo sem perturbar ninguém.

Entrevistada 9

Minha vida era um inferno puro, eu não gosto nem de lembrar. Era um horror porque o Z. bebia e chegava em casa, me batia, maltratava as crianças. Em vez de ele trabalhar e comprar alimentação para as crianças ele ia para os sons, para os bailes, chegava bêbado e me maltratava demais. Agora, ele mudou, ele deixou da bebida. Tem dias que eu tenho muito medo que volte o tempo atrás, mas eu espero que não. Desde que a T.C.C. nasceu ele bebia mas nunca chegou a espancar a criança quando estava bêbado. Ele espancava a mim, mas não maltratava ela. A não ser uma vez que ele foi jogar a televisão em mim e acabou batendo na testa dela. Ela tem a cicatriz até hoje e vai ficar para sempre, eu acho. Mas isso foi um acidente porque ele pegou para bater em mim e não nela. Ele sempre tratou bem das crianças. Quando ele chegava em casa, a T.C.C. já pensava que ele estava bêbado e não chegava perto dele porque tinha medo. Até hoje, se a gente começa a brincar elas começam a chorar. Acho que ficaram traumatizadas e pensam que a gente está brigando mas, a convivência está melhorando muito hoje, está melhorando bastante.

7. Qual a sua opinião sobre sua família? Como você acha que ela está hoje?

Entrevistada 1

Hoje é melhor, antes não era muito bom. Eu dizia para os meus filhos que quando o pai chegasse não era para ficar muito lá fora, que procurassem ficar para dentro. Se bem que ele nunca foi muito áspero com ninguém. Até ficava melado demais quando estava bêbado. Hoje eu acho que é melhor que a cinco anos atrás. Eu não preciso ter medo, posso falar o que eu quero. Já sei que, quando ele chega bêbado não posso responder, que tenho que deixar ele ficar falando o que quiser e sem ficar discutindo. Eu aprendi a conviver com isso. Hoje não faz mais diferença se ele vai dizer uma palavra que me ofenda; deixo para o outro dia. No outro dia ele vai estar melhor e aí a gente vai conversar. Minha família é assim, mas eu queria que ela fosse mais. Queria que meus filhos tivessem mais força de vontade, sem precisar eu ter que empurrar eles. Eles não têm muita vontade própria. Parece que têm que ser conduzidos; parece que eu tenho que empurrar eles, falando "isso é bom tem que fazer". Meu marido também é assim, ele só trabalha em função do que eu falo: "você precisa, tem que ter responsabilidade". Então, eu queria que meus filhos fossem mais soltos, que não ficassem esperando por mim, que fossem mais responsáveis e que tivessem mais força de vontade. Até mesmo para arrumar um trabalho eles ficam esperando que eu vá ver primeiro. Se fosse deixar por conta deles, ficariam só jogando futebol ou brincando da brincadeira que tiver na época. O mais velho vai fazer 18 anos mas, parece uma criança; ele gosta mesmo é de brincar. Mas quando está trabalhando - como estava - tem muita responsabilidade. Mas eu é que tenho que empurrar, dizer que para se vestir e se calçar. Tem que ficar sempre alertando que o salário da gente não dá. É com dificuldade que eu consigo fazer eles irem trabalhar. Meu marido também. Agora faz 3 anos que ele está trabalhando direto, mas antes era 6 meses de trabalho e 2 meses parado. É difícil. Eu queria que a minha família fosse mais unida nesse termo. A gente é unido, mas não totalmente. Parece que falta alguma coisa. Espero que não demore muito para chegar esse pedacinho que falta. Acho que todo mundo quer que a família esteja melhor, que as pessoas se encontrem, se ajeitem. Eu aprendi a conviver, a compreender. Sei que ele não bebe todo dia e coloquei na minha cabeça que não é a minha vida que ele está estragando; é a vida dele mesmo. Foi uma crise que passou. Hoje, quando ele diz para mim que vai pegar as coisas dele e vai embora, digo que se quiser pode ir, mas que não sou eu que estou mandando. Para mim não é melhor que ele vá embora; é bom que ele fique conosco. Eu aprendi que não dá para ficar sem ele. Não é dizer que eu acostumei, mas eu sei que faz falta na minha vida e, com certeza, na vida dos meus filhos. Desde os 14 anos que eu moro com ele e não vale mais a pena a gente se separar. Acho que minha família hoje está boa, porque eu consegui superar um monte de coisas que antes eu não sabia.

Entrevistada 2

Nós éramos muito unidos, de uns tempos para cá, virou desunião total. Total mesmo. Minha filha também, quem dá mais trabalho aqui em casa é ela. De uns tempos para cá, ela não é mais minha amiga. Eu a tinha como minha amiga, companheira, minha ... como é que se diz ... eu podia confiar nela, falar dos problemas. De uns tempos para cá, ficou ela para ela e eu para mim. Se tenho meus problemas, tenho que resolver sozinha e não posso contar com ela. De primeiro, eu pensava que os meus filhos eram por mim. Agora, eu tenho certeza que eles não são por mim mais. Esses tempos atrás eu e meu marido ficamos doente, meu filho estava mais ou menos, meu pai também estava ruinzão e só ela, minha filha, estava trabalhando. Mas ela não ajudava em nada.

Não era capaz de chegar e fazer uma coisinha para nós. Sempre falo para o meu marido que quando nós ficarmos velhinhos, antes de ficar ruim, temos que fazer um papel, alguma coisa, para irmos para o hospital ou para algum asilo, porque se depender dos filhos, não vamos ter um copo de água. Então, eu acho que com eles eu não conto. Meu pai é muito malandro. Ele tem 87 anos, mas gosta de mulher nova então, ele tira dinheiro do bolso para dar para elas. Até o prato de comida ele guarda para dar para elas. Ele foge de mim e vai na Carmela pintar e cortar o cabelo para se enfeitar para elas.

Entrevistada 3

A minha família é legal para caramba. Só que, ultimamente, está difícil porque só eu e meu irmão João moramos aqui, mas a gente quase não se fala nem se vê. Só vejo ele e a esposa à tarde, depois que eles vêm buscar o nenê. Alguns irmãos estão em Tamarandé, outros na Vila Sandra. Vejo Minha mãe só na sexta feira, quando ela vem. Depois, se eu não for lá, ela também não pode vir porque cuida dos outros netos e eu tenho que ficar olhando meus sobrinhos daqui. Fico aguardando quando ela vem aqui em casa. Mas a minha família é legal, principalmente quando está todo mundo junto. Daí é uma bagunça de sobrinho, primos e irmãos. Agora faz tempo que a família não se reúne. Estão todos separados, tudo dividido; fica meio sem graça.

Entrevistada 4

Minha família, está muito ruim, está péssima. O meu marido fuma maconha, e aqui nesse lugar, é um inferno. Às vezes vejo que ele nem tem dinheiro para comprar um pão, mas está cheirando; tem até cocaína aí, sabe. Ele fica cheirando, mas não pode fazer isso porque é epilético e toma remédio, daí acho que corta o efeito do remédio e dá ataque nele. Então, ele não vai trabalhar e fica 2, 3 dias em casa. A sorte dele é que ele não é registrado e o homem sabe que ele tem esse problema, mas deixou ele trabalhar lá. Assim, quando ele falta, não faz mal. O problema é que o meu filho vê isso. Esses dias eu disse que ele não tem moral para chamar atenção do filho dele. Esses dias minha filha de 15 anos, a B.S., falou: "mãe, o S.S. chegou aqui de tarde e estava muito loucão". Meu marido estava sentado na sala e falou: "ô B.S., você não fique falando o que você não sabe". Então, ele já estava defendendo. Foi quando eu falei: "você não tem moral para falar as coisas para o teu filho, só porque você é assim, você acha que ele também vai ser? Quer que teu filho estrague a vida dele?" Isso me desgosta muito. Eu nunca vi ele fumando nada, mais eu sei ... a gente sabe que ele fuma. Meu marido é assim: eu caí e me machuquei lá na cozinha que está com umas tábuas podres, mas ele não toma providência. O pior é que faz 20 anos que ele é desse jeito. Por isso que nós viemos parar na favela. Quando eu trabalhava, dava um jeito. Ele ficou 2 anos desempregado e foi eu que pus a luz na casa, a água. Nós ficamos sem ter um banheiro durante 5 anos. Chegava visita tinha que ir para os vizinhos; era horrível. Ele saiu do onde trabalhava de cobrador, porque deu ataque e eles mandaram embora. Foi então que ele fez esse banheiro que não está terminado. Os servicinhos de dentro de casa, quando tem que consertar alguma coisa, eu que tenho de tomar uma providência. Ele não tem boca para nada. Ele me chama de gorducha, porque eu estou com quase 140, mas não fica me desfazendo. Eu não largo dele porque eu fico pensando nos meus filhos. Aqui a gente precisa de uma pessoa para ... pelo menos um homem em casa ... para ter respeito. E mal ou bem, com o pouco que ele ganha, ele ajuda. Você vê, nós estamos sem luz. Nós tivemos que fazer ligação direta. O dia que a Copel descobrir nós estamos fritos. Ainda, eu dou rabicho para a Dona M.R., para a nora dela, para filha dela e para mais algumas pessoas. Toda vez que eu vejo o homem da Copel chegando ali, quase me dá um ataque, quase morro do coração. Não gosto de fazer coisa errada, mas não sei até quando vai ficar assim. Todo o mês cortam a água, então, ele pega o talão e leva para o patrão dele pagar. Mas sempre espera cortar. Sabe, ele não poderia fazer isso; dá um péssimo exemplo para o filho dele. A minha sorte é que as minhas filhas, Graças a Deus, não são assim. Depois, aqui os piás ficam na companhia do outro que fuma e acaba fumando também, ou começam a beber, e assim vai.

Entrevistada 5

Eles estão um pouco melhor do que eram. Eles são muito nervosos, sabe. Tem a A.I. que é muito nervosinha e por qualquer coisinha já está gritando e berrando. Meu marido também vive brigando com as crianças; ele é alcoólatra, é nervoso demais e ele implica com tudo o que está se passando. Mas melhorou um pouco; antes tinha muito mais brigas em casa. Ele parou de invocar com os piás, com a menina, melhorou um pouco mais.

Entrevistada 6

Começando com a minha irmã, que mora lá em Umuarama, parede de meia, eu penso que ela teria que mudar o jeito de ser; ela deveria ser mais mansa porque agora é muito arisca. Mas é o jeito dela; ela é muito bacana, eu sei que é. Mas, ela tem um lado ruim. Tem coisas que ela fala e que, às vezes, deveria ficar quieta porque sabe que está errada. Mas não pode também escorar, porque daí é mesma coisa que cutucar onça com vara curta. Eu acho que ela teria que mudar, procurar uma religião, procurar ouvir as pessoas, porque ouvir também é bom. Às vezes, as coisas que a pessoa fala machucam, mas a gente tem que ouvir porque é isso que faz a gente aprender. Se a gente cai, tem que levantar e aprender. Não pode só querer chamar a atenção, também tem que saber ouvir. E, eu acho que ela teria que ouvir mais, procurar uma religião, porque ela não tem nenhuma. Eu também não tenho religião, mas eu sei que Deus existe e eu tenho mais calma, eu sei ouvir as pessoas mesmo que me machuque. Eu queria que ela fosse mais calma, principalmente com as crianças. É em casa que começa, depois lá fora. Se eu tenho consciência em casa, lá fora não ficar fazendo errado. Eu gostaria que ela mudasse o gênio dela. A minha outra irmã também, eu adoro ela, também acho que ela não tem nada para mudar; jeito que ela está é bom. O meu filho mais velho tem que mudar bastante. Ele não é um filho ruim mas, às vezes, ele fica respondão, fala coisa que não deve. Depois eu converso; dou na boca dele se ele fala alguma palavra que não deve, depois falo porque bati e nós conversamos. Nós somos amigos, então, eu

gostaria que ele mudasse sobre isso. O meu filho do meio, também é muito arto, eu sei que ele tem que mudar bastante o jeito que é, mas ele é mais obediente do que o mais velho. Só que, de repente, ele fica numa doideira e apronta só para chamar a atenção. Sempre tem alguma coisa para mudar. Acho que todos têm um pouquinho para mudar mas, graças a Deus, de cinco anos para cá foi mudando, devagar foi mudando. Eu fui conversando com eles e, graças a Deus, hoje mudou.

Entrevistada 7

Está boa. Eu e meu marido nós damos bem, nunca brigamos. Sempre foi assim; nunca aconteceu de a gente brigar se separar, um sair e o outro ficar, nunca. Sempre nós nos demos bem. Ele dá muito conselho para os gurus e eu também aceito os conselhos que ele dá. Ele fala um monte de coisa para os piás e eu aceito tudo porque ele está certo, porque sempre é bom o conselho do pai. Ele fala para os piás não beberem, não fumarem maconha. Ele falou que quando era mais novo ele também bebia, aprontava; depois que ele perdeu a mãe, sofreu bastante. Então, ele sempre fala para os gurus que ele não quer que eles sigam o que ele seguiu antes. E agora os piás estão respeitando ele. Em vista do que os piás eram, estão bem melhor.

Entrevistada 8

A minha família está bem; nós estamos unidos, tem paz dentro de casa, não tem brigas. O único problema é que meu marido está desempregado, só isso. A gente está passando por uma fase bem difícil mesmo. Eu falei para ele esses dias que tudo passa, menos a gente. Por isso, tem que ter paz dentro de casa. Acho que isso é o mais importante. Se você enfrenta um problema e não tem paz, começa a ficar nervoso, a discutir, e a gente acaba brigando e faz burrada. Então, a gente procura se agüentar, se segura o máximo que pode, não briga e não discute.

Entrevistada 9

Hoje a minha família está muito bem, posso agradecer a Deus. Não está bem em negócios financeiros porque o Z. está sem serviço, está fazendo bico por aí mas, a respeito de saúde e dele ter largado da bebida, do álcool, tem ajudado muito. Posso erguer as mãos para o céu e agradecer a Deus por minha família estar unida, por mais que ainda esteja faltando uma pessoa na minha família, que eu gostaria que estivesse aqui, que é a minha filha que mora com a minha mãe lá no interior. Mas, Graças a Deus, eu posso agradecer a Ele porque a minha família está bem.

8. O que você acha que sua família pensa a seu respeito?

Entrevistada 1

Eles acham que sou muito mandona. Já me disseram: "você manda muito; você manda fazer isso, fazer aquilo, porque assim não está bom ..." Eles me acham mandona. Tem que ser como eu quero, mas se eu não disser para eles que tem que fazer isso, eles não fazem. Se eu disser assim: "hoje precisa fazer tal coisa importante lá na escola, vai para mim marido?" ele já diz "Ah! Eu não vou, vai você." Então, quer dizer, eles não vão e aí quando eu mando eles me acham mandona. Eles me vêem dessa forma, uma pessoa que manda, que impõe as coisas.

Entrevistada 2

Eles são assim: nunca me ajudaram. Eles vêm aqui criticar. Meu pai, por exemplo, é muito difícil e não deixa a gente limpar a casa dele. Então, como eu vou pegar meu pai, que eu sei que tem os seus defeitos, e maltratar ele para limpar a casa? Eu não posso. Se é mania dele, eu tenho que aceitar do jeito que ele é. E as minhas irmãs não aceitam. Dizem que o pai é porco. Ele nunca gostou de mim porque diz que eu tenho o gênio da minha mãe, mas é meu pai. Sou como a minha mãe: turrona. Então, meu pai nunca gostou de mim por causa disso. Mas, pelo menos uma, puxou a minha mãe. A minha mãe era daquelas que nunca saía de dentro de casa; passava anos e anos só entocada. Tenho todo o jeito dela, então, eles não gostam de mim por causa disso. Eles vêm aqui, olham como é a casa do pai, o rancho dele, saem falando. Para eles eu sou daquelas polacas duronas lá do sítio.

Entrevistada 3

A única coisa que eles pensam é que eu fui boba de ter... como se diz... acreditado na conversa do pai das meninas, porque se não, eu teria só a S.J. e pronto. Mas ele falou que vinha morar aqui, que a gente ia ser uma família e eu acreditei. Agora estou cuidando das minhas filhas sozinha e ele nem sabe como estão as meninas. Essa era a única coisa que eles falavam, mas agora não falam mais, porque já estou com 27 anos. Só a mãe que me dá bastante conselho, para eu cuidar bem das meninas, criá-las do jeito que ela criou a gente, para mais tarde elas não serem como muitas meninas por aí. Tem muitas meninas por aí que não obedecem, começam a usar droga logo cedo. Eu sempre dou conselho para as minhas filhas e digo que não é porque a mãe fuma cigarro que vocês vão querer fumar também. Eu falo para elas: "a mãe fuma mas é dose, não é fácil a gente manter um vício da gente". Elas mesmas falam para eu parar de fumar porque o cigarro tem um cheiro ruim. Eu respondo: "tem um cheiro ruim, filha, mas a mãe não consegue parar". Eu já tentei várias vezes mas não adianta. Eu sempre dou esses conselhos para elas: não fumem, pelo amor de Deus... não é fácil...

Entrevistada 4

Eu tenho um irmão que trabalha na Petrobrás e ele tem muita dó de mim. Por ele, eu já tinha largado o meu marido quando meus filhos eram pequenos. Inclusive, ele me falou que pagava o meu aluguel e dava

comida. Só precisaria de comida, no caso, porque eu trabalhava só para vestir meus filhos, comprar roupa, essas coisas. Mas eu não aceitei porque eu fui criada com padrasto e não queria isso para os meus filhos. Meu padrasto até mexia comigo, então, eu sempre tive medo. Antes de eu casar, minha mãe não queria porque ele já fumava maconha. Eu fui avisada. Mas com o meu marido, nós fizemos um trato que se um dia, um não gostasse mais do outro, a gente ia continuar juntos pelo menos até os filhos casarem, porque os filhos não pediram para vir no mundo. Ele foi criado sem pai e eu também. Ele é um ótimo pai, fora o vício dele. Você pode até perguntar para os meus filhos; eles adoram. Ele é um pai que briga com qualquer um por causa dos filhos dele. Não é de estar batendo, massacrando, dizendo palavras más. Como pai ele é excelente.

Entrevistada 5

Acho que a minha filha não gosta muito de mim. Ela tem muito ciúme de mim porque eu sou muito dada com a N.N., então, ela teve uma encrenca com ela e acha que eu também tenho que ter. Ela briga com os outros e acha que eu também tenho que brigar, mas eu não acho assim. Tudo ela joga nas minhas costas, me xinga, me ofende toda hora. Sempre eu estou fazendo as coisas para ela e ela está sempre me ofendendo. Ela sai me xingando, me ofendendo. Mas, tem umas horas boas que ela vem e me agrada, me traz uma coisinha, me agrada, então, eu não entendo. O M.M.I. acha que eu me meto muito na vida dele, quando ele faz coisa errada. O C.C.I., também, ele é muito nervosinho e se a gente fala qualquer coisinha, às vezes, ele já se ofende, sai xingando. Mas, dali a pouquinho ele vem e agrada a gente, sabe. É assim.

Entrevistada 6

Uma das minhas irmãs que eu citei acha que eu quero dar uma de metida, que eu sou orgulhosa e quero dar uma de rica. Tem coisas que eu vou comprar e ela já pensa que eu vou dar o passo maior que a perna. Isso eu não faço, nunca fiz. Se com 30 anos eu não tiver juízo ... Uma delas eu acho que pensa mais para pior do que para melhor. Pensa coisas mais negativas sobre mim. A outra não; nós duas somos iguais. Eu sei que eu tenho alguma coisa para mudar e ela sempre me diz. Se vê alguma coisa errada ela me diz e eu digo para ela e nós não brigamos. Só uma vez que brigamos, mas de bobeira e pronto, passou. Meu marido não é de falar o que pensa, ele é bem quietão. Mas ele diz que eu sou muito criança, porque gosto de brincar com as crianças. Ele fala que eu não sei que religião eu quero só porque eu ia na Casa de Apoio e agora eu também vou na Igreja Evangélica, mas eu sou católica. Mas eu digo que eu não tenho religião porque eu não tenho mesmo. Eu me sinto bem ali na Casa de Apoio e me sinto bem lá na Igreja também. E, se me convidarem para eu ir na igreja Católica eu vou. Ele diz que eu estou pecando. Mas, falando de Deus eu vou mesmo porque eu não sou de fazer o mal, isso não; esse pecado eu não devo. Se ele acha outras coisas erradas a meu respeito, ele não diz para mim, nem para os outros porque é muito reservado.

Entrevistada 7

Isso eu não sei. Eles só falam que me amam muito, que gostam muito de mim e que mãe é só uma e tem que respeitar. Eu faço as coisas certinhas, cuido, zelo deles, da casa.

Entrevistada 8

Eles me admiram muito, gostam de mim; dizem que sou boazinha. Para as crianças eu sou boazinha. Ele também me admira pelo que eu faço. De uns anos para cá é que a gente amadureceu bastante. Antes ele não pensava assim, mas acho que agora ele dá mais valor para mim, dá mais atenção, compreende mais. A gente conversa mais, dialoga mais. Antigamente a gente não se conversava tanto e não se entendia tanto assim. Agora não. Agora é diferente, acho que depois que passou dos 30 anos ele também amadureceu mais e dá mais valor para mim, não briga comigo. A gente só discute por causa da criança mesmo, porque eles querem voar mais. Ele não tem queixa de mim.

Entrevistada 9

Eu acho que devem pensar o melhor de mim porque eu faço de tudo para poder estar tudo bem, para poder estar, a hora que elas querem alguma coisa tem na mão, eu acho que, o Z. também, eu acho que ele não tem coisa mal para pensar de mim porque sempre fiz de tudo para não ter briga, não ter nada né, então, acho que ele não deve pensar coisa ruim não, deve pensar só coisa boa porque eu sempre fiz de tudo para não ter aquilo de estar discutindo, estar brigando.

9. Fale sobre as coisas que você faz

Entrevistada 1

Eu vou ser bem sincera: não sou muito de trabalhar fora, não sei porque. Não gosto muito de trabalhar fora, mas faço se preciso, eu trabalho. Faço as coisas sempre bem direitinho, sempre recebi elogios das mulheres para quem trabalhava. Eu trabalhava porque precisava, mas sempre gostei de ficar na minha casa, cuidando dos meus filhos, zelando por eles. Sempre gostei demais da minha casa. Tem gente que dá graças quando sai de casa e vai para o trabalho. Eu não, eu dou graças quando chego em casa e saio do meu trabalho. Estar na minha casa é uma coisa ótima, que gosto demais. Até o ano passado eu trabalhava como diarista, mas as mulheres, por falta de recursos (financeiros) pediram para eu sair e disseram que quando fosse possível, elas me chamariam. Agora eu só estou em casa. Mas, faço curso de tricô, que eu gosto muito, o curso do crochê nas quintas - feiras, sempre vou muito à Casa de Apoio. Participo da reunião do leite, aprendo alguma coisa e faço

uso do leite que recebo. Trabalho na Pastoral da Criança, não mais como líder, hoje sou apenas auxiliar e ajudo na pesagem e a servir a sopa nos sábados. Também era líder comunitária, mas deixei há algum tempo; agora vou voltar a ser de novo. São essas coisas que eu faço. É pouco, mas eu gosto do que eu faço. Eu me sinto bem de ensinar o remédio, ensinar uma coisa que as pessoas não sabem, nunca fizeram. Ou só conversar um pouco com elas. Eu não sei muita coisa, mas o que eu entendo e sei, o que eu aprendi, eu posso passar para alguém. Eu gosto desse tipo de coisa.

Entrevistada 2

Eu fico em casa cuidando das minhas netas e do meu filho. Cuido também do meu pai que mora na casinha detrás. Faço todo o serviço da casa e também faço o tricô. Estou sempre vendendo uma coisa ou outra que eu faço no tricô. Freqüento a Casa de Apoio, nos curso de lá e nas palestras.

Entrevistada 3

Quando estou em casa, sempre dou uma limpadinha, até dar no horário de ir para Casa de Apoio. Quando eu vou para lá, costuro, faço o vime. O que eu aprendi eu faço. Agora estou vendo se aprendo a fazer chinelinho também .. eu ainda não peguei o jeito, mas vou fazer. Quero fazer de tudo um pouco. Eu também faço tapete de trança com retalhos de tecidos. Faço para ter uns trocos a mais, se não ...

Entrevistada 4

Eu faço os cursos na Casa de Apoio todos os dias. Fico por conta disso e de cuidar do meu neto. Também lavo roupa para fora de vez enquanto e faço conserto de roupa, ou uma pecinha nova para alguém. Eu costuro, faço tricô, faço as cestas de vime.

Entrevistada 5

Cuido da roupa, da casa, vou junto com meu marido catar papel. Eu trabalho praticamente o dia inteiro; até na hora de dormir eu estou fazendo alguma coisa, cuido do nenê. Quando ele está renando não dá para fazer as coisas então eu fico com ele no colo. Uma coisa que eu nunca peguei na minha vida, que eu pensava que nunca ia saber é costurar. Depois que eu aprendi no curso que a Dona A.G. fez, eu fiquei muito alegre porque eu fiz um conjunto para a C.C.I.. Agora eu estou fazendo crochê. Isso eu também pensava que eu nunca ia fazer. Depois de velha, agora eu estou aprendendo alguma coisa.

Entrevistada 6

Limpo a casa, cuido dos meus filhos, mando o meu filho de 10 anos, o A.S.S., para o projeto. O mais velho, eu nem vejo ir para o colégio porque ele sai bem cedo. Lavo e passo roupa para fora, ganho meus cascalhos também. Paro mais dentro de casa do que fora por causa desses trabalhos. É raro o dia que eu estou sentada, sempre eu estou trabalhando. Eu trabalho para mim e trabalho para as pessoas mas, dentro da minha casa. Meu dia-a-dia é assim: no tanque, na pia. O Adi, meu marido, fez uma lavanderia para mim aqui dentro e eu coloquei a máquina ali. É a minha vida e eu me sinto bem porque gosto de mexer com água. Eu gosto de trabalhar, principalmente, em limpeza assim. Eu só descanso na hora de dormir, do contrário, fico trabalhando.

Entrevistada 7

Eu gosto muito de fazer tricô, de costurar, de vir nas palestras e gosto também da minha vida em casa, de fazer meus serviços, minha obrigação; eu gosto da minha vida. Às vezes, eu fico ... porque eu tenho problema de estado de nervo, eu começo chorar, chorar. Mas, eu sempre sou alegre, nunca fico aborrecida com nada.

Entrevistada 8

A minha lida é aqui em casa e na Casa de Apoio mesmo. Passo a semana inteira lá. Ontem mesmo, no domingo, eu fui lá dar uma costuradinha. Eu faço tricô e costuro para fora também. Fiz todos os cursos de costura na Casa de Apoio.

Entrevistada 9

Eu agora tenho minha família, tenho minha casa, posso contar que sou feliz. Eu trabalho só dentro da minha casa; cuido das crianças, lavo e passo a roupa. Eu não tenho tempo de me arrumar, de sair, então, minha vida está incluída só dentro da casa. Dizer "hoje eu vou sair, vou distrair", não tem. Antigamente não; eu saía bastante. Faço os cursos de costura na Casa de Apoio, mas eu quero trabalhar também. Se Deus quiser, eu vou trabalhar. Eu faço o curso de pintura e bordado na quinta-feira de manhã e à tarde, todo dia, faço o curso de costura. Estou aprendendo bem, estou indo bem, estou até me sentindo melhor. Parece um tipo de consulta que eu faço, que daí, eu estou me distraindo lá e estou melhor do que estar dentro de casa. De ficar só dentro de casa eu estava ficando quase doida. Então, lá eu me distraio com as minhas costuras e estou aprendendo bem.

10. Qual a sua opinião sobre você mesma?

Entrevistada 1

Eu tenho vontade de fazer muita coisa, mas me acho muito medrosa. Por exemplo, se é para eu ajudar em alguma coisa, está ótimo, mas se me colocarem em algum cargo, já não consigo; não tenho coragem de assumir uma liderança. Até acho que eu falo bem, que consigo me expor para as pessoas, mas tenho medo de assumir uma responsabilidade mais séria. Eu me acho um pouco medrosa. Não consigo tomar uma decisão

quando se trata de mim mesma. Sempre tenho que pedir a opinião de alguém. Se você achar que é bom, até tento pensar e faço aquela coisa. Mas é mais fácil eu dizer para mim que não quero do que tomar uma decisão sem conversar com dois, três, quatro pessoas antes, para ver se é bom mesmo. Quando se trata de mim não consigo, mas quando é para os filhos ou para o marido eu sempre digo: "é bom, vão, façam isso". Mas comigo não.

Entrevistada 2

Acho que sou chata. Tenho bastante defeitos e acho que não melhorei ainda. Estou indo na Dona A.G. e em muitas coisas melhorei muito mesmo. Eu era muito revoltada com a minha família, com o meu pai. A única que eu gostava mesmo era a minha mãe. Mas eu perdi minha mãe cedo e fiquei com o pai, agüentando as ruindades dele. Tinha irmãs, mas elas nunca me ajudaram. Já me casei cedo por causa deles, de, tanto que eles me infernizaram. Só sei que fui aprendendo as coisas sozinha; aprendendo a me virar sozinha. Na hora das dificuldades eu sabia que podia contar só comigo; não podia contar com parente nem ninguém mais. Então, eu sei que ainda tenho bastante defeitos para melhorar, porque não somos perfeitos.

Entrevistada 3

Não sou uma pessoa ruim. Se souber conversar comigo, souber levar, eu não sou ruim. Não sou uma pessoa nervosa; só fico nervosa quando mexem comigo. Me considero uma boa mãe. Mãe e pai, porque eu sou pai e mãe ao mesmo tempo. Eu me considero uma boa vizinha, uma boa tia. Tem muita coisa que eu acho que não sou tão ruim assim; eu sou boa. Se for legal comigo eu sou também, mas se uma pessoa for ruim comigo, eu sou também; não sei ficar quieta. Tudo o que me falam de maldade eu guardo só para mim. Não sei falar com ninguém; guardo tudo, seguro tudo. Mas também tem uma hora que não consigo segurar mais e então, Deus o livre, tenho que falar. Quando não dá para segurar mais, eu falo, porque se não os nervos da gente ... Deus o livre.

Entrevistada 4

Eu sou um pouco nervosa ainda, mas já melhorei bastante. Eu ajudo as pessoas e elas sempre vem me procurar quando precisam se defender de alguma coisa. Eu converso muito com os meus filhos, dou conselho para eles, mas também se precisar brigar eu brigo. Eu sou meio brava às vezes. Acho que eu estou morando na favela, estou nessa situação, porque eu mereço, porque eu sempre fui assim, meio ruim. Também eu acho que estou muito gorda, mas não consigo emagrecer. Tenho vergonha de ir no médico consultar. Vou no Dr. M., mas na hora de fazer os exames eu não vou. A Eliz lá do postinho já disse que se eu quiser ela faz o exame para mim. Mas eu acho que sou uma pessoa boa de coração; se precisar de mim eu ajudo e faço as coisas.

Entrevistada 5

Eu sei lá, eu acho que eu sou muito doente, tenho a pressão alta, então, eu não posso trabalhar muito pesado. À noite eu não consigo dormir porque me ataca muito a pressão, tenho muito problema. Eu acho que já estou muito velha.

Entrevistada 6

Acho que eu sou uma pessoa divertida, alegre. Eu já levanto contente com a vida. Não fico desanimada com os problemas porque sempre tem um probleminha aqui outro ali. Mas, eu levanto já feliz e alegre. Quando tem uma pessoa na minha casa para a gente conversar, então, a gente troca as idéias, para mim eu acho que o meu dia-a-dia é maravilhoso; eu gosto. Estando bem, se os meus filhos, a minha família, estão bem, para mim está bem. Então, eu também me sinto feliz; não me vejo uma mulher triste e gosto de mim assim.

Entrevistada 7

Para mim está tudo bom, eu nem esquento a cabeça com nada. De vez em quando que eu fico meio aborrecida com os problemas mas, depois passa. O que me aborrece mais é quando eu falo com os piás e eles saem para a rua. Aí eu fico chateada. A gente dá conselho eles não aceitam, andam na rua aprontando, só isso que aborrece. Sempre gostei e gosto de mim mesma, às vezes, eu fico pensando na vida, no que eu posso fazer para os meus filhos pararem com isso. Fico pensando sozinha se eu tenho que dar algum castigo para eles, porque surrar não adianta.

Entrevistada 8

Sou uma pessoa legal. Se a pessoa souber me levar, eu sou uma pessoa legal. Eu ajudo as pessoas se precisar de mim; o que tiver eu dou, eu reparto. Tenho muito pena das pessoas e se realmente eu pudesse ajudar todas elas, eu ajudaria. Se precisar de mim, para fazer um remédio, eu vou, se precisar de mim para fazer alguma coisa, eu vou. Não destinguo ninguém. Eu sou uma pessoa que, se todos pensassem como eu, como disse o senhor (?) não haveria violência no mundo, haveria só paz mesmo. Eu acho que sou uma pessoa boa, em geral. Não sou uma pessoa ignorante e sou muito justa; eu gosto das coisas nos seus devidos lugares. É isso.

Entrevistada 9

Sinto que eu estou realizando tudo o que eu queria, tudo o que eu sonhava. Deus está me dando tudo devagar. Então, eu me sinto bem, me sinto feliz. Por mais que muitas vezes eu sinto falta de sair com o Z. e fazer alguma coisa diferente entre a gente, eu sei que não tem como por causa das crianças, mas eu me sinto feliz mesmo assim. Eu sou feliz mesmo dentro do lar. Só o meu jeito dentro de casa é que ... eu não sei se é de ficar muito dentro de casa, sei lá, eu grito demais com as crianças, eu brigo, fico nervosa. Então, eu quero

melhorar meu jeito de ser com eles. Eu acho que começando trabalhar, muita coisa vai melhorar porque, estou há muitos anos parada e eu era acostumada a trabalhar. Acho que muita coisa vai mudar para melhor para mim e para os meus filhos também. Eu acho que, no momento, meu coração é muita mágoa ainda; tenho bastante mágoa no coração. Acho que um pouco é a cabeça, mas tenho fé que tudo vai mudar, que o meu Deus vai lutar junto, vai me ajudar a mudar meus pensamentos, mudar meu jeito de ser. Eu amo todos que vivem comigo e adoro todo mundo.

11. Como você era há cinco anos atrás e como você está hoje?

Entrevistada 1

A mesma coisa. Bem medrosa. Eu sempre fui assim, com a exceção de ser briguenta. Eu era muito briguenta, mas agora eu não sou mais. Quando alguém entra em discussão eu fico pensando se estou errada então, peço desculpa. A única coisa que eu acho que mudou foi isso. Antes, por qualquer coisinha eu ia batendo nas minhas colegas de escola, na minha irmã. Deixava ela sozinha na rua e ia embora, brigava com as amigas dela. Era muito briguenta. Eu me gosto mais agora do que antes. Me sentia feia apesar de ser mais nova; não era tão gordinha, mas pensava que os outros me achavam ridícula quando eu passava pelas ruas. Hoje não. Gosto do jeito que eu sou, gosto de mim. Se alguém me disser “como você está gorda, feia” eu vou dizer “Ah! Estou, mas eu não me acho, eu estou bem”. Eu gosto da minha vida como ela é hoje, como eu vivo, como eu sou. Não me importo mais com o que os outros digam ao meu respeito.

Entrevistada 2

De 7 anos para cá minha vida virou um dilema, um sufoco. Antes era bem normal, tranqüila, Antes de ficar viúva, eu não sabia me virar em nada, porque era meu marido que fazia tudo. Eu não sabia dar uma passo sem ele. Depois que ele morreu, tive de correr atrás até de advogado para legalizar tudo. Mas eu fui batalhando, batalhando, e sei que eu consegui. Foi então que eu me juntei com meu marido de agora e ele já começou a fazer todas coisas e eu não me incomodava com mais nada. Depois aconteceram todas essas coisas com a minha menina e isso me embanou porque eu tinha a minha vida e se queria sair eu saia, meu marido também era mais forte. Eu podia passear e ficar até 15 dias na casa da minha sogra, sem preocupação. Depois que ela teve as crianças empatou tudo; não posso mais sair porque senão, tenho que levar as duas e é difícil você ir para a casa dos outros com criança. Porisso, eu me acomodei e não saio mais. Fico mais em casa e não sei quando eu vou sair.

Entrevistada 3

Antes era ... não que agora não esteja boa; está melhor por causa das meninas ... mas, antigamente, eu achava melhor ainda, porque eu saia e ia passear nos lugares que hoje eu não posso mais. Hoje não dá, não tem como sair com as meninas. Para eu sair tenho que deixar as meninas com os outros então, eu também não saio. Ou eu saio com elas ou então, não saio, senão, fico pensando nelas e não vejo nada, não me divirto. A minha vida, antigamente, era boa mesmo. Agora, eu acho que ainda está bom por causa das meninas porque se não fosse por elas ... se não fosse pelas minhas filhas, eu nem sei onde eu ia estar. Sei lá o que teria acontecido, se estaria com a minha mãe ou não, se eu teria ... sei lá ... só Deus mesmo sabe o que ia ser se eu não tivesse as meninas.

Entrevistada 4

Eu era um pouco mais magra, tinha mais saúde, trabalhava, tinha mais vontade, nossa ... era bem diferente. Meu marido era péssimo, porque ele saia e passava o fim de semana fora. Às vezes ficava 3, 4 dias na mãe dele porque, dizem, ele tinha outra mulher lá. Eu não sei, eu não vi mas, todo mundo fala. Eu ficava para cá com as crianças. Mas a minha vida era melhor. Minha mãe tinha saúde, o meu padrasto não estava morrendo. Esse fim de ano está sendo um peso. Só que eu era mais nervosa, intolerante, uma pessoa bem intolerante ... era mais ruim do que eu sou hoje. Eu aprendi muito e acho que eu estou morando na favela, estou nessa situação, porque eu mereço, porque eu sempre fui assim, meio ruim. Eu trabalhei um tempo no Hospital do Cotelengo, que é um lugar onde se vê muita coisa triste, adolescentes de 13, 14 anos aleijados ... então ali, eu aprendi muito também. Depois eu comecei ir ... não é porque eu estou dando entrevista para você, porque isso eu já falei para aquela francesa que veio me entrevistar também por causa do posto de saúde e eu falo em qualquer reunião, falo em Santa Catarina quando eu vou para a casa da minha família, porque é uma coisa que é verdadeira. Quando eu comecei participar da Dona A.G. ali, eu comecei a ficar melhor. De 10 palavras que falam ali, pelo menos uma entra porque é falado anos e anos ... pelo menos uma, duas coisas entra na cabeça da gente. A gente pára para pensar ... pelo menos na minha. Então, eu fui ficando mais melhor, mais tolerante com as pessoas. Tem casos em que eu chego até a pensar antes de falar e aí, acabo ficando quieta. Depois, quase tenho uma coisa porque me dá um estado de nervos e acabo descontando tudo em casa e choro o tempo todo. Fico bem nervosa se eu não falo umas verdades para pessoa e me falam um montão e eu fico quieta. Isso eu ainda não superei, mas eu acho que agora estou melhor. Já fui pior e estou bem melhor emocionalmente. Mas agora eu ando meio desanimada com a minha casa. Tenho que cuidar mais da minha casa, da minha família. Agora eu estou fazendo curso de cestaria de noite e dou Graças a Deus assim, não passo nervoso em casa. Esses dias eu estava pensando, porque é que eles chegam do serviço e daí um quer toalha, o outro quer não sei o que, o S.S. começa a brigar com a B.S., meu marido já dá um grito ali e ... é a pior horinha do dia, então, eu me arranco para o curso. Saio, e largo eles ali na fogueira ... que se virem sozinhos. Estou fazendo

assim. Sei lá ... eu acho que deveria cuidar mais da minha casa, mas estou deixando por conta da B.S.. Tem época que eu fico assim, depois melhor. No momento, eu não estou caseira.

Entrevistada 5

Eu era muito esperta para trabalhar, para fazer qualquer coisa, carregava peso, tudo. Agora, não posso fazer nada que me dá falta de ar. Eu tomo remédio para o coração. Antes eu também era mais ruinzinha; não me acertava com ninguém. Eu era mais nervosinha. As vezes eu falo com as crianças que eu também era assim brava como eles, mas que agora que eu mudei bastante. Também não sei se eu estava certa, ou não, mas eu não gostava de ver as coisas erradas que já estava sempre falando. Até hoje eu sou assim. E não defendo meus filhos; se eles fazem coisa errada eu não vou a favor deles. Não gosto que eles mexam nas coisas de ninguém. Eu sempre falo para eles quando vão trabalhar que tudo que eles verem nunca devem mexer. Eu bato mesmo, se precisar. Quando eles eram pequenos, se traziam alguma coisa da rua eu já queria saber de quem era. Eu ainda sou muito nervosa e não tenho paciência com as coisas. Fico pensando na minha vida, quanto eu perdi de não cuidar de mim, de não pensar em mim. Toda vida eu fiquei preocupada do meu marido não beber, não pegar as coisas, não judiar das crianças e acabei não pensando em mim. Agora nós estamos nessa vida que está difícil, sem trabalhar, sem ter um serviço para mim. Eu quero trabalhar mas, parece que uma coisa me segura. Acho que é o nervoso só de pensar em deixar as crianças em casa e me preocupar se o marido vai chegar bêbado, se não vai se machucar. Eu sou mais nervosa do que antes, mas não sou mais agressiva, não brigo nem xingo os outros; agora eu guardo só para mim. Fico pensando só eu. Eu não estou falando assim para puxar para o lado da Dona A.G. mas, quando eu tinha a A.I., o M.M.I. também era pequenininho, eu conheci a Dona A.G., na Capa dos Pobres. Eu soube que ela dava roupa, leite então, eu fui lá. Chegando lá eu fui tão bem recebida, me tratavam tão bem lá dentro, a gente escutava as palestras dela, pegava leite durante a semana, e aquilo foi me mudando, mudando. Eu fui ficando melhor para os meus vizinhos, já não era aquela fofoqueira de sempre, que aumenta as coisas. Antes eu era aquela que aumentava as coisas, então, eu fui me tranquilizando mais, fui aceitando as coisas. Até que eu tinha parado de ir lá porque minhas crianças cresceram e eu não pegava mais o leite. Mas eu achava muita falta dela, de escutar aquelas palestras, tudo que ela fala. Quando a gente escuta essas palestras e faz qualquer coisinha, a gente já fica pensando: “ah, mas eu fiz isso errado, fiz aquilo”. Às vezes, de noite, minha cabeça fica pensando naquilo. Penso em mudar. Eu era bem relaxada, não me importava com nada, não pensava que tinha que lavar roupa, não ligava para nada; não ligava nem para as crianças. É que eu perdi uma menina, porque ela ficou com aquela doença de míngua e eu não me importei com as outras crianças, só ficava no hospital com ela internada e não ligava muito. Agora eu ligo; eu presto mais atenção neles.

Entrevistada 6

Eu era mais jovem, mas acho que comecei a viver agora. De uns 5 anos para cá que eu comecei a ver as coisas de outro tipo. Agora eu vejo tanta coisa que eu perdi, tanta coisa boa que eu poderia ter feito. Para mim, há 5 anos atrás não era bom porque meu marido não pensava na família. Eu não tinha a B.B. ainda, só tinha o A.S. e o R.R.S.. E o A.S., desde pequenininho, sempre deu trabalho e meu marido também não colaborava, quer dizer, era de enlouquecer. Eu nunca pensei em mim; não pensava porque eu não sabia nem o que era viver. Só comecei a entender que a vida é boa, que é maravilhoso a gente viver, agora. Graças a Deus, minha vida está bem e eu sinto que vai melhorar, vai melhorando.

Entrevistada 7

Eu morava na casa do meu sogro, num porãozinho, e sofria demais. Os piás eram pequenos e eu ia trabalhar. Quando chegava em casa, todo dia tinha fuxico sobre os piás, então, eu surrava os guris e sofria demais. Sofri mesmo porque meu marido estava desempregado e nós passávamos muita necessidade. Tinha dia que ele trabalhava e tinha dia que não. Eu ficava muito nervosa, mas em vista do que eu era antes, agora mudou bastante a minha vida. Hoje está muito boa porque eu conheci a Casa de Apoio e moro aqui nos fundos. Meus filhos melhoraram bastante e minha vida dentro de casa também melhorou bastante. Antes eu não tinha nada. Agora, ele trabalha, não é sempre mas, ele trabalha, não deixa faltar nada. Meus filhos estão mais comportados e me obedecem mais.

Entrevistada 8

Eu era terrível; eu era terrível. Agora eu sou uma pessoa super calma. Sei lidar com os problemas. Pode ter variedades de problema que eu sei lidar com cada um deles, sempre do meu jeitinho para não ter encrenca. Mas antigamente não; qualquer coisinha já mandava lá para o ... qualquer coisinha já era briga. Qualquer pé de galinha era uma sopa mesmo. Eu era bem explosiva. Não era calma como sou hoje. Agora é difícil ficar nervosa, só mesmo quando acontece as coisas graves mas, não acontecendo nada eu sou calma. Eu era terrível em casa também e Deus me ajudou bastante com as crianças. Tudo que eu escuto, o que eu tenho que falar para eles eu passo para eles, passo para o meu marido também. Ele acredita, mas não importa que ele não acredite, eu passando as coisas uma hora acontece. Tem muitas coisas importantes que eu sempre falo para eles, como por exemplo “nunca faça para os outros o que vocês não querem que os outros façam para você”. Eu acho importante eles já saberem isso desde já. Então, são coisas assim que eu passo para eles e vou conversando, explicando, passando para eles, então, eu acho que eles também mudaram bastante. As crianças já se acostumaram a isso. Eu sempre levo eles na Casa de Apoio e eles gostam de tomar passe, gostam de rezar. Antes já não era assim; nem rezar, não rezavam. Eu tentava ensinar eles a rezar antes dormir, mas eles não rezavam nada. Agora eles fazem orações e quando a coisa está meio preta, eles mesmo fazem as orações deles, de noite.

Entrevistada 9

Há 6 anos atrás minha vida era bem diferente; eu tinha 2 filhos, o R.C. e a L.C., e eu trabalhava, não deixava faltar nada para eles. Mas, eu tinha minha diversão, saía com meus colegas. De 6 anos para cá, minha vida mudou muito mesmo. Mas, mesmo assim, eu me conto que sou feliz porque tenho uma família e antes eu não tinha. Eu vivia com aqueles 2 filhos, cuidava deles, mas não tinha uma família. Eu trabalhava e minha vida era só o que eu pegava ali para comprar as coisas para eles. Só que o que sobrava eu não me importava de gastar saindo para me divertir. Hoje, não. Hoje, eu penso que tenho mais 6 a meu lado para poder atender e cuidar deles.

12. Você tem planos para a sua vida futura? Em caso afirmativo, por favor, comente sobre eles**Entrevistada 1**

Eu até diria que tenho planos, mas precisaria estudar e eu não me vejo mais estudando. Então, eu não tenho planos para a minha vida. O que eu quero eu preciso estudar e como eu não me vejo mais estudando, indo para a aula, eu não faço planos ... Eu gostaria de ser enfermeira. Toda vida esse foi meu sonho: ser enfermeira. Como eu não me vejo mais estudando...

Entrevistada 2

Não tenho. É o que eu falo: acho que eu vou querer formar um lugarzinho para mim na minha velhice. Já ir me preparando porque eu acho que a minha vida vai ser essa. Ficar com vocês da Casa de Apoio até a hora que eu puder fazer alguma coisinha e, então, é isso.

Entrevistada 3

Sair desse beco aqui, que não tem como a gente fazer nada. Daqui mais uns tempos eu estou dentro da água com as meninas. Nem que fosse aqui mesmo no bairro porque eu gosto desse lugar aqui, mas que não fosse nesse beco porque aqui está feio. Quando chove é ruim para passar; é ruim para tudo. O bairro é bom, só mesmo aqui nesse na beira do rio que é ruim.

Entrevistada 4

Eu nunca fiz planos na minha vida. Eu penso assim: basta meus filhos estarem bem, com saúde, e eu ter um teto para morar embaixo, mesmo que esteja quase desabando na cabeça, e que meu marido esteja empregado, mesmo que ganhe pouco. Para mim está bom. Eu não tenho ambição na vida. Meu único plano é que a L.S. supere essa separação e comece trabalhar.

Entrevistada 5

Eu tinha; eu queria trabalhar, eu quero trabalhar e vou conseguir. Vou trabalhar para dar o que os meus filhos precisam, pelo menos para os pequenos. Eu queria que o meu marido fosse trabalhar também. Só que agora, acho que ele nem tem mais condições por causa desse problema da bebida. Eu acho que ele não consegue mais serviço, por causa da idade dele também. Ele está com 44 e não tem mais interesse. Também não pára mesmo de beber. Ele não consegue.

Entrevistada 6

O único plano que eu tenho para o meu futuro é um dia sair daqui, ter um terreno, porque eu gosto de onde eu moro, mas penso nos meus filhos. Meu filho já é um adolescente, ele quer trazer os amigos deles, e aqui não é um lugar apropriado porque aqui tem muitas coisas erradas. Eu sei que em todo lugar tem, mas aqui é um lugar de invasão, onde corre droga, então, eu sei que para ele não é um lugar bom e ele também não gosta. Eu tenho que pensar nos meus filhos. É claro que eu penso em mudar mais tarde, ter um terreno, ter a minha casa. Eu quero mudar, principalmente, na minha religião. Porque eu sei que a gente tem que ter uma religião, mas eu estou tão perdida; penso numa coisa, penso na outra. Quando os outros me perguntam eu digo que não tenho religião. Então, isso sim, é o meu sonho: um dia chegar e dizer para a pessoa: minha religião é essa. Não sei porque mas eu pus isso na cabeça que eu tenho que ter uma religião. E é esse o meu sonho.

Entrevistada 7

Eu tenho plano de ser costureira. Estou aprendendo bem a costura porque eu quero ser uma costureira e fazer umas coisas para fora. Também quero fazer os tricôs que eu aprendi e adoro. Para a minha família, quero que eles arrumem um serviço, que vão fazer a vida deles. Isso é um direito que eles têm, mas têm que se arrumar porque a gente não pode dar as coisas para eles. A gente quer ver a vida deles bem.

Entrevistada 8

Eu queria comprar um terreno, mudar daqui. Eu gosto muito do bairro, só não gosto do lugar onde eu estou. Isso, uma hora ou outra eles vai acontecer mesmo, porque eles vão mexer com esse rio e ainda acabam mudando todos. Se bem que eu não queria ir para onde eles querem me mandar. Eu queria ter o meu dinheiro, o meu terreno, para comprar uma casa aqui por perto. O meu sonho também é fazer um atelier para mim. Ainda quero ter uma máquina "overlock" mais tarde, quando eu puder vou me especializar. Estou tentando; cada coisa que eu faço, cada dia, eu aprendo uma coisa. Quem sabe um dia, eu chegue lá. Quero ser uma costureira exímia. Principalmente por causa deles. Apesar de que o bairro não muda nada, não vai fazer a educação deles, mas eu queria ter uma coisa minha, pelo menos para deixar isso para eles quando eu morresse. Meu único sonho é esse, mesmo.

Entrevistada 9

Eu quero trabalhar, eu quero comprar outro terreno grande que tenha espaço para as minhas filhas brincar, quero melhorar o meu jeito dentro de casa, quero fazer uma casa maior para ter um quarto para os meus filhos. Eu tenho muito sonho para realizar e sei que, se eu começar trabalhar eu vou realizar todos eles.

13. Há quanto tempo você frequenta a CAAI?**Entrevistada 1**

Faz muito tempo. Não sei te dizer há quantos anos, mas eu sempre participava no comecinho, quando era só a Dona A.G., a E.E., a D.D. e o Sr. C.. A casinha não era de alvenaria ainda e era mais lá para cima. Eu sempre escutava o que elas falavam, as palestras da Dona A.G.. Às vezes, assim correndinho, ela juntava umas pessoas á sua volta e falava, falava. Desde aquela época que eu venho acompanhando ela. Faz anos. O LP vai fazer 9 anos e eu ainda não tinha ele. Depois saiu a Dona A.G. montou a creche, onde é o Projeto Piá hoje e eu trabalhei com as crianças também. Isso foi bem antes do LP nascer. Faz tempo que a gente vem acompanhando e escutando as conversas dela, as palestras, os conselhos.

Entrevistada 2

Há bastante tempo. Eu freqüentei a Dona A.G. quando ainda era lá no Centro Espírita Capa dos Pobres. Eu sempre era ajudada lá. Foi logo que me juntei e meu marido ficou desempregado. Então, eu ia lá por causa do leite para os meus filhos e a Dona A.G. ... como era uma mulher tão boa, toda vida ela foi uma mulher caridosa, a gente fala que ela é "a mãe do povo" ... ela sempre trazia leite a mais no carro e me arruma um pouco mais. Foi então, que comecei a aprender o tricô com elas também. Da Capa dos Pobres ela foi para o Sr. C. e depois veio para o bairro. A Dona A.G. veio do Sr. C. para nós, para que a gente não dependesse de ônibus para ir até lá, porque era uma dificuldade termos o dinheiro para a passagem. Sempre fomos eu, a M.P., a Dona M.I.. Ela continuou nos ajudando e acabou abrindo a creche aqui no bairro. Eu trabalhei de ajudante de cozinha na creche, mas acabei saindo por causa de uma funcionária. Mas eu continuei indo às reuniões que eram na casinha da esquina. Depois disso, fizeram a Casa de Apoio nova e eu fui umas 2 ou 3 vezes lá. Sempre que chegava eu percebia que a turma lá de baixo estava com cara feia. Um dia a S.A. passou por aqui e perguntou se eu não queria aprender corte e costura na Dona A.G.. Disse que ela estava chamando todas as pessoas para irem. No começo eu tinha medo da R. mas, pensei que se a Dona A.G. tinha mandado chamar é porque é para todo mundo participar. Então eu fui. Foi passando o tempo, eu fui conversando, conversando e vi que o jeito da R. é estourado, que ela fala o que quer. Então, eu aprendi a viver com elas daquele jeito e fui ficando até hoje. Nessa sexta-feira eu não fui porque eu tinha que ir para o centro e voltei atrasada mas, eu passei o dia inteiro ruim; parece que faltava alguma coisa para mim. Acho que é porque eu já acostumei ir nas sextas-feiras e sinto falta. Nas segundas também, ontem que foi feriado e não teve nossa atividade, eu passei o dia inteiro abilolada aqui dentro de casa porque faltava alguma coisa. Então, agora eu me sinto bem ali.

Entrevistada 3

Freqüente desde que eu tinha 10 anos. A Casa era lá no subidão, de madeira, velhinha, mas estava funcionando. Antigamente eu achava bacana porque tinha os tios que davam aula, ensinavam a gente ler, a gente fazia o alfabeto, montava as palavras, e, enquanto isso, a mãe da gente ficava nas palestras como é hoje: as crianças ficam num lugar e as mães ficam no outro. Antigamente era bacana. Não que hoje não seja, mas é que eu cresci, já sou mãe, não é mais como antes. A mesma coisa vão dizer os pequeninhos que estão indo ali hoje; mais tarde eles vão dizer a mesma coisa. Hoje, não tem tanta coisa assim para as crianças como antigamente. Hoje, eles ainda fazem bastante brincadeira, mas não é como antes. Agora a escolinha é grande, tem mais criança do que antigamente. Antigamente, era só nós eu e as meninas que agora já são mãe também e era bacana por causa disso. A gente até aprendia a escrever, porque estava na escola mas não sabia tudo.

Entrevistada 4

Assim, freqüentar mesmo faz uns 5 anos; foi depois que eu saí do serviço porque antes eu ia só de vez em quando. Antes não tinha tudo isso que tem hoje. Era só uma casa de madeira pequeninha lá em cima. Eles deixavam a porta aberta quando tinha algum curso, mas não tinha professores como tem hoje. Vinham algumas pessoas ali com as crianças e uma assistente social, a Y., conversava com o pessoal. A gente sempre tinha esperança que viesse água e luz, para nós, então, eu e a N.d., sempre íamos conversar com a ela. Que eu venho mesmo, faz uns 5, 6 anos, que foi quando eu comecei a participar dos cursos, ir na palestra; comecei a gostar de ir ali e escutar as palestras.

Entrevistada 5

Quando eu comecei a freqüentar o M.M.I. era bem pequeno e a A.I. também. Desde então, não parei mais. Comecei a freqüentar a Dona A.G. quando era no Capa dos Pobres; depois desceu para o Irmão Mateus, lá no Sr. C.. Depois a Dona A.G. veio para cá e eu continuei freqüentando. Só parei um pouco quando não precisava mais do leite, mas depois senti falta das palestras e voltei a ir nas reuniões.

Entrevistada 6

Eu comecei a freqüentar quando era pequena, não me lembro quantos anos eu tinha. A Dona A.G. já ajudava com o leite para a minha mamadeira. Eu me lembro que era pequeninha e a Dona A.G. tinha uma casa mais para cima. Eu morava nesse terreno onde é o Centro Espírita hoje; ali era a nossa casa. E desde

aquela época ela já ajudava. Há muitos anos eu freqüento. Só parei há uns 3 meses, mas eu ainda entro ali; se precisar que alguém vá ajudar em alguma coisa, eu vou, nunca me neguei. Mas não tenho participado das atividades.

Entrevistada 7

Já faz bastante tempo. O Samuel tinha 12 anos quando eu comecei a freqüentar a Casa de Apoio. Até, era a Dona A.G. que dava leite para os meus filhos. Eu freqüento a Casa de Apoio desde que era lá no Sr. C.. Eu fazia os enxovaizinhos das crianças, pegava leite, já faz anos isso. Depois eu vim para cá e até hoje eu estou freqüentando.

Entrevistada 8

Desde o início. Não sei quanto tempo faz, mas acho que faz uns 6 anos porque eu lembro que nessa época meu marido estava desempregado também e eu estava trabalhando naquela mansão, lá em cima. Então, um dia eu descí e a Dona A.G. estava naquele opala que ela tinha dando umas roupas. Tinha uma costureira que vinha uma vez por semana, toda a terça-feira, a Dona J.c., e eu vi umas mulheres costurando lá, mas não sabia o que era. Eu já conhecia a Dona A.G. há uns 15 anos, então, eu cheguei perguntei para ela se lá tinha curso de corte e costura e ela falou que sim e que era para mim ir lá conversar com a professora para começar a freqüentar as aulas também. Eu fui e até hoje não parei mais. Tinha vontade mesmo de costurar; sempre tive vocação para isso e acho que aquele foi um momento bom para eu aprender. Olha que é isso que tem me socorrido hoje. Acho que se eu não tivesse começado ... se agora eu não soubesse fazer nada, não sei o que é que eu ia fazer. Com a minha costura eu já faço bastante coisa.

Entrevistada 9

Faz uns 3 anos porque foi desde que eu vim morar aqui. Eu só fiquei uma sexta-feira sem ir porque eu ainda não sabia o que era; foi a primeira sexta-feira, justo no dia que eu cheguei aqui. Depois a Dona D. me convidou e eu comecei a freqüentar. Eu não freqüento outros lugares, só a Casa de Apoio. Quando eu não morava aqui eu ia nas Igrejas mas, depois que eu vim para cá, meu lugar é a Casa de Apoio. Eu penso assim: se a gente começar freqüentar um e outro a gente não vai saber o que entender bem; ou entende aqui ou entende lá. Então, eu prefiro entender aqui do que entender para lá.

14. E quais as atividades que você freqüenta hoje?

Entrevistada 1

São várias. Na segunda-feira, tenho o grupo de tricô, que não é bem só o tricô. Tem também o Evangelho que a gente escuta bem o que se fala, as mensagens. Eu não consigo colocar tudo na cabeça, não sou de ficar gravando tudo aquilo, mas às vezes, quando eu vou fazer algum ato, vem aquela coisa que foi falada e que leram e eu digo: "é errado isso que estou fazendo. Se eu escutei uma palavra é porque eu tenho que responder àquilo, seja de uma forma ou de outra, com uma atividade diferente. Eu tenho que pôr em prática, não é só ir levando, levando. Se alguém me falou alguma coisa séria, eu tenho que fazer alguma coisa séria". Na quarta-feira, eu freqüento o grupo do leite com a S.I., que também é diferente. A gente faz atividades com as mães, uma passa o pensamento para outra, conversa uma com a outra, troca idéias. Também tem a oração envolvida, não é só o trabalho das pessoas, tem o momento da oração que é espontâneo; se alguém quiser fazer faz. Vou às quintas-feiras no grupo de mulheres onde fazemos atividades manuais e evangelização. Sempre uma das mulheres que vem nos ensinar é quem faz a evangelização. Na sexta-feira venho na palestra do grupo da Dona A.G.. Ela fala muito bem. Eu acho bonitas as coisas que ela fala; servem de exemplo. Olha, se muitas pessoas aqui no bairro ainda vivem atravessadas, é porque não prestam atenção nas palavras bonitas que ela fala. Não importa se ela vai viver aquilo que ela está falando, eu nem quero discutir, mas é uma coisa bonita que ela passa, até os exemplos que ela dá. São coisas boas. E também tem o passe ... eu ainda sou meio constrangida para o passe. Eu gosto das palestras, mas eu não gosto de tomar o passe. Eu acho muito bonito o que ela fala, para mim serve assim uns 90%. Eu faço bom uso das coisas que ela diz; é muito bom. Por exemplo, ter paciência. A gente aprende com ela a ter paciência com os filhos, com o marido, com os pais da gente, com os irmãs, com os vizinhos. Aprende a não brigar. É muito bom os exemplos dela da paciência, da tolerância. Ser bom, ser caridoso, ajudar e não precisar ficar comentando, nem espalhando para todo mundo que você fez isso, ou aquilo. Eu vejo que, às vezes, quando acontece alguma coisa com os moradores da beira - rio ela vem com a maior das boas intenções para agradar o grupo. De repente, o grupo de lá fica insatisfeito e ela já não sabe mais o que fazer. Naquela hora eu penso assim: "pôxa, ela falou tanto na sexta-feira, será que esse pessoal não ouviu, não se tocou que nem tudo a gente pode agradar". A gente agrada um, mas às vezes não agrada outro. Parece que eles escutam por um ouvido e sai pelo outro. Daí eu penso: "não vou fazer o mesmo, vou tentar me corrigir, não vou jogar pedra no primeiro que vem". Então, eu acho que são muito importantes as palestras que ela dá. Agora quanto ao passe eu venho tomar, mas não sei nem se é bem vindo porque eu tenho tanto medo de sentar na cadeira, parece que os bons fiúdos, como eles falam, nem chegam em mim. Eu fico só pensando: "será que é certo isso que eu estou fazendo ou está errado? Será que é bom eu fazer isso ou não?" Eu fico naquela expectativa. Mas das palestras eu tenho certeza que é muito importante. Mesmo que os outros falam que não é para eu vir nas palestras, que é ruim ... eu acho que ela não ia falar tanta coisa boa se ela não fosse uma pessoa tão honesta. Ela não iria falar tanta coisa para as pessoas, falar tanto bem ... não sei como vem tanta coisa na cabeça dela, ela não lê nada ... não sei se ela lê alguma coisa em casa, se estuda antes, mas na hora não lê nada, não pega papel, nem o Evangelho ... vem espontâneo. Então, ela não pode ser uma pessoa tão má assim.

Entrevistada 2

Agora eu estou freqüentando só o tricô nas segundas-feiras e as palestras das sextas-feiras. De primeiro, eu ia no bordado das quartas-feiras e na costura. Mas não deu para eu ir mais porque ficou muito corrido para mim, por causa de cuidar das meninas, fazer almoço, tudo, na hora certa. Então, eu desisti.

Entrevistada 3

Eu faço curso de moletom, cestarias e, no momento, só. Só duas coisas, cestaria e costura. Mas, conforme vão aparecendo as coisas, se der para eu fazer eu faço. Também vou no passe nas sextas-feiras com a Dona A.G.. Eu ia na palestra de segunda à noite também, mas parei por causa das meninas, porque elas não dão sossego lá dentro e tem que ter silêncio. Como elas vão dormir tarde, não posso deixar elas em casa para ir sozinha. Então, vou só na sexta-feira.

Entrevistada 4

Na segunda-feira à tarde eu faço tricô. Na quinta-feira de manhã tem pintura, bordado, o que a gente quiser fazer de artesanato. De noite eu faço cesta de vime. Além disso eu faço a costura. Já fiz todos os cursos que teve e está tudo no papel. Só que nós não sabemos fazer nem a metade porque ali é uma casa de doação, então, não tinha pano suficiente, por exemplo, para fazer um blazer. A gente aprendeu a fazer o que dava para costurar com os panos que tinha. Agora nós estamos fazendo vestidinho, coisa para criança que eu nunca fiz. Nós fizemos mais moletom, calça, essas coisas. Eu freqüento as palestras de sexta-feira. Agora, com o curso, eu não estou indo muito nas palestras; vou mais para tomar passe porque a gente está ali embaixo costurando, mas eu até estava falando com as outras mulheres que fazem curso comigo, para a gente ir na palestra porque está fazendo falta escutar um pouco a Dona A.G. falar. Ela fala umas coisas que mexem com a gente, daí nós temos que ir lá. Já estamos começando a criar desavença ali na costura. Até ontem foi bom porque a R.R., a professora, lembrou de rezar, de fazer uma oração. Ela chamou o pessoal lá para fora e fez. Hoje a gente é que vai lá para dentro. Isso daí é um pouco da falta da gente subir lá para escutar um pouco a palestra da Dona A.G.. Às vezes, quando eu posso, eu vou na segunda-feira de noite; eu gosto do trabalho de relaxamento.

Entrevistada 5

Antes de ter nenê eu fazia costura e bordava. Hoje eu faço o curso de crochê de manhã e vou nas palestras. Também vou na escolinha sábado à tarde levar o L.I.. Meu marido faz o curso de cestaria de noite.

Entrevistada 6

Eu freqüentava as reuniões do leite e pegava leite para a minha filha. Também freqüentava as palestras nas sextas-feiras, com a Dona A.G.. No sábado de manhã tem a escolinha das crianças e eu sempre estava por ali. Meu filho mais velho fez o curso de vime. Às segundas à noite também freqüentei. Eu também vinha na ginástica do D.R. que tem às terças e às quintas. Agora eu estou com vontade de voltar porque eu estou engordando, eu preciso ir lá.

Entrevistada 7

As atividades de tricô e bordado em pano de prato, das quintas-feiras e as costuras. Também frequento as palestras das sextas e das segundas à noite. Eu faço o curso de vime, cestaria. De vez em quando, vou no trabalho de domingo também.

Entrevistada 8

Eu faço o tricô na segunda - feira, freqüento as palestras da Dona A.G., faço os cursos de costura, vou no artesanato da Dona M.B.. Antigamente eu ajudava a dar passe nas palestras da Dona A.G. e no domingo com o Dr. J.A.P., mas agora eu não ajudo mais. Mas sempre que precisam de ajuda para alguma atividade lá eu vou e ajudo. Meus filhos vão todos na escolinha do sábado. De vez em quando eu também vou na segunda-feira à noite, na palestra.

Entrevistada 9

Eu faço costura, a pintura e o bordado também. No sábado de tarde eu ajudo cuidar das crianças, na escolinha. Vou nas palestras da sexta-feira e, às vezes, no domingo com o Dr. J.A.P.. Agora, por causa do curso de costura, não tenho participado muito na sexta-feira.

15. Comente, por favor, sobre a Casa de Apoio, o que ela oferece, seus objetivos e para quem serve.*Entrevistada 1*

Já tem no nome: casa de apoio. Eu acho que ela serve de apoio para muitas pessoas. Sejam para as pessoas interessadas - não interessadas, interessadas - seja uma casa de apoio para as pessoas que vem procurar apoio mesmo, uma palavra amiga, um conforto, uma ajuda também material, porque muita gente quando vem pedir é porque está precisando mesmo. E olha, eu posso garantir, não encontra em lugar nenhum, nem nas igrejas, nem no Projeto Piá. Eu te garanto que se você for à casa paroquial para pedir alguma coisa, ou até mesmo negociar... vou te dizer o que aconteceu: outro dia eu precisei batizar uma criança e precisava pagar uma taxa de R\$ 30,00; eu pedi para a moça deixar eu pagar R\$ 10,00 agora e na semana seguinte eu pagaria o

restante e ela disse que se não tivesse o dinheiro, era para eu procurar outra igreja mais barata porque ali era R\$ 30,00. Eu que participo da igreja, eles não deixaram. Então, eu garanto para você que se eu precisasse pagar alguma coisa na Casa de Apoio e eu pedisse para pagar uma parte agora e o resto depois, talvez não dessem a resposta na hora, mas iriam conversar com as pessoas responsáveis e me responderiam depois. Mas nem isso ela fez; não foi conversar com o padre para depois me dizer se dava ou não. Eu não quero deixar de freqüentar a igreja por causa desse motivo, em hipótese nenhuma, mas eu acho errado. Cada um procura os seus, não é assim? Cada um procura se apoiar no lugar onde freqüenta, onde está todos os dias. A Casa de Apoio ajuda as pessoas, seja com as palestras, seja com os cursos manuais que oferece. Por exemplo, com o pouquinho que o meu filho R. recebe com a cestaria, já é um dinheiro que ele não precisa pedir para nós, porque ele trabalhou ali e ganhou. Eu acho a Casa muito importante, o que eles falam, o que eles dizem quando tem coisas erradas. Muitas pessoas estão falando que a Casa de Apoio está mudando e está mudando sim. Tem que ter alguém que ponha os pingos nos is. Não é só dar, só dar. Tem muita gente que criticou a Casa dizendo que teve uma época que só davam as coisas e não ajudavam as pessoas a ir para frente; quando precisava de alguma coisa a Dona A.G. dava. Agora está mudando. Ela continua sendo aquela pessoa caridosa de sempre, mas já não se faz mais aquela coisa de dar sem investigar se a pessoa está precisando mesmo. Também não tem aquilo de dar mais para um e menos para outro. As coisas mudaram para melhor e não tem mais pessoas comentando que aqui é só para dar as coisas sem ajudar as pessoas a mudar. Hoje está diferente e as pessoas estão aprendendo.

Entrevistada 2

Eu gosto de ir ali. Tudo o que eles oferecem ... eu acho que, quem não vai ali é porque não quer aprender, porque lá tem tantas oportunidades. Eu acho que tanto as pessoas que moram na beira-rio como as que moram aqui embaixo precisam da Casa de Apoio porque tudo o que eles fazem é uma ajuda para a gente. A gente precisa. Tem dias que ninguém sabe o que a gente está passando dentro de casa; quem trabalha só recebe uma vez por mês e tem dia que não temos nada então, pedimos ajuda. Não é como os que moram na beira-rio; eles têm toda hora porque saem pedindo na rua e eles se viram. Mas a gente que vive só do mês, é puxadinho. Por isso, quando ganho alguma coisa na Casa de Apoio, fico super contente. Isso já me salvou algumas vezes. Tem semana que eu vejo minhas coisinhas indo embora e sem nada para cozinhar e por coincidência vem a Dona A.G. com uma sacolinha, ou dá alguma coisinha para todo mundo. Eu fico tão contente. Então, eu não vou lá por interesse nas coisas. Não. Eu vou porque quero aprender. Mas se eu ganho as coisas, eu não vou dizer que eu não quero, porque eu também preciso. Não é porque o meu marido e minha filha trabalham que eu não preciso. Também sou uma pessoa que necessita das coisas. Não é porque eu moro numa casinha que não preciso. Mas as pessoas da beira-rio pensam que porque nós moramos aqui embaixo, não precisamos de ajuda e não vêem que eles têm mais chances de serem ajudados do que nós, porque eles já estão acostumados a pedir as coisas o tempo todo. Uma vez eu briguei com uma vizinha lá de cima por causa disso e falei para ela que o que a Casa de Apoio faz, ninguém nesse lugar faz, ninguém. A vida toda, desde que eu conheço a Dona A.G., eu vejo ela ajudando as pessoas; a Casa tem curso disso, tem curso daquilo, mas eles não se interessam. O que custa eles aprenderem a fazer uma calcinha para criança? Isso é benefício para eles mesmos. A pessoa veio falar mal de vocês aqui, para mim e eu disse: "eu não admito que vocês falem deles porque eles estão ali para ajudar. Vocês não querem ser ajudados, vocês só querem que venha". Falei mesmo. Um dia diz que ela perguntou para a M.P.: como é que a gente faz para ganhar cesta de Natal e roupa para as crianças. A M.P. disse assim: "é só você ir aprender; tem costura, tem bordado, tem tricô, tem tudo. É só você aprender que no final de ano eles sempre dão uma cesta para nós". Ela tem vontade de ir mas como quer dar uma de rica, não quer se meter com os pobres ...

Entrevistada 3

Eu acho bom. Tudo o que é oferecido ali é bom porque a gente aproveita bastante; a gente aprende e pode usar o que aprendeu ali para nós mesmos. Só não entra ali, só não aprende as coisas quem não quer porque tem bastante coisas para aprender. Os objetivos são sempre de melhorar a Casa e melhorar o bairro também. O único objetivo que eu sei é que é para melhorar e que a gente mesmo que vai ali é que tem que fazer alguma coisa para melhorar o bairro. Não é só ter as coisas ali para gente fazer tudo. A gente tem que fazer para a gente mesmo ajudar o bairro da gente. Porque não pode ser só a Casa de Apoio fazer tudo e a gente não ter é ... como é que a gente diz ... consciência para ajudar o nosso bairro. Ninguém mais vai poder fazer nada, se a gente não tomar providência de fazer alguma coisa. Assim não vai para frente mesmo.

Entrevistada 4

Você já deve ter percebido que eu vivo mais lá do que na minha casa. Eu não sei o que iria ser da minha vida se não existisse aquela Casa de Apoio ali. Tudo o que a gente precisa para desabafar é ali. Eu cansei de sair da minha casa arrasada e ir para lá buscar apoio. Teve uma época que eu ficava sozinha em casa porque a B.S. ia para aula, o S.S. saía e eu estava chateada e cheguei a pegar todos os comprimidos do meu marido e pôr numa coisa para tomar. Pensei em acabar com a minha vida ali sozinha. E no fim, você vê, eu saio de casa desesperada, vou para lá e me distraio. Só esses dias que estavam brigando lá na costura é que eu estava sem prazer de ir ali, mas a gente sai daqui com a cabeça quente, entra lá para dentro e parece que melhora, então ... Deus o livre! Se a gente precisa de alguma coisa, até materialmente falando, a Dona A.G. sempre está ali, nunca diz não. Se ela não pode dar, pelo menos conversa com a gente e deixa mais calma. Tudo ali é muito importante para o bairro. Tem muita pessoa daqui que deveria ir lá, mas o pessoal não vai; tem que estar vindo atrás. Às vezes, nem vindo atrás eles freqüentam direito; vão um dia e depois não vão mais. Eu acho que as pessoas que moram aqui, os meus vizinhos daqui, é que precisavam freqüentar ali. Iam mudar bastante. As pessoas que mais precisam não vão. Eu acho que a Casa de Apoio está melhor agora; está mais organizada com a distribuição da cesta básica no final do ano. Como diz a Dona A.G., é um agradinho. Quando eu cheguei aqui, o pessoal ia lá

numa mulher pegar as coisas, mas eu estava trabalhando e falei que não queria porque eu ganhava as coisas lá no Cotelengo. Então a pessoa pegou o registro dos meus filhos e pegou as coisas para ela. Também, ela precisava mais. Eu nunca fui fazer ficha nos lugares para ganhar pegar as coisas. Aqui que a gente ganha as coisas. A L.S., por exemplo, ganhou todo o enxoval do meu neto na Casa de Apoio.

Entrevistada 5

É muito bom. Tem os cursos que são importantes para a gente aprender e tem as palestras também. Para mim a Casa de Apoio serve para nunca esquecer o que a gente faz hoje. Eu acho que a gente esquece, às vezes, das coisas boas, então, é para a gente nunca esquecer de fazer o que quer. A Dona A.G. sempre fala que temos que ser bons e a gente esquece disso aí. Eu acho que a Casa de Apoio é importante porque a gente vai ali, escuta o que ela fala e já vem mais calma para a nossa casa.

Entrevistada 6

É ótimo. Os trabalhos que a Dona A.G. faz ali ... não é só ela, é a Casa de Apoio mesmo, porque ali são várias pessoas que já me ajudam. Tem a cestaria que as pessoas estão aprendendo a fazer, tem esse curso de corte e costura. As pessoas têm várias atividades ali que ajuda até a aprender uma profissão. Tem a ajuda do leite, tem as palestras que ensinam bastante. Tem bastante coisas ali que ... se não tivesse ... se um dia fechasse essa Casa, para as pessoas daqui ia fazer muita falta, porque a gente aprende muito, muito mesmo. Desde que eu, conheci a Dona A.G., que eu comecei a frequentar a Casa de Apoio, só tenho melhorado. Só o que estraga é a população, são as pessoas que se aproveitam da bondade dos outros. Se aproveitando, às vezes, nem todo mundo tem essa paciência. Eu quero dizer o seguinte: a ajuda não tem que estar lá dentro da Casa de Apoio; quem ajuda é a gente mesmo que frequenta, então, não pode ficar querendo aproveitar da situação. Como é o meu caso, por exemplo. Eu parei de estar frequentando porque os outros falam demais. Se você trata as pessoas com carinho, se você aprende e o outro mais rebelde não aprendeu ainda, começa dizer que você é puxa-saco, começa a xingar e daí, para evitar tudo isso, acabei me afastando. Só para evitar fuxico e confusão. Assim, as pessoas não vão mais brigar comigo e eu também não vou discutir. Eu estou quieta dentro da minha casa, agora, se eu for lá e a pessoa ficar, daí não dá. Mas, eu sinto falta dali porque para mim, ali era a minha casa, eu aprendi muito ali. Eu aprendi a ter mais paciência com meus filhos, com meu marido. Se ele mudou, foi graças a Casa de Apoio, porque eu aprendi com as palestras da Dona A.G.. Eu aprendi muita coisa ali. Mas, faz falta porque eu tenho muito o que aprender ainda. Eu não sei se é ignorância da minha parte, se eu devia deixar de ir ali e, só por causa de uma pessoa, eu vou deixar de aprender uma atividade, de aprender coisas boas. Só que eu sei que eu vou prejudicar mais pessoas, então, para não prejudicar mais pessoas e nem a mim, eu ainda penso assim, vamos ver, pode ser que eu mude e volte a frequentar ali.

Entrevistada 7

A Casa de Apoio aqui é muito bom. Tem muitas coisas boas que a gente aprendeu; tem as palestras, tem os domingos e as segundas também. Eu adoro as palestras aqui, eu fico muito à vontade quando eu venho aí nos cursos e nas palestras. Eu gosto quando a Dona A.G. dá conselho para as mães sobre os filhos. Aquilo ali vai aliviando a gente. Às vezes, a gente está com o corpo pesado, e quando ouve o que ela fala, vai aliviando muito; é muito bom. Às vezes, quando eu estou muito revoltada, nervosa, eu tomo um passe e isso já me acalma; eu saio com o corpo bem aliviado. A Casa de Apoio serve para dar os cursos, para dar os conselhos, orientação para as pessoas. Tem a sopa das crianças no sábado, tem coisas assim. Eu nunca tive queixa de nada das pessoas da Casa; todo o pessoal que eu conheço aqui, todos eles, sempre me tratam muito bem, nunca tive queixa de ninguém.

Entrevistada 8

O dia que a Casa de Apoio cresceu é muito importante não só para mim, mas para muita gente. Antigamente a gente só tinha, bem dizer, uma palestrinha uma vez por semana e mais nada porque a Dona A.G. era sozinha. Mas, o que ela podia fazer ela fazia. Vinha uma vez por semana e fazia as palestras dela. Mas hoje, que a Casa cresceu, tem o curso de vime, apesar de que pouca gente se interessa mas, quem sabe um dia, a gente consiga que algumas pessoas fiquem craques nas cestinhas para dar uma produção. Tem a costura, tem a escolinha, que eu acho muito importante para as crianças. A escolinha que é incrível que, com o passar dos anos, as crianças já se acostumaram tanto a ir que você não precisa nem acordá-los, nem dizer que tem que ir tomar banho. Não é como nos dias da escola, que você tem que ir lá, acordar e falar que eles tem que tomar banho. Para a escolinha não precisa nem falar nada porque eles já se acostumaram com a idéia e vão mesmo. Meus filhos não tem nenhuma falta. E a costura é muito importante; o nosso curso cresceu bastante. A religião também é muito importante para muita gente ali. Com as palestras que a gente ouve a gente aprende bastante. Se a gente for com intenção de aprender, a gente aprende, mas se for com outra intenção, você acaba passando. A Casa é muito importante para todas as pessoas que frequentam ali. Antigamente não ainda tinha o Dr. J.A.P., nem o Dr. M.M. e os médicos que tem são importantes para a gente.

Entrevistada 9

Eu acho que tem muito ensino bom, tanto para a gente adulto, quanto para as crianças. As palestras da Dona A.G. ensinam muito. Através das palestras dela e das conversas que eu tive com ela muitas vezes, foi que melhorou bastante a mim mesmo. S[ó] não mudou muito o meu jeito dentro de casa, mas antes minha vida era bem pior e através dela, das palestras que ela dá, das conversas que a gente teve mudou muito para mim mesmo. Eu acho que está bom o que oferecem: o trabalho, a escolinha para as crianças, o presente das crianças no final do ano, tudo. Só que, eu acho que o que deveria realmente fazer é ajudar as crianças a começarem a participar da escolinha desde o começo do ano. Chega o fim do ano vem mais criança e mais

gente nas palestras por causa dos presentes e eu acho que as crianças, para aprenderem bem, para terem bastante entendimento da palavra que eles ensinam ali, deveriam começar desde o início do ano. E as pessoas que vêm nas palestras também deveriam começar desde o começo para entenderem bem.

16. Você acha que o trabalho das pessoas na CAAI tem algum efeito no bairro?

Entrevistada 1

Efeito ... olha, tem várias pessoas que vem de vários lugares e bairros diferentes, não é só beira-rio. Tem pessoas da parte de cima também. Pelo que a gente vive conversando, tem pessoas que dizem que depois que participaram do trabalho com o Dr. J.A.P. estão super bem e que a saúde melhorou. Quem vai na segunda-feira, com o pessoal do E.I., também. Eu mesma já participei meio escondidinha e gostei; teve melhoras no meu menino. Então, eu acho que tem uma influência. As pessoas estão indo buscar ajuda, apoio. Estão se recuperando de algumas doenças. Elas estão vendo que estão sendo bem tratadas, curadas e estão acreditando no que elas vão fazer na Casa. Lógico, os evangélicos não vão lá, mas os católicos vão. A gente até diz que se o padre tiver que dispensar quem vai na Casa de Apoio, vai ter que dispensar várias pessoas, porque tem uma porção que vai lá por uma função ou por outra. Eu acho que está fazendo algum efeito no bairro porque as pessoas estão indo na Casa de Apoio buscar alguma coisa.

Entrevistada 2

Eu acho que sim. Também tem a parte da produção, como por exemplo os filhos da S.A. estão fazendo o curso de cestaria e já estão vendendo alguma coisinha. Já é um dinheirinho que entra para a família. A mesma coisa a R. que também já vende alguma coisa do que ela aprendeu ali. A M.P., a M.T., eu, todas nós que aprendemos o tricô também estamos nos servindo dali e estamos mostrando que a gente está se esforçando e conseguindo alguma coisinha para a gente. É uma coisa que a gente está ganhando também; não está sendo um negócio em vão. Você está vendo que produz alguma coisa. Se você não faz o trabalho para vender fora, pelo menos faz para as pessoas da sua casa, o que já é uma grande coisa. Eu acho que, num ponto, melhorou bastante, porque você está aprendendo e vendo o retorno das coisas. A Casa de Apoio ajuda muito as pessoas que estão morando na beirada do rio também. Eu acho que tem umas pessoas ali correndo perigo de desabamento, mas na mesma hora que estão correndo perigo, elas dizem que não querem sair por causa da Dona A.G.. Elas acham que se saírem de lá não sabem como vai ser a vida deles em outro lugar e que não vão mais receber ajuda dela. Acham que não vai ter a Dona A.G. para dar as coisas para eles. Sempre digo para eles assim: "você têm que ver também que precisam melhorar de condições. Não é porque ela dá uma coisa hoje, para um e para outro, que vocês vão ficar na fiúza, não é assim. Vocês têm que procurar andar com as pernas de vocês também, não é ficar só esperando a Dona A.G.. Eu acho que vocês têm que evoluir também, não é só ficar esperando os negócios porque a Dona A.G. vem ali". A turma agora não quer sair, eles não querem trabalhar. Eu tenho o que é meu, sofri mas tenho o que é meu. Mas eles não têm o que é deles, estão morando de invasão e têm medo de sair. E se a Dona A.G. não viver toda vida para ajudar eles? A Dona A.G. disse para levarmos os mandos para participar. Então o meu marido falou para mim assim: "diga para a Dona A.G. que eu não vou para a reunião porque se não, eu acostumo que ela agrada a gente, daí não vou querer trabalhar mais". Por isso, eu acho que a turma não quer sair de lá porque eles têm medo de ficar sem a ajuda que a Dona A.G. dá.

Entrevistada 3

De alguma forma ajuda. Por exemplo, na mudança de um vizinho. Tem vizinho, como eu falei para você, que era egoísta e que começaram ir na Casa de Apoio e ali eles mudaram bastante. Tem muita gente que mudou depois que foi na Casa de Apoio e que agora estão melhorando; não estão sendo mais egoísta, estão se ajudando mais um ao outro; estão melhor do que antes. Agora elas não pensam só nelas mesmas, pensam nos outros também. Tem muita gente que precisa de ajuda ... assim, ajuda espiritual ... precisa mais mesmo é de ajuda espiritual. Tem uma vizinha que entende mais do assunto espiritual vai lá e conversa com a outra e ela já melhora bastante. Melhora a vida, melhora o jeito da gente viver dentro de casa, melhora bastante coisas. Antes de existir a Casa de Apoio, o bairro era cheio de gente egoísta, cheio de gente mal-intencionada, depois que surgiu a Casa está melhor; não tem mais tanta gente egoísta, não tem mais tanta gente que pensa negativo. Depois que saiu a Casa está uma bênção, uma maravilha. Tem gente que saiu até curada dali da Casa de Apoio. Tinha alguma coisa e saiu sem nada de tanto freqüentar as palestras que tem. Tem gente que eu conheço desde quando eu era pequenininha. Teve uma que continua sempre vindo ali, a Dona B.N.D.. Ela estava com problema de intestino e daí ela começou a freqüentar a Casa. Eu sempre pedia para ela ir e ela dizia que não ia porque só acreditava na Igreja Católica e que só a Igreja Católica podia curar de alguma coisa. Então, eu falei para ela: "a senhora deve estar enganada. Está certo, a senhora é católica, eu sei que a senhora é católica, minha mãe também é, mas se a senhora for lá na Casa de Apoio, daí a senhora vai mudar de idéia, daí a senhora vai começar a ir sempre". E ela veio uma vez e agora está vindo sempre. Parece que ela foi curada desse problema no intestino depois que começou tomar uns remédios naturais receitados pelo Dr. J.A.P.. Eu falei para ela: "está vendo, não falei para senhora que era bom a senhora ir na Casa de Apoio". Aí ela disse: "pois é ótimo, uma maravilha; eu não sei porque eu não vim antes. Aí eu falei: "está bom. Agora, a senhora venha sempre; não deixe de vir". E ela vem sempre; vem no tricô nas segundas-feiras, nas palestras das sextas-feiras, no Dr. J.A.P.. Ela só não vem na costura porque não enxerga muito bem para costurar, se não, ela vinha também. Por isso, que eu acho que foi bom ter a Casa de Apoio ali. Só que se a gente, se o pessoal não levar em consideração a Casa ... é porque a Casa é uma coisa para nós mesmos.

Entrevistada 4

Só o fato das crianças irem ali no sábado de manhã, sei lá, eles aprendem alguma coisa. As crianças aqui não aprendem rezar com os pais. Meus filhos não sabiam rezar; eu nunca ensinei eles porque eu nunca fui na igreja. A última vez que eu entrei na igreja, foi para batizar a B.S. que hoje é adolescente e ainda assim, esperamos a missa terminar antes. Sabe, tenho fé em Deus, mas a gente tem que ter um lugar para ir, então, basta ir ali, porque na escolinha eles aprendem a cantar, rezar. Só que as pessoas que estão ali para ensinar não precisam estar escutando certas coisas ... eu vou falar bem no palavreado: “os pé de chinelo” chegam lá e começam a falar um bando de desaforo e as pessoas que estão ali fazendo favor, fazendo caridade, que largam da casa deles para vir aqui, ainda escutam e não falam nada, ficam quietos e ainda dão conselho. Outro dia eu vi uma cena dessas e a minha filha ainda falou assim: “meu Deus, eu não sei como vocês não se abalam; saem da casa de vocês, podiam estar em casa, sossegados, vem aqui para esse pessoal mal agradecido e maroto tratar vocês assim”. E o voluntário só disse assim: “é nosso trabalho, é que ela está nervosa”. Ainda estava justificando o mal trato. Isso é uma humildade que estou para ver. Eu acho que, poxa, se não aprender com essas pessoas ... Teve um ano que eu fiquei brava com o E.I. porque ele não deixou o S.S. ir no passeio do final do ano, mas depois eu entendi. Eu falei para o S.S. participar das atividades, ao invés de ficar andando para baixo e para cima. O que é que custava ficar 1 hora lá, só estaria aprendendo coisa boa. Eu acho que as crianças aprendem e os voluntários chegam perto delas ... às vezes elas estão bem suja, com piolho, mas eles até pegam elas no colo. Aquelas filhas da N.I. que ajudam na escolinha, sempre estão pegando as meninas da C.I. no colo. E as crianças adoram, nossa, eles esperam a semana inteira para ir lá. A escolinha começa às 10 horas, mas quando é 9, 9:30 da manhã, eles já estão todos louquinhos para ir para lá e ficam todos ali na frente da Casa esperando os tios chegarem. Se as mães não apreendem é porque não querem, mas eu acho que um pouquinho elas vêem que ajudou. Quantas e quantas pessoas que vem fazer ginástica ali de manhã, e que saram. Hoje mesmo a vice-diretora do colégio veio fazer ginástica ali na Casa de Apoio. Nós estávamos comentando sobre o pessoal da terceira idade na reunião e eles adoram ali, se sentem super bem, e olha que são pessoas bem católicas, que antes não podia nem pensar em entrar ali. Tem o clube das mães que ajuda com o leite na quarta-feira, que é uma coisa boa porque também vem uma é psicóloga e elas conversam, então, as mães do bairro aprendem muito ali. Olha, é pessoa do bairro todo que vem ali, então, de um jeito ou de outro, sempre está ajudando as pessoas. Aqui no bairro não tem outro lugar assim. Parece que lá na Igreja tem um negócio para as senhoras de idade fazerem tapete, mas não sei se continuam. E tem também a pesagem das crianças com a Pastoral da Criança. Uma parte pesa na igreja e a outra parte num outro local do bairro. Antes era na minha casa, mas ficou muito pequeno e a minha vizinha ofereceu a varanda dela que é maior. Só não é pesado na Casa de Apoio porque o padre não quer que faça ali. Naquela reunião do conselho se saúde que teve aqui, estava todo mundo junto na casa paroquial, até eles da Casa de Apoio, e foi uma coisa bonita. Mas ... antes o padre não podia nem ouvir falar em Casa da dona A.G., que dava um chique no homem; ele não deixa as pessoas frequentarem a Casa de Apoio. A M.P., por exemplo, é bem católica mesmo e, no começo, ela vinha no tricô, mas não vinha na palestra, porque tinha aquele preconceito dentro dela. Até um dia, nós conversamos e eu disse para ela que eu era católica e que ali é como se fosse uma casa de Deus também. Daí, de repente, ela começou a frequentar as palestras também e começou a gostar e vem porque se sente bem. Agora é muito difícil ela perder uma palestra da sexta-feira, só se ela tiver mesmo ido trabalhar ou alguma coisa assim. Então, já está vindo o bairro todo ali, vem até o pessoal da COHAB.

Entrevistada 5

Tem. É que é muito útil para a gente; aprendemos muita coisa, as crianças também aprendem muita coisa boa na escolinha. Antes a Casa de Apoio era tudo meio bagunçado, mas agora tem mais ordem e eu gostei muito que melhorou. Até eu estranhei no começo, mas agora ficou muito melhor. Tem ordem agora. Tem uns que não gostam e falam bastante, mas ... eu sei lá, eu acho que ficou muito melhor do que como era antes. Conheço bastante gente que melhorou depois que começou a ir lá. A J., por exemplo, mudou um pouco o comportamento também. Ela era muito encrenqueira. A gente sempre ouve alguma falando que era assim e não é mais; falam da palestra, se gabam da palestra, que gostam e que acham falta. Eu também falo bastante e também sinto falta. Eu, para mim, eu gosto.

Entrevistada 6

Infiuiu bastante. A Casa de Apoio tanto ajudou que até trouxe mais pessoas para morar, tanto é que amontoou mais as casas das pessoas aqui e até ficou mais perto uma da outra. Então ela veio trazer beneficência para nós aqui. Essa Casa de Apoio ajudou bastante. Ajudou não, ajuda muito. Não só nós do bairro como fora do bairro também. As pessoas procuram e são ajudadas. Acho que é a religião que mais ajuda é essa. Eu não vejo outra assim de ajudar as pessoas. É lógico que também você não pode dizer que é dando as coisas que se ajuda. Não. Ajudar é conversar com as pessoas também e aqui tem ajuda em tudo. Nós temos curso ali dentro, nós temos psicólogas e os outros voluntários que estão sempre prontos a nos ajudar, é só chamar que vocês vão em casa ou lá mesmo. Então, temos só que agradecer. Pena que a gente, às vezes, não sabe agradecer o que as pessoas fazem e acaba desprezando. Mas olha, beneficia bastante nós aqui. Tanto no bairro como fora. Tem pessoas ali que era tão difícil até para conversar, que eu não entendia mesmo, que parecia que não tinha mais conserto e, hoje, ainda é rebelde mas já mudou bastante. Sabe, tudo que fala, até diz: olha, graças ali ao Centro Espírita que eu mudei. Você precisa ver a modificância da gente, e, modifica até nossos filhos. Eu dou um exemplo do meu filho A.S.. Ele tinha problema com os estudos, não queria aprender a ler, rabiscava os cadernos, ele era um piá rebelde. Hoje, ele mudou, já sabe ler, já compreende mais as coisas, já é mais obediente. Ele mudou completamente. Eu jamais vou tirar meus filhos dali da escolinha. A B.B., que tem 4 anos e vai ali, está uma maravilha também. Quantas coisinhas ela já aprendeu ali, e vai aprender. E não só ela, como outras crianças, a gente vê como as pessoas mudam. Eu mudei. Em outros bairros por aí tem Centro

também, mas não sei se eles ajudam assim porque eu não frequento, mas tem pessoas de outros bairros que estão vindo aqui. Para ver como as pessoas são ajudadas aqui. Elas estão vindo de longe. Tem pessoas de longe que vem nessa ginástica do D.R.; isso aí é uma ajuda, é uma terapia para as pessoas.

Entrevistada 7

A maioria daqui que frequenta sempre fala que a Casa de Apoio ajuda bastante no leite das crianças, na orientação das crianças. As vizinhas aí que sempre vão lá falam que sempre foram bem recebidos e que a Dona A.G. ajuda bastante as pessoas que precisam. Como por exemplo a S.S.; ela sempre está precisando e a Dona A.G. sempre dá uma mão, sempre ajuda ela. Eu também, ela já ajudou bastante. Isso muda a pessoa porque, às vezes, a pessoa que não tem assim, vamos supor, ela não tinha aquela alegria e com a ajuda ela muda bastante. A Casa de Apoio muda bastante. Tem umas crenças que elas vão na Igreja lá e daí frequentam a Casa também e elas acham que é aqui é melhor do que ir na Igreja.

Entrevistada 8

Eu acho que tem influência da religião, das palestras. Eu acho que é isso que mais chama a atenção do povo e também, a ajuda que a Casa dá para as pessoas porque que isso, você sabe que é importante para eles aqui. A ajuda que a Casa dá para as pessoas aqui é muito importante. Como por exemplo as roupas do Bazar, hoje em dia você não pode comprar roupa na loja e pagar 30, 40 reais numa calça, não pode. Então, o Bazar ajuda bastante as pessoas. Os alimentos que a Dona A.G. dá, de vez enquanto, também ajuda bastante. Mas as palestras são mais importante porque tinha pessoas que antigamente eram pessoas grossas, pessoas totalmente ignorantes. Hoje em dia se você vê, elas melhoraram bastante, por influência dessas palestras. Eu acho que a pessoa vai lá e é impossível ela não guardar nenhuma daquelas palavras, nenhuma daquelas coisas. É impossível que não marcam a pessoa; eu acho que guarda, então, aquilo mexe com a tua consciência. Aquilo faz parte. Antigamente eram pessoas mais grossas, mais ignorantes, brigavam por qualquer coisa, hoje em dia, acho que as pessoas pensam um pouco mais, em influência as palestras, eu penso assim. Você acaba entendendo mais. Eu, realmente, antes de conhecer isso aí, eu não entendia nada. Para mim tudo era 10; tanto fazia a água correr para cima como para baixo. Qualquer coisa era uma explosão, uma briga, uma coisa. Hoje em dia não, eu equilíbrio mais, tenho mais paciência com as pessoas, trato melhor. Eu me lembro da Ana Clotilde! Ela é uma pessoa que vivia no hospital, porque ela sofria dos nervos, mas depois que ela conheceu a Dona A.G., há muito tempo, e começou a frequentar o Dr. J.A.P., ela começou a fazer os chás direitinho, nossa, como ela mudou bastante. Ela nem andava direito porque as pernas dela travavam tudo. Hoje em dia, você vê a Ana andando por aí, porque ela seguiu direitinho à risca. Acho que a vida dela mudou bastante depois que ela começou a frequentar o Dr. J.A.P.. A Dona L.J. também. Ela tinha muitos problemas e você vê que agora está bem melhor. Eu não conheço bem a vida da Dona L.J. porque ela mora mais longe, mas ela conta para a gente que teve bastante mudança. A A.I. brigava tanto com o marido, quebrava o pau, voava coisa para tudo quanto é lado. De 1 ano e pouco para cá ela deu uma boa acalmada. Agora ela está mais calma e acho que alguma coisa resolveu na vida dela. Dá para sentir que ela está mais tranquila. Por isso eu quero mais é que a Casa cresça bastante, que nunca feche, que as pessoas nunca desistam de ir. Que as pessoas reflitam e que pensem que ali é uma coisa boa para o futuro da gente. Que nunca desistam de nada, e as oportunidades que aparecer, que se abraçe.

Entrevistada 9

Eu acho que influencia muito. Tem ajudado muito as pessoas e eu acho que é uma ajuda. Se a pessoa prestar bem atenção. Muitos até tinham vindo falar para o Z. que era um Centro de trabalho. Daí, eu disse que não e que era para ele ir lá para ver como não tem trabalho. A Casa de Apoio, é para ensinar, para mudar as pessoas. Foi aí que eu já notei que ele mudou. Antes ele não queria que eu fosse e hoje ele já me pergunta se eu não vou. Então, eu vejo que ele, por mais que nunca tenha participado lá, já mudou a respeito do pensamento. Eu tenho esse exemplo com ele mesmo. Eu acho que muitas pessoas já mudaram a respeito disso. Se as pessoas souberem bem pensar bem, ajuda muito. Tem o G.U. e a M.G.U. que viviam doente; a M.G.U. estava quase se separando do A.S. e, através dali, ela e o piá se curaram e ela e o A.S. estão vivendo bem. O A.G.A. e a A. que moram aqui do meu lado, viviam quase se matando, quase matavam a filha dela, a A.L.A.. Por mais que a A.L.A. sofre até hoje em dia, mas sofre bem menos do que antes. Ela estava até falando que a Dona A.G. aconselhou muito ela e aí, eles mudaram bastante a respeito de como tratar a menina e a respeito da vivência deles. Não tem mais briga, ela falou. Estão vivendo bem, então, acho que é outro exemplo bom também. Ela disse que foi através das conversas da Dona A.G.. Só que com a A.L.A. eles não mudaram muito mas, mudaram entre eles.

17. E para a sua vida, o trabalho da CAAI teve alguma influência?

Entrevistada 1

Até a pouco tempo eu era muito medrosa, depois que eu comecei a frequentar a CAAI me ajudou. A conversa com as pessoas mudou meu entendimento e eu não tenho mais medo do padre descobrir que frequento a Casa de Apoio. Hoje, eu já tenho o que dizer para ele. Eu não cuido da porta dos outros, mas as pessoas cuidam da minha e observam os passos que eu dou. E eu já não me preocupo mais com isso. Antes de ir na Casa, eu frequentava o grupo das Bisantinas, na Casa Paroquial, e elas me disseram que eu era muito nova para estar no meio de gente de mais idade. Eu tentei, mas não deu. Por exemplo, na Pastoral da Criança, lá na igreja, não vejo o padre ajudar a Pastoral. As pessoas que são bem chegadas a ele tem medo de dizer

isso a ele. Não serei eu a dizer para ele que está errado; vai chegar uma hora que ele vai se achar errado. O errado é não ajudar as pessoas. Tem tanta gente na beira-rio que vai à CAAI e não tem religião, não é espírita, não é católica, não é evangélica. Tem uma passagem no Evangelho que fala que tinham 99 carneiros e 1 ficou espalhado e Cristo deixou os 99 e foi buscar aquele que estava perdido. Uma vez eu disse isso para o padre. Lá estão os perdidos, lá estão os que precisam de apoio, de uma palavra amiga, de ensinar uma religião para eles. E ele respondeu: “a igreja está aqui. Se eles quiserem, eles vêm até aqui.” Isso para mim está tudo errado porque se tem alguém que está precisando de ajuda e você tem tempo, você vai até ela. Não adianta você ficar na porta de quem está sempre na igreja. Quem está precisando é quem não está indo na igreja. Tem que achar um meio de ajudar essas pessoas para que elas se encontrem. Não pode se modificar tudo de uma vez, mas a gente tem que procurar ajudar.

Entrevistada 2

É, modifiquei bastante. Eu era uma pessoa assim... como digo ... depois que eu escutei as palestras da Dona A.G. eu sou mais diferente em casa. Eu soube me conter nas coisas, relevar as coisas negativas. Eu estou sempre relevando. Eu não sou aquela pessoa que exige; eu quero. As coisas que a Dona A.G. fala eu vou pegando devagarinho. De primeiro eu era estourada até com o meu marido. Agora não; agora eu relevo, eu entendo o negócio. Ele também não é de falar; não tem boca para nada. A estourada era eu. Qualquer coisa eu estourava. Teve uns dias atrás que nós estávamos passando por dificuldades e eu soube relevar. Peguei o dinheiro da venda das blusas que eu faço e coloquei dentro de casa, dividi. Agora eu estou sabendo dividir porque, de primeiro, não era assim. Então, eu acho que estou subindo um degrauzinho, lá embaixo, mas devagarinho acho que, até na hora da minha partida, eu chego lá. Eu era mais medrosa com vida, agora não, acho que eu sou mais independente, mais decidida, confiante, agora. Se eu preciso de uma coisa eu batalho, sou persistente, rezo bastante e peço por aquilo. Eu penso: “será que eu fiz alguma coisa errada no passado? Se eu fiz alguma coisa de errado eu vou ter que melhorar nisso, naquilo”. Eu tento pensar no que eu fiz e estou conseguindo me controlar mais. De primeiro, eu não pensava nada. Agora eu penso nas coisas que vou fazer, se dá para fazer, se tenho condições ou não tenho. As palestras da Dona A.G., acho que estão me melhorando. Só que eu tento melhorar a minha filha; tento passar o que eu aprendo lá mas ela não ... tudo o que eu escuto lá, eu falo para eles, mas e o meu marido escuta; com ele a gente tem mais diálogo. Eu tento repassar para os meus filhos e para as minhas netas também. O que eu escuto lá eu chego e explico. Eu estou conseguindo devagarinho, mas progredindo. Eu espero que cada vez eu melhore mais e mais e que vocês lá da Casa de Apoio nos ajude porque, depois que eu estou lá, estou me sentindo bem. Fui bem recebida e estou evoluindo devagarinho. Antes eu era uma bobona, não sabia fazer nada, pelo menos, agora, alguma coisa eu já estou fazendo, eu sou muito grata a vocês.

Entrevistada 3

Para mim teve porque antigamente eu só pensava besteira; comecei ir ali e parei de pensar. A gente pensa bastante nas coisas que são faladas ali. A gente chega em casa e reflete bastante. Até as meninas ... a S.J., principalmente. Depois que eu comecei a falar para ela as coisas que eu ouvia lá, o gênio dela está bem melhorzinho. Antes ela era terrível. Agora, graças à Deus, ela está calma; está uma beleza, uma maravilha. Não está mais com os nervos revoltados como antes. Agora ela mudou e está bem, está bem calminha mesmo; do jeito que eu gosto que ela seja. Aprendi que a gente não deve espancar um filho, machucar, deixar marcas. Se um filho faz uma coisa que a gente não gosta, se agente surrar a criança, tem que explicar porque ela está apanhando. Eu simplesmente batia e não falava porque. Agora, qualquer coisa que elas fazem, se eu surro elas, eu já digo: “você apanhou por causa disso e daquilo”. Elas falam: “ah, mãe eu não vou fazer mais”. E, elas não fazem mais. Antes eu batia muito e mesmo assim elas continuavam fazendo a mesma coisa. Tinha dias que eu machucava elas. Agora, não. Eu falo uma vez só e já não bato tanto porque agora elas entendem mais as coisas que eu falo. Também, quando eu comecei a frequentar a Casa de Apoio, eu não era mãe e não prestava atenção direito nas coisas que eram faladas. Depois que eu tive a primeira filha, comecei a prestar atenção em tudo o que eles falam, e tudo o que vejo que é bom para mim eu falo para elas também. Para elas está ótimo. Eu frequentei outros lugares também, mas para mim não deu certo não. Já fui em vários lugares mas para é só ali mesmo, não tem jeito; eu não me sinto bem em outro lugar, só ali na Casa de Apoio mesmo. Tirando umas mulheres que ficam falando coisas que não devem ... mas a gente não liga. Se a gente for ligar, Deus o livre! Eu nem ligo muito; fico na minha e pronto. Não gosto de confusão, então, para evitar confusão eu fico quieta, nem falo nada.

Entrevistada 4

Influenciou. Influenciou para ser mais humilde, para aceitar as coisas como elas são. Por exemplo ... meu Deus ... às vezes, eu já tive até vontade de até dar fim na minha vida. Eu tenho uma goteira em cima da minha cama. Peguei, amarrei um baldinho que tinha, daí fiquei pensando que, como a Dona A.G. fala, tem coisas piores; pelo menos eu só tenho uma goteira. Tem gente aí que está desbarrancando as casas, não tem nem onde morar. Outros que estão embaixo da ponte, outros que o barraco está caindo no rio. Então, eu agradeço a Deus e peço que ilumine essas pessoas. Eu faço isso agora. Antes eu queria mais é para o meu lado. Agora eu penso mais nos outros. Por exemplo tem uma mulher de idade ali que está com câncer, mas esses dias eu fiquei com muita raiva dela porque ela falou uma coisa que eu não fiz e uma pessoa que saiu da cadeia esses tempos, que é marginal,, veio discutir comigo por causa do que ela falou. Eu estava com medo, mas não demonstro medo, que se a gente demonstrar medo aqui, vai viver a vida inteira com medo. Mas o homem veio ali na porta, começou me xingar e eu taquei-lhe a boca nele, quase que ele tira o revólver para me enfiar um tiro. E tudo por

causa do que a mulher inventou. Daí um dia, eu falei para essa senhora parar de mexer comigo, xinguei, e ela parou. Esses dias ela foi para o hospital e eu, toda noite, rezo por ela. Coitada, está sofrendo. Eu não fazia isso antes. Hoje eu aceito mais as coisas. Se a gente olhar para trás, tem coisa pior. Nós estamos numa ... está feio o troço para a gente, mas tem pessoa que ainda está bem pior, bem mais.

Entrevistada 5

Me ajuda sempre. Eu tomo chás ali do Dr. J.A.P. que me melhora, que me acalma e eu sempre consulto minhas crianças. Sempre eles oram também. A vida da gente também modifica muito. Nas palestras, o que a Dona A.G. fala, às vezes, pega ali fundo na gente. A gente fica pensando que é para a gente. É que tem muitas coisas na gente que fica escondido, então, aquilo liberta a gente dos pensamentos ruins, das coisas ruins da cabeça da gente. Então, eu acho bom. As vezes, a gente é muito ganancioso, só quer ter as coisas, então, aquilo para mim mudou porque eu já não tenho aquela ganância de querer mais do que os outros. A gente já vê que a gente não pode ser assim.

Entrevistada 6

Eu mesmo acho que eu sou um exemplo. Eu também freqüentei ali um bom tempo, fiz bastante coisa, eu aprendi bastante coisa e mudei. Então, se a minha vida mudou, foi graças à Casa de Apoio, porque eu aprendi, eu passei para o meu marido, passei para os meus filhos e passo para os meus vizinhos e assim nós vamos. Um vai passando para o outro e vai modificando e vai melhorando o bairro e as pessoas. E a gente precisa, nossa, eu precisava tanto. Eu penso em não mudar daqui por causa disso. Porque, não é todo bairro que tem esse privilégio de ter uma Casa de Apoio, como nós temos aqui na frente. A hora que a gente precisar está aí, às ordens. A gente só tem que agradecer. Eu sei que eu sou uma das filhas da Dona A.G., assim rebeldes; nós somos filhos dela. Ali, nessa Casa de Apoio, nós aqui do bairro somos os filhos. Eles tratam nós como filhos porque estão prontos a nos ajudar em tudo. Então, eu sei que eu também sou errada mas, a gente vai mudando, vai aprendendo. Sempre estão por perto quando a gente precisa, mesmo a gente não sabendo agradecer. Eu digo agradecer, você indo numa reunião, porque na reunião quem está falando precisa de uma pessoa ali para estar ouvindo e ela faz aquilo ali para nós, para nos ajudar. Então, a gente tem que estar sempre ali aprendendo. Nós somos os alunos e eles são os nossos professores. Só que nós mais faltamos do que vamos. Isso que nós temos que pôr na cabeça: que nós temos que ir e aprender para passar para os nossos filhos, para os nossos netos e assim por diante, porque, minha mãe freqüentou ali e ela passou bastante coisas boas para nós e nós crescemos, casamos e agora estamos passando para os nossos filhos e assim vai. Minha mãe freqüentava ali, mas não era direto; ela era mais devagar. Então, ela indo, levou nós e, nós fomos e estamos levando nossos filhos e assim por diante.

Entrevistada 7

Ajudou bastante porque, em vista do que eu era antes, agora eu tenho mais alegria, eu adoro assistir as palestras, que sempre faz bem; uma palestra para a gente sempre faz bem, é muito bom. A Dona A.G. sempre me dá conselho porque, às vezes, eu falo para ela dos problemas dos meus piás e eu sempre aceito o conselho dela. Ela fala para ter paciência com eles e que não adianta bater, surrar, porque isso aí não resolve nada; tem que dar carinho, amor. Ela sempre fala isso aí para mim. E eu aceito muito os conselhos dela. Dela ou de qualquer um deles daqui, porque é muito bom.

Entrevistada 8

A minha vida mudou muito, nossa, mudou bastante. Estou falando de mim. Tudo o que eu faço, eu procuro fazer de acordo com a minha consciência, o que eu acho certo eu faço. Claro que não é sempre que a gente consegue fazer as coisas certas, mas quando você erra, pelo menos pára e pensa que você errou, que não é assim que se faz. Da outra vez, você não vai fazer igual. Então, é importante. Depois de eu assistir tantas palestras, há tantos anos aí, de ler bastante, eu entendo melhor as coisas. Só que eu não consigo entrar ... Não sei, eu estou numa indecisão, meio perdida. Eu, acredito na reencarnação, eu tenho plena fé na reencarnação. Parece que aquilo tudo entra na minha cabeça, só que eu gostaria de entrar mais e não consigo. Não sei o que está me impedindo de eu entrar valendo mesmo, para começar a estudar bastante e continuar o que eu tinha começado. Foi muito importante o período que eu fiquei ali, ajudando nos passes. São que foi acontecendo tanta coisa que eu acho que me desequilibrei e não consegui mais voltar. Mas eu ainda vou tentar, eu vou tentar. É, aos pouquinhos, eu estou tentando. Eu não sei o que aconteceu; acho que foi muito problema, muita coisa e eu estava esgotada demais, muito cansada; eu não conseguia me concentrar, não conseguia ler, não consegui fazer nada. Mas eu acho que a minha vida mudou bastante; foi uma transformação na minha vida. Bem dizer a Casa de Apoio é a minha casa também porque eu estou lá e estou aqui ao mesmo tempo. Às vezes eu passo mais tempo lá do que aqui. De vez enquanto meu marido faia para mim assim, na brincadeira: "ôta, porque que não muda para lá; se mude para lá de uma vez". É que às vezes, eu deixo tudo aqui e corro para lá e passo mais horas lá do que em casa. Às vezes passo só a parte da manhã aqui, a tarde toda lá e ainda vou de noite, vou sábado e, às vezes, vou domingo. É a semana inteira! Mas eu gosto muito de ir lá. O dia que não tiver essa Casa aí, não sei o que vai ser de mim.

Entrevistada 9

Quando o Z. bebia, a última vez que ele bebeu, eu fui lá chorando; isso foi num domingo que tinha o Dr. J.A.P.. Depois que terminaram as consultas, a Dona A.G. veio conversar comigo e eu disse para ela que não agüentava mais. Ela sempre notava, percebia que alguma coisa acontecia porque ela vinha e conversava. E,

nesse dia, eu disse para ela que não agüentava mais. Ela disse: "tenha calma, tenha fé em Deus que tudo vai mudar, você vai ver como vai mudar mesmo". E eu fui segurando as pontas e, Graças a Deus, melhorou mesmo através das conversas dela. Eu acho que se não fosse ela ter me dado força e apoio nessas horas, eu tinha abandonado meu lar, abandonado tudo porque eu não agüentava mais tanto sofrimento, tanta angústia. Eu, na Casa de Apoio, aprendi muita coisa. Coisas que eu não sabia que eram: como se sentir bem lá dentro. Uma coisa que eu gosto também é do passe porque eu me sinto super bem, me alivia muito, muito sentimento que eu tenho. Eu me sinto bem lá em todas as atividades. Todos me ajudam muito ali dentro. Tem me ajudado muito. Eu não sei ... se eu estivesse morando em outro lugar que não fosse perto da Casa de Apoio, onde tem pessoas que pregam o Evangelho ali dentro, eu não sei o que seria. Eu até me lembro como se fosse hoje. Teve uma quarta-feira que o Z. foi trabalhar, pegou o pagamento, chegou no bar e bebeu tudo. Só me apareceu em casa na quinta-feira de manhã, machucado, bêbado sem nem um centavo no bolso. Daí eu pensei: "ah, meu Deus, eu vou embora ou me mato? Não dá mais". Eu não agüentava mais essa vivência. Foi o dia que tinha os bordados com a Dona M.B. e eu fui conversar com ela. Ela me disse que não podia ser assim, não podia fazer o que eu estava pensando. Então eu comecei a pensar melhor e na sexta-feira eu fui na palestra da Dona A.G.. Tudo o que ela deu na palestra aquele dia tocou muito em mim. Eu comecei a pensar melhor. Ela falou muito sobre a vida da gente, sobre os filhos da gente, que a gente tinha que pensar bastante. E, eu, no momento do desespero, não estava pensando nos meus filhos; eu estava pensando em mim. O que eu estava sentindo, o quanto eu estava magoada, o quanto eu estava triste. Eu pensava: "ah, meu Deus, será que eu arrumo minhas roupas e vou embora, sumo no mundo, ou dou um jeito na minha vida". Eu não estava pensando nos meus filhos, eu não estava analisando que eles também estavam sofrendo tanto quanto eu estava. Mudou muito a partir do momento que eu fui na palestra, ouvi as palavras dela e depois conversei com a S.S., com a Dona A.G. e as outras mulheres do passe que estavam reunidas ali. Elas me aconselharam muito. Teve a união de todos ali que me deram muito apoio e, daquela vez para cá, Graças a Deus, eu não pensei mais nisso e ele também largou mão de bebida. Mas, se ele bebesse ainda e tivesse voltado o tempo eu acho que eu ia pensar melhor, eu ia pensar nos meus filhos também em vez de pensar só em mim, eu estava sendo uma pessoa egoísta, pensando em mim e não pensando nas crianças.